

José Leonildo Lima

**A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DO GÊNERO GRAMATICAL NO
FALAR CUIABANO**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de
Lingüística do Instituto de Estudos da
Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Tânia Maria Alkmim

Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Si38d	<p>Lima, José Leonildo. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano / José Leonildo Lima. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.</p> <p>Orientador : Tânia Maria Alkmim. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Sociolingüística. 2. Língua e cultura. 3. Língua portuguesa – Dialetos – Cuiabá (MT). 4. Língua portuguesa - Variação. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	--

Título em inglês: The variation in the agreement of the grammatical gender in Cuiabano speech.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sociolinguistic, language and culture, grammatical gender, cuiabano speech, linguistic variation.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (orientadora), Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Profa. Dra. Margarida Maria Taddonni Petter, Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa e Profa. Dra. Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson. Suplentes: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva, Profa. Dra. Ana Maria Di Renzo e Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo.

Data da defesa: 23/02/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

Esta tese foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Tânia Maria Alkmim
Dra. Tânia Maria Alkmim

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Margarida Maria Taddonni Petter
Dra. Margarida Maria Taddonni Petter

Maria Clara Paixão de Sousa
Dra. Maria Clara Paixão de Sousa

Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson
Dra. Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson

Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

16 / 07 / 07
Tânia Alkmim

Data da aprovação

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTES
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

200733094

*A meu pai que no andar celeste vê o que fiz,
e a minha mãe que no andar térreo lê o que escrevi.*

*Não existem duas pessoas que
utilizam a língua exatamente
da mesma maneira.*
André Martinet

AGRADECIMENTOS

Fazer um trabalho de investigação científica requer muito esforço pessoal, muita reflexão, muitas horas de renúncias a outras atividades da vida. Requer, além das investigações bibliográficas, depoimentos, bate-papos com as mais diferentes pessoas, enfim, o auxílio de várias pessoas e instituições ligadas diretamente ou indiretamente ao trabalho empreendido. Neste sentido quero externar meus mais sinceros agradecimentos:

À Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim pela prontidão em sempre atender-me nos mais diferentes momentos do desenvolvimento desse trabalho;

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago de Almeida pela sua inestimável contribuição, ao permitir-me o uso das entrevistas constantes na sua tese de doutorado;

A todos os informantes que, com muita solicitude me receberam em seus lares, contribuindo sobremaneira para a base empírica deste trabalho;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo auxílio financeiro no Brasil, através do Programa de Qualificação Interinstitucional - PQI bem como pela concessão da Bolsa Sanduíche para a realização de pesquisa em Portugal, oportunidade ímpar e diferencial para este trabalho;

À Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro;

Ao gentil pessoal do Arquivo Público de Mato Grosso;

Ao pessoal da Biblioteca Nacional de Lisboa pelo pronto atendimento às minhas solicitações;

À Biblioteca da Faculdade de Letras de Universidade Clássica de Lisboa;

Às pessoas que com muita boa vontade atenderam-me prontamente na Biblioteca da Faculdade de Letras de Coimbra;

Aos funcionários da Biblioteca Municipal da cidade do Porto;

A todos que, que com muita solicitude me atenderam na Torre do Tombo em Lisboa;

À minha esposa Erica pela compreensão nas minhas ausências e pelo incentivo que sempre recebi para desenvolver o trabalho empreendido;

À Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT pela oportunidade que tive de fazer o doutorado;

À Profª. Dra. Ana Maria Martins, da Universidade Clássica de Lisboa, que com muita presteza atendeu-me quando da minha estada em Portugal, contribuindo sobremaneira para avanços significativos na minha pesquisa;

Ao Prof. Dr. João Saramago, da Universidade Clássica de Lisboa, que ao conhecê-lo ao freqüentar a universidade, de forma muito espontânea disponibilizou um riquíssimo material oriundo do Projeto do Atlas Lingüístico de Portugal e da Galiza;

Aos meus colegas da UNEMAT pelo apoio que sempre recebi em prosseguir meus estudos;

À Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP por incluir-me no Instituto de Estudos da Linguagem através de um criterioso processo de seleção, oportunizando-me a realização de um doutorado em Lingüística.

SUMÁRIO

RESUMO	15
ABREVIATURAS	17
INTRODUÇÃO	19
1. CUIABÁ: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS	29
1.1. A linguagem cuiabana	29
1.2. A variedade lingüística cuiabana: traços fonéticos	36
1.2.1. Alguns traços fonéticos observados no falar cuiabano	36
1.2.2. Alguns traços fonéticos observados no falar cuiabano, mas que também são observados na fala das diferentes regiões do Brasil	38
1.3. A variedade lingüística cuiabana: traços morfossintáticos	41
1.4. A variedade lingüística cuiabana: nos traços morfossintáticos, o gênero	42
1.5. A variedade lingüística cuiabana: traços lexicais	47
1.6. Aspectos históricos	50
1.6.1. Localização	50
1.6.2. Fundação	52
1.6.3. Origem do nome Cuiabá	63
1.6.4. A população: sua evolução	66
1.6.5. Cuiabá: alguns fatos históricos	70
1.6.5.1. A Rusga	70
1.6.5.2. A Guerra do Paraguai: o surto de varíola em Cuiabá	71
1.7. Aspectos culturais	72
1.7.1. Lendas	73
1.7.2. Festas e danças	74
1.7.3. Culinária	76
1.7.4. Touradas e cavalhadas	77

1.7.5. Os cordões carnavalescos e os saraus em Cuiabá	78
1.7.6. Do teatro colonial aos dias atuais	80
2. COLETA DE DADOS E A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	85
3. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DO GÊNERO GRAMATICAL NO FALAR CUIABANO	89
3.1. Formação do Português Brasileiro	89
3.2. Conceituando o gênero	98
3.3. O gênero no português: presença <i>versus</i> ausência do morfe [-a]	110
3.4. Variação na concordância do gênero gramatical no português popular do Brasil: presença <i>versus</i> ausência do morfe [-a]	115
3.5. Considerações acerca do português de Portugal	120
3.6. Concordância de gênero: as variáveis dependente e independente	123
3.7. Concordância de gênero no interior do sintagma nominal: a morfossintaxe	125
3.8. Concordância de gênero: uma abordagem mórfica	128
3.9. Concordância de gênero: uma abordagem sintagmática	130
3.10. Nomes com e sem propriedade de flexão de gênero	131
3.11. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano	133
3.12. As variáveis extralingüísticas	167
3.12.1. A variável idade	167
3.12.2. A variável sexo	169
CONCLUSÃO	175
ABSTRACT	185
REFERÊNCIAS	187
ANEXOS	205
Anexo 1	207
Anexo 2	209

Anexo 3	211
Anexo 4	221
Anexo 5	225
Anexo 6	237
Anexo 7	251
Anexo 8	253
Anexo 9	257
Anexo 10	261

RESUMO

Esta tese tem por objetivo apresentar uma discussão acerca de aspectos morfossintáticos da variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. O trabalho é composto por um levantamento sócio-histórico bem como lingüístico de Cuiabá. No primeiro capítulo apresentamos um pouco de sua história e de sua cultura, bem como alguns aspectos lingüísticos do falar cuiabano. No segundo capítulo temos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa. O terceiro capítulo é constituído pela análise dos dados em que podemos perceber que a variação na concordância do gênero gramatical, no português falado na região de Cuiabá, apresenta fortes evidências de uma deriva conservadora.

ABREVIATURAS

- AA → Amadeu Amaral
- ANR → Ada Natal Rodrigues
- ASAC → Ana Stela de Almeida Cunha
- CVPF → Carlos Vogt e Peter Fry
- DL → Dante Lucchesi
- Informantes → (AMS, ABC, ALS, AS, MS, EMS, FNC, PRA, JCA, MAS, MBS, ICS)
- Informantes da tese de Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida → (APC, SLR, MSC, AGS, GGC, BJC, ARAS, EBGC).
- Obs.: Quando usamos exemplos desses informantes, os mesmos aparecem com a seguinte convenção: (MMSA,88,2000 = Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, página e ano).
- MFC → Mary Francisca do Careno
- MFID → Maria Francelina Ibrahim Drummond
- MMMJ → Moisés Mendes Martins Júnior
- MMSA → Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
- RDV → Rachel do Valle Dettoni
- Adj. → Adjetivo
- Cóp. → Cópula
- Det. → Determinante
- N. → Nome
- Num. → Numeral
- Prep. → Preposição
- Pron. Dem. → Pronome Demonstrativo

Pron. Poss.	→ Pronome Possessivo
V.	→ Verbo
VL.	→ Verbo de ligação
f.	→ feminino
m.	→ masculino
A	→ Analfabeto
CS	→ Curso Superior
EF	→ Ensino Fundamental
EFI	→ Ensino Fundamental Incompleto
EM	→ Ensino Médio
EMI	→ Ensino Médio Incompleto

INTRODUÇÃO

Cuiabá é uma das cidades que compõem a região das primeiras investidas dos bandeirantes em Mato Grosso no século XVIII, período denominado de monções. Cidades como Acorizal, Jangada, Poconé, Várzea Grande, Chapada dos Guimarães, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio de Leverger, Barão de Melgaço, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Várzea Grande e Cuiabá fazem parte da região denominada *baixada cuiabana* ou *planície cuiabana*. As raízes socioculturais dessas cidades têm como cordão umbilical a cidade de Cuiabá.

As características mais marcantes dos cuiabanos de *tchapa e cruz* (cidadão nascido e criado em Cuiabá e que nesta cidade pretender morrer), bem como de uma boa parcela da população das cidades acima citadas, estão ligadas à dança, à culinária e às festas tradicionais. Nas danças regionais, como o *siriri* e o *cururu*, o instrumento típico do homem mato-grossense não pode faltar: a *viola-de-cocho*. No dia-a-dia das pessoas da maioria dos bairros de Cuiabá, bem como nas festas tradicionais como as de São Benedito, São Gonçalo, Senhor Divino, entre um licor de pequi, uma dose de guaraná ralado na grosa e uma ventrecha de pacu, a interlocução é garantida através de um linguajar denominado de **falar cuiabano**.

Alguns estudos já feitos do ponto de vista lingüístico se estenderam a praticamente todos os municípios que compõem a baixada cuiabana, isto é, as cidades circunvizinhas a Cuiabá. O nosso trabalho se limitou somente à cidade de Cuiabá, tendo em vista que ela foi o primeiro núcleo urbano surgido em Mato Grosso.

O interesse em investigar a variedade falada em Cuiabá deveu-se ao caráter ainda pouco discutido dessa variedade em relação aos fenômenos fonéticos e morfossintáticos. Além dessa razão, outra que nos moveu foi em decorrência de ser uma variedade ainda pouco estudada. Quanto às pesquisas lingüísticas realizadas

nas últimas três décadas, destacam-se os seguintes trabalhos no âmbito da pós-graduação: **Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico**, de Maria Luíza Canavarros Palma (1984), dissertação de mestrado; **Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulística**, de Ulisdete Rodrigues de Souza (1999), dissertação de mestrado; **Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil**, de Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (2000), tese de doutorado e **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**, de Rachel do Valle Dettoni (2003), tese de doutorado. Além desses trabalhos podemos citar o livro **Do falar cuiabano**, de Maria Francelina Ibrahim Drummond (1978), o qual faz uma breve descrição de alguns aspectos desse falar, e o livro organizado por Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida & Maria Inês Pagliarini Cox (2005), sob o título de **Vozes cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso**, enfocando alguns aspectos históricos, lingüísticos e sociais do falar cuiabano.

E por fim, uma outra razão plausível está centrada na necessidade de um estudo dessa variedade, tendo em vista que pelo número significativo de migrantes chegados a Cuiabá nos últimos trinta anos, esse falar pode estar passando por um processo de mudança. Assim, dentre as várias manifestações lingüísticas presentes na comunidade como, por exemplo, alternância entre as consoantes africadas e fricativas, alternância entre [ãw] e [õ], aspectos lexicais entre outros, com a finalidade de contribuir com a literatura lingüística, é que delimitamos apenas um aspecto: a variação na concordância do gênero gramatical.

Se acessarmos a literatura lingüística atual do Brasil, o que verificaremos é que o processo de variação na realização morfológica do gênero gramatical ainda é um fenômeno pouco explorado. A variação na concordância do gênero gramatical,

por sua vez, constitui, no panorama lingüístico brasileiro, um fenômeno bem mais localizado.

No Brasil, alguns estudos levando em conta a questão do gênero gramatical já foram realizados. Destacamos, por exemplo, os trabalhos realizados por Carlota da Silveira Ferreira (1988), Carlos Vogt & Peter Fry (1996), Dante Lucchesi (2000), Rachel do Valle Dettoni (2003) entre outros. Recapitulando os estudos feitos por eles, podemos assim resumir: Ferreira (1988) fez um estudo sobre a comunidade de Helvécia - BA; Vogt & Fry (1996) fez um minucioso estudo sobre a comunidade negra de Cafundó, apresentando-a como aquela que tem um léxico de origem banto e que fala uma “língua secreta”; Lucchesi (2000) estudou a concordância de gênero na comunidade de fala de Helvécia – BA, (comunidade afro-brasileira) apresentando argumentos fortes a favor de uma criouliização da língua dessa comunidade; Dettoni (2003) estudou a concordância de gênero na anáfora pronominal no dialeto da baixada cuiabana, em Cuiabá – MT.

Cada variedade estudada, nas diversas variedades dialetais do português brasileiro, constitui-se em mais uma peça da montagem do quebra-cabeça lingüístico, numa tentativa de obter-se um perfil mais concreto da diversidade da língua portuguesa no Brasil. Neste sentido é que vários projetos já realizados, ou em andamento, dão sua parcela de contribuição como, por exemplo, o **Atlas Lingüístico do Brasil**, coordenado pela professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, os atlas regionais como os de Mato Grosso do Sul, de Minas Gerais, do Acre, do Ceará, do Maranhão entre outros, o **Projeto de Pesquisa Filologia Bandeirante**, coordenado pelo professor Heitor Megale, os projetos **NURC** e **Gramática do Português Falado**, coordenados pelo professor Ataliba T. de Castilho, o **Projeto de História do Português Paulista (Projeto Caipira)**, sob a coordenação geral do professor Ataliba T. de Castilho, entre outros.

Mostrados os temas já estudados na comunidade em questão, um outro tema que interessa à comunidade científica é a variação na concordância do gênero gramatical no sintagma nominal, marcada nos determinantes que estão antepostos e pospostos ao nome. Ocorrências como *casa bem bonito, casado com meu irmã, a criança miúdo, a paçoca tá fino, procurar pessoa do meu personalidade, igualzinho essa Maria meu, mãe dessa nora meu* entre outras, dão uma idéia das ocorrências lingüísticas visíveis no falar cuiabano.

Dessa forma, propomos neste trabalho investigar a variedade regional do português falada em Cuiabá, por se tratar de uma variedade ainda pouco descrita e explorada pela pesquisa lingüística. Assim, este é mais um trabalho empreendido com o propósito de ampliar os estudos lingüísticos no Brasil, contribuindo na ampliação da realidade sociolingüística brasileira.

Para desenvolver este trabalho, partimos da hipótese de que a variação na concordância de gênero gramatical no falar cuiabano está condicionada a nomes que não apresentam a flexão de gênero. Além dessa hipótese, uma outra que norteará este trabalho é que a variação pode estar ligada a uma *deriva conservadora* da língua portuguesa, conforme afirma Silva Neto (1963). Levantamos a hipótese também de que o falar cuiabano tem uma relação muito direta com o dialeto caipira.

Para os estudos circunscritos à área da sociolingüística, duas abordagens teórico-metodológicas são relevantes: análise quantitativa e análise qualitativa. No que se refere ao aspecto quantitativo, ressaltamos que não aplicaremos a análise quantitativa laboviana. Apenas levantaremos dados percentuais de ocorrências verificadas no corpus. Para a verificação das hipóteses levantadas faz-se necessário a comunhão dessas duas abordagens em decorrência do levantamento de um certo número de ocorrências do fenômeno em estudo, em decorrência da frequência de uma determinada forma relacionada ou não a alguma variável não-lingüística, bem

como o papel dos informantes para averiguarmos os fatores sociais e políticos que fundamentam um determinado uso lingüístico.

Do ponto de vista fonético, um traço muito visível no falar cuiabano é a alternância entre as consoantes africadas [τΣ] / [δZ] e as fricativas [Σ] / [Z] como, por exemplo, *chega* [τΣε∪ga] / [Σε∪ga] e *gente* [δZε)∪ti] / [Zε)∪ti], conforme Santiago-Almeida (2000:172). Este parece ser um dos traços mais marcantes da variedade falada em Cuiabá. Para o não usuário dessa variedade, esse traço causa uma impressão acústica de estranhamento. Conforme Palma (1984:25),

a emissão das consoantes africadas no falar cuiabano é que constitui o som “desconhecido” e “esquisito” para os elementos estranhos à região. Para os da própria região, a ocorrência destes segmentos africados é motivo de repúdio, de censura; é um traço que deve ser banido de sua comunidade de fala.

Uma outra ocorrência fonética que chama a atenção no falar cuiabano é a desnasalização da vogal [a] em final de palavra. Isso pode ser visto nos seguintes exemplos: *irmã* [ιP∪μα], *tarumã* [ταP∪μα], *caiamã* [καια∪μα], conforme Drummond (1995:68). Além dessa, outra manifestação lingüística registrada na comunidade é a dos ditongos /ei/, /ai/, /oi/, que, seguidos de sibilante, ocorre o que podemos chamar de redução, como mostram os exemplos a seguir: *seis* [∪ΣεΣ], *mas* [∪μαΣ], *demais* [δε∪μαΣ], *depois* [δε∪ποΣ], conforme Drummond (1995:69-70).

Além dos traços fonéticos, outros de natureza morfossintática são encontrados no falar cuiabano. Uma construção bem típica desse falar é que está demonstrada nos sintagmas a seguir: *eu cheguei no mamãe, eu vou lá no mamãe, eu vou lá no Margarida, eu durmo lá no sede, eu vou no igreja* entre outros. O que está patente nesses exemplos é que quando se refere a lugar, moradia de alguém, a

expressão é sempre acompanhada de *uma preposição* mais um *artigo definido masculino*, independentemente de o nome ser masculino ou feminino. Para essa ocorrência circula na comunidade a hipótese de a presença de *no* nesse tipo de construção, é em função de um apagamento da expressão *no solar de*, conforme algumas explicações dadas por alguns informantes durante as entrevistas que fizemos na comunidade. Pela hipótese que circula na comunidade, podemos fazer o seguinte desdobramento do sintagma *eu vou lá no mamãe*: *eu vou no [solar da] mamãe*. Fazendo o desdobramento dos exemplos *eu durmo lá no sede* e *eu vou no igreja* teremos: *eu durmo lá no [solar da] sede* e *eu vou no [solar da] igreja*.

Outra ocorrência de natureza morfossintática é a questão da variação na concordância de gênero, objeto de nossa pesquisa. A variação do gênero gramatical é uma ocorrência que ainda é verificável no dia dia-a-dia de muitas pessoas em vários bairros de Cuiabá. Essa ocorrência não é generalizada, isto é, não ocorre em 100% dos moradores da cidade bem como em todos os casos de combinação gramatical para a realização da concordância. O que podemos afirmar é que a marcação do gênero gramatical é oscilante. É o que podemos ver nos seguintes exemplos: a) *briga feio / braço bom* b) *a paçoca tá fino / era homi era muié tudu manhecia morto* e c) *esse raiz curtido na pinga, esse eu usei ele / benedita tava com a fia que tava pá morrê lá casa do ermão dela*. Pelos três exemplos, podemos afirmar que a variação na concordância de gênero gramatical no falar cuiabano é marcada por *relações internas ao sintagma nominal*, *relação sujeito/predicativo* e *relações anafóricas*, respectivamente? Essa é uma questão que procuraremos responder ao longo do trabalho.

Ainda cabe registrarmos outras ocorrências morfossintáticas verificadas na comunidade. Algumas delas são registradas com alguns verbos. Uma que cabe lembrarmos é a que ocorre com os verbos *ser* e *ir* no pretérito perfeito do indicativo. Neste tempo, a primeira pessoa do singular é sempre empregada como

terceira, como ilustram os exemplos: *Eu foi pescador a vida inteira; Eu foi pro hospital primeira vez.* (DRUMMOND, 1995:63) O verbo *pôr* no pretérito perfeito do indicativo é outro caso que merece atenção. A primeira pessoa do singular é sempre empregada como terceira. Exemplo: *Eu pôs os cestos de lado e fui ver.* (DRUMMOND, 1995:63) Além desses, temos outros verbos como *chegar, pelejar, lutar, perguntar, telefonar, emprestar* entre outros, com outras regências diferentes das que constam nos principais dicionários da língua portuguesa.

Também, como recurso estilístico, é comum o emprego de dupla negação numa mesma oração relacionada ao mesmo verbo, como mostram os seguintes exemplos: *Eu nem num sei quanto que é; Ninguém nem num viu a cara dele, só o lombo grande.* (DRUMMOND, 1995:64)

A história de Cuiabá está dividida em dois momentos: antes e depois de 1970. Até os anos de 1970 a cidade de Cuiabá viveu um período de “isolamento geográfico”, como registrado por alguns historiadores como Hércules Florence (1948), Virgílio Corrêa Filho (1969), Joseph Barboza de Sá (1975), Lenine Póvoas (1995), Paulo Pitaluga Costa e Silva (2005), entre outros. Esse isolamento por quase dois séculos é ambíguo. Isso se explica porque a cidade estava isolada em relação ao Brasil litorâneo, às áreas brasileiras de produção e consumo, mas estava relativamente próxima a Assunção, Buenos Aires e Montevideu, que se encarregavam de abastecê-la dos mais diferentes produtos, apenas por via fluvial, conforme registrado pelos historiadores acima.

A partir da década de 1970, com a pavimentação de rodovias ligando Cuiabá a Campo Grande e a outros estados do país, e com a criação do estado de Mato Grosso do Sul em 1977, o estado de Mato Grosso passou a receber um grande contingente de migrantes dos mais diferentes estados brasileiros. Sobre esse processo, Póvoas (1982:47) diz que

somos todos testemunhas de que o surto de progresso que avassala a nossa Capital tomou esse ritmo ascendente e irreversível após a pavimentação das rodovias BR-163 e BR-364, que colocaram Cuiabá em contato com os grandes centros do país e com o Brasil, via Campo Grande e via Triângulo Mineiro.

Conforme o Jornal do Brasil 30/08/1980,

a própria etnia está sofrendo mudanças profundas e o novo elemento humano mato-grossense tornou-se um caldeamento de gaúchos, catarinense, paranaenses, paulistas, mineiros, goianos e nordestinos, principalmente. O consenso em Mato Grosso é de que o resultado é extraordinário.

Um grande número de migrantes se estabeleceu na capital e uma outra boa parte buscou os mais estratégicos pontos do estado. Dos 38 municípios que tinha Mato Grosso à época da divisão, cerca de 70% deles estavam próximos a Cuiabá. Hoje o estado tem 141 municípios. Essa mudança é o resultado da transformação dos muitos núcleos urbanos criados pelos migrantes que, com o passar do tempo, se tornaram cidades. Esse é o processo que ficou conhecido como *recolonização* de Mato Grosso, dando um novo cenário histórico, social, político, econômico e lingüístico. Segundo Siqueira (2000:25),

foi, no entanto, a partir de 1970 que Mato Grosso recebeu o maior contingente migratório de toda a sua história, os sulistas que povoaram as partes norte, nordeste do estado tendo por base as atividades agrícolas e pastoris. Esses migrantes, em suas sagas, estenderam suas raízes até o Centro-Oeste e ali deram nascimento a inúmeras cidades, responsáveis pela quintuplicação do número dos municípios mato-grossenses.

Falando sobre esse processo de recolonização do estado, cabe lembrarmos que o quadro demográfico de Cuiabá que era de 57.860 habitantes em 1960, passou para 100.865 em 1970 e 212.984 em 1980. Assim, a cidade crescia à ordem de mais ou menos 3.500 pessoas por mês entre 1960 e 1970 e de 9.300 em 1980. Portanto, esses dados nos dão uma idéia das transformações por que passou Cuiabá.

Assim, os migrantes que permaneceram na região de Cuiabá começaram a estabelecer um contato lingüístico com o falar local. Esse contato provocou um processo de estigmatização social e, por conseqüência, lingüístico por parte dos migrantes, ou *paus-rodados* como os cuiabanos se referem às pessoas que não nasceram em Cuiabá ou Mato Grosso. Em função desse estigma, o linguajar cuiabano vem passando por um processo de “esquecimento”. Desse modo, a hipótese que aventamos é que esse falar está sendo substituído por uma outra variedade lingüística mais neutra.

Esta tese está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos uma configuração do falar cuiabano, levando em conta alguns traços fonéticos e morfossintáticos bem como uma breve incursão sobre a questão do léxico. Além dos aspectos lingüísticos, apresentamos também um panorama dos aspectos históricos de Cuiabá, enfocando a questão de sua fundação, localização, sua população e alguns fatos históricos que julgamos relevantes se fizerem presentes nesta tese. Além desses, destacamos também os aspectos culturais, dando ênfase às festas e danças, à culinária, às touradas e cavalhadas, aos cordões carnavalescos e saraus bem como ao teatro.

No segundo capítulo está descrita a metodologia adotada para a realização da pesquisa. Para a pesquisa ora empreendida foi elaborado um questionário com 23 perguntas versando sobre os mais diferentes assuntos relacionados à região. Para a composição da amostra da investigação, foram delimitadas como variáveis extralingüísticas apenas a idade e o sexo dos informantes, num universo de 12

informantes. Além dessas entrevistas, o corpus é composto também por uma série de sintagmas extraídos de oito entrevistas feitas pelo Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (2000) para a sua tese de doutorado. Ainda faz parte do estudo uma série de recortes de entrevistas feitas por Maria Francelina Ibrahim Drummond (1995) bem como de uma entrevista do livro **O dialeto caipira na região de Piracicaba** (1974), de Ada Natal Rodrigues.

O terceiro capítulo trata da análise sobre a variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. Nele apresentamos algumas discussões sobre a formação do português brasileiro e sobre o conceito de gênero. Integram o capítulo considerações acerca da variação na concordância do gênero gramatical no português do Brasil e de Portugal. Apresentamos também um discussão sobre o gênero levando em conta os aspectos mórficos e sintagmáticos, bem como uma caracterização de nomes com e sem propriedade de flexão de gênero. E por fim apresentamos a análise propriamente dita sobre a variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano.

Na conclusão, retomamos a questão do gênero com a finalidade de mostrarmos o comportamento dos determinantes e adjetivos diante dos nomes. Essa retomada mostra-nos que há uma ocorrência muito significativa quanto ao emprego dos determinantes e adjetivos, seja na posição pré-nominal ou pós-nominal, junto aos nomes femininos quando eles não apresentam a propriedade da flexão de gênero. Os exemplos analisados mostraram que o grande número de ocorrências verificado no falar cuiabano está numa relação muito direta com o processo de uma deriva conservadora. E por fim, apresentamos também uma discussão sobre as variáveis extralingüísticas.

1. CUIABÁ: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS

*A agonia de um falar é, porém, muitíssimo lenta.
Ele começa, pouco a pouco, por limitar-se
às conversas em família, e vai-se
inundando de elementos estranhos,
tomados ao falar dominante.
Serafim da Silva Neto*

1.1. A linguagem cuiabana

A sociedade sempre sofreu e sofrerá alterações tanto no campo político, social, religioso como no lingüístico. À medida que o tempo decorre, as alterações na sociedade vão se tornando cada vez mais céleres em decorrência do processo de evolução por que passa o mundo. Em se tratando do campo lingüístico, a migração tem trazido significativas e rápidas mudanças no falar de muitos povos no mundo inteiro. Em Cuiabá, por exemplo, o contato direto ou indireto com pessoas de outras localidades do país, vem provocando mudanças no falar. Os migrantes trazem consigo um falar regional que é posto em presença de um outro falar. Como não é nosso objeto de pesquisa, não cabe aqui registrarmos as mudanças por que passa o falar cuiabano. Vamos apenas mostrar quais são ainda as principais características desse falar.

Uma variação lingüística muito recorrente no falar cuiabano é a alternância entre as consoantes africadas e as fricativas [τΣ] [δZ] e [Σ] [Z]. Segundo Karl von Den Steinen (1894) e Roquete Pinto (1935), essa variação era restrita somente às zonas caipiras de Mato Grosso. Mas de acordo com Serafim da Silva Neto (1957) essa variação não se restringia apenas às zonas rurais, mas também citadinas e a pessoas cultas. Ocorrem também variações entre a fricativa alveolar e a fricativa alveopalatal como em depois [δε∪ποΣ], dois [∪δοΣ], milhões [μι∪×δΣ], dez

[∪δEΣ] etc. Essa ocorrência também foi verificada em Portugal por Clarinda de Azevedo Maia, registrada no artigo **Os falares do Algarve**, publicado em 1975. Eis alguns exemplos: [d↔∪maΣ] demais, [d↔∪poΣ] depois, [∪DeuΣ] Deus, [grã∪d↔Σ] grandes, [∪maΣ] mais, [p↔s∪tanaΣ] pestanas, [∪veΣ] vez etc. Quanto à oscilação entre as fricativas e africadas, vejamos alguns exemplos: ajuda [a∪δZ∪ða], acho [∪atZo], chácara [τZa∪καρα] etc.

Outro exemplo, dentre muitos que coletamos em Portugal, citaremos o de Monsanto, região próxima à cidade de Castelo Branco. De acordo com Maria Leonor Carvalhão Buescu em **Monsanto: etnografia e linguagem**, na região de Monsanto é recorrente o fenômeno da africada *tch*: *tchegar*, *tchegas*, *tchegou*, *intcher*, *tchamava*, *atchou*, *fetchou*, *tchova*, *tchôço*, *tchanêlo*, *motchilo* etc.

Quanto à origem da pronúncia do *tch* (cotchipó) e do *dj* (dgelo, djóia), ainda é uma questão litigiosa. Segundo Arruda (1998:17) tal pronúncia tem origem na fala dos portugueses e bandeirantes que habitaram Cuiabá. Para Arruda, era pronúncia corrente à época em que eles conquistaram as terras mato-grossenses. Antenor Nascentes (19200, em sua **Gramática da Língua Espanhola**, observa que o *ch* espanhol se pronuncia como *ch* inglês da palavra *child*, o que ocorre em pontos de São Paulo, assim como em várias regiões de Portugal. Por esses posicionamentos, o que podemos inferir é que essa variação fonética esteve circunscrita tanto a Portugal como a São Paulo, Mato Grosso e outras regiões do país.

Segundo Maia (1986:468), o sistema fonológico galego-português possuía as fricativas pré-palatais surdas [Σ] e sonora [Z] bem como as africadas palatais surdas [τΣ] e sonoras [δZ]. Com o passar do tempo as africadas foram cedendo lugar às fricativas. Em relação à passagem da africada [δZ] para a fricativa [Z], uma hipótese forte que circula é a de que essa mudança já começou a ser verificada no

século XIII. Já a mudança da africada surda [τΣ] para a fricativa sonora [Σ] foi muito mais tardia. Para Huber (1933, 99-100), no norte de Portugal, na década de 1930, ainda se pronunciava o *ch* como o espanhol e italiano *tch*. Em dados mais recentes como é o caso do **Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)** que está em andamento, tive a oportunidade, quando da minha estada em Portugal, de ouvir uma série de entrevistas nas quais ainda encontrei a realização da africada surda [τΣ].

A grande maioria dos textos da literatura pertinente ao assunto afirma que a origem e a ocorrência das africadas [tΣ] e [dZ] possa ser resultado da conservação de uma antiga africada do Norte de Portugal, trazida pelos colonizadores no século XVI. Dos dados que coletamos em Portugal, só a título de exemplo, citamos duas ocorrências verificadas na região de Viseu: *É uma casa só **dja** pra quilo; A **dgente** chama palhal.*

Sobre as realizações fonéticas [tΣ] e [dZ] no falar cuiabano, as hipóteses mais correntes são as de que tal fenômeno lingüístico é de origem espanhola. Há outras hipóteses que apresentam esse fenômeno como sendo de origem Bororo. Segundo Ribeiro (2003), a linguagem cuiabana

descende do falar bororo que habitava a região da Baixada e se estendia até Cáceres e o Médio-Norte. O sistema semântico do "tch" presente na pronúncia de "petche", o "dj" em "cadju", e o "a" aberto em "bánho", o "om" em "são", ou o "ão" em "televisão", são de descendência borora.

Diante dessa afirmação, a pergunta que fazemos é: será que de fato essas ocorrências lingüísticas são de origem Bororo? O questionamento é em decorrência de estudos que mostram que essas ocorrências foram muito recorrentes em Portugal e que, em algumas regiões do país, ainda podemos encontrá-las.

Sobre a hipótese da origem espanhola, como já nos referimos acima, vale lembrarmos que essa afirmação abre um hiato nessa questão, em decorrência da pouca presença/permanência espanhola em terras mato-grossenses. De acordo com registros feitos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, uma presença significativa de espanhóis foi verificada no sul do Brasil. Nas demais regiões do país, em decorrência de uma presença muito passageira, o rastro de influência, seja de que natureza for, foi ínfimo.

O jornal **O Estado de São Paulo**, de 31/01/1976, no encarte *Suplemento do Centenário*, sob o título *Cem Anos de Língua Portuguesa no Brasil – I*, traz-nos uma importante revelação sobre a linguagem falada em Cuiabá:

Há mais dous sons distintos, banidos hoje do uso da gente culta: “dje” e “tche”. Os caipiras desta Província pronunciam “dgente”, “djogo”. Os mesmos e também os beirões e transmontanos dizem: “tchapéo”, “tchave”.

De acordo com Frederico Diez (*apud* Jucá, 2004) o *dje* e o *tche* são as formas primitivas de “je”, “che”. Também falando sobre as africadas [tʃ] e [dʒ], Júlio Ribeiro em sua **Gramática Portuguesa**, publicada em 1884, traz-nos a seguinte informação sobre a pronúncia dos caipiras de São Paulo:

*Os caipiras de São Paulo pronunciam **djente**, **djogo**. Os mesmos e também os Minhotos e os Transmontanos dizem **tchapeo**, **tchave**. A existência de ambas estas formas no falar do interior do Brasil prova que estavam elas em uso entre os colonos portugueses do século XVI. A antiguidade e vernaculidade do **tche** atestam-se pela sua permanência na linguagem do Minho e de Trás-os-Montes: como é sabido, o povo rude é conservador tenaz dos elementos arcaicos das línguas. (RIBEIRO, 1884:11)*

Em Roquete Pinto (1935:90), no seu livro **Rondônia**, encontramos *cotcho* (cocho), anotação feita em Mato Grosso. Para caracterizar essa pronúncia em Cuiabá, costuma usar-se na comunidade a seguinte expressão: *tchuva tchoveu cotxipó* (Coxipó) *entcheu. Petxe* (peixe) *morreu, tá sorto, marvado!* Diz-se também: *uma catxa* (caixa) *tcheia de matxixe tchotcho*. Além dessa africada, Pinto (1935:150) anotou a africada [dZ] em *dgente*, observando que essa é uma pronúncia característica do *sertão cuiabano*.

Outro estado em que esse fenômeno também é verificado é o estado do Paraná, mais especificamente na região de Rio dos Medeiros, no município de Guaraqueçaba. Segundo a pesquisa feita por Serafina T. B. do Amaral, *o com ch é pronunciado tch ou tx: lantcha* (lanchar), *rántcho* (rancho) etc. *O que no português comum é ch, no medereiro vale por tch (tx) (...)* (Silva Neto, 1957:293)

Quem nos dá outra informação acerca das realizações fonéticas [tʃ] e [dʒ] é Maria da Conceição Vilhena. Segundo ela,

no francês cedo se deu a passagem das africadas a fricativas: “Au XIII siècle, les groupes tch, dj se dont réduits à ch, j (comme les groupes ts, dz à s, z): char, arche, jambe, large, etc., se sont prononcés alors comme aujourd’hui”. (VILHENA, 2000:123)

Sobre a realização fonética [tʃ], ainda segundo seus registros, essa se encontra em fase progressiva de desaparecimento dentro das fronteiras políticas portuguesas, por ser considerada uma marca de classes populares. Na região de Cedillo, Herrera e nos falares da região de Xalma (Cáceres), na Espanha, região próxima à cidade de Castelo Branco em Portugal (...) *a sua vitalidade é protegida pela presença do castelhano, em cujo sistema consonântico se encontra a mesma africada.* (VILHENA, 2000:124) No Brasil, para Vilhena, essa realização conserva-se apenas no dialeto caipira. Segundo ela *a pronúncia da africada [tʃ]*

parece ter sido geral na pronúncia portuguesa até ao século XVII. (VILHENA, 2000:124) Conforme anotado por Serafim da Silva Neto (1957), na região de Foz Côa, em Portugal, o *ch* ainda se pronuncia [tʃ].

Outro exemplo que podemos incluir aqui vem da região de Soajo, em Portugal, a partir de anotações que fiz quando da minha estada lá. O texto em que encontrei uma série de realizações fonéticas das africadas [tʃ] é de Maria Fernanda Afonso Alves Pereira, sob o título de **O falar de Soajo** (1970). Eis algumas das palavras coletadas pela pesquisadora: *arruotcho, auriço-catcheiro, bitcha, bitcha-do-milho, bitchocado, borrhatcho, borrhatcheira, botchietcha-do-cu, catchaceira, catchaço, catchafundai, catcheirada, catcho, catchola, catchorrada, catchuorro, crotcha, crutchio, cuntchiai, fitchadura, fitcheira, martchante, mata-bitcho, matchada, matchado, matcho, matchuourra, pintcho, rabbitcheira, tchabe, tchaga, tchambre, tcharco, tchauriça, tchautchice, tchautcho, tchicolareira, tchicote, tchintchim, tchitcha, tchocailho, tchorai, tchulo, tchula, tchumbeira, tchupai.*

Sobre a realização fonética [dʒ] esta é tida como um vestígio de um emprego outrora mais vasto, segundo estudos realizados por Vilhena (2000). Assim, para Vilhena (2000:124),

a raridade com que nos aparece a africada sonora [dʒ] parece indicar que a sua vitalidade deve ter sido sempre inferior à da surda [tʃ]. Além disso, o fato de só se encontrar em falares isolados mostra o seu caráter extremamente arcaico.

De acordo com Serafim da Silva Neto (1963), podemos levantar duas hipóteses acerca do uso da africada [tʃ] nos séculos XVI e XVII em Portugal. A primeira é que nos séculos XVI e XVII usava-se [tʃ] em todo território português. Assim, (...) *os colonizadores usavam a africada que, depois de existir no português brasileiro nele se perdeu.* (SILVA NETO, 1963:123) A segunda é que nos séculos

XVI e XVII Portugal dividia-se em duas áreas: uma, ao norte, que usava a africada surda [tʃ] e outra que já se reduzira a [ʃ]. Baseado nessa hipótese ele diz:

neste caso ambas as pronúncias teriam vindo para o Brasil, onde se generalizaria a segunda, que corresponde à pronúncia do Sul, enquanto a primeira se teria confinado a uma zona do Brasil. (SILVA NETO, 1963:123)

E ainda segundo ele, São Paulo é a região do país onde se concentrou os sons mais estranhos à *língua comum*. E dá como exemplos a africada surda [tʃ] [ʃave], [koʃo], a africada sonora [dʒ] [dʒa], [ʃdʒelo] e o [r] retroflexo. E conforme afirma Ana Maria Martins, no norte de Portugal a africada [tʃ] continua a produzir-se em palavras como chamar [ʃamar], chuva [ʃu(j)ba], chapéu [ʃapew], chumbo [ʃũbu].

E por fim, como afirma Cunha (1986) acerca de fatos sobre a conservação e inovação no português brasileiro, há exemplos que podem ser dados como *quase certos de conservação*. Entre os vários exemplos que ele dá, podemos citar o caso da realização da africada [tʃ]. Segundo Cunha (1986:205),

a realização africada [tʃ] do ch gráfico, em regiões mal delimitadas de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, pronúncia que era a mais geral no século XVI e a que ainda prevalece na maioria dos dialetos setentrionais portugueses e na totalidade dos dialetos galegos: [ʃαπi], [αʃαρ].

Essa ocorrência, segundo Révah (1963), é um arcaísmo pelo fato de pertencer ao sistema fonológico do português quinhentista e estar documentada hoje em áreas muito conservadoras de Portugal e do Brasil. Quanto à realização da africada [dʒ], Cunha (1986) afirma que essa ocorrência é uma conservação no português brasileiro e não uma inovação. Para ele, a realização da africada paralela [dʒ] é

atestada no falar caipira e, também em crioulos e falares fronteiriços portugueses, que, para Révah, representa “um arcaísmo remarquable”, mas de vitalidade restrita a certas regiões do Portugal quinhentista. (CUNHA, 1986:205)

Outra ocorrência fonética verificada na comunidade é variação entre o ditongo final *ão* e *on*, como *visão* [πιϋζο"], *bonitão* [βονιϋτο"], *condição* [κũδιϋσο"]. É uma realização que vamos encontrá-la em poucas falas populares do Brasil. Em Mato Grosso, vamos encontrá-la nas cidades de Cuiabá, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Cáceres e alguns outros lugares próximo a Cuiabá. Estudo dessa variante foi feito por Mariza Pereira da Silva (2005) em Cáceres e Poconé, variante encontrada por ela em muitas localidades do norte de Portugal, através de pesquisa nessa região.

1.2. A variedade lingüística cuiabana: traços fonéticos

Além das realizações fonéticas [tΣ] e [dZ], o falar cuiabano apresenta-se marcado por outras ocorrências lingüísticas. Destacaremos a seguir, algumas ocorrências do ponto de vista fonético, observadas no falar cuiabano. Há algumas que só são encontradas nesse falar e outras, que nele presentes, são verificadas também nas mais diferentes regiões do Brasil.

1.2.1. Alguns traços fonéticos observados no falar cuiabano

Vogais tônicas

[a]

- desnasalização em final de palavra

irmã - [ιPϋμα]

caiamã - [κΑιΑυμα]

tarumã - [ταΡυυμα]

- vogal aberta em contexto nasal

lancha - [λα<υΣα]

cano - [καυνΥ]

pano - [παυνΥ]

Ditongos

- [eu] oral aberto em final se fecha

charéu - [Σαυπεω]

xaréu - [υΣοΡεω]

- [eφ], [aφ], [oφ] - seguidos de sibilante se monotongam

seis - [υΣεΣ]

mais - [υμαΣ]

jamaiz - [ΖαυμαΣ]

depois - [δευποΣ]

- [α''] - em final de sílaba realiza-se [o'']

bonitão - [βονιυτο'']

baratão - [βαΡαυτο'']

visão - [πιυζο'']

Consoantes

- [Z] realiza-se [δZ]

João – [∪δZα@ω]

caju – [κα∪δZυ]

jipe – [δZι∪πε]

- [Σ] realiza-se [τΣ]

peixe – [πε∪τΣε]

chuva – [τΣΥ∪πα]

pincha – [∪πι<τΣα]

1.2.2. Algumas traços fonéticos observados no falar cuiabano, mas que também são observados na fala das diferentes regiões do Brasil

Aférese

amanhecer – [μ□)ε∪χε]

alambrado – [∪λ□)βραδυ]

anoitecer – [νοφτε∪σε]

Apócope do [r]

senhor – [∪σε@@No]

pedir – [πε∪δι]

cortar [κορ∪τα]

correr [κο∪ξε]

Ditongos

[Io] final se transforma em [Iω]

rio – [∪⊗ιω]

fio – [∪φιω]

baixio – [βαφ∪Σιω]

[ou] final se reduz a [o]

chegou – [Σε∪γο]

falou – [φα∪λο]

estou – [εσ∪το]

[ei] - em posição interna, antes de palatal ou P, passa a [e], ocorrendo o processo de monotongação

beijo – [∪βεΖωΥ]

luzeiro – [λν∪ζεΡΥ]

cativeiro – [κατι∪πεΡΥ]

[e] final passa a [i], ocorrendo o processo de alçamento da vogal

parede – [πα∪Ρεδι]

rede – [∪Ρεδι]

[o] final se transforma em [w]

fechado – [φε∪Σαδν]

rio – [∪⊗ιω]

Consoantes

[b] realiza-se [v]

gabo – [ɔγαɸY]

pereba – [πE∪PEβα]

piaba – [πια∪πα]

jabuticaba – [Zαβυτι∪καβα]

[I] final se vocaliza diante de [e] e [i]

papel - [πα∪πEω]

sutil – [συ∪τιω]

- depois de [a] não se realiza

qual? – [∪καω]

angical – [∅)Zι∪κα]

sonrisal – [σo)θι∪ζα]

Trabalhos mais detalhados, discutindo a questão do vocalismo e do consonantismo no falar cuiabano, temos os já feitos pelos pesquisadores Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Ulisdete Rodrigues de Souza, Rachel do Valle Dettoni.

1.3. A variedade lingüística cuiabana: traços morfossintáticos

Além dos traços fonéticos, o falar cuiabano apresenta também marcas bem características na morfossintaxe. A seguir destacaremos algumas realizações que encontramos nesse falar, a partir de registros que fizemos quando da nossa pesquisa na comunidade.

Encontramos a ocorrência do determinante masculino anteposto ou posposto, indistintamente, aos substantivos masculinos e femininos.

Ex.: *Trabalhou num loja desses.*

Depois do bomba d'água.

Caçula meu.

Verificamos o emprego do **adjetivo de forma invariável**, tanto para o masculino como para o feminino.

Ex.: (Uma mulher falando) *Ah, dona! Hoje tô demais de cansado. Nem num sei porque.*

Porta fechado.

Os **pronomes pessoais da terceira pessoa** são invariáveis, tanto para o masculino como para o feminino.

Ex.: *Ele chama Maria.*

Ele chama Pedro.

A meninada está levada. Ninguém pode com ele.

Com os **pronomes demonstrativos** o emprego também é invariável.

Ex.: *A situação é esse mesmo.*

Sobre o emprego do pronome demonstrativo, cabe lembrarmos o que disse Pinto (1935:151): *há tendência acentuada para reduzir os demonstrativos a um só gênero*. E dá o seguinte exemplo: *Duvidar, esse faca corta mais (...)*

Com o **verbo *ir* no pretérito perfeito** do indicativo, a primeira pessoa do singular é sempre empregada como terceira.

Ex.: *Eu foi vaqueiro a vida inteira.*

Eu foi pro carnaval.

Quanto ao **verbo *pôr* no pretérito perfeito** do indicativo, a primeira pessoa do singular é sempre empregada como terceira.

Ex.: *Eu pôs os cadernos em cima da mesa.*

É comum o emprego de **dupla negação** numa mesma oração, relacionada ao mesmo verbo.

Ex.: *Eu nem num sei quanto custa.*

Ninguém nem num viu o peão.

O falar cuiabano, em decorrência do processo migratório, está passando pelo processo da *alienação lingüística*, ou seja, a perda de alguns traços lingüísticos por parte de um grupo de falantes, em decorrência do efeito da dominação de grupos com uma variedade de maior prestígio.

1.4. A variedade lingüística cuiabana: nos traços morfossintáticos, o gênero

Inicialmente, o que podemos dizer é que no falar cuiabano a variação na concordância do gênero gramatical ainda é uma ocorrência verificável no dia dia-a-dia de muitas pessoas em pontos do espaço urbano bem como no espaço rural. Alguns estudiosos, como Dettoni (2003), já chegaram a afirmar que o que ocorre no falar cuiabano é a *neutralização do gênero*. O que temos que salientar aqui é que na verdade a marcação do gênero gramatical é oscilante. Podemos ter casos, por exemplo, como: a) *briga feio / braço bom* b) *a paçoca tá fino / era homi era muié tudu manhecia morto* e c) *esse raiz, curtido na pinga, esse eu usei ele / benedita tava com a fia que tava pá morré lá casa do ermão dela*. Pelos três exemplos, podemos afirmar que a variação na concordância de gênero no falar cuiabano é marcada por três construções distintas, a saber: a) *relações internas ao sintagma nominal*, como no caso dos exemplos a; b) *relação sujeito/predicativo* como mostrado nos exemplos b; e c) *relações anafóricas* como visto nos exemplos c.

Destacaremos aqui alguns exemplos de conversas ouvidas nos mais diferentes lugares e situações, quando da nossa pesquisa na comunidade, bem como exemplos das falas dos informantes participantes da pesquisa.

Exemplos de falas ouvidas em lugares variados (lojas, igrejas, pontos de ônibus, bares, restaurantes etc.):

- (1) **A cor é o mesmo.**
- (2) **A gravação fica bonito se sair ele limpo assim.**
- (3) Casado com **meu irmã.**
- (4) **Gente conhecido e desconhecido.**
- (5) **Gente** simples e **educado** é demais de bom de encontrar.
- (6) Eu passei mão **no minha bolsa.**
- (7) Fui em Rosário Oeste telefonar em casa **do mamãe.**
- (8) Fuxico de **gente baixo.**
- (9) Igualzinho **essa Marta meu.**
- (10) Já tinha andado a **feira inteiro.**
- (11) **Piscina cheio** d'água.
- (12) **Semana passado.**
- (13) Sobe no **fonte luminoso.**
- (14) Depois **do bomba** d'água.

Exemplos das falas dos informantes:

- (15) **Esse** minha **mão.** (AMS,123,F,A)
- (16) **A criança miúdo.** (AMS,123,F,A)
- (17) Minha **roupa** sempre **cumprido.** (AMS,123,F,A)
- (18) **Estrada pequeno.** (ALS, 44, F, FI)
- (19) Amanhece **gente morto.** (ALS, 44, F, FI)

- (20) Compra a **carne seca**, corta **ele** e frita, né. E vai fazendo no pilão co a farinha, e soca **ele** até a carne acabá. Aí põe **ele** na gordura, passa **ele** na gordura. Aí **ela** fica **gostoso**. (MS,69,F,FI)
- (21) **Cuiabá** era muito **pequeno** (...) (SLR,90,F,EFI)
- (22) Já tem **uma banana** (...) bem **carregado** (...) (SLR,90,F,EFI)
- (23) Cinco hora da tarde já ta de **porta fechado**. (SLR,90,F,EFI)
- (24) **Ele ainda tem** esse charretinha. (MSC,53,M,EFI)
- (25) **Companheirada** que é sempre **acostumado** (...) (AGS,66,M,FI)
- (26) Tivesse **essas moagento** transitando (...) (AGS,66,M,EFI)
- (27) **Mamãe** sempre **ocupado** lá na cozinha (...) (GGC,53,M,EFI)

Observando esses exemplos, poderíamos até levantar a hipótese de que a variação na concordância do gênero gramatical pode ser interpretada como ausência de marcação de gênero. Se observarmos os exemplos *braço bom / era homi era muié tudu manhecia morto e Benedita tava com a fia que tava pá morré lá casa do ermão dela*, podemos inferir que a hipótese não é plausível, pois nesses exemplos bem como em outros registrados nas entrevistas, temos a marcação de gênero. Mas e os casos de não marcação gênero, como explicar tal ocorrência? Essa é um pergunta que tentaremos esclarecer ao longo do trabalho.

De acordo com Drummond (1978:62) *não se forma o feminino dos adjetivos, os quais se usam indistintamente no gênero masculino, aplicado a seres femininos e masculinos*. Ela dá alguns exemplos como: *A porta ta aberto, a rapadura tá fino, galinhada farto*. Além desses exemplos, temos os que coligimos nas entrevistas, como *a perna bom, a criança miúdo, gente morto, comprava o negro com a família inteiro, carne ensopado* etc. Comungando dessa idéia, temos o pensamento afim de Ulisdete Rodrigues de Souza. Para ela *no português mato-grossense, também não há marca de gênero. O gênero masculino designa ambos os gêneros*. (SOUZA,

1999:166) Neste sentido, cabe ressaltarmos que para a pesquisadora a ausência de flexão de gênero no falar cuiabano é semelhante ao que ocorre em alguns crioulos de base portuguesa.

A partir do posicionamento de Drummond e Souza, que afirmam que no falar cuiabano não há marcação de gênero, o que podemos dizer é que essa conclusão apresenta um bom espaço para discussões, pois como vimos nos exemplos acima, há enunciados em que ocorrem a concordância com nomes de gênero feminino como nestes outros exemplos: *era pequena a prainha* (AMS,123,A), *essa hora milagrosa no rádio* (AMS,123,A) etc.

Dentre os estudos já feitos acerca da realização variável da concordância de gênero no sintagma nominal bem como na relação sujeito/predicativo, podemos citar: o dialeto caipira na região de Piracicaba (Rodrigues, 1974), variedades faladas por comunidades rurais no Vale do Ribeira (Careno, 1991), comunidade do Cafundó (Petter, 1999) e o falar de Helvécia (Baxter & Lucchesi, 1998). Um ponto em comum nesses estudos é o fato de essas variedades se concentrarem ou em áreas rurais, ou em comunidades que viveram um processo de isolamento muito prolongado.

Tomando como exemplo a variação de gênero no português da comunidade de Helvécia, vamos encontrar nomes que normalmente são femininos na variedade padrão, aparecem acompanhados por um determinante na forma masculina. Vejamos alguns exemplos: *cada um tem **um** natureza, meu saúde num tá boa, Alicia é o caçula* etc.

Por esses exemplos podemos ver que no falar de Helvécia, temos determinantes masculinos que acompanham nomes femininos. Essas ocorrências contrariam o que disse Dettoni (2003:18): (...) *diferentemente do que ocorre no falar cuiabano em que os determinantes que acompanham os nomes são, em geral, todos femininos*. Exemplos de determinantes masculinos que acompanham nomes

femininos podem ser encontrados em Drummond (1978), Martins Júnior (1985), Santiago-Almeida (2000), Dettoni (2003) bem como nos informantes entrevistados para nossa pesquisa.

Quanto aos dados colhidos em Portugal, podemos fazer a mesma afirmação, ou seja, temos determinantes femininos que acompanham nomes femininos, bem como determinantes masculinos que acompanham nomes femininos. Dos vários exemplos que coletamos lá, vejamos alguns.

Determinantes femininos que acompanham nomes femininos:

- (1) **A cabeça** do dedo fica muito **grosso**. (INQ.Boléo,1942)
- (2) A minha **cozinha** que está **dividido** (...) (INQ.Boléo,1942)
- (3) **Uma pinguinha d'água**. (INQ.Boléo,1942)
- (4) Para **a água** ser **fechado**. (INQ.Boléo,1942)

Determinantes masculinos que acompanham nomes femininos:

- (1) Dá assim **uns cabecitas**. (INQ.Boléo,1942)
- (2) **Aquele masseirinha**. (INQ.Boléo,1942)
- (3) É como fazer **aqueles broas** de centeio. (INQ.Boléo,1942)
- (4) Eu tiro **esse trempe** pra li (...) (INQ.Boléo,1942)
- (5) Tenho as batatas dentro **dum coisa** (...) (INQ.Boléo,1942)
- (6) **Este** que é **abóbora** doce. (INQ.Boléo,1942)

Diante dessa breve incursão pelas veredas da variação do gênero gramatical no falar cuiabano, somos levados a fazer algumas perguntas: A variedade falada em Cuiabá apresenta ou não marcação de gênero? Essa variedade tem origem no português trazido pelos portugueses quando da ocupação de Cuiabá ou no dialeto caipira? A variação de determinantes masculinos acompanhando nomes femininos

pode ser em decorrência de implementação de uma regra de concordância? Podemos chamar essa variação de indeterminação de gênero? A ocorrência dessa variação é em decorrência de uma deriva conservadora? Essas são perguntas que tentaremos responder ou apresentar as hipóteses mais plausíveis ao longo do trabalho.

1.5. A variedade lingüística cuiabana: traços lexicais

Além dos traços fonéticos e morfossintáticos, há um universo lexicográfico muito vasto para ser investigado. Aqui elencamos algumas palavras que estão muito presentes ainda no dia-a-dia dos cuiabanos. São palavras tidas como de uso regional, sendo que muitas delas nós as encontramos em pleno funcionamento em Portugal como, por exemplo, *aguaceiro*, *gasóleo*, *ajantarado*, *peta*, *rebuçar*, *ventrecha* etc. Por esses exemplos, podemos perceber a conservação e ainda o uso de muitas palavras de um português do século XVI e XVII.

Abufelado: Cansado.

Açuquinha: Coisa fácil, mulher gostosa, fruta doce.

Agora quando!: Interjeição de espanto, desmentindo ou desacreditando.

Aguaceiro: Muita água, muita chuva.

Ajantarado: Almoço melhorado, no domingo.

Alcova: Quarto do casal.

Alfinim: Pessoa muito delicada, sensível demais.

Apatacado: Endinheirado, rico.

Ar de vento: Dor nas costas.

Armar laço: Defecar, obrar.

Arroz-de-festa: Quem não perde uma festa.

Ascendorada: Mulher assanhada, irrequieta.

Balaio: Cabelo em grande quantidade, despenteado.

Bambolê: Chinela de borracha.

Bicho de chão: Cobra.

Bocó: Órgão genital feminino, vagina.

Bom demás: Muito bom.

Brechó: Tipo de botina grande usada na zona rural.

Breve: Sanitário, banheiro com vaso.

Cainha: Avarento, pão duro.

Capinha: Ajudante dos toureadores que enfrentava o touro a pé.

Carne sentida: Carne quase podre.

Cascudo: Tatu.

Chuçar: Ferir, furar, espetar.

Companheira: Placenta.

Cuiabano de tchapa e cruz: Autêntico, legítimo, cuiabano legítimo, cuiabano nascido em Cuiabá e que na cidade morrerá.

Demais de bom: Ótimo, bom demais.

Demais de povo: Muita gente, um grande público.

Demás!: Expressão usada para discordar.

Descarnar: Emagrecer, perder peso.

Dezasseis: O mesmo que dezesseis.

Dezassete: Corresponde a dezessete.

Digoreste: Muito bom.

É digoreste: É exímio. Tem boa pontaria. É notável.

Êh ah!: Expressão de espanto ou surpresa.

Gasóleo: Antiga denominação do óleo diesel no Pantanal.

Gente de fora: Pessoa que não é de Mato Grosso.

Gente de onde: Vem de que lugar?

Gente de quem?: Pertence a qual família?

Jacuba: Bebida feita com farinha de mandioca e leite.

Lançar: Vomitar.

Maricho: Homem.

Naquear: Mascar fumo de corda.

Nicho: Oratório antigo.

Ô Quá?: O quê? Como? Não acredito?

Pau-rodado: Quem mora na cidade, mas veio de outro estado.

Peta: Mentira, logro, engano.

Pissuir (possuir): Adquirir, comprar.

Quá?: Expressão de espanto e indignação. Como?

Quebra-torto: Refeição matinal, quase almoço.

Quilim: Segredo.

Rebuçar: Cobrir, agasalhar-se.

Roni von: Zona boêmia.

Sengraceira: Chateação.

Tchá por Deus!: Admiração, espanto, dúvida.

Urinol: O mesmo que penico.

Ventrecha: Postas de peixe, imediatamente após a cabeça.

Verter água: Urinar.

Vote!: Exclamação de medo ou espanto.

1.6. Aspectos históricos

1.6.1. Localização

O município de Cuiabá, Centro Geodésico da América do Sul, está localizado nas coordenadas geográficas 15° 35' 56" de latitude sul (S) e 56° 06' 01" de longitude oeste (O), ocupando uma área de 3.224,68 km², cuja altitude é de 165 m acima do nível do mar. Limita-se ao norte com os municípios de Rosário Oeste, Acorizal e Chapada dos Guimarães, ao sul com Santo Antônio do Leverger, a leste com Campo Verde e Chapada dos Guimarães e a oeste com Várzea Grande e Acorizal. Conferir anexo 1.

O relevo é marcado pela Chapada dos Guimarães, pelo Planalto da Casca e a Depressão Cuiabana. Há a predominância de relevos de baixas amplitudes com altitudes que variam de 146 a 250 metros no perímetro urbano. O ponto culminante do município é o morro de São Joaquim, localizado na serra da Chapada, com a altitude aproximada de 1.000 m. A vegetação predominante no município é o cerrado. Além do cerrado, o município é cercado por dois grandes ecossistemas: a floresta amazônica e o pantanal.

Quanto ao clima, predomina o tropical quente e sub-úmido. A precipitação pluviométrica média anual é de 1.750 mm, com intensidade máxima entre dezembro e fevereiro. A temperatura máxima, nos meses mais quentes, chega a 43°C. A mínima varia entre 12°C e 14°C entre os meses de junho a agosto. Durante a seca, que vai de maio a outubro, a umidade cai a níveis críticos, às vezes abaixo de 15%.

Sobre a hidrografia, cabe destacarmos que o município é o divisor de águas das Bacias Amazônica e Platina. Entre os principais rios dessas redes hidrográficas estão o Cuiabá e o das Mortes. O Rio Cuiabá é o rio que separa os municípios de Cuiabá e Várzea Grande. Desde o século XVIII, ele abriga em suas margens populações de origens indígena, luso-brasileira e negra. Entre os séculos XVIII e início do século XX foi o rio que serviu de ligação entre Mato Grosso e as regiões sudeste e sul do país, bem como com alguns países da América do Sul como o

Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia. Somente a partir da década de 1930 é que a navegação no estado de Mato Grosso começou a ser desativada em função da abertura de estradas de rodagem. Além desse rio, o município é banhado também pelos rios Coxipó-Açu, Pari, Mutuca, Claro, Coxipó, Aricá, Manso, das Mortes, São Lourenço, Cumbuca, Suspiro, Culuene, Jangada, Casca, Cachoeirinha e Aricazinho.

No tocante à economia, ela está centralizada no comércio e na indústria. No comércio, a representatividade é varejista, constituída por casas de gêneros alimentícios, vestuário, eletrodomésticos, de objetos e artigos diversos. O setor industrial é representado basicamente pela agroindústria. Com um distrito industrial que dispõe de infra-estrutura necessária e investimentos na área de energia e transportes, a capital vem atraindo empresas das várias regiões do país. Na agricultura cultivam-se lavouras de subsistência e hortifrutigranjeiros. O que vem se destacando nos últimos anos é o mercado do turismo.

1.6.2. Fundação

Para falar de Cuiabá como da maioria das cidades brasileiras surgidas nos séculos XVII e XVIII, não dá para excluir a questão das *bandeiras*. De acordo com registros históricos, as bandeiras foram organizadas, em primeiro lugar, com a finalidade de capturar índios para serem vendidos como mão-de-obra escrava. Segundo Heitor Megale (2000), por mais que se procure nos documentos cartorários e de outros tipos, não se encontra registro de *bandeiras* ou *bandeirante* para designar o conjunto heterogêneo de pessoas que *iam para o sertão*. Ainda para Megale (2000:26) (...) *entrada, missão ou tropa são termos genericamente usados nos mais diversos pontos do território para nomear movimentos de avanço para o sertão*. E por fim, *bandeira* era uma companhia de assalto para prear o índio, na

busca do ouro, da prata, das esmeraldas e outras pedras preciosas. O movimento das bandeiras não foi um movimento povoador, mas sim, desbravador.

O primeiro homem não índio a pisar terras cuiabanas foi o bandeirante paulista Manoel de Campos Bicudo, no período compreendido entre 1673 e 1680. Chegou à confluência do rio Cuiabá com o Coxipó, batizando o lugar de São Gonçalo.

Seu filho, Antonio Pires de Campos, em 1718, em viagem por terras mato-grossenses, acampou no mesmo local e o rebatizou com o nome de São Gonçalo Velho. No fim desse mesmo ano Pascoal Moreira Cabral chegou a São Gonçalo para aprisionar índios, mas os seus bandeirantes, em vez de índios, encontraram primeiro foi o ouro, em tamanha abundância que se extraía com as mãos e paus pontudos. Como diz Capistrano de Abreu (1907), *os bandeirantes viraram mineiros sem pensar e sem querer*. Em São Paulo, em Minas Gerais e no litoral, o alvoroço em decorrência da descoberta do ouro em Cuiabá foi tanto que, como diz o cronista Barbosa de Sá (1975:12), *se aballarão muitas gentes deixando cazas, fazendas, mulheres e filhos botando-se para estes Sertoens como se fora a terra de promissam ou o Parahyso incoberto em que Deus pos nossos primeiros paes*. Em 08 de abril de 1719, em São Gonçalo Velho, ele lavrou a ata de fundação de Cuiabá, com o seguinte teor:

Aos oito dias do mez de Abril da era de mil setecentos e dezanove annos neste Arrayal do Cuyabá fez junta o Capitaó mor Pascoal Moreira Cabral com os seos companheiros e elle requereo a elles este termo de certidaó para notícia do descobrimento novo que achamos no ribeiraó do coxipó invocaçáo de Nossa Senhora da Penha de França despois de foy o nosso enviado o Capitaó Antonio Antunes com as amostras que levou de ouro ao Senhor General com a petiçáo do dito

capitão mor fez a primeira entrada adonde assistio hum dia e achou pinta de vintem e de dous e de quatro vintens ameya pataca e a mesma pinta fes na segunda entrada em que assistio sete dias elle e todos os seos companheiros as suas custas com grandes percas e riscos em serviso de Sua Real Magistadi e como de feito tem perdido oito homens brancos, fora negros e para que a todo tempo vá isto a notícia de sua Real Magistade e seos governos para não perderem seus direitos e por asim por ser verdade nos assignamos todos neste termo o qual eu passey bem fielmente a fé de meu officio como escriptura deste Arrayal Pascoal Moreira Cabral, Simão Rodrigues Moreira, Manoel dos Santos Coimbra, Manoel Garcia Velho, Balthezar Ribeiro Navarro, Manoel Pedrozo Lousano, João de Anhaya de Lemos, Francisco de Sequeira, Asenço Fernandes, Diogo Domingues, Manoel Ferreira, Antonio Ribeiro, Alberto Velho Moreira, João Moreira, Manoel Ferreira de Mendonça, Antonio Gracia velho, Pedro de Godois, José Fernandes, Antonio Moreira, Ignacio Pedrozo, Rodrigues Moreira, Jozé Paes da Silva.

No mesmo dia e anno atras nomiado elegeo o povo em voz alta o capitão mor Pascoal Moreira Cabral por seo guarda mor regente thé ordem do senhor General para poder goardar todos os ribeiros de ouro socavar e examinar e compoziçoens aos mineiros e botar bandeiras tanto a minas como nos inimigos barbaros e visto elegerem ao dito lhe catarão o respeito que poderá tirar auto contra aquelles que forem regulos com he (sic) amotinador e aleves que expulsará e perderá todos os seos direitos e mandará pagar dividas e que nenhum se recolherá thé que venha o noso enviado o Capitão Antonio Antunes de que todos levamos a bem hoje oito de Abril de mil setecentos e desanove annos eu

Manoel do Santos Coimbra escrevaó do Arrayal que escrevei, Pascoal Moreira Cabral.

Dois anos depois, o arraial foi mudado para o local chamado Forquilha. Em outubro de 1722, com a descoberta de outras lavras, entre elas as *Lavras do Sutil*, no córrego da Prainha, todo o arraial da Forquilha foi para ali transferido. A chegada a Cuiabá de centenas de paulistas e forasteiros interessados no ouro, provocou, inicialmente, um certo embaraço a Pascoal Moreira Cabral no tocante à administração das minas.

A partir das descobertas auríferas, afluíram para Cuiabá pessoas dos mais diferentes pontos do país à procura de ouro. Deslocaram-se pessoas de São Paulo, de Minas Gerais bem como do Rio de Janeiro. Só de São Paulo partiram mais de duas mil pessoas em busca do ouro de *aluvião* (ouro encontrado à flor da terra) de Cuiabá. Nesse universo de pessoas composto por mineradores, negociantes, artífices, aventureiros, ladrões, assassinos, homens públicos etc., tínhamos também um bom número de portugueses. Como de praxe, nesse movimento todo, os portugueses eram os mais interessados na penetração pelos sertões brasileiros, em decorrência das descobertas de novas minas. Como afirma Silva (1995:31), *as bandeiras de apresamento transformaram-se rapidamente em mineradoras e um número cada vez maior de paulistas, portugueses (...) deslocaram-se para as novas minas.*

A maioria dos aventureiros percorria os caminhos essencialmente fluviais, com início no rio Tietê até o rio Cuiabá. As expedições em busca do ouro passaram então a ser denominadas de *monções*. Monções, no século XVIII, foi um termo que passou a ser empregado como sinônimo de expedição fluvial que seguia roteiros fixos. De acordo com o **Dicionário Houaiss**, o termo monção foi empregado como uma relação de comunicação entre São Paulo e Mato Grosso. Assim Houaiss

(2001:1949) define monção: *qualquer das expedições que, descendo e subindo os rios das capitânicas de São Paulo e Mato Grosso, nos séc. XVIII e XIX, mantinham as comunicações entre os vários pontos dessas capitânicas.*

Em linhas gerais, o trajeto feito pelas monções começava em Porto Feliz, antiga Araritaguaba, cidade situada às margens do rio Tietê. Desciam este rio e o Paraná, subiam o Pardo e o Anhanduí (estado do Mato Grosso do Sul). Depois, atravessavam por terra a região da Vacaria para atingir o Rio Miranda (Mato Grosso do Sul), por onde navegavam até o Paraguai para chegar à cidade de Cuiabá (Mato Grosso). Outra opção era a descida pelos rios Tietê e Paraná (São Paulo), a subida pelo rio Pardo (entre os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul) e a travessia de varadouro do Camapuã, na Serra de Amambaí, no estado de Mato Grosso do Sul. Em seguida, os viajantes navegavam pelos rios Coxim, Taquari (Mato Grosso do Sul) até o rio Paraguai, por onde prosseguiram a viagem rio acima até chegar aos rios São Lourenço (antigo Porrudos, em Mato Grosso) e Cuiabá.

As monções eram compostas por comboios fluviais formados por sertanistas paulistas, padres, autoridades coloniais brasileiras (a maioria paulistas) e portuguesas, comerciantes brasileiros paulistas e portugueses e aventureiros de toda a ordem. Assim, o ciclo das monções entre São Paulo e Cuiabá foi uma constante entre os séculos XVIII e XIX. E por fim, conforme Silva (2005:96), *as monções, assim, contribuíram com a manutenção e a consolidação da posse paulista, dando bases legais para um posterior Mato Grosso irreversivelmente português.*

Em decorrência da demora das viagens empreendidas pelos aventureiros, muitas áreas próximas aos barrancos dos rios foram aproveitadas para a formação de roças, para suprimento de mantimentos a fim de prosseguirem viagem sertão adentro. Isso fez com que na rota dessas expedições surgissem muitos vilarejos. Alguns deles se tornaram grandes cidades, como é o caso de Cuiabá. Em suma, a história das monções é um prolongamento das bandeiras paulistas no processo de

expansão pelo Brasil Central. E como diz Póvoas (1995:90), Cuiabá se tornou (...) *um irresistível pólo de atração de bandeirantes e aventureiros paulistas (...)*

Como Portugal era o maior interessado nos *quintos* (imposto cobrado pelo erário português correspondente à quinta parte do ouro, prata e diamantes extraídos do solo brasileiro), em cada novo núcleo, o contingente de portugueses era bem significativo. Não foi pouco o ouro mandado para Portugal. Os portugueses eram os grandes controladores do ouro extraído no Brasil, bem como também em Mato Grosso, como uma forma de garantir o sucesso dos cofres lusitanos. Nesse sentido, cabe destacarmos que Mato Grosso surgiu com os portugueses que adquiriram o chamado direito de posse por já estarem por aqui, explorando o ouro, conforme enfatiza o historiador mato-grossense, Alfredo da Motta Menezes. Quando Lisboa foi destruída pelo terremoto de 1755, os portugueses valeram-se do ouro do Brasil para reconstruir a cidade, sendo que a maior quantidade foi enviada de Cuiabá.

O povoamento de Cuiabá, estimulado pela atração do ouro, fez-se muito rapidamente, de modo especial por um grande número de representantes das principais famílias de São Paulo. Só na monção de 1726, cerca de três mil pessoas embarcaram em Porto Feliz, numa flotilha composta de 308 canoas, rumo às minas de Cuiabá. Como de praxe, nesse movimento todo, não faltavam os portugueses, pois eram os mais interessados na penetração pelos sertões brasileiros, em decorrência das notícias e mais notícias acerca das descobertas de novas minas, com a finalidade de manterem sempre abastecidos os cofres do reino. Isso fez com que novos núcleos urbanos fossem se formando. Assim, Cuiabá foi também um desses núcleos formados a partir do extrativismo mineral.

No dia 1º de janeiro de 1727 Cuiabá recebeu foro de vila, passando a chamar-se *Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá*.

A criação, em 09 de maio de 1748, da província de Mato Grosso, com a sede administrativa em Vila Bela da Santíssima Trindade, contribuiu para desacelerar

um pouco o crescimento de Cuiabá. Pela sua localização próxima ao rio Cuiabá, teve assegurada a ligação com os campos do pantanal onde progredia a criação de bovinos.

Em 1818 foi elevada à categoria de cidade. Em 28 de agosto de 1835, através da Lei Provincial nº 19, tornou-se a capital da província, função que foi da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade desde a sua fundação em 1752.

Despontada do ouro, Cuiabá teve seu momento de glória e de progresso no auge da exploração desse minério (1719 a mais ou menos 1800). Só para termos uma idéia de quanto ouro foi extraído de Cuiabá, Luiz D'Alincourt (1953) no seu livro **Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá** registra que em 1823, em um só mês, extraíram 400 arrobas de ouro. Com a decadência do ouro, a cidade viveu um período de estagnação econômica por muitas décadas. A função de centro administrativo, no entanto, não foi suficiente para tirar Cuiabá da estagnação econômica em que se encontrava. De acordo com Paredes (1984:30), *a arduidade de acesso, dificuldades de fixação, notícias de peste, dizimação e mudança em massa tornam mais compreensíveis as estagnações e involuções do contingente populacional da cidade*. Mesmo com um crescimento quase nulo, e embora Cuiabá tivesse passado por alguns períodos de isolamento, essa cidade não consentia que o isolamento geográfico lhe impusesse um isolamento cultural. Sobre esse aspecto, Gervásio Leite (1969:45) lembra o que disse Joaquim Ferreira Moutinho: (...) *dezesseis pianos de primeira qualidade (...) isso mostra que Cuiabá não estava isolada culturalmente*. E outro relato que mostra que Cuiabá não experienciou o isolamento cultural diz respeito ao fato de que no século XVIII (...) *enquanto todas as demais Capitânicas do Brasil, somadas, eram representadas menos de 50 peças teatrais, só em Mato Grosso eram encenadas 80!* (PÓVOAS, 1987:13)

Com o fim do ciclo da mineração, aqueles que haviam se tornado mineiros passaram a viver num estado de extrema pobreza, reencarnando a antiga forma de vida dos paulistas pioneiros que aportaram em terras mato-grossenses no início do século XVIII. Nessas condições, houve a dispersão da população na busca de outras alternativas para sobreviver, alcançando o equilíbrio numa variante da cultura brasileira rústica, que se cristaliza como *área cultural caipira*, conforme Ribeiro (1995). Esta área se esparramou desde São Paulo até Minas Gerais, Mato Grosso, e também Goiás, estendendo-se ainda sobre áreas fronteiriças do Paraná. Na opinião de Ribeiro (1995:383), (...) *a antiga área de correrias dos paulistas velhos na preia de índios e na busca de ouro se transforma numa vasta região de cultura caipira (...)*

Uma região que fora marcada por grande fluxo migratório, agora experienciava um momento de calma. Isso fez com que as pessoas que ficaram no núcleo se organizassem de outras formas. Assim, *as vizinhanças solidárias*, conforme diz Darcy Ribeiro (2004), se organizavam em outras formas de convívio como, por exemplo, o culto a um santo protetor, em cuja capela promoviam além de missas, festas e leilões, sempre seguidos de bailes. Cada núcleo, além do produto de subsistência, produzia também artigos que serviam como unidades de troca no comércio, como queijos, rapaduras, farinha de mandioca, toucinho, lingüiça, cereais, panos e redes de algodão. Em muitas famílias que habitam Cuiabá e região, não é difícil encontrar ainda o *modus vivendi* acima. No tocante à fé, as famílias têm em seus lares um nicho do santo padroeiro e protetor dos seus lares bem como da comunidade: Santo Antônio, São Benedito, São Gonçalo, São Sebastião, Senhor Divino entre outros.

A questão do termo “isolamento” por que passou Cuiabá merece discussões mais acuradas. Aqui nos limitaremos a uma breve contextualização da questão. O isolamento de Cuiabá por quase dois séculos é ambíguo. Isso se explica porque a

cidade estava isolada em relação ao Brasil litorâneo, às áreas brasileiras de produção e consumo, mas estava relativamente próxima a três capitais de três nações, que se encarregavam de abastecê-la dos mais diferentes produtos.

Em relação à língua, é interessante mencionar aqui o que diz Paredes (1984:60):

é extremamente fascinante constatar que, ligado a centros mais adiantados de fala espanhola, cujas culturas eram bem caracterizadas, o povo cuiabano tenha mantido o uso da língua e o exercício das tradições coloniais portuguesas.

Para o filólogo Antônio Cesário de Figueiredo Neto, as interpretações que dão como de influência castelhana a algumas das características da pronúncia cuiabana, não procede. Para ele a forma de pronunciar *caju (cadju)*, *chuva (tchuva)*, *peixe (petche)* é lusitanismo. E prossegue, dizendo: *na formação da língua portuguesa chove (tchove) era pronunciada tal como o cuiabano pronuncia. Em Portugal, entre o Douro e o Minho, ainda se pronuncia assim, um regionalismo.*

Ainda sobre a língua, se consultarmos correspondências e outros tipos de textos dos séculos XVIII e XIX, vamos encontrá-los recheados de expressões de origem portuguesa e não castelhana como as usadas por Luiz D’Alincourt: *seguindo para a cidade, e a curta distância deste sítio; 120 tavernas; esta população ocupa 725 fogos* etc. (grifos nossos) Isso mostra que *o isolamento provoca lagos estagnados de cultura*, como diz Silva Neto (1963:42).

Muitos textos que já circularam no estado apontam o falar cuiabano como sendo de origem castelhana. Segundo a maioria dos historiadores, a presença/passagem dos castelhanos por terras mato-grossenses durou mais ou menos 50 anos. Para a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira, os espanhóis

chegaram primeiro em terras mato-grossenses, mas não povoaram-nas. Para Siqueira (2002:27),

os colonizadores hispânicos, certamente, haviam transitado por terras que hoje constituem Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mas nelas não se fixaram ou, se o fizeram, suas vilas não progrediram e foram, mais tarde, abandonadas.

Para ela, a maioria das expedições feitas pelos espanhóis tinha como destino as minas do Peru, pois *entretidos nesse itinerário, os espanhóis deixaram de conquistar as terras situadas a Leste, ocupadas, então, pelos portugueses.* (SIQUEIRA, 2002:29)

Paulo Pitaluga Costa e Silva, no livro **Dicionário biográfico mato-grossense** (2005), apresenta um rol de nomes de pessoas que exerceram/ocuparam as mais diferentes funções/cargos na formação do estado de Mato Grosso, no período compreendido entre 1700 e 1822. As pessoas que se fixaram em Mato Grosso nesse período eram comerciantes, políticos, sertanistas, militares entre outros. A grande maioria teve como destino a cidade de Cuiabá em decorrência das descobertas das minas de ouro. E a presença dos paulistas em Cuiabá foi muito marcante conforme nos relata Taunay ao comentar sobre o contingente populacional nela fixado. Segundo Taunay (1949:47),

os moradores se precipitaram para a região fabulosa em ondas contínuas, que em pouco tempo transformaram o arraial sertanejo em vila paulista, com a mesma organização administrativa, os mesmos hábitos e costumes.

E essa onda de paulistas rumo às minas de Cuiabá também foi atestada, em 1721, pelo capitão-general Dom Rodrigo César de Menezes, à época, governador da

capitania de São Paulo, quando afirmou que (...) *já para ali (Cuiabá) haviam partido mais de dous mil paulistas* conforme nos diz Corrêa Filho (1969:41).

Pelos dados biográficos apresentados por Costa e Silva (2005), no período compreendido entre 1524 e 1822, o que pudemos deduzir é que a grande maioria da população que ocupou as terras de Mato Grosso entre 1719 e 1822 era composta de paulistas e de portugueses. De um total de 2087 nomes elencados no seu dicionário, 1819 nomes são de paulistas (a maioria) e portugueses e apenas 268 espanhóis.

Além dos paulistas e portugueses, a população de Mato Grosso tem sua composição a partir de negros, mestiços e de povos indígenas. Em síntese, o segmento populacional indígena ajudou a formar a população cuiabana bem como a mato-grossense, conforme nos relata Luiza Rios Ricci Volpato (1993) em seu trabalho **Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. Do ponto de vista lingüístico, o que podemos dizer é que na região de Cuiabá conviveram, em diferentes momentos e com intensidade variável, línguas indígenas nativas, a língua dos bandeirantes paulistas e a variedade falada pelos escravos. O Prof. Franklin Cassiano da Silva, num trabalho publicado em 1921 sob o título de **Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato Grosso**, diz-nos que o português chegou a Mato Grosso pelos bandeirantes que conservavam um português arcaico dos primeiros colonizadores portugueses que vieram para o Brasil, ou seja, um português quinhentista. Para o autor, muitos desses traços sobreviveram na fala mato-grossense pela dificuldade de comunicação com outras regiões do país e pela carência de instrução escolar em que se encontrava o estado naquela época. Desse modo, a linguagem cuiabana tem influências dos bandeirantes paulistas que efetivaram o processo de colonização da região. Além dessa influência, a região recebeu influências do colonizador português bem como de migrantes de outras regiões do país. Foi nesse contexto multilíngüe e multidialetal que surgiu e se fixou a variedade do português falada em Cuiabá.

É importante frisar que a passagem dos espanhóis pelo território mato-grossense, ou próximo dele, foi no período compreendido entre 1535 e 1600. Neste período, entre os anos de 1535 e 1543, Alvar Nunes Cabeza de Vaca e Domingo Martinez Irala foram os dois grandes exploradores da América com o intuito de ampliar o território espanhol, fato que a história reconhece como os grandes conquistadores espanhóis, como registra Costa e Silva (2005).

Ainda cabe registramos o que disse Luiz D’Alincourt no seu livro **Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá** sobre a presença dos espanhóis em terras brasileiras, de modo especial em terras mato-grossenses. Segundo seu relato,

(...) os Paulistas, apesar de estar ainda Portugal infelizmente sujeito ao Governo de Espanha, fizeram uma cruenta guerra aos espanhóis estabelecidos nas dilatadas Províncias de Guairá, Itay, e Tapé; destruindo-lhes a Cidade de Xerés, Villa Rica, e outras povoações, que os Jesuítas espanhóis tinham fundado, entrando a largos passos pelos domínios Brasilienses; e se eles continuassem com prosperidade não teriam os portugueses desfrutado as ricas minas de Cuiabá, Goiáz, e Mato-Grosso, donde saíram tantas centenas de arrobas de ouro. (D’ALINCOURT, 1953:37-38)

A partir de meados do século XX (mais ou menos por volta de 1960), com a ligação de Cuiabá à rede rodoviária nacional, um novo cenário de desenvolvimento econômico, político e social começou a ser desenhado. Os projetos de colonização do Governo Federal, a partir da década de 1970, contribuíram no processo de desenvolvimento não só do estado, mas também de Cuiabá. Com a inauguração dos serviços da Empresa Brasileira de Telecomunicações - EMBRATEL, em março de 1972, abriram-se para os cuiabanos novas oportunidades de comunicação. E somemos a isso ainda a divisão do estado de Mato Grosso em Mato Grosso e Mato

Grosso do Sul, em 11 de outubro de 1977. Assim, aquela cidade pacata e tranqüila, começava a dar lugar ao fenômeno da mobilidade geográfica e à modernidade.

1.6.3. Origem do nome Cuiabá

Quanto à origem do nome Cuiabá, muitas hipóteses já foram aventadas como, por exemplo: *fazedor de cuia, gente caída, cuia que vai, índios cuiabases, homem que faz farinha, índio do pantanal, Pantanal mato-grossense, madeira líquida, lugar de pesca com arpão, cuia rodando, gente forte, índio das águas, nação das cuias e mulher corajosa*. Muitas dessas explicações estão mais centradas em lendas e tradições do que em registros históricos confiáveis. Vejamos uma das lendas sobre a origem do nome que está no livro **Lendas Mato-grossenses** (2001) de Feliciano Galdino de Barros.

Cuiabá...

Pascoal Moreira Cabral havia chegado com a sua bandeira à Forquilha, trazendo para Mato Grosso o bafejo da vida que se esperançosa agira imensa região.

O deleitável e pitoresco rio, cujas correntes havia vencido, estava ainda sem nome. Não lhe dariam o nome de rio das aves, embora as multidões façam de suas margens um viveiro permanente.

Não lhe daria os nomes de rio do ouro, rio dos diamantes, rio das esmeraldas, embora rolares com suas águas essas preciosidades tantas, que no volver dos séculos vão enriquecendo as grandes arcas do Oceano...

Rio deleitável que sorri nos arcanos de seus encantos para a terra e para o céu da pátria maravilhosa: rio paraíso, rio Canaã, devia ser chamado.

Era na quadra das grandes lufadas.

Cardumes de piraputangas e curimatás e de centenas de outros peixes, subiam o rio principesco... era na quadra em que as grutas se emudecem para escutar o marulho festivo da peixada sôfrega que, à porfia, se vão deleitar nas mornas e puras águas da cabeceira.

A luminosa bandeira da civilização havia já conquistado ao Coxiponés guerreiro a região misteriosa e opulenta.

Grupos de exploradores, num e noutro lado, percorriam um trecho da margem deleitosa, por sob o saranzal amigo, que atufa e rendilha as beiras da corrente.

Uma turma daqueles sertanistas havia descido à praia para tomar água.

E a cuia que um deles trazia, escapou-se-lhe da mão, quando ia enchê-la e lá se foi, levada pela correnteza sonora, que se esgueirava para o pego profundo.

E o bandeirante desapontado:

*– **Cuia, bá...** – Exclamou com sua pronúncia portuguesa, trocando o v por b.*

E a cuia lá se foi rodando, em ligeiras sinuosidades, lá se foi, águas abaixo, cuia aquela de que se servia em todo o percurso da longa e arriscada viagem.

E o bandeirante, em pé, à beira da corrente, acompanhou com a vista a cuia arrebatada, até se sumir ao longo do estirão.

Cuia, bá...

E o belo e sereno rio, até então sem nome, recebeu a exclamação do sertanista desapontado e Cuiabá é o seu nome.

Há uma versão apresentada numa carta do padre Jesuíta Agostinho Castañares a Dom Rafael de la Moneda, escrita em Assunção em 16 de setembro de 1741. Esse padre teve como incumbência, por parte do governo paraguaio, verificar se as minas de Cuiabá e de Mato Grosso estavam ou não em território castelhano. Num trecho da carta lemos o seguinte:

(...) Está fundada dicha ciudad, segun tengo entendido, al principio del lago de los Jarayés, yendo de aqui de esta banda del rio en tierra confinante con la de la Assunción, sobre el Arroyo Cuyaverá, que según el mapa entra del este en el rio Paraguay, y del arroyo tomara la ciudad la denominación de Cuyabá.

O que vemos então é que o texto traz as palavras *Cuyaverá* e *Cuyabá*. O professor Brasilides Brites Fariña, professor de gramática e semântica guarani, da Universidade Nacional de Assunção, dá a seguinte explicação para a palavra *cuyaverá*:

(...) *Pero la etimología que aporta lo misionero Agustín Castañares, cuya contracción sería Cuyabá, a mi entender se origina de: KYYA = nutra o lontra en portugués, y VERÁ = resplandeciente. Sería entonces una especie de roedor de los pantanos de piel grasosa y brillante. [...] Evidentemente CUIA es KYYA y VA de VERÁ = resplandeciente por la piel mojada del pantano. Es mi opinión, salvo mejor parecer documentada.*

De acordo com a explicação do professor, a palavra *Cuyaverá* é uma variante de *Kyyaverá*, que significa *rio da lontra brilhante*.

Outra explicação mais recente nós encontramos em Pedro Rocha Jucá, em a **Varanda Cuiabana** nº 158, de 13/06/2004. A palavra Cuiabá é o resultado da aglutinação de palavras que formam um topônimo que descreve o Pantanal Mato-grossense: *Quá*, *Kuá*, *Cuá* são variações fonéticas que identificam vale, enseada, planície; *y* se refere a água; e *avá* ou *abá*, que identifica índio no masculino, pois no feminino é *cunhã*. Aglutinando-se *Cuá-y-abá* teremos *Cuáyabá*, e, finalmente, *Cuiabá*, a “Planície dos Índios das Águas”, onde existiram vários grupos indígenas, com destaque para os Paiaguá, Guaicuru, Guató, Guaná, Terena e Bororo, estes últimos originários da Bolívia. De acordo com essa hipótese, Cuiabá significa **planície dos índios das águas**.

Consultando a obra **Tupi na geografia nacional**, de Theodoro Sampaio (1928:195), encontramos uma outra explicação para o termo Cuiabá. Segundo o autor, a designação vem do nome de uma tribo indígena que habitava a região onde hoje é Cuiabá, conforme o registro feito por Francisco José de Lacerda e Almeida, topógrafo que passou pela região na década de 1780, demarcando as fronteiras do Brasil. Partindo da hipótese que o nome seja de origem tupi-guarani, o nome Cuiabá assim se desdobra: *cuy* = farinha e *abá* = homem. Portanto, o significado seria *o homem da farinha, farinheiro*.

E por fim há outra versão fundada na língua Bororo. De acordo com Albisetti e Venturelli (1962), o termo Cuiabá é uma corrupção e sonorização de ***Ikuiapá*** – ***ikúia*** = flecha-arpão; ***pá*** = lugar (lugar da flecha-arpão). O termo é uma designação de uma localidade onde se pesca com a flecha-arpão. Diz respeito também a *uma localidade onde antigamente os bororo costumavam pescar com flecha-arpão, correspondente à foz do **Ikuiebo**, córrego da Prainha, afluente esquerdo do Rio Cuiabá*. Para Albisetti e Venturelli, o nome da capital de Mato Grosso, *justamente edificada nas duas margens do córrego da Prainha, não seja outra coisa que a corrupção e sonorização de **Ikuiapá***. Essa idéia é corroborada também por Carlos Drumond no livro **Contribuição do Bororo à toponímia brasileira**.

1.6.4. A população: sua evolução

A demografia do município de Cuiabá apresentou comportamento instável no decorrer da história. Tão logo a notícia se espalhou pelo Brasil sobre a descoberta das minas de ouro, um número significativo de pessoas migrou para a região à procura de riqueza. Rapidamente o pequeno arraial se transformou em promissor e importante núcleo populacional. Segundo Joseph Barboza de Sá, um dos importantes cronistas de Mato Grosso, o arraial de Cuiabá, cinco anos após a descoberta das minas, contava com cerca de 3.000 habitantes. E o mesmo cronista, no texto **Relaço das povoaçoens do Cuyabá e Mato Grosso e seos princípios thé os presentes tempos** apresenta-nos um relato bem circunstanciado de vários fatos ocorridos em Mato Grosso entre 1719 e 1775. Nesse documento ele fala-nos do grande fluxo de paulistas, não só mineradores, mas também, comerciantes, agentes oficiais, representantes reinóis e aventureiros oriundos de outras minas que se dirigiram para as minas de Cuiabá.

O rigor fiscal, os atos de arbitrariedade praticados pelo governador da capitania, Rodrigo César de Menezes, as descobertas de ouro em outras áreas, a escassez de alimentos e as doenças foram fatores que contribuíram para o progressivo esvaziamento populacional de Cuiabá. De acordo com Virgílio Corrêa Filho (1969), entre 1732 e 1737 abandonaram Cuiabá cerca de 3.500 pessoas. O povoamento revigorou-se quando incentivos governamentais estimularam a colonização da região de Vila Bela da Santíssima Trindade, capital da capitania de Mato Grosso a partir de 1752 até 1835.

Apesar de uma série de adversidades enfrentadas por seus moradores, em 1791 Cuiabá possuía 14.543 habitantes, sendo 9.018 homens e 5.435 mulheres, conforme Corrêa Filho (1969).

O censo demográfico de 1872, o primeiro feito no Brasil, registrou na Província de Mato Grosso uma população de 60.417 habitantes, sendo que desse total, 35.987 encontravam-se em Cuiabá.

De acordo com os dados demográficos de 1890, a população de Cuiabá era de 17.815 habitantes, havendo, portanto, decréscimo populacional em torno de 50% em relação aos dados de 1872. Na década seguinte, a sua população era de 34.339, ocorrendo, portanto um crescimento demográfico na ordem de 93%.

Cabe registrarmos que a população de Mato Grosso bem como a de Cuiabá, no século XVIII, teve o seu crescimento por (i)migração, ou como chamavam os governadores, por *adventícios*. Esses (i)migrantes ou adventícios eram oriundos de outras partes da colônia, de modo especial de São Paulo e de Portugal. Somamos ainda a essa população a introdução de negros escravos e a incorporação de nativos.

Outro dado que ressaltamos diz respeito à questão da concentração populacional no tocante ao número de homens e de mulheres. No século XVIII o número de homens na capitania de Mato Grosso sempre foi maior do que o de

mulheres. Houve épocas em que o percentual quase chegou a 70% de homens. Em Cuiabá, por sua vez, o índice chegou à marca dos 71,88%. Só a título de exemplo, apresentaremos alguns dados demográficos de alguns períodos do século XVIII. Conforme dados colididos por Jovam Vilela da Silva (1995), em 1768 a população masculina era de 67,77%; em 1780, de 71,88%; em 1790, de 61,86 e; em 1797, de 58,38%.

A explicação para essa concentração de população masculina está diretamente relacionada ao processo da exploração do ouro no século XVIII. Os grupos que se descolavam para as minas de Cuiabá eram formados por homens solteiros e, mesmo os casados, se deslocavam sem suas esposas. Os paulistas, ao embrenharem-se nos sertões, em busca de riqueza, deram início a um grande fenômeno migratório, provocando conseqüências trágicas e calamitosas para São Paulo. Isso fez com que em Cuiabá os amancebamentos ou uniões consensuais fossem praticamente a regra e não a exceção. Assim, os casamentos tradicionais quase não se realizavam em Cuiabá. Conforme deixou registrado Hércules Florence, o costume em Cuiabá era viver amancebado. Diz textualmente Hércules Florence (1948:178): (...) *viveram com amásias, não se lhes dando de formar famílias e educar os filhos, quando os tinham, nos são princípios da religião e da moral.*

A concentração de homens em Mato Grosso e Cuiabá, na sua maioria oriunda de São Paulo, fez com que gerasse um fenômeno oposto: o predomínio de uma população feminina em São Paulo. Segundo Marcílio (1974:108) (...) *no total geral da população livre da Capitania de São Paulo predominou, na segunda metade do século XVIII, o sexo feminino* (...) Essa informação leva-nos a crer que de fato os homens estavam embrenhados pelo sertão.

Na década de 1930, Cuiabá apresentou, após período de estagnação populacional, taxa de crescimento de 2,43% a.a. Nas décadas de 1940 e 1950 passou por mais um período de estagnação.

A situação modificou-se significativamente na década de 1960, quando a capital mato-grossense integrou-se efetivamente no processo produtivo brasileiro pela política de ocupação da Amazônia meridional, adotada pelo governo federal. Como “Portal da Amazônia”, Cuiabá veio a constituir-se num pólo de desenvolvimento do Centro-Oeste. Em termos populacionais, o município experimentou intenso período de crescimento populacional e de transformação espacial.

Dos 57.860 habitantes registrados em 1960, Cuiabá passou a ter uma população de 100.865 habitantes em 1970 e de 212.984 em 1980. Em 1991 a população de Cuiabá era de 402.813, saltando para 433.355 em 1996. E de acordo com o censo demográfico do IBGE-2000 a população era de 483.346 habitantes. E, atualmente, segundo dados projetados e atualizados pelo IBGE-2005, a população de Cuiabá é de 533.800 habitantes.

Só para se ter uma idéia do crescimento populacional nos últimos 30 anos, vejamos um quadro da evolução na população em Cuiabá, levando em conta a população residente natural e não-natural do estado de Mato Grosso bem como a população residente natural e não-natural do município de Cuiabá.

População	1970	1980	1991	%		
Natural do estado	93.137	164.302	273.795	92,34	77,14	67,97
Não-natural do estado	7.723	48.678	129.019	7,66	22,86	32,03
Natural do município	82.512	114.196	209.509	81,81	53,62	52,03
Não-natural do município	18.348	98.784	193.224	19,19	46,38	47,97

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1970, 1980 e 1991.

1.6.5. Cuiabá: alguns fatos históricos

1.6.5.1. A Rusga

Em 1834 desencadeou um movimento de um grupo de moradores de Cuiabá contra um grupo que dominava o cenário político e econômico, denominado de *adotivos*. Foi um movimento contra os portugueses radicados em Cuiabá. O grupo dos *adotivos* era formado por alguns brasileiros e por um número significativo de portugueses remanescentes dos tempos coloniais, que monopolizava o comércio, ocupava os melhores cargos e dominava o meio político. Um grupo denominado de *federalistas* ou *nativistas* integrantes da Sociedade dos Zelosos da Independência é que desencadeou a contenda com o grupo dos *adotivos*, também alcunhados de *bicudos* (alcunha pejorativa dada aos portugueses), os quais sempre lutaram pela volta de D. Pedro I ao poder. Esse grupo era denominado de Sociedade Filantrópica de Cuiabá, constituído por monarquistas que lutavam pela monarquia. Já a Sociedade dos Zelosos da Independência, formada pelos liberais cuja maioria era constituída por brasileiros natos, lutava pela implantação da República e pela consolidação da democracia. Os nativistas disseminaram um boato de que os adotivos planejavam a eliminação dos brasileiros natos por armas ou por envenenamento no período dos festejos do Espírito Santo.

Na noite do dia 30 de maio de 1834 o terror se espalhou pelas ruas de Cuiabá. As ações desencadeadas pelos revoltosos foram desde arrombamento de portas e janelas a mortes. Segundo Cunha Filho (2003:64),

pelas principais ruas, espalha-se o terror, em berreiro selvagem e macabro misturado com os estrondos de portas e janelas destrancadas a golpes de alavancas, machados e coices de arma, tiros e gritos desesperados das vítimas. As depredações se ampliam nas

lojas, onde os amotinados saqueiam, embebedam-se e, enlouquecidos, endemoniados, arrepentam tudo impiedosamente.

E os mais exaltados pediam mesmo a morte dos *bicudos*, pois, caso contrário, não largariam as armas. Seguiram-se uma série de negociações com os políticos para pôr um fim à barbárie. No dia seguinte foi o momento de reconstrução e de sepultamento dos mortos. Segundo relatos do Visconde de Taunay *in Póvoas* (1995), *ficaram mortos, segundo uns, 400 portugueses, senão mais; segundo outros, de 200 a 300, em todo caso acima de 100.* (PÓVOAS, 1995:205)

Esse fato mostra-nos que a presença dos portugueses em Cuiabá era muito significativa. Junto a essa quantidade expressiva de portugueses, estava uma quantidade também expressiva de paulistas. Essa situação revela que Mato Grosso não era um território ocupado por espanhóis, mas por portugueses e paulistas. Esse dado é importante tendo em vista que uma parcela considerável dos aspectos históricos, sociais e lingüísticos é atribuída aos portugueses bem como aos paulistas, estes já inseridos na cultura dos portugueses. Do ponto de vista lingüístico, podemos aventar a possibilidade de esses dois grupos serem os responsáveis pela disseminação de uma língua portuguesa com características conservadoras, bem como uma língua portuguesa com características também caipiras.

1.6.5.2. A Guerra do Paraguai: o surto de varíola em Cuiabá

Em 1867 retornaram a Cuiabá os soldados integrantes da tropa que participou da Guerra do Paraguai, após vencerem uma batalha travada em Corumbá no dia 13 de junho. Trouxeram consigo a felicidade de uma vitória, mas o estopim de uma derrota veio junto: a varíola. Cuiabá não sofreu a catástrofe produzida pela guerra, mas a que viria depois dela, seus moradores não imaginariam. Os soldados

e os civis ao retornarem a Cuiabá, já chegaram contaminados pela varíola. Dezesete dias após o retorno dos soldados o número de mortos já somava 72, número este limitado ainda ao acampamento militar. Em poucos dias a epidemia se alastrou.

De 05 a 31 de julho de 1867 morreram 183 pessoas. Já no mês de agosto foram 484. No mês seguinte estima-se que mais de 300 morreram, pois o padre que fazia o registro dos óbitos foi vítima da doença. Conforme Póvoas (1995:301), a *epidemia foi assim trazida para a Capital, ceifando metade da população cuiabana*. De acordo com o chefe de polícia à época, o número de mortos foi pouco além de dois mil. Segundo relato de Joaquim Ferreira Moutinho, o quadro era de horror. O horror era tal, segundo ele, que não havia quem cuidasse dos doentes, pois todos estavam atingidos, de alguma forma, pelo mal. Famílias inteiras morreram. Mortos que não foram sepultados, permitiam que cachorros andassem pela cidade arrastando restos humanos. Diante dessa catástrofe, as autoridades municipais se viram obrigadas a construir, às pressas, um cemitério que ficou conhecido como *Cai Cai*.

1.7. Aspectos culturais

A cultura cuiabana, como a cultura de qualquer povo, apresenta suas particularidades. A riqueza da cultura cuiabana está caracterizada pela influência recebida dos paulistas, dos portugueses, dos negros bem como dos índios. As principais manifestações estão na gastronomia, na dança e no artesanato.

1.7.1. Lendas

Como acontece com a maioria das localidades brasileiras, em Cuiabá também desfilam algumas lendas. Como nos diz Câmara Cascudo, a lenda *liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói sendo parte e não todo biográfico ou temático*. (CASCUDO, s/d:511) E ainda como diz o Evangelho de São João 3, 31 *aquele que vem da terra é da terra e fala da terra*. Mesmo diante dessas conceituações, o que percebemos é que muitas lendas, como as pessoas, migram também. Só a título de exemplo, a lenda Fúria do Minhocão, nós a temos contada em Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres e Cuiabá.

As principais lendas que permeiam o imaginário do cuiabano são: A canoa voadora no poço da Jacuba, A fúria do minhocão, A ilha encantada, A santa mensageira, Rio Cuiabá, Neguinhos da boca do Guató, O banho santo, O minhocão do Pari, O pai do rio, O passageiro invisível, O peixe fumante, O perigoso poço do arrasto, Saudosa viagem etc. Como exemplo, destacamos a lenda **A canoa voadora no poço da Jacuba**.

A canoa voadora no poço da Jacuba

Mesmo com provas suficientes para não deixar a menor dúvida, muitas pessoas ignoravam quanto à veracidade dos casos ocorridos no Poço da Jacuba.

Um número considerável deles não acreditava em hipótese alguma que ali fosse assombrado. Sustentando na filosofia de São Tomé: "De ver para crer". Um destes, inclusive se gabava em dizer que a qualquer hora ele era capaz de ir até este local e pescar tranqüilamente porque tinha certeza que jamais seria incomodado. E foi por ironia do destino, justamente com ele, que ocorreu um caso estranho e acima de tudo inexplicável.

Numa determinada manhã ele trafegava por ali em companhia de um velho conhecido. Enquanto conversavam, sua canoa foi tomando velocidade lentamente até que em dado momento começou a fazer curvas, nesse instante, ele começou a

gritar por socorro, enquanto seu companheiro permaneceu olhando-o sem saber o que fazer.

De repente, sua canoa foi lançada ao encontro do barranco, partindo ao meio. E ele, como não sabia nadar, começou a se debater pedindo ajuda. Enquanto isso, seu companheiro, continuava remando sem parar a fim de resgatá-lo o mais rápido possível.

Nesse instante, com muita dificuldade, conseguiu agarrar um galho de sarã e se sustentar até a chegada do colega, que ao aproximar teve muito trabalho para colocá-lo dentro da canoa. Ao chegar em casa, ele ficou tão confuso que mal conseguia expressar as palavras e muito menos contar em detalhe o que havia acontecido.

1.7.2. Festas e danças

As duas principais danças características de Cuiabá são o *cururu* e o *siriri*. O *cururu* é uma manifestação que compreende música e dança com a participação apenas de homens, dispostos em roda. O *cururu* consiste na apresentação feita por, no mínimo dois cantadores. Mesmo quando o grupo é grande, cantam sempre em duplas. Os instrumentos usados são a viola-de-cocho e o ganzá. Quanto à origem da dança, a hipótese corrente é que é uma dança originária dos índios Bororo. A justificativa é em decorrência de uma cerimônia realizada pelos Bororo chamada *bacururu*, que era celebrada entre clamores e grande algazarra.

Já o *siriri*, também uma dança de roda para adultos, é dançada e cantada tanto por homens como por mulheres. Os instrumentos que acompanham o *siriri* são a viola-de-cocho, o ganzá e o mocho¹. Os pares são formados por cavalheiros e damas ou só damas. Os “tiradores” tocam e cantam, enquanto o grupo, sempre dançando, responde aos versos.

Outra dança que é muito cultivada em Cuiabá é a *dança de São Gonçalo*. Em Cuiabá, a devoção ao santo remonta ao período de sua fundação. Os primeiros

¹ Mocho é uma espécie de banco de madeira cujo assento é feito de couro cru, recortado e molhado ao ser pregado sobre o banco, e percutido com duas baquetas de madeira.

aventureiros, ao chegarem ao local onde hoje está localizada a cidade de Cuiabá, denominaram o primeiro povoado de São Gonçalo. A partir daí a devoção ao santo, à medida que mais migrantes chegavam à região, só foi aumentando.

Todos os anos, na primeira quinzena de janeiro, as pessoas da comunidade São Gonçalo Beira Rio, um dos bairros mais antigos da cidade, fazem a festa em homenagem a São Gonçalo, revivendo uma tradição trazida pelos colonizadores portugueses. Assim, os devotos quando necessitam pedir pela sua saúde ou de alguém, prometem ao santo que se suas preces/pedidos forem atendidos, dançarão para ele na sua festa ou ainda que passarão a realizar todos os anos uma festa como retribuição pelas graças alcançadas.

Os componentes da festa são o rei, a rainha, o alferes de bandeira, o capitão de mastro, juiz e juíza de ramos, juiz e juíza de altar. Essas pessoas são as encarregadas da organização da festa. Além delas, fazem parte da dança também os capelães, cuja função é conduzirem as rezas, cantarem os versos e tocarem as violas. Participam da dança todas as pessoas que vão pagar promessas e aquelas que querem apenas louvar o santo.

Uma dança encontrada também em Cuiabá é a catira ou cateretê. É uma dança conhecida desde o período colonial na região sudeste (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), que fincou raízes também em Cuiabá. A catira em Cuiabá é executada apenas por homens. É uma dança encontrada, além de Cuiabá, em diversas regiões mato-grossenses. Além dessas danças, temos também as festas de São Benedito, Divino Espírito Santo e as Festas Juninas.

O que vimos é que tanto as danças como as festas, na região de Cuiabá, têm suas raízes fincadas na cultura portuguesa e na cultura caipira. Elas constituem mais um ingrediente na questão da difusão não só dos aspectos culturais, mas também lingüísticos.

1.7.3. Culinária

Com relação à culinária, os pratos que merecem destaque em Cuiabá são alguns tipos de bolos e biscoitos, pratos à base de peixe e alguns tipos de salgados. Os ingredientes básicos da culinária são o pequi, a banana (trazida pelos bandeirantes paulistas), a mandioca, o milho, a manga, o arroz e o peixe. Os principais pratos são: mojica de pintado, ventrecha de pacu, caldo de piranha, pacu assado, biscoito de manga, biscoito de milho, bolo de banana, pão de banana, banana-da-terra frita, paçoca de banana, patê de jacaré, pequi com angu, arroz com pequi, carne com banana-da-terra, farofa de banana e lingüiça cuiabana. Cabe ressaltarmos que a lingüiça cuiabana originou-se nas viagens empreendidas pelos bandeirantes paulistas a Mato Grosso. Numa de suas viagens, inventaram uma lingüiça e a denominaram *cuiabana* por estarem em terras mato-grossenses. Os ingredientes, à época, eram: carne, gordura bovina, leite e sal.

Diante dessa enorme quantidade de opções gastronômicas, não poderíamos deixar de mencionar algumas bebidas. As mais consumidas na região são o licor de pequi, licor de cacau, licor de caju e licor de leite.

Quanto aos doces, os preferidos pelos cuiabanos são baba de coco, doce de banana, doce de caju, pudim de mandioca, doce de jenipapo, arroz doce entre outros.

Não faltam também na mesa dos cuiabanos os refrescos feitos com frutas regionais. Entre eles destacam-se capilé de abacaxi, refresco de bocaiúva, refresco de cajá-manga, refresco de tamarindo, orchata (refresco feito de sementes de melancia) e a jacuba. Cabe registramos que essa bebida, hoje feita com farinha de mandioca, água e açúcar ou rapadura, originalmente era feita com farinha de milho e rapadura. Era a bebida mais usada pelos bandeirantes paulistas durante os longos trajetos da monções.

1.7.4. Touradas e cavalhadas

Cuiabá, até a década de 1930, foi palco de genuínas touradas à moda portuguesa. Foram os portugueses que trouxeram essa manifestação cultural para Cuiabá. Em 1808, pela iniciativa de Sebastião Pita de Castro, Ouvidor da Comarca, tiveram início as touradas cuiabanas. Cabe destacar que, embora de origem portuguesa, as touradas cuiabanas apresentavam algumas diferenças. Enquanto nas touradas portuguesas os toureiros se apresentavam a cavalo, nas touradas cuiabanas só havia um cavaleiro chamado de toureador. Outros participantes das touradas eram os capinhas, cuja função era a de enfrentar o touro a pé, como uma forma de mostrar a destreza adquirida nas lides em fazendas. Enquanto os capinhas portugueses usavam uma capa, os capinhas cuiabanos usam uma bandeira de baeta, pregada em uma madeira roliça de cerca de um metro de comprimento com uma choupa na ponta. E por fim, as touradas daqui apresentavam também um espaço humorístico que ficava por conta dos máscaras. Eles faziam brincadeiras com o touro e este, muitas vezes obrigava-os a divertidas correrias pela arena. Era uma atitude jamais vista pelos capinhas, pois correr do touro era uma questão de desonra.

A última tourada realizada em Cuiabá ocorreu em 1936, na Festa de São Benedito, por decisão do governador Mário Corrêa da Costa, atendendo a um grupo que não aceitava os maus tratos por que passavam os animais.

Além das touradas, as cavalhadas foram também outra manifestação cultural trazida pelos portugueses e muito vivenciada pelos cuiabanos. A cavalhada representa a luta entre mouros e cristãos. São doze cavaleiros mouros e doze cavaleiros cristãos. No final da longa batalha, vencem os cristãos que ainda conseguem converter os mouros ao cristianismo. A Cavalhada teve origem nos torneios medievais, dos quais tem, entre outras reminiscências, o uso de fitas como

prêmio, que são oferecidas pelo ganhador a uma mulher ou outra pessoa que se deseje homenagear. Em Portugal teve feição cívico-religiosa, envolvendo temas do período da Reconquista. É ainda um folguedo vivo em vários pontos do Brasil, como Alagoas, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Segundo os registros históricos, a primeira cavalcada em Cuiabá foi em 20/07/1769, conforme nos relata Joaquim da Costa Siqueira em **Crônicas do Cuiabá**. O objetivo dessa primeira cavalcada foi para comemorar a chegada, em Cuiabá, do capitão-general Luis Pinto de Souza Coutinho, em 1769. Foram três dias de festas em que a nobreza da terra se fez presente. Normalmente eram realizadas na Festa do Divino. Hoje, preterida em Cuiabá, a tradição migrou para a cidade de Poconé, distante 120 Km de Cuiabá.

Como podemos ver, as touradas e as cavalcadas marcaram por mais de um século e meio a vida cultural do povo cuiabano. Nelas encontramos as marcas trazidas por um povo – o povo português – que em Cuiabá teve uma difusão muito profícua.

1.7.5. Os cordões carnavalescos e os saraus em Cuiabá

As primeiras manifestações carnavalescas em Cuiabá surgiram em 1920, como carnaval de rua. Somente a partir de 1928 é que o carnaval cuiabano atingiu seu apogeu com os bailes nos clubes. A partir de 1934 surgiram os cordões populares, denominados de Cordões Carnavalescos. Eram dirigidos por operários, motoristas, domésticas e por seus amigos e parentes. Os principais cordões foram: Estrela do Oriente, Rojão da Mocidade, Bola de Ouro, Primavera, Herói Brasileiro, Sempre Vivinha, Coração da Mocidade e Marinheiros. Até o final da década de 1960 os cordões e blocos populares dominaram o cenário das ruas cuiabanas nos

períodos de carnaval. Cabe lembrarmos que os blocos, diferentemente dos cordões, eram formados por pessoas da elite cuiabana.

Os desfiles eram feitos no domingo, na segunda-feira e na terça-feira. Após as apresentações, os cordões se recolhiam por volta das 19h. A partir desse horário, os componentes dos cordões iam se preparar para o baile que era realizado na sede do grupo.

A partir de 1967, com a unificação da Previdência Social no país, foi criado o INPS. Com essa unificação, vários funcionários de diferentes pontos do país vieram para Cuiabá. Nesse grupo, se incluíram vários cariocas que foram os responsáveis pela criação de uma escola de samba denominada **Deixa Cair**. Segundo um dos fundadores *esta escola era formada na sua maioria de prostitutas financiadas pelos “coronéis cuiabanos”, que mandavam vir do Rio de Janeiro as mais lindas fantasias, para suas prediletas.* (CALIX, 1984:58) Assim, com a criação das escolas de samba e sua valorização, os cordões carnavalescos foram aos poucos se extinguindo.

Além dos cordões carnavalescos, os saraus, por muitos anos, fizeram parte de um costume cultivado pela população cuiabana. Eram organizados por algumas famílias que convidavam os amigos e vizinhos para ouvirem poesias e músicas ao piano. Esses programas regionais não só representaram um momento de ascendência dos talentos regionais, como também foram responsáveis pela divulgação de costumes e valores cotidianos de uma parcela da sociedade. Segundo o sociólogo espanhol Miguel Arroyo, morador de Cuiabá na década de 1960, *a cidade de Cuiabá parecia uma vila provinciana europeia com valores culturais profundamente comprometidos com o estilo erudito europeu, ilustrando tal comentário com os saraus noturnos, típicos desta região* (Fala do Prof. Dr. Miguel Arroyo, da UFMG, em 14/12/1996, no IE/UFMT).

1.7.6. Do teatro colonial aos dias atuais

O teatro em Cuiabá teve início em 1729 com as festividades da transladação da imagem do Senhor Bom Jesus, do sítio de Camapuã para Cuiabá, momento em que foram apresentadas duas comédias. Esse fato está registrado pelo historiador Carlos Francisco Moura no seu livro **O Teatro em Mato Grosso no Século XVIII**. Segundo Moura (1976:37),

no arraial pioneiro, elevado a vila apenas dois anos antes, já se documentavam representações teatrais, vinte e dois anos antes da instalação da Capitania. Enquanto isso, outras vilas e cidades brasileiras, na época com perto de dois séculos de existência, teriam de esperar ainda muito tempo para possuir vida teatral.

No período compreendido entre 1729 a 1796 foram apresentadas 80 peças em Cuiabá. Para Moura (1976:37),

apesar da pobreza e do isolamento, Cuiabá manteve em pleno sertão a tradição cultural urbana que data de sua fundação. O espírito do Século XVIII marcou a história da cidade. Foram os reinóis de origem citadina que trouxeram para Mato Grosso o teatro.

Em Cuiabá, no século XVIII, era comum a população assistir a representações de comédias, óperas e até tragédias. As apresentações eram feitas geralmente em praça pública. O elenco, na sua maioria, era formado por artistas portugueses. Participavam das peças, vindas diretamente de Lisboa, civis e militares, brancos e negros, ricos e pobres. No dia 24 de agosto de 1790 foi encenada uma pequena peça de teatro escrita por um brasileiro, o capitão Joaquim Lopes Poupino. Devemos ressaltar que, desde o século XVIII, as peças teatrais montadas e exibidas nos festejos mato-grossenses não foram aqui escritas, salvo

honrosas exceções. A interpretação, a arte cênica sempre foi mato-grossense, todavia, as peças eram importadas em sua maioria.

Cuiabá, cidade de acesso difícil nas primeiras décadas da sua história, possuía, não obstante, uma apreciável tradição teatral. O nível social dos atores e cantores improvisados compreendia desde negros alforriados e mulatos até estudantes, professores de primeiras letras, funcionários públicos, caixeiros de lojas, modestos negociantes e militares. Entre estes, os soldados reforçavam a música com tambores, clarins, trombetas. Já os oficiais, capitães, majores subiam ao palco para dançar em vestes femininas, pois as mulheres não participavam desta diversão considerada tipicamente masculina. Este é um exemplo procedente de Portugal, onde era prática comum, antes mesmo que Dona Maria I proibisse o acesso de atrizes ao palco.

Só para termos uma idéia de como o teatro era efervescente em Cuiabá, num período 32 dias (09 de agosto a 11 de setembro de 1790) os moradores de Cuiabá assistiram a 14 representações teatrais em comemoração ao aniversário do Ouvidor Diogo de Toledo Lara Ordonhes, apontado como o primeiro crítico teatral do Brasil. No tempo em que fora ouvidor, Cuiabá assistiu nada mais nada menos que uma tragédia de Voltaire.

Cuiabá foi o palco de uma série de apresentações teatrais durante o século XVIII. Vejamos alguns fatos que motivaram as apresentações de peças teatrais: em 1729, traslado da imagem do Senhor Bom Jesus; em 1761, casamento do rei Dom José; em 1763, nascimento do primeiro filho de Dom José I; em 1769, visita oficial a Cuiabá do capitão-general Luiz Pinto de Souza Coutinho; em 1772, passagem por Cuiabá do capitão-general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres; em 1777, homenagem a Santo Antônio de Lisboa em Vila Bela da Santíssima Trindade; em 1780, inauguração da matriz da Freguesia de Santana do Sacramento, atual Chapada dos Guimarães; em 1781, homenagem a Santo Antônio de Lisboa

em Vila Bela da Santíssima Trindade; em 1782, o aniversário da rainha em Vila Bela Santíssima Trindade; em 1785, Dia da Natividade de Nossa Senhora da Esperança, a Padroeira de Casalvasco; em 1790, a festiva comemoração do aniversário do Ouvidor Diogo de Toledo Lara Ordonhes em Cuiabá; em 1794, nascimento da Princesa da Beira; em 1796, festiva recepção em Cuiabá ao capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

No século XIX as apresentações teatrais seguiam seu curso normal. Em 1800, uma peça de teatro foi apresentada em decorrência da segunda visita oficial do capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro a Cuiabá. Em 1807 foram encenadas várias peças em regozijo à visita a Cuiabá do Capitão General João Carlos Augusto d'Oeynhausen e Gravenberg. Pela restauração de Portugal, em 1809, várias peças teatrais foram encenadas em Cuiabá.

Segundo Joaquim Ferreira Moutinho *os cuiabanos manifestavam grande gosto pela arte dramática* e fala-nos da montagem de uma companhia teatral mato-grossense pelo governador Dr. Delamare. Nesse ritmo, várias instituições teatrais foram formadas em Cuiabá. Em 1887 foi criada a Sociedade Dramática Amor e Arte.

A primeira apresentação profissional que se tem notícia em Cuiabá foi em 27 de agosto de 1885, pela Companhia Zarzuelas, encenando uma peça no Teatro São João. Em 1893, o senhor Joaquim Bartolino Proença fundou uma Escola de Arte Dramática.

No século XX, as atividades teatrais ficaram a cargo de iniciativas de instituições de ensino, como, por exemplo, o Colégio São Gonçalo. Os padres José Solari e Luís Montuschi foram os responsáveis por uma série de montagens e direções de espetáculos, cujos participantes principais eram os alunos das instituições de ensino.

Por volta de 1925, Zulmira Canavarros e Franklin Cassiano montaram várias peças teatrais em Cuiabá. Na década de 1940, vários intelectuais e professores como Alberto Addor, Gervásio Leite, Ana Pinheiro, Leonidas Mendes entre outros, organizaram espetáculos teatrais.

Nas décadas de 1970 e 1980, grupos teatrais conseguiram realizar mostras e circuitos teatrais, e dessa forma divulgar um teatro de fato com características mato-grossenses.

Hoje, temos o nascimento de uma nova geração. Na última década do século XX, a vanguarda do teatro em Cuiabá é representada por Amaury Tangará e por Glorinha Albuês, que conseguem levar em frente o teatro que um dia foi a mais importante das manifestações artísticas de todas as Capitâneas no século XVIII. Atualmente destacam-se alguns grupos de teatro: o Grupo Fúria, o Grupo Teatral Cena Onze, o Cia. Teatral Destinos da Terra entre outros. Enfim, o teatro ainda vive em Cuiabá e o cuiabano ainda vive o teatro.

O teatro figura como mais um lugar da profusão da cultura portuguesa em solo cuiabano. Como vimos acima, era uma série de textos produzidos em Portugal e difundidos entre os moradores de Cuiabá.

2. COLETA DE DADOS E A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Para a realização da pesquisa, a primeira barreira a superar foi a questão do *paradoxo do observador* conforme disse Labov (1972). O pesquisador precisa estar presente para obter uma boa quantidade de amostra de língua vernácula, mas como fazer com que o informante fale espontaneamente a um pesquisador que está investigando a sua língua? A missão do entrevistador é a de conseguir do informante o máximo de fala espontânea. Mas como fazer isso? Nesse sentido, o entrevistador deve trabalhar de modo que a interação seja a mais informal possível. O clima de conversa informal deve predominar sobre o clima da entrevista. Ainda segundo Labov (1972:209), *pode-se envolver o sujeito em questões e tópicos que recriem fortes emoções que ele tenha vivido no passado, ou envolvê-lo em outros contextos*. Desse modo, adotamos estratégia inicial de fazer um bate-papo sobre os mais diferentes assuntos, a fim criarmos um clima de informalidade entre entrevistador e entrevistado.

A cada informante selecionado, explicávamos a ele que estávamos na cidade para fazer uma pesquisa no intuito de conhecer um pouco dos usos e costumes do lugar. Para isso, estávamos entrevistando várias pessoas, a fim de obtermos o maior número possível de informações sobre os aspectos acima listados. Assim, as informações que cada informante prestasse, seriam de grande valia para o nosso objeto de estudo. E por fim dizíamos a ele que a conversa seria gravada, pois seria impossível anotarmos todas as informações prestadas por ele. As entrevistas foram conduzidas a partir de um questionário previamente elaborado, contendo 23 perguntas sobre os mais diferentes assuntos relacionados à região: comidas, festas, bebidas, costumes, danças, causos etc. E mesmo diante de todos esses preparativos, colocávamos o gravador numa posição tal que não ficasse tão visível ao

informante. E um dos acordos com cada informante é que não divulgaríamos seu nome, mas somente as iniciais do nome.

Para a composição da amostra, que constitui a base empírica dos dados a serem analisados nesta pesquisa, selecionamos 12 informantes. Como variáveis extralingüísticas delimitamos a faixa etária e o sexo. Selecionamos 6 informantes do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Quanto à variável faixa etária, selecionamos 2 homens e 2 mulheres com idade entre 21 e 40 anos, 2 homens e 2 mulheres com idade entre 41 e 60 anos e 2 homens e 2 mulheres acima de 60 anos. As exigências para esses dois critérios era de que o informante tivesse nascido em Cuiabá e filho de pais cuiabanos. Esse critério foi adotado com a finalidade de obtermos falas as mais próximas do vernáculo local. Algumas entrevistas foram gravadas num gravador de fita cassete Sony e outras, num gravador mini-disk Sony MZ-R70. Cada entrevista durou na média 40 minutos.

Quanto aos pontos de inquérito, entrevistamos pessoas de bairros mais antigos da cidade e que receberam um número menor de migrantes. Adotamos esse critério porque muitos foram os bairros criados nos últimos 30 anos em Cuiabá em decorrência do processo migratório. Os bairros mais antigos receberam um contingente menor de migrantes. Os informantes que compõem essa amostra foram selecionados nos bairros Lixeira, Coxipó, Porto, Praeiro, Guarita, São Gonçalo e Centro. Foram escolhidos aleatoriamente entre os membros da comunidade. Todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos informantes e foram conduzidas pelo próprio pesquisador.

Além dos informantes por nós entrevistados, outros *corpora* integram nossa pesquisa. Um deles é uma série de frases que extraímos de oito entrevistas feitas pelo Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida para a sua tese de doutorado denominada **Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana:**

traços língua antiga preservados no Brasil, pesquisa feita na região da grande Cuiabá e Nossa Senhora do Livramento.

Valemo-nos também de uma série de recortes de entrevistas feitas por Maria Francelina Ibrahim Drummond que estão no livro **Do falar cuiabano**. Dois outros trabalhos dos quais coletamos alguns exemplos são: **A força da fala no dizer cuiabano** de Moisés Mendes Martins Júnior e **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**, de Rachel do Valle Dettoni. Muitas anotações também foram feitas a partir de conversas informais que acompanhamos em bares, restaurantes, igrejas, clubes etc.

Outro material que compõe nosso *corpus* é uma entrevista que está no **O dialeto caipira na região de Piracicaba**, de Ada Natal Rodrigues e alguns exemplos extraídos do livro **Cafundó: A África no Brasil**, de Carlos Vogt e Peter Fry.

Sobre a questão da transcrição, buscamos preservar ao máximo as características da fala dos informantes, levando em conta os aspectos fono-morfossintáticos.

3. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA DO GÊNERO GRAMATICAL NO FALAR CUIABANO

*Assim como em todas cousas humanas
há contínua mudança e alteração,
assim é também nas linguagens.
Nunes de Leão*

3.1. Formação do Português Brasileiro

A colonização portuguesa, como é registrada pela história, teve início pelo litoral a partir de 1532, com a criação das capitanias hereditárias. Os colonizadores aportados no Brasil se depararam com diversas comunidades indígenas da família tupi e guarani que habitavam o litoral brasileiro entre a Bahia e o Rio de Janeiro. Para estabelecer uma comunicação com os nativos os portugueses foram aprendendo os idiomas indígenas. A língua que as naus lusitanas trouxeram era o português do século XVI, que passaria a ser o português comum ao Brasil e a Portugal, ressalvadas as mudanças de modos distintos lá e cá. A partir do tupinambá, falado pelos grupos mais abertos ao contato com os colonizadores, criou-se uma língua comum a índios e não-índios: a *língua geral*.

No início da colonização portuguesa no Brasil, a língua dos índios Tupiniquim e Tupinambá (tronco tupi) era falada em toda a costa brasileira. O litoral estava ocupado por povos falando a mesma língua, procedentes da mesma origem, tendo os mesmos costumes, mas divididos em dois grupos: Tupiniquim e Tupinambá. No século XVI essa língua passou a ser aprendida pelos portugueses, ainda minoria diante da população indígena. Aos poucos, o uso dessa língua intensificou-se e generalizou-se de tal forma que passou a ser falada por quase toda a população que integrava o sistema colonial brasileiro, sob a denominação de

Língua Brasileira. E aqui cabe uma observação feita por Noll (2004:14), para adiante entendermos melhor as variedades lingüísticas do Brasil:

as cidades do litoral, juntamente com o campo circunvizinho onde se montou a economia açucareira, formavam os núcleos da colonização e os pontos de partida para a interiorização posterior do Brasil. O português do Brasil nasceu lá.

Pelo fato de muitos colonos virem da Europa sem mulheres, acabavam tendo filhos com índias, de modo que a *Língua Brasileira* era a língua materna dos seus filhos. As missões jesuíticas incorporaram essa língua como instrumento de catequização indígena. Tanto que o padre José de Anchieta, em 1595, publicou uma gramática intitulada **Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil**.

A partir da segunda metade do século XVII, essa língua, já bastante modificada pelo uso corrente de índios e não-índios, passou a ser conhecida pelo nome de *língua geral*. Cabe lembrarmos que o termo *língua geral* deve ser empregado no plural, pois tivemos duas línguas gerais no Brasil Colônia, como afirma Aryon Dall'Igna Rodrigues (2002): a *paulista*, de base tupiniquim e/ou guarani, que terá sido a língua de intercomunicação entre colonizadores, colonos e índios nas *bandeiras* para os interiores do Brasil, a partir de São Paulo, no século XVII e a *amazônica*, de base tupinambá, que, a partir do Maranhão, começou a avançar na colonização da *babélica* Amazônia, adjetivo recorrente nos escritos do padre Antônio Vieira.

Assim, o que se podemos afirmar é que no Brasil, os dois primeiros séculos de colonização foram marcados por um bilingüismo instável, ou seja, a *língua geral* coexistindo com o português da elite administrativa e do clero, por um lado, e

com variedades pidginizadas da língua, faladas pelos aborígenes bilíngües e pelos descendentes dos colonizadores, por outro.

No século XVII, de acordo com Rodrigues (2002), a língua geral paulista, falada pelos exploradores dos sertões, os bandeirantes, penetrou em áreas jamais alcançadas pelos índios Tupi-guarani, influenciando a linguagem cotidiana dos brasileiros. Ela deixou fortes marcas no vocabulário popular brasileiro, como nomes de plantas, lugares, animais, alimentos etc.

Já a língua geral amazônica desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, a partir do Tupinambá, nos séculos XVII e XVIII. Até o século XIX ela foi veículo da catequese e da ação social e política portuguesa e luso-brasileira. Desde o final do século XIX, a língua geral amazônica passou a ser conhecida também pelo nome de *nheengatu* (língua boa). Apesar de muitas alterações lingüísticas, o *nheengatu* continua sendo falado nos dias de hoje, especialmente na bacia do rio Negro. De acordo com a Lei nº 145, de 11/12/2002, aprovada pela Câmara de Vereadores de São Gabriel da Cachoeira – AM, o *nheengatu* passou a ser uma língua co-oficial, juntamente com as línguas tukano e baniwa.

Do ponto de vista antropológico e sociológico, a formação do povo brasileiro não foi nada pacífica. Os olhares entre negros, índios e portugueses eram olhares divergentes, isto é, na consciência coletiva funcionava a multiplicidade e não a unidade. Neste sentido, vale ressaltar o que diz Capistrano de Abreu em **Capítulos de história colonial**. Para Abreu (1907),

o negro ladino e crioulo olhava com desprezo o parceiro boçal, alheio à língua dos senhores. O índio catequizado, reduzido e vestido, e o índio selvagem ainda livre e nu, mesmo quando pertencentes à mesma tribo, deviam sentir-se profundamente separados. O português vindo da terra, o reinol, julgava-se muito superior ao português nascido nestas paragens alongadas e bárbaras; o português nascido no Brasil, o mazombo, sentia e reconhecia sua inferioridade.

Diante dessa postura, o que presenciemos é a ação de forças centrífugas no organismo social à época.

Sobre a formação histórica da língua portuguesa no Brasil, vamos dividi-la em quatro períodos: a) início da colonização (1532) até a saída dos holandeses em 1654; b) saída dos holandeses em 1654 até 1808 com a chegada na família real no Rio de Janeiro; c) a chegada da família real em 1808 até 1826, ano em que se formula a questão da língua nacional; e d) de 1826 em diante.

O primeiro período começou com a colonização (1532) e se estendeu até a saída dos holandeses do Brasil, em 1654. É o período em que o português conviveu com as línguas indígenas e com a língua holandesa. É o período das duas grandes línguas gerais do Brasil: a *língua geral paulista* e a *língua geral amazônica*, conforme Rodrigues (2002). A *língua geral paulista* foi a língua de intercomunicação entre colonizadores, colonos e índios nas *bandeiras* para os interiores do Brasil, a partir de São Paulo, no século XVII. A *língua geral amazônica* foi a língua que a partir do Maranhão, avançou na direção da Amazônia. A língua portuguesa por sua vez era a *língua oficial* do Estado português, empregada em documentos oficiais e praticada por aqueles que estavam ligados à administração da colônia.

O segundo período foi marcado pela saída dos holandeses do Brasil e se dilatou até 1808, ano da chegada da família real portuguesa no Rio de Janeiro. Com a saída dos holandeses, a relação lingüística passou a ser entre a língua portuguesa, as línguas indígenas e as línguas africanas dos escravos. A população do Brasil, à época, predominantemente de índios, passou a receber um número crescente de portugueses bem como de negros vindos para o Brasil como escravos. A configuração do espaço lingüístico passou a ser outro pelo fato da inclusão das línguas africanas e do português. Com um maior número de portugueses, cresceu também o número de falantes da língua portuguesa. Cabe lembrarmos que os

portugueses que vieram para o Brasil não vieram da mesma região de Portugal. Dessa maneira, no mesmo espaço e tempo, passaram a conviver, no Brasil, pessoas com particularidades lingüísticas distintas em decorrência da origem.

Esse é o período em que através de uma ação direta do império português, a língua geral começou a receber restrições de uso nas escolas. Esta foi uma forma encontrada pelo Governo de Portugal, numa assim chamada política de línguas, para tornar o português a língua mais falada do Brasil. O processo desencadeador dessa ação foi o estabelecimento do Diretório dos Índios em 1757, por iniciativa do Marquês de Pombal, que proibia o uso da língua geral na colônia. Essa ação, corroborada pelo aumento da população portuguesa no Brasil, gerara um efeito específico que ajudou no declínio definitivo da língua geral no país. Quando Pombal decretou a obrigatoriedade do uso do português no Brasil, os falantes brasileiros já haviam incorporado diversas palavras de origem indígena e africana em seu vocabulário. Assim, o português já sendo a língua oficial do Estado, passou a ser a língua mais falada no Brasil.

O terceiro momento do português no Brasil começou com chegada da família real no Rio de Janeiro, em 1808, e se estendeu até 1826, ano em que se formulara a questão da língua nacional do Brasil no parlamento brasileiro. A chegada da família real contribuiu para o aumento, em curto espaço de tempo, da população portuguesa no Brasil. Logo em seguida à chegada da família real, chegaram ao Rio de Janeiro em torno de 15 mil portugueses. Com D. João VI instalado no Rio de Janeiro, o ato político relevante foi a transformação dessa cidade em capital do Império. Duas ações foram tomadas logo de início por Dom João VI: a criação da imprensa no Brasil e a fundação da Biblioteca Nacional. Isso fez com que ocorressem mudanças no quadro da vida cultural brasileira, e que a língua ganhasse um instrumento de circulação.

O quarto período começou em 1826, ano em que o deputado José Clemente propôs que os diplomas dos médicos no Brasil fossem redigidos em *linguagem brasileira*. Em 1827 várias discussões foram travadas sobre o fato de que os professores deveriam ensinar a ler e a escrever, utilizando a gramática da língua nacional. A questão que se instalou a partir dessa discussão, diz respeito ao fato de que, sendo a língua portuguesa no Brasil a língua oficial do Estado, estava sendo posta agora como uma forma de transformá-la de língua do colonizador em língua da nação brasileira. Na sucessão dos fatos, a literatura brasileira ganhou repercussão em Portugal a partir dos textos de José de Alencar. Travou debates importantes com escritores portugueses que não aceitavam seu modo de escrever. Um fato marcante para o romancista brasileiro foi um debate particular que travou com Pinheiro Chagas sobre aspectos de língua a propósito do livro **Iracema**, lançado em 1865.

Foi nesse período também que os brasileiros tiveram legitimadas suas gramáticas para o ensino de português bem como seus dicionários. Foi a época em que ocorreu no Brasil o processo de gramatização da língua portuguesa. Com tantas mudanças, de forma célere, nos anos de 1880 teve início o processo de gramatização brasileira do português. Este processo foi marcado pela relação que o Brasil estabelecera com idéias filosóficas e científicas com países europeus, sem a interferência de Portugal, e pela instituição escolar brasileira a partir da fundação do Colégio Pedro II. E o fato decisivo no processo de gramatização no Brasil foi o Programa de Português para os exames preparatórios, organizado por Fausto Barreto. Este programa foi o desencadeador do surgimento de várias gramáticas com o intuito de atender ao que os exames preparatórios exigiam. O programa de Fausto Barreto abriu lugar para o aparecimento de novas gramáticas, dando com isso o prosseguimento no processo de gramatização brasileira.

Em 1881, Júlio Ribeiro publicou a sua gramática denominada *Grammatica Portugueza*. Ela foi a marca do *rompimento dos velhos moldes e o estabelecimento de um conflito entre a escola nova e a nova corrente*. (GUIMARÃES, 1998:01). Aqui percebemos a marca *da passagem de uma gramática portuguesa para uma gramática brasileira*. (GUIMARÃES, 1998:02). E por novo entendemos o próprio espaço onde os fatos ocorriam, isto é, o que estava de fato acontecendo no Brasil. Neste sentido, cabe destacarmos que a história da gramática no Brasil registrou o nome de Júlio Ribeiro como o iniciador de uma gramática brasileira. A maioria dos autores de gramática, entre os anos 1881 e 1907, se apresentavam caracterizados pelo rompimento com a tradição portuguesa. E uma prova disso é que as gramáticas portuguesas, segundo Júlio Ribeiro, eram mais dissertações de metafísicas do que uma exposição do uso da língua. Ser autor de gramática no final do século XIX era assumir de fato uma posição de um saber lingüístico.

O processo de gramatização brasileira do português constituiu um saber sobre a língua com suas singularidades, processando assim a *historicização* da língua em nosso território. Neste sentido, podemos falar que o português do Brasil é diferente do português de Portugal porque se historicizou de maneira diferente. É uma língua que foi constituída à sua maneira com a nova realidade, ou seja, a língua aqui “chegada” foi recepcionada por várias línguas indígenas, e depois estreitou laços com outras como, por exemplo, as línguas africanas. Neste sentido é que Macedo Soares afirmou que devemos escrever como se fala aqui e não como se escreve em Portugal.

E só para se ter uma idéia desse processo e das gramáticas que foram surgindo, citaremos aqui alguns dos nomes que foram destaque no início do processo de gramatização: 1881 – Júlio Ribeiro – *Grammatica Portugueza* - (mostra a passagem da gramática de Portugal para o Brasil); 1887 – Maximino Maciel – *Grammatica Analytica*; 1887 – Pacheco Silva e Lameira de Andrade – *Grammatica*

da Lingua Portuguesa (para uso dos ginásios, liceus e escolas normais), no Rio de Janeiro; 1907 – Eduardo Carlos Pereira – *Grammatica Expositiva* etc.

Outro fato que marcou o século XIX foi a imigração. Isso fez com que se desse o início de novas relações entre o português e as línguas dos imigrantes. Nesse período, o Brasil recebeu alemães, italianos, japoneses, coreanos, holandeses, ingleses, pomeranos etc. Só para se ter idéia do grande fluxo imigratório, vejamos alguns números: os italianos vieram a partir da década de 1870 e formaram um contingente de 1.513.151 de imigrantes. No mesmo período chegaram ao Brasil 1.462.111 portugueses, 598.802 espanhóis, 123.724 russos, 94.453 austríacos, 79.509 sírio-libaneses, 50.010 poloneses e 349.354 de diversas nacionalidades, conforme (KREUTZ, 2000:350). Cabe lembrarmos que a maioria dos emigrantes portugueses era oriunda do Minho, Douro e das Beiras.

Para Carolina Michaëlis de Vasconcelos, há diferenças entre todas as línguas literárias de ultramar e as européias. Para ela em todas essas línguas subsistem nelas termos arcaicos e dialetais que desapareceram na Europa. Ainda segundo seus estudos, *em autores do século XVII diz-se amiúde que os portugueses da Índia e do Brasil têm muitos termos de línguas bárbaras e muitos vocábulos do português antigo*. (VASCONCELOS, s/d:218)

A partir desse momento o quadro lingüístico no Brasil passa a ter duas configurações bem marcadas: de um lado as línguas indígenas e as línguas africanas dos descendentes de escravos, e de outro, as línguas dos imigrantes. Desse modo, para falar sobre língua portuguesa, faz-se necessário que levemos em conta não um monolingüismo, mas, sim um multilingüismo.

O percurso feito acima dá-nos uma idéia dos elementos constitutivos da formação da língua portuguesa no Brasil. Agora cabe apresentarmos também alguns aspectos que concorreram para a formação do caráter lingüístico brasileiro. Para isso, faremos três perguntas: os traços lingüísticos encontrados no português

do Brasil seriam devidos mais à conservação do português do primeiro século de colonização? Os traços lingüísticos encontrados no português do Brasil são o resultado de uma língua de contato? Os traços lingüísticos encontrados no português do Brasil seriam devidos à deriva da língua?

Quanto à primeira pergunta, podemos afirmar que os traços lingüísticos encontrados no português do Brasil seriam devidos mais à conservação do português do primeiro século de colonização do que às inovações aqui introduzidas. A justificativa para tal afirmação baseia-se no fato de que, enquanto o português de Portugal sofria processos de mudança, o português do Brasil, pelo isolamento das populações transplantadas, teria mantido aqui as características de antes da mudança. Segundo Araújo (2000),

o português que se fala no Brasil é um descendente direto do português popular dos séculos XVI e XVII, estando suas origens arraigadas no português medieval, ou, mais exatamente, no português medieval da segunda fase.

A respeito da segunda pergunta, o que podemos afirmar é que muito já se discutiu quanto à possibilidade de o português ter sido uma língua crioula. Para muitos lingüistas não restam dúvidas de ter havido línguas crioulas no Brasil. Acontece que se existiram, elas, isoladamente, não seriam responsáveis pelo processo histórico de formação do português do Brasil atual. Evidentemente que não se devemos descartar a importância que o contato com outras línguas possa ter trazido para a formação da língua portuguesa. Com certeza, muitas alterações foram introduzidas na língua a partir do contato lingüístico com outras línguas, sem que tenhamos que pensar na formação de uma língua crioula no Brasil.

Quanto à terceira pergunta, o que podemos afirmar é que o que ocorreu no português do Brasil foi apenas um lento e gradual processo de mudança lingüística

que afeta qualquer língua. Assim, as características do português do Brasil seriam o resultado do jogo interno da própria estrutura da língua.

O que podemos afirmar também é que a língua portuguesa no Brasil passou por uma série de variedades. Seguindo a classificação dada por Noll (2004), podemos dizer que houve um português europeu escrito e impresso bem como as variedades dos colonos oriundos das diferentes regiões de Portugal. Uma variedade também presente na língua portuguesa foi o português dos índios integrados em contato permanente com os portugueses. Outras variedades que se seguiram foram: o português dos mamelucos nascidos da união de brancos e índios, o português dos negros boçais chegados da África, o português dos negros crioulos e mulatos nascidos no Brasil, o português falado no complexo da casa-grande e da senzala e o português das populações citadinas. E acrescentando ao que disse Noll (2004), podemos dizer que houve também no Brasil um português das populações rurais.

Diante do exposto, a hipótese mais plausível é que, em diferentes momentos, nos diversos pontos do país, tenhamos tido a atuação de cada uma dessas forças, marcando tanto as diferenças do português do Brasil em relação ao de Portugal, como as diferenças encontradas nos dialetos brasileiros.

3.2. Conceituando o gênero

Para o início de nossa discussão, apresentaremos algumas posturas teóricas acerca do gênero gramatical abordadas por alguns teóricos. Mas antes vejamos a temática gênero abordada na crônica *Sexa*, de Luis Fernando Veríssimo (1985).

A SEXA

- *Pai...*

- *Hummm?*

- *Como é o feminino de sexo?*
 - *O quê?*
 - *O feminino de sexo.*
 - *Não tem.*
 - *Sexo não tem feminino?*
 - *Não.*
 - *Só tem sexo masculino?*
 - *É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e Feminino.*
 - *E como é o feminino de sexo?*
 - *Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.*
 - *Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.*
 - *O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina...*
 - *O sexo masculino, o sexo feminino.*
 - *Não devia ser "a sexa"?*
 - *Não.*
 - *Por que não?*
 - *Porque não! Desculpe. Porque não. "Sexo" é sempre masculino.*
 - *O sexo da mulher é masculino?*
 - *É. Não! O sexo da mulher é feminino.*
 - *E como é o feminino?*
 - *Sexo mesmo. Igual ao do homem.*
 - *O sexo da mulher é igual ao do homem?*
 - *É. Quer dizer... Olha aqui. Tem sexo masculino e sexo feminino, certo?*
 - *Certo.*
 - *São duas coisas diferentes.*
 - *Então como é o feminino de sexo?*
 - *É igual ao masculino.*
 - *Mas não são diferentes?*
 - *Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.*
 - *Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.*
 - *A palavra é masculina.*
 - *Não. "A palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o palavra"*
 - *Chega! Vai brincar, vai.*
- O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:*
- *Temos que ficar de olho nesse guri...*
 - *Por quê?*
 - *Ele só pensa em gramática.*

Pelo que pudemos perceber na crônica, a questão do gênero não é tão simples quanto parece. Ao ouvirmos a pergunta do menino sobre o feminino de sexo, vimos que ficou de lado a pergunta sobre a que gênero pertence a palavra sexo. Normal e corriqueiramente ouvimos a clássica pergunta: qual é o feminino de... ? Ao consultarmos os dicionários o que encontramos são nomes que são privativamente masculinos, e outros, que semanticamente a eles estão relacionados, que são privativamente femininos. Essa idéia está expressa na resposta do pai ao menino ao dizer *sexo é sempre masculino, (...) a palavra "sexo" é masculina...* Sobre a questão sexo, o que existe de fato é uma classificação dos seres em macho e fêmea para designar o sexo. Quando se trata de nomes abstratos, a única possibilidade é dizer se o nome é privativamente masculino ou feminino.

Comecemos nosso percurso sobre a questão do gênero pelo gramático espanhol Nebrija. De acordo com Nebrija, o gênero de um nome é aquilo que distingue o macho da fêmea. Para ele, os gêneros são classificados em *masculino, feminino, neutro, comum de dois, comum de três, duvidoso e mesclado*. (NEBRIJA, 1492:176). Em seguida, explica cada um deles. O masculino é o nome ao qual se junta o artigo *el*, como, por exemplo, *el ombre, el libro*. O feminino é o nome ao qual se junta o artigo *la*, como *la muger, la carta*. Quanto ao neutro é o nome ao qual se junta o artigo *lo*, como *lo justo, lo bueno*. O comum de dois é o nome ao qual se juntam os artigos *el* e *la*, como em *el infante, la infante, el testigo, la testigo*, ao passo que o comum de três é o nome ao qual se juntam os artigos *el, la, lo* como em *el fuerte, la fuerte, lo fuerte*. Quanto ao gênero que ele chama de duvidoso, pode-se juntar tanto os artigos *el* ou *la*, como em *el color, la color, el fin, la fin*. E por último ele chama de mesclado aquele substantivo que antecedido dos artigos *el* ou *la*, significa os animais machos ou fêmeas, como em *el ratón, la comadreja, el milano, la paloma*.

Ainda sobre as idéias de Nebrija quanto ao gênero, cabe destacarmos a observação que ele faz quanto ao gênero. Diante das idéias apresentadas acima, o que ficou patente é que *el* se emprega para nomes masculinos e *la* para nomes femininos. Mas por questões de eufonia, ele alerta-nos para o seguinte emprego:

(...) cuando algún nombre feminino comienza en a, por que no se encuentre una a con otra, e se haga fealdad en la pronunciación, en lugar de la ponemos el, como el agua, el águila, el alma, el açada; si comienza en alguna de las otras vocales, por que no se haze tanta fealdad, indiferente mente ponemos el o la, como el enemiga, la enemiga, pero en el plural siempre les damos el artículo de las hembras, como las aguas, las enemigas. (NEBRIJA, 1492:176).

Fernão de Oliveira em sua **Gramática da linguagem portuguesa** (1536) tece algumas considerações acerca do gênero gramatical. Para Oliveira (1536:143),

as declinações dos generos são muitas e menos para comprender, porque, posto que os nomes acabados em hũa letra qualquer sejam mais d'hum genero que doutro, não por isso se poder dar regra universal, como nestas duas letras a e o, das quaes hũa é mais masculina e outra feminina.

E para mostrar que a regra não é universal faz outras considerações acerca do gênero.

Lembra-nos que palavras terminadas em **e** podem ser masculinas ou femininas bem como as terminadas em **i** e **u**. Quanto às terminações em **or** a maioria é do gênero masculino (*ardor, fervor*), embora tenhamos muitas do gênero feminino (*flor, cor* e *dor*). E sobre a complexidade dos gêneros, faz a seguinte conclusão:

porque era longo compreender tanta variedade de terminações, ajudou-nos a natureza e uso da nossa lingua com os artigos, os quaes

sempre ou as mais vezes acompanham os nomes cuja companhia declara os generos desses nomes. (OLIVEIRA, 1536:145)

Jeronymo Soares Barboza expõe-nos a sua concepção sobre a questão do gênero. Ele concebe o gênero como classe, isto é, um *arranjo* de muitos indivíduos ou coisas que têm alguma coisa em comum. E justifica a sua posição dizendo: *e como todos os animaes naturalmente se distinguem em duas Classes, ou Generos segundo os dous sexos de macho e de fêmea: os Grammaticos puzerão os nomes dos primeiros na Classe, ou Genero Masculino, e os do segundo no Feminino.* (BARBOZA, 1830:123). Para ele essas são classes naturais nas quais entram somente os animais. E os demais seres *que não têm sexo algum*, fazem parte do gênero neutro.

Continuando seu raciocínio sobre a questão do gênero (masculino ou feminino), diz-nos que todos os nomes substantivos que significam macho são do gênero masculino. Os que significam macho são os apelativos e nomes de homens (Rei, André), de brutos (bucéfalo, cavalo), de profissão e ministérios próprios do homem (profeta, patriarca, magistrado) ou ainda aqueles que sendo femininos quando significam coisas ou ações, passam a designar vários ofícios próprios do homem (o cabeça, o guarda, o guia, o língua, o trombeta). Ainda perquirindo esse raciocínio, fala-nos que na linguagem representativa da pintura e da poesia costumam representar em figura de homens os deuses, os anjos, os ventos, os montes, os mares, os rios e os meses. Desse modo, *isto bastou para se porem também na classe dos masculinos, como Júpiter, Lúcifer, Norte, Olimpo, Oceano, Tejo, Janeiro, e outros semelhantes.* (BARBOZA, 1830:126)

Quanto aos nomes do gênero feminino, são todos os nomes substantivos que significam *fêmea*, como Matilde, Inês. E os que significam fêmea são os apelativos de ofícios ou coisas que lhes pertencem (rainha, mãe, costureira), de brutos (égua, vaca, raposa), ou de coisas personificadas e representadas em figura de mulher,

como as deusas (Vênus, Palas). Enquadram-se aqui também as partes principais da Terra (Europa, Ásia), as ciências e artes (Teologia, Pintura, Poesia, História) e as virtudes e paixões (justiça, prudência, fama, inveja). E por fim faz uma observação de que *não há nome algum substantivo de gênero incerto, isto é, de que se possa usar arbitrariamente, ou com o gênero masculino, ou com o feminino. Todos são ou masculinos, ou femininos.* (BARBOZA, 1830:128)

Para Eduardo Carlos Pereira o gênero é para indicar o sexo real dos seres vivos ou o sexo suposto dos seres inanimados. Assim ele define gênero: *gênero gramatical é a propriedade que tem o substantivo de indicar pela sua forma o sexo real dos seres vivos, ou o sexo **suposto** dos seres inanimados.* (PEREIRA, 1926:83)

Para os seres inanimados o gênero que permaneceu por um bom tempo foi o gênero neutro. Com o desaparecimento do neutro, por analogia estendeu-se a noção do gênero gramatical aos substantivos que designam coisas inanimadas. Assim, em nota, Pereira (1926:83) esclarece que

no uso vivo da língua os substantivos que indicam os entes inanimados são considerados ou supostos o gênero masculino ou feminino, por certas analogias na forma ou em razão da etimologia. O gênero gramatical, portanto, nem sempre corresponde ao sexo natural.

Said Ali (1861-1953) dedicou um capítulo interessantíssimo em sua **Gramática Histórica da Língua Portuguesa** acerca da atribuição de gêneros pelos finais das palavras. Fez uma extensa lista de todas as possibilidades de um nome ser enquadrado como masculino ou feminino bem como as exceções que ocorrem nessa classificação. Além disso, apresenta-nos também uma relação de nomes que oscilaram entre masculino e feminino no período pré-camônio bem como no período seiscentista. Alguns exemplos merecem nosso registro aqui. *Ou que planeta é aquela.* (Gil Vicente); *Appareceo no ceo da parte do oriente hua*

cometa (Castanheda, 1,98); *Ajuntou de todos os tribus que poude* (Vieira, Sermão 8,265); *Um famoso catastrophe*. (Sermão 7,200); *Aquele catastrophe* (Vieira, Sermão 9,415); *Nun Alvarez recebeu bem ho trombeta* (Fernão Lopes, 257) etc.

Evanildo Bechara, por sua vez, ao discutir a questão gênero, levanta a seguinte questão: gênero é um processo de *flexão* ou de *derivação*? Alguns substantivos aparentemente se mostram marcados pela flexão como, por exemplo, *menino/menina, gato/gata*. Acontece que ser de um gênero ou de outro depende da classe léxica dos substantivos. Neste sentido, Herculano de Carvalho, citado por Bechara, diz que

não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – homem/mulher, pai/mãe, boi/vaca, e ainda filho/filha, lobo/lobo (das quais estas não são formas de uma flexão, mas palavras diferentes tanto como aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo “gênero”, em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opostos –, “este homem velho”/ “esta mulher velha”, “o filho mais novo” / “a filha mais velha” –, formas que de fato constituem uma flexão. (CARVALHO, in: BECHARA, 1999:132)

Ainda, em sua opinião, a distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais. A pergunta que fazemos é: o que justifica serem, em português, masculinos *pires, tinteiro, papel* e femininos *xícara, caneta e folha*? A inconsistência do gênero é patente, quando começamos comparar o gênero em duas ou mais línguas, ou até mesmo quando numa mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Esta questão é tão complexa que basta citarmos como exemplo a palavra *sol*. Para nós brasileiros é uma palavra masculina, ao passo que para os alemães é feminina. O mesmo acontece com a

palavra *lua*. Em português é uma palavra feminina e em alemão é masculina. Enquanto as palavras *sal* e *leite* são masculinas em português, em espanhol são femininas; e as palavras *ordem* e *origem*, enquanto masculinas em espanhol, são femininas em português. E assim poderíamos declinar uma extensíssima lista.

Seguindo ainda esse raciocínio, Bechara (1999:133) diz-nos que

mesmo nos seres animados, as formas de masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados epicenos (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: a cobra, a lebre, a formiga ou o tatu, o colibri, o jacaré, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados comuns de dois, distinguidos pela concordância: o/a estudante, este/esta consorte, reconhecido/reconhecida mártir, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados sobrecomuns, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: o algoz, o carrasco, o cônjuge.

Os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios são masculinos por subentendermos essas denominações: o (rio) Guaporé, o (oceano) Atlântico, o (vento) bóreas, o (lago) Titicaca, o (mês) de maio, o (navio) Penha. Aqui cabe uma observação sobre a denominação de navios: dependendo do termo subentendido, podem ser masculina ou feminina como o (transatlântico) *Bandeira*, a (corveta) *Uruguai* etc. Ainda dentro do campo das observações ou das particularidades, lembremos aqui os gêneros das seguintes palavras: o (vinho) *champanha*, o (vinho) *madeira*, o (charuto) *havana*, o (café) *moca*, o (gato) *angorá*, o (cão) *terra-nova*.

Quando temos os sintagmas *o menino bonito* / *a menina bonita* temos que tecer dois comentários: um sobre o gênero do substantivo e outro sobre o gênero do adjetivo. Enquanto em *o menino* e *a menina* temos o artigo e a desinência como marcadores de gênero, em *bonito* e *bonita* temos apenas a desinência como

marcadora de concordância entre o determinado e o determinante, portanto não há alteração na referência. Em *o menino* e *a menina*, o adjetivo *bonito / bonita* não caracteriza *menino* como da classe dos machos nem *menina* como da classe das fêmeas.

Para Bechara, todo substantivo está dotado de gênero, ou seja, o gênero é inerente ao nome. E ao fazer essa afirmação, percebemos que não fala em flexão, mas *grupos de palavra masculinas* e *grupos de palavras femininas*. Para ele a flexão está nos determinantes (artigos, pronomes, adjetivos) e não no nome. Dessa maneira, assume a postura de que não existe flexão de gênero para os nomes da língua portuguesa.

Segundo o seu posicionamento, a analogia material da flexão de gênero dos adjetivos é que levou os gramáticos a porem no mesmo patamar, por exemplo, os adjetivos *estudioso / estudiosa*, *bonito / bonita*, *baixo / baixa* e os substantivos *menino / menina*, *pato / pata*, *marreco / marreca* etc. Aqui surge a postura de que esses pares de substantivos são, na verdade, palavras diferentes marcadas pela derivação, como podemos ver em outros sufixos nominais, tais como: *embaixador / embaixatriz*, *ator / atriz*, *japonês / japonesa* etc. Desse modo, fica evidenciado que um dos processos para a manifestação do gênero do substantivo é por meio do sufixo nominal. Em síntese, para Bechara os substantivos são palavras dotadas de gênero, e que a flexão está presente nos determinantes e não nos substantivos.

Sobre a questão do gênero, Gleason (1961) destaca dois aspectos: o gênero é um conjunto de subclasses sintáticas dos substantivos tendo como fim a concordância, e que o gênero é muito variável nas línguas. Há línguas com dois gêneros, com três e até com mais de dez. Nas línguas que têm dois gêneros como o francês, o português, o espanhol, os substantivos têm que ser enquadrados ou no masculino ou no feminino. Na sua opinião, *o gênero é, em larga medida, uma classificação lingüística dos nomes em grupos arbitrários, com objetivos sintáticos.*

(GLEASON, 1961:240) Outra questão sobre o gênero é que nem sempre sua classificação é binária: masculino/feminino. Podemos ter nomes classificados em animado/inanimado, humano/não-humano, de acordo com a forma e tamanho etc. Tudo isso porque a arbitrariedade na classificação do gênero varia de língua para língua. Gleason ao afirmar que o gênero é um traço inerente aos substantivos, mostra-nos que cada nome tem um gênero. Para Gleason (1961:242), *os nomes não têm flexão de gênero, mas cada nome tem um gênero característico.*

Elson e Pickett (1973), ao se referirem à questão do gênero, iniciam a discussão a partir da palavra *casa*. A palavra *casa* pertence ao gênero feminino, que por sua vez pede o artigo *a* para que a concordância ocorra como, por exemplo, em *a casa*. Se à palavra *casa* pospusermos um adjetivo, este deverá concordar com a palavra *casa* que é feminina: *a casa branca*. O mesmo ocorreria, por exemplo, com a palavra *forro*. Para que ocorra a concordância canônica, é mister que ela assim se realize: *o forro branco*. Esses exemplos mostram que *o artigo que precede o substantivo, o adjetivo que o segue, e o pronome que o substitui concordam com o substantivo.* (ELSON & PICKETT, 1973:35)

Para Alina Vilalva em **Gramática da língua portuguesa** (2004), gramática coordenada por Mira Mateus et alii, o gênero é uma categoria morfossintática dotada de dois valores: masculino e feminino. Para ela, *quando associado a um nome animado, o masculino refere **geralmente** (grifo nosso) uma entidade de sexo masculino, e o feminino refere uma entidade de sexo feminino.* (VILALVA, 2004:929) Quando ela diz *geralmente* é porque há exceções, pois algumas formas masculinas muitas vezes se referem a entidades do sexo feminino, como é o caso de **mulherão**. Dessa generalização que faz, ela exclui os chamados nomes epicenos e os sobrecomuns, *pois estes dispõem de um único valor de gênero qualquer que seja o sexo da entidade que referem.* (VILALVA, 2004:929) Quanto aos nomes classificados como *comuns-de-dois* que dispõem de uma forma morfológica

ambígua, esta só será resolvida pelo contexto sintático, como em *o estudante / a estudante, o jornalista / a jornalista, o colega / a colega* etc.

Perquirindo ainda o raciocínio desenvolvido por Vilalva, cabe transcrevermos aqui o posicionamento que ela tem sobre o gênero, quando discute se ele está numa categoria flexional ou derivacional. Assim ela se manifesta:

a não-obrigatoriedade de existência de contraste de gênero e o fato de a sua realização estar a cargo quer de processos estritamente lexicais, pelo contraste de índices temáticos (aluno/aluna; professor/professora) ou pelo contraste de diferentes palavras (homem/mulher; carneiro/ovelha), quer de diversos processos morfológicos, como a derivação (barão/baronesa; judeu/judia; europeu/européia; conde/condessa; lavrador / lavradeira; imperador / imperatriz; espertalhão / espertalhona) e a composição (águia-macho/ águia-fêmea), são propriedades que distinguem claramente o gênero das restantes categorias morfossintáticas disponíveis no português, e que justificam a sua análise como uma categoria não flexional, contrariamente ao que a tradição gramatical portuguesa tem consagrado. Os tradicionalmente chamados ‘morfemas de gênero’ dos adjetivos e nomes do português não têm qualquer relação com o gênero (nem com a flexão), mas sim com a classe temática a que cada palavra pertence. (VILALVA, 2004:930-31)

Sobre a questão flexional ou derivacional do gênero, Vilalva (1994:200) defende a idéia de que o gênero não é uma categoria flexional, posição teórica discutida também por Joseph Hüber **Gramática do português antigo** (1933, 1986:167-168, 272). Para ele, o feminino tem sua formação a partir de um processo derivacional. E corroborando esta idéia, Herculano de Carvalho (1983) diz que os nomes não se flexionam em gênero.

Mattoso Câmara, no livro **Princípios de lingüística geral**, inicia uma breve discussão acerca do gênero partindo da afirmação de que em muitas línguas do mundo como o árabe, o hebraico, o português e as demais línguas românicas, há

uma divisão em masculino e feminino. Assim, todos os nomes se enquadram ou num gênero ou noutro. Segue sua discussão mostrando que os nomes dos animais bem como os nomes de coisas inanimadas são distribuídos nas duas classes. No tocante à inconsistência entre gênero gramatical e gênero natural, ou entre gênero e sexo, Mattoso (1974:130-131) mostra que ela pode ser desfeita ao dizer que a *linguagem mais adequada seria dizer que só tem um gênero, indicando o sexo, indiretamente, quando necessário (e não sistematicamente como um fato da “língua”), pelas palavras macho e fêmea, opostas.*

Para Luiz Carlos de Assis Rocha, não se pode dizer que o substantivo se caracteriza por receber flexão de gênero. Contesta também a postura dos gramáticos que afirmam que o substantivo se flexiona em gênero. Assim, para Rocha (1998:196), *dado um substantivo como, inércia, parafuso, idealização ou Brasil, não é possível prever qualquer modificação, ou seja, qualquer flexão nesses substantivos com relação ao gênero.* É uma ocorrência verificada em quase todos os substantivos. Para ele a questão do gênero deve ser considerada sob a ótica de três princípios: a) todo substantivo pertence ou ao gênero masculino ou ao gênero feminino; b) o gênero do substantivo é uma categoria sintática que é explicitado através de um determinante flexionado e; c) alguns poucos substantivos recebem uma marca morfológica de gênero.

Para Rocha, a maioria dos substantivos refere-se a seres não-sexuados. Para Rocha (1998:196) (...) *95,5% dos substantivos referem-se a seres não-sexuados e 4,5% a seres sexuados.* Cabe salientar que neste último percentual nem todos recebem uma marca morfológica de gênero, como *criança, jacaré, homem, cônjuge* (...) E ainda de acordo com sua opinião, a quase totalidade dos substantivos pertence a um gênero único. Não é possível estabelecer, de forma consistente, uma relação geral entre o gênero gramatical e o sexo dos seres por eles designados. O gênero gramatical não tem qualquer relação com o conteúdo semântico do item

lexical. Diante do exposto, o que podemos dizer é que todo substantivo ou pertence ao gênero masculino ou ao gênero feminino. É um grupo reduzido de substantivos que recebem uma marca morfológica de gênero.

Apresentamos a seguir um quadro-resumo sobre a situação da realização do gênero no nome.

Classificação quanto à flexão do gênero	Gênero com função semântica?	Flexionando em gênero?	Tem gênero implícito?	Flexão dos determinantes	Exemplos
Biformes	Sim	Sim	Não	Concordam com a flexão do substantivo.	menino / menina gato / gata ministro / ministra
Heterônimos	Sim	Não	Sim	Concordam com o gênero implícito .	homem / mulher touro / vaca cachorro / cadela
Comuns de dois	Sim	Não	Não	Concordam com o contexto .	o estudante a estudante o motorista a motorista
Sobrecomuns	Não	Não	Sim.	Concordam com o gênero implícito .	a criança a testemunha o cônjuge
Epícenos	Não	Não	Sim	Concordam com o gênero implícito .	o jacaré macho/ o jacaré fêmea a mosca macho / a mosca fêmea
“Neutros”	Não	Não	Sim	Concordam com o gênero implícito .	a faca o garfo o prato a colher

3.3. O gênero no português: presença *versus* ausência do morfe [-a]

Sobre o gênero no português brasileiro, vejamos o posicionamento teórico dos gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra e do linguista brasileiro Mattoso

Câmara. Celso Cunha e Lindley Cintra iniciam a discussão sobre o gênero afirmando que há dois gêneros em português: *o masculino e o feminino*. Em seguida, diferentemente dos demais gramáticos, dizem que *o masculino é o termo não marcado e o feminino o termo marcado*. (CUNHA & CINTRA, 2001:188) E prosseguem a discussão acerca do gênero afirmando que *pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo o e que pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo a*. (CUNHA & CINTRA, 2001:188-189) A partir dessa definição, nomes como *aluno, povo, morfema, jabuti e casa, seriema, mala* pertencem, respectivamente, ao gênero masculino e feminino.

Afirmam que o gênero de um substantivo não se conhece nem pela sua significação nem pela sua terminação. Desse modo, o que fica patente é que se não podemos garantir o reconhecimento de um substantivo ou pela sua significação ou pela sua terminação, o critério de anteposição do artigo parece um critério plausível para podermos identificar se um dado nome é do gênero masculino ou feminino.

Outro ponto levantado por eles é sobre como conhecer um gênero do substantivo. Neste sentido, afirmam que *o gênero de um substantivo não se reconhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação*. (CUNHA & CINTRA, 2001:189) Pelo *critério da significação* são geralmente masculinos os nomes de homens ou de funções por ele exercidas, nomes de animais do sexo masculino, nome de lagos, montes, oceanos, rios e ventos bem como nos nomes dos meses e dos pontos cardeais. São geralmente femininos os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas, os nomes de animais do sexo feminino, os nomes de cidades e ilhas. Quanto ao *critério da terminação*, são masculinos os nomes terminados em *-o* átono, e femininos, os nomes terminados em *-a* átono. Ainda, segundo esse critério, os substantivos terminados em *-ão*, os concretos são masculinos e os abstratos, femininos.

Pelo critério da terminação, como lidar com nomes como *clima, cometa, dia, mapa, planeta, telefonema e educação, produção opinião, recordação*? Tal pergunta deve-se ao fato de que os nomes do primeiro conjunto terminam em **-a** e são todos masculinos, ao passo que os nomes do segundo conjunto terminam em **-o** e são femininos. Vemos que pelo critério da terminação é difícil conhecermos o gênero de um substantivo. Em síntese, para eles, o gênero não se conhece nem pela sua significação, nem pela sua terminação. Desse modo, o que fica patente é que o gênero é uma categoria inerente ao nome.

Mattoso Câmara, no livro **Dispersos**, no capítulo *Considerações sobre o gênero em português*, ao tratar sobre o gênero nas línguas românicas, mostra-nos a fragilidade da discussão acerca da relação gênero e sexo. Para isso ele afirma que o critério semântico do sexo só é aplicável aos substantivos referentes aos itens do reino animal. *Aí, há, com efeito, certa correspondência entre sexo e gênero, mas muito longe de ser cabal e coerente.* (CÂMARA JR., 1972:119) Isso posto, a gramática tradicional teve que admitir a distinção terminológica entre gênero *natural* e gênero *gramatical* para poder resolver as discrepâncias adotadas do ponto de vista semântico na questão da conceituação de gênero.

Para Mattoso Câmara, o feminino é caracterizado como uma particularização mórfico-semântica do masculino. Discutindo essa postura, ele cita Trubetzkoy que afirma que essa particularização é uma (...) *oposição privativa, onde uma forma marcada pela desinência de feminino se afirma em face de uma forma não-marcada, ou de desinência O (zero) para o masculino.* (CÂMARA JR., 1972:119) Assim, as nossas gramáticas pressupõem uma oposição *equípólente* na flexão de gênero. A questão do aspecto flexional tem suas limitações que, enquanto a regra funciona para *lobo / loba*, deixa de fora flexões como de *mestre / mestra, autor / autora*. No caso de *loba / lobo*, há a desinência de feminino em *loba*, de *mestre* há a desinência de feminino em *mestra* bem como a desinência de feminino de *autora*

ao lado de *autor*. Ela já não existe no caso da palavra *terra*, embora do gênero feminino, bem como não existe também em *artista*, pois conforme o contexto é feminino ou masculino. De acordo com Câmara Jr. (1972:120), *aí o que se tem é unicamente a indicação de um tema nominal, à parte da indicação de gênero*. Em outras palavras, o que temos é a existência da marca desinencial *-a* para *mestra* e *autora* e a ausência de marca desinencial para *mestre* e *autor*. Em síntese, *-a* como desinência de feminino existe em decorrência da oposição com um masculino de desinência O (zero).

Outra questão levantada por Mattoso é a diferença entre um *-a* como desinência de feminino e um *-a* átono final como marcador do gênero feminino. Para ele, *não é simplesmente a presença de um /a/ átono final que assinala o feminino; é a sua presença em face da forma oposta, masculina, sem ela*. (CÂMARA JR., 1972:120) Aqui está patente o princípio defendido por Saussure que na língua *tudo é oposição*.

Na opinião de Mattoso Câmara (...) *todos os substantivos em português têm um gênero determinado (...), e (...) não é a flexão do substantivo a marca básica do seu gênero (...)*. Assim, (...) *quer apareça, quer não apareça a flexão, todo nome, em cada contexto, será imperativamente masculino ou feminino*. (CÂMARA JR., 1972:121) O que podemos afirmar diante dessa postura é que o gênero é inerente aos nomes. Assim, *pente*, *poeta* e *caderno* são masculinos, como são femininos *ponte*, *casa* e *caderneta*.

Mattoso Câmara também põe-nos a pensar sobre o que chamou de princípio da morfologia do gênero em português. Para ele, o gênero dos substantivos se afirma pela seleção da forma do artigo determinante. Dito de uma outra maneira, *o gênero de um substantivo está na flexão do artigo que o determina ou pode determinar*. (CÂMARA JR., 1972:122)

Outra postura defendida é sobre a categorização do gênero do ponto de vista semântico. Centrado nesse ponto de vista, o masculino é uma *forma não-marcada*, ao passo que o feminino é uma *especialização qualquer*. Já foi comum encontrarmos em nossas gramáticas, *mulher* como sendo o feminino de *homem*. O que podemos afirmar é que *mulher* é um substantivo do gênero feminino, ao passo que *homem* é um substantivo do gênero masculino. *O que há são substantivos privativamente masculinos, e outros, a deles semanticamente relacionados, privativamente femininos.* (CÂMARA JR., 1984:89) Esses são os casos chamados de heteronímia em que na verdade não entram na flexão de gênero, pois são apenas formas de marcar o sexo dos seres.

Outro teórico que tem uma postura semelhante à Mattoso Câmara e de Cunha & Cintra é Rocha (1998). Para ele, o mecanismo básico de indicação do gênero é o artigo e não a flexão. Ele defende a idéia de que o gênero do substantivo é indicado através de um *expediente sintático*. Neste sentido, *substantivos como, livro, caneta, dente, clã, aluvião, pijama, tribo etc. são masculinos ou femininos, pelo fato de se lhes anexarmos determinantes flexionados em um dos dois gêneros (...)* (ROCHA, 1998:195) Essa sua postura mostra-nos que se, por exemplo, a regra da flexão não funciona, a regra da anteposição de um determinante dar-nos-á segurança em afirmar se um substantivo é masculino ou feminino. Dito de outra maneira: o determinante é o marcador por excelência do gênero nos nomes em português. Ilustremos essa afirmação com alguns exemplos: *o sapato novo, a canoa velha, esse pente quebrado, vários clãs ameaçados, aquela tribo unida* etc. Esses exemplos contrastam, quando do emprego de nomes femininos, com os observados em Cuiabá: *o canoa velho, aquele tribo unido* etc.

3.4. Variação na concordância do gênero gramatical no português popular do Brasil: presença *versus* ausência do morfe [-a]

De um modo geral, nas variedades populares da língua falada no Brasil, uma das características marcantes é a ausência de concordância de número no interior do sintagma nominal e nos processos de predicação. Fenômeno que não observamos somente nessa variedade como também na norma culta. No tocante à questão da concordância de gênero, não podemos definir com clareza a extensão da sua variação na fala popular.

Sobre a concordância de número no SN nas variedades populares do português do Brasil, a ocorrência predominante é a marcação do número exclusivamente nos determinantes. De acordo com Amadeu Amaral (1920:52), *a pluralidade dos nomes é indicada, geralmente, pelos determinativos: os rei, duas dama, certas hora, u'as fruita, aqueles minino, minhas ermã, suas pranta*. Opinião idêntica tem Antenor Nascentes. Para ele *o plural é indicado pelos pronomes-adjuntos ou pelos numerais que precedem o substantivo (...)* E dá os seguintes exemplos: *os livros – os livro, dois livros – dois livro, meus livros – meus livro, estes livros – estes livro, poucos livros – poucos livro*. (NASCENTES, 1953:81) Para Gladstone Chaves Melo a questão da concordância de número é assim definida: *o sinal de plural só aparece no determinante*. (MELO, 1946:79) De acordo com estudos feitos por Mário Marroquim sobre a língua popular dos estados de Pernambuco e Alagoas, *o número, no dialeto nordestino, é indicado apenas pelo determinativo, o substantivo e o adjetivo qualificativo, quer estejam no singular, quer no plural, conservam a forma invariável, que é a do singular*. (MARROQUIM, 1934:103)

Uma postura que vem corroborar as idéias acima apresentadas é a defendida por Marta Scherre. Para ela, *o fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda comunidade de fala brasileira (...)* (SCHERRE,

1994:38) Assim caracterizada a comunidade brasileira, ela é de opinião também que o fenômeno da variação de número no português do Brasil é um caso de *variação lingüística inerente*. Desse modo, podemos afirmar que a concordância de número é muito variável, fenômeno que chega a atingir as variedades cultas de língua no Brasil. E a ocorrência maior entre as variedades populares é a de só indicar o plural nos determinantes que se situam à esquerda do nome como, por exemplo, *os carro, meus boné, aqueles homem*, etc.

Tomemos ainda dois estudos sobre a variação na concordância número: um feito por Rosa Maria Assis Veado e outro, por Sônia Queiroz. Os estudos feitos por Veado (1982) na região Sanfranciscana de Januária, norte de Minas Gerais, mostram que a forma não-padrão de concordância é a *que vem-se impondo a cada dia no uso efetivo da fala urbana*. (VEADO, 1982:86) E de acordo com Queiroz (1998:85) *a flexão de número nunca se marca no substantivo, mas sim no primeiro de seus determinantes (artigo, demonstrativo, possessivo etc.)*.

Se em relação à concordância de número no SN as ocorrências são muito visíveis e quase uma “regra” na variedade popular, o mesmo não ocorre com a concordância de gênero. Ela é marcada por uma série de contrastes. Sobre a variação na concordância de gênero, tomando o dialeto caipira como exemplo, temos alguns exemplos dados por Amaral (1920:51): *essas coisarada bunito, as criança távum quéto, as criação ficarum pestiado*. Nestes exemplos a variação na concordância de gênero ocorre somente com os adjetivos que se situam à direita do nome.

Quem também nos dá outros exemplos de variação na concordância de gênero é Ada Natal Rodrigues no seu texto **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. Diferente dos exemplos dados por Amaral, nos exemplos apresentados por Rodrigues, temos a variação na concordância de gênero tanto para os determinantes que estão à direita como os que estão à esquerda do nome. Eis uns

exemplos: *essa lata cheio, aquele coisa estufado, um coisa de ferro, peça de roupa meu, eu tenho a natureza de gente novo*, etc. (grifos nossos)

Diferentemente de Amaral e de Rodrigues, Antenor Nascentes não apresenta no seu livro **O linguajar carioca** a questão da variação de gênero na fala popular do Rio de Janeiro. Registrou apenas alguns casos de variação do gênero gramatical em determinados itens lexicais como, por exemplo, *cometa, fantasma, telefonema* (femininos) e *alface, chaminé, cal* (masculinos).

Para Mário Marroquim, na linguagem popular do Nordeste *há perfeita concordância de gênero entre o adjetivo e o substantivo*. (MARROQUIM, 1934:100) Diante dessa afirmação categórica, onde lemos *há perfeita concordância de gênero*, talvez o mesmo não podemos afirmar em relação à linguagem vernácula da região que compreende os estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Paraná e Minas Gerais. Isso porque estudos já feitos nessas regiões, como os de Rodrigues (1972), Veado (1982), Queiroz (1998), Dettoni (2003) entre outros, mostram casos de variação na concordância do gênero gramatical.

Sônia Queiroz, no estudo que fez na comunidade negra de Tabatinga, pequeno núcleo localizado na região de Bom Despacho – MG, habitado predominantemente por negros e alguns brancos, mostra-nos que a concordância de gênero é marcada tanto pelos determinantes, adjetivos, pronomes que estão à direita do nome como pelos que estão à esquerda. Do estudo feito, ela informa-nos que *quanto ao gênero, marca-se não apenas no primeiro determinante, mas em todos eles, em concordância com o gênero do substantivo*. (QUEIROZ, 1998:85) E de acordo com Rosa Maria Assis Veado, no estudo feito numa comunidade da região norte de Minas Gerais, a regra de concordância de gênero é verificada tanto no dialeto rural como na língua padrão escrita e oral. Assim, *pelos dados descritos, pode-se verificar que a regra de concordância de gênero, em linhas gerais, ocorre no dialeto rural tal qual na língua ‘padrão’ escrita e oral*. (VEADO, 1982:59)

Um trabalho que merece lembrarmos aqui é a pesquisa feita por Carlos Vogt e Peter Fry na comunidade de Cafundó. Os dois pesquisadores apresentam alguns exemplos de variação de concordância de gênero. Vale lembrarmos que os exemplos sobre a variação na concordância do gênero gramatical, apresentados no livro Cafundó, não são próprios da região do Cafundó, mas de uma comunidade de Mato Grosso: Nossa Senhora do Livramento. De acordo com a observação registrada por eles, o informante entrevistado nem sempre fazia concordância de gênero do substantivo feminino com o adjetivo que o modificava. Assim eles se expressam acerca do informante: *... se o seu contar era português, chamava a atenção o fato de que na sua narrativa nem sempre havia concordância de gênero do substantivo feminino com o adjetivo que o modificava...* (VOGT & FRY, 1996:215) Outro fato que chamou a atenção deles foi o uso particular do pronome demonstrativo *este*, também sem concordância de gênero, num processo de neutralização. Assim, *soubemos que essa forma neutra de concordância é muito comum na região de Cuiabá e, ao que parece, é sintoma de procedimentos lingüísticos arcaizantes ainda vivos aí.* (VOGT & FRY, 1996:215) Eis alguns dos exemplos por eles coletados: ***Bom a situação; Nem a onça é tão perigoso; Uma irmã meu.*** (VOGT & FRY, 1996:215-216)

Outro trabalho que destacaremos sobre o Cafundó é o feito por Margarida Taddoni Petter (1999). Dos traços morfossintáticos por ela analisados, encontramos o da indicação do gênero gramatical que é feita somente pelo artigo. Em outras palavras, *o gênero dos substantivos é indicado pela variação do artigo. Os qualificadores são uniformes.* (PETTER, 1999:107) Outro aspecto também observado por Petter diz respeito ao adjetivo. Para ela o adjetivo é a categoria gramatical mais sensível à variação em gênero. Neste sentido ela afirma que *quando anteposto ao nome, o adjetivo favorece a concordância; quando posposto*

favorece a não-concordância. (PETTER, 1999:113) E dá os seguintes exemplos: *lenha moiado e coisa sério.*

Callou (1964) fez alguns estudos na comunidade de Mato Grosso, no município de Rio de Contas – BA. De acordo com os estudos feitos por ela, a comunidade tem suas origens com a atividade garimpeira na última década do século XVII. E o que é interessante destacarmos é que, segundo suas palavras, essa comunidade constitui-se numa *comunidade portuguesa bastante característica*. Por ser uma comunidade que viveu por longo tempo um período de isolamento, ali se desenvolveu um dialeto de traços conservadores, além de traços típicos do português europeu. No tocante aos traços morfossintáticos desse dialeto, a autora fala de algumas flutuações na categoria de gênero que fogem ao padrão gramaticalmente estabelecido. Além de algumas estruturas com variação de gênero semelhantes às registradas em outros falares, como *as coisa muito barato*, a pesquisadora registrou também variação numa série de itens lexicais enquadrados como femininos que se realizam como masculinos como em *um coisa*.

Em linhas gerais, desse breve percurso sobre a concordância nominal no português do Brasil, o que pudemos perceber é que a concordância de número é amplamente variável, fenômeno verificável também nas variedades cultas da língua portuguesa do Brasil. Nas variedades populares, o fenômeno de só indicar o plural nos determinantes que se situam à esquerda do nome, é amplamente recorrente. No intuito de reverter esse caminho, estão os programas de alfabetização e até mesmo dos meios de comunicação. O mesmo não podemos afirmar acerca da variação na concordância de gênero.

3.5. Considerações acerca do português de Portugal

Quanto ao português europeu, vamos apresentar alguns trabalhos que fazem referência ao português popular de algumas regiões de Portugal. Estudamos doze trabalhos na área de dialetologia que descrevem a falar popular das mais diferentes regiões de Portugal: Mira (1954), Ratinho (1959), Moura (1960), Baptista (1967), Palma (1967), Peixoto (1968), Marques (1968), Delgado (1970), Pereira (1970), Braga (1971), Cruz (1991) e Cardeira (1999). O que pudemos observar nesses trabalhos é que a questão do gênero gramatical é assim distribuída: alguns trabalhos registram variação de gênero apenas no item lexical, outros apresentam registros da variação de gênero.

Sobre o estudo da fonética, morfologia, sintaxe e léxico da linguagem popular de Lisboa feito por Mira (1954:107), encontramos registrados os itens lexicais *sintoma*, *ataque* e *apêndice* como femininos. Nesse trabalho não encontramos registros acerca da variação do gênero gramatical.

No trabalho feito por Ratinho (1959) na região de Monte Gordo, anotamos duas ocorrências de variação de concordância de gênero: *Da barra d'Olhão e habia um dia ensi calminha e fomos e começamos a levar a redi (...)* (290); *Dava-t'água minha filha, dava-t'uma pinguinha d'água, o malvado do tê pai* (329).

No estudo feito por Moura (1960), em Faia, encontramos uma série de itens lexicais (substantivos) que apresentam gênero diferente do registrado na linguagem padrão como, por exemplo: *o febre* (a febre), *o gripe* (a gripe), *o nascente* (a nascente), *a tomate* (o tomate), *a açuda* (o açude), *os peles* (as peles), *a bôla* (o bolo). (MOURA, 1960:140)

Cândida da Saudade Costa Baptista, no texto **O falar da Escusa**, mostra-nos também que várias palavras dessa região têm gênero diferente do registrado no português padrão. De uma série de palavras por ela coletadas, elegemos algumas: *o tete* (a teta), *o noguêr* (a noqueira), *o dobradice* (a dobradiça), *o alcaparre* (a

alcaparra), *o alcunho* (a alcunha), *o seludão* (a solidão), *o zangue* (a zanga). (BAPTISTA, 1967:89) Outro aspecto observado por Baptista, refere-se a algumas palavras que são masculinas ou femininas conforme o tamanho do objeto que designam: *o cartêrã é maior que a cartêra; o banco é menor que a banca e o côcho, espécie de concha de cortiça para beber água, mais pequeno que a côcha.* (BAPTISTA, 1967:90) Há alguns registros quanto à variação do gênero gramatical, como atestam os exemplos por ela colhidos: *Metiam aquilo para dentro **dum coiso** que se chamava gral (...)* (182); *Metiam aquilo **num coiso** que chamavam uma francela* (182); *Depois de ateadado, vai ver de **um vassouro** que são giestas, ou sejam sargaços e varre o forno* (184); *Vinha a **gente disposto** para cá (...)* (189)

Sobre o falar dos pescadores de Olhão, trabalho desenvolvido por Palma (1967), o que merece destaque é o fato de que a marca normal de masculino *o* sempre se altera para *e*. Dentre os exemplos por ela sistematizados, citemos os que seguem: *Nã me dás ali **aquêl carnêre** que tu tens ali?* (220); *Padre nosso **piquenine** tem a chave do **menine*** (222); *Já os gales **prêtes** cantom já os **enjes** se l'vantom* (222); *Sete 'strelas vom em **pine** o **cajade** as vom **guiande** as ôvelhas do **mê sogre** ô curral vom **chegande*** (236). (grifos nossos)

Na região de Germil, Peixoto (1968) observou a ocorrência de algumas palavras que apresentam um gênero diferente do registrado no português padrão, ocorrendo quase que sempre uma alteração na vogal final. Entre os casos anotados por ela temos: *o **arcunho*** (a alcunha), *os **migalhos*** (as migalhas), *o **bronquito*** (a bronquite), *o **melegito*** (a meningite), *o **febre*** (a febre) *a **contrata*** (o contrato), *a **aroma*** (o aroma), *a **pantasma*** (o fantasma). (121-122)

Já na região de Baleizão, o estudo feito por Delgado (1970) aponta que a diferença de gênero está muitas vezes relacionada com o tamanho e formato dos objetos. Assim, por exemplo, *um cesto* é sempre menor do que *uma cesta*; *uma*

punera serve para peneirar ao passo que *um punero* é menor e serve para coar água. (DELGADO, 1970:94)

Na região de Soajo, Pereira (1970) registrou que em certos substantivos há a tendência para fazer concordar o gênero da palavra com a sua terminação, a qual se apresenta modificada em **-o** ou em **-a**, vogais utilizadas correntemente no português para indicar o gênero masculino e feminino: *o couço, o coice, o caixuôto, o caixote, a laija, a lage*. Contrariando essa tendência, ocorre em algumas palavras o emprego da terminação **-e**, motivada pelo enfraquecimento das vogais **-o** e **-a** como em *o sulifate, o sulfato, o tife, o tifo, a frangue, a franga, a sauce, a salsa, o puombe, a pomba*. (PEREIRA, 1970:95) Além dessas ocorrências, em Soajo, como em alguns outros lugares de Portugal, muitas palavras apresentam diferença de gênero, consoante o tamanho e as características do objeto que designam. Como exemplos, podemos citar: ***O sacco é maior que a saca; O jnelo é mais pequeno que a jniela; A cantra é de menores dimensões que o cantro; A caçoila é maior que o caçoilo; O panielo é mais pequeno que a paniela***. (PEREIRA, 1970:95)

Em Quadrazais, Braga (1971) observou que muitas palavras empregadas no masculino são femininas no português padrão e vice-versa. Os exemplos são: ***o alcunho, o amindoeiro, o farrenheiro, o oração, o rasoiro, a crisme (o crisma), a cuntrata (o contrato), a feijoeirê (o feijoeiro), a tomateirê (o tomateiro)***. (BRAGA, 1971:133)

Em Odeleite, conforme estudo feito por Cruz (1991), muitas palavras apresentam diferença de gênero, consoante o tamanho e as características do objeto que designam, como observado também em Soajo.

Cardeira (1999), em estudo sobre a língua portuguesa na primeira metade do século XV, fala-nos da hesitação na escolha do gênero das palavras. Nomes como **fim, mar, planeta** e **aleijão** eram femininos no português arcaico; **linhagem** era masculino. Hoje o que temos é que aquelas são masculinas, e esta, feminina. Em

linhas gerais, o que ela mostra em seu trabalho é que oscilação de gênero no século XV era uma realidade. Assim, o gênero de muitos nomes ainda não estava definido nesse século.

E por fim, lembremos o trabalho feito por Boléo (1942), o questionário aplicado em Portugal na década de 1940, cuja finalidade era coletar dados para a elaboração do Atlas Lingüístico de Portugal. A partir da leitura que fizemos de uma série de seus relatórios, pudemos observar vários exemplos sobre a questão da variação de gênero, como atestam os exemplos a seguir. Vejamos alguns exemplos: *A cabeça do dedo fica muito grosso; A minha cozinha que está dividido (...); Para a água ser fechado; Essas folhinhas são apanhados para o Natal; A lenha pode ficar assim um bocado grosso (...); Uma pessoa que nasceu surdo; É muito bonito essa flor; D'outro terra; Era assim do rocha (...); Aquele masseirinha; É como fazer aqueles broas de centeio.* (BOLÉO, 1942) (grifos nossos)

3.6. Concordância de gênero: as variáveis dependente e independente

A partir da análise das entrevistas, pudemos detectar várias ocorrências de variação de gênero no falar cuiabano. Elas podem ser distribuídas em dois grupos: a) vocábulos classificados no português padrão como femininos, mas flexionados no masculino e vice-versa, como em *no igreja, os função, um água*; b) variação nas relações internas ao sintagma nominal, como em *banana maduro, comida caseiro, uma coisa seguro*. Um número expressivo de ocorrências está concentrado nesta segunda variação na comunidade em estudo. No caso da ocorrência de vocábulos classificados no português padrão como femininos, com anteposição ou posposição de determinantes no masculino, é que é o ponto de interrogação de nossa investigação.

Quanto à estrutura interna do sintagma nominal uma série de constituintes no interior do SN podem ser os favorecedores ou não quanto à aplicação da regra de concordância de gênero. A partir dos exemplos coletados, vamos apresentar algumas das mais diferentes realizações dos constituintes no Sintagma Nominal, tanto do Brasil como de Portugal. Nos exemplos que serão submetidos à análise, temos registros dos informantes entrevistados bem como de pessoas da comunidade a partir de conversas informais. Assim, a variável dependente a ser analisada é a da ocorrência ou não do mecanismo da concordância de gênero no interior do Sintagma Nominal.

Os exemplos a seguir ilustram a realização da aplicação da regra de concordância de gênero:

- (1) Aí tem uma *santa* bem *arva* (AMS,123,A)
- (2) Cumi *duas coeirada* (AMS,123,A)
- (3) Bem ali *numa casa* de taba (AMS,123,A)

Já os exemplos a seguir, compõem o quadro das ocorrências de falta de aplicação da regra de concordância de gênero:

- (1) *Nesse fazenda* mesmo aí (MSC,53,EFI)
- (2) Eu vou fazer *esse semana* (MSC,53,EFI)
- (3) Minha *mão* era *embolado* (AMS,123,A)
- (4) Aí *esse minha cabeça* fazia assim (AMS,123,A)

No tocante à variável independente, consideramos para efeito da nossa análise as variáveis sexo e faixa etária. Seleccionamos essas duas variáveis no intuito de avaliarmos qual o comportamento delas no tocante a aplicação ou não da regra e concordância de gênero. No caso da variável sexo, a opinião de Labov (1981) é que as mulheres realizam mais as formas de prestígio do que os homens. Ainda segundo ele, um informante de idade mais avançada desfavorece as formas

de prestígio. Desse modo, a nossa expectativa é verificarmos se de fato há diferenças, e quais, no tocante à falta de aplicação da regra de concordância de gênero entre informantes masculinos femininos, bem como entre os mais jovens e os mais idosos.

3.7. Concordância de gênero no interior do sintagma nominal: a morfossintaxe

Nossa análise sobre a variação na concordância de gênero no falar cuiabano ater-se-á à variação que se verifica no interior do sintagma nominal bem como nos vocábulos classificados no português padrão como femininos, mas flexionados no masculino e vice-versa. Além dessas variações, encontramos também no falar cuiabano a variação de gênero com o predicativo. Este se constitui um fenômeno mais geral, encontrado em muitos lugares do Brasil. Já a variação na concordância de gênero no interior do sintagma nominal constitui um fenômeno mais localizado, observado em poucas comunidades brasileiras.

A concordância nominal é um fato lingüístico que é abordado do ponto de vista da morfossintaxe. Isso porque a concordância pendula entre a sintaxe e a morfologia. A concordância é um fenômeno sintático, pois se realiza na relação sintagmática da dependência dos modificadores em geral, em relação ao nome, ou do predicativo em relação ao termo a que se refere, na relação de predicação. Em contrapartida, a concordância nominal é um fenômeno mórfico, pois se realiza nas desinências flexionais (de gênero e número), que se juntam a cada um dos constituintes integrantes no mecanismo sintático da concordância.

A concordância é um processo que exige uma adaptação flexional dos vocábulos determinantes às flexões dos vocábulos determinados. Esse é um

processo que em língua portuguesa, quando ocorre entre o verbo e o sujeito, denominamos concordância verbal; já quando ocorre entre os constituintes de um SN, recebe a denominação de concordância nominal. Na língua portuguesa, a concordância de gênero é considerada obrigatória, ou seja, categórica.

Tendo em vista que a maioria dos sintagmas está dentro de um paradigma previsível de concordância, ao passo que uma outra parcela pode seguir a regra da imprevisibilidade, vamos chamar os que estão dentro de um paradigma padrão de Concordância Canônica (CC) como em *Um corgo pequeno*, e os que não estão, de Concordância Não-Canônica (CNC), como em *Uma massa bem amarelo*.

Concordância Canônica

- (1) Era *um corgo pequeno*.
- (2) Mas matou *muita gente*.

Concordância Não-Canônica

- (3) Era *muita gente morto*.
- (4) *Uma massa bem amarelo*.

Do ponto de vista da abordagem sintagmática podemos afirmar que o falante pode realizar plenamente o mecanismo da concordância de gênero ou não. A realização plena ocorre quando o morfema flexional de gênero está presente em todos os constituintes flexionáveis do sintagma nominal. No caso dos exemplos (1) e (2) a regra de concordância foi plenamente realizada, diferentemente de (3) e (4).

Sobre a abordagem mórfica, em linhas gerais, o que a caracteriza é a atualização da categoria gramatical do gênero em cada constituinte flexional do sintagma nominal. Cada constituinte, decomposto em partes menores, deve ser

objeto de análise. Desse modo, em cada sintagma nominal poderemos ter várias ocorrências distintas.

- (1) Com **esse menino meu**. (MMSA,68,2000)
- (2) **O buraco tava lotado de água**. (MMSA,52,2000)
- (3) Quase tudo **esses região**. (MMSA,65,2000)
- (4) **O meu meninada é acostumado**. (MMSA,68,2000)

No caso do exemplo (1) o sintagma nominal é marcado por dois constituintes: o pronome demonstrativo *esse* e o pronome possessivo *meu*. A marcação de gênero masculino está nos dois constituintes. Quanto ao exemplo (2) o sintagma nominal *o buraco* é marcado pelo constituinte adjetival *lotado*, ocorrendo a marcação de gênero. Nos dois exemplos temos a previsibilidade da ocorrência de gênero. Diferentemente, nos exemplos (3) e (4) as ocorrências circunscritas aos sintagmas nominais apresentam o que podemos chamar de valor negativo no tocante ao gênero. A previsibilidade nesses dois exemplos é que para os respectivos sintagmas nominais teríamos as concordâncias de gênero no feminino. Os constituintes pertinentes ao núcleo dos sintagmas seriam, respectivamente, *essa* e *a minha (...)* *acostumada*.

Por essa análise, podemos retomar uma questão que foi discutida acima, quando nos referimos ao gênero: o gênero é uma categoria gramatical inerente ao nome. Essa é uma postura adotada por Bechara bem como por Mattoso Câmara que afirmam que todo substantivo está dotado de gênero, ou seja, o gênero é inerente ao nome. Pensamento semelhante defende Gleason. Para ele (...) *o gênero, normalmente, é um traço inerente a cada raiz temática. (...) Os nomes não têm flexão de gênero, mas cada nome tem um gênero característico.* (GLEASON, 1961:242) O que vemos aqui é o que é inerente é a possibilidade de variação de

gênero. Se aceitássemos que o gênero é sempre inerente, teríamos que aceitar, por exemplo, que as preposições têm gênero fora de contexto, isto é, no próprio léxico.

Uma língua é feita sempre de estabilidades e instabilidades. Desse modo, a pergunta que fazemos é: por que ocorrem oscilações na previsibilidade de gênero no SN? É uma pergunta que tentaremos respondê-la ao longo da nossa análise. Para orientarmo-nos ao longo da análise vamos considerar a posição do constituinte em relação ao nome núcleo. Além de levarmos em conta a posição do constituinte, apreciaremos também as categorias gramaticais, com intuito de verificarmos qual ou quais categorias são mais sensíveis à variação de gênero.

3.8. Concordância de gênero: uma abordagem mórfica

No tocante à abordagem mórfica, o que é objeto de análise é o jogo da atualização da categoria gramatical do gênero em cada constituinte flexionável do SN. Cada constituinte por si é o objeto da análise. Desse modo, o que podemos dizer é que em cada SN, podemos encontrar uma ou mais ocorrências distintas. Observemos os exemplos:

- (1) Apareceu *dessa* **fruta**. (AMS,123,A)
- (2) Com *essa* **fia**. (AMS,123,A)
- (3) Aqui num tinha *essa* **casa** ainda. (AMS,123,A)
- (4) Por baxo *dessa* **ropaida**. (AMS,123,A)

Nos exemplos acima, o que verificamos é que só há uma ocorrência em cada um dos SN's que estão destacados no que diz respeito ao constituinte flexionável. As ocorrências são com os pronomes demonstrativos *essa* e com o adjetivo *milagrosa*.

Vejamos outros exemplos.

- (1) Era *pequena* a **Prainha**. (AMS,123,A)
- (2) Botava na *minha* **boca**. (AMS,123,A)
- (3) Aí tem *uma* **santa** bem *arva*. (AMS,123,A)
- (4) *Essa* **hora** *milagrosa*. (AMS,123,A)

Nesses exemplos, detectamos duas ocorrências em cada um dos SN's. Os constituintes flexionáveis presentes nos exemplos são os artigos definido e indefinido (*a* e *uma*), os adjetivos (*pequena* e *arva*), o pronome possessivo *minha* e o pronome demonstrativo *essa*.

Vejamos outro conjunto de exemplos.

- (1) Revirado é **carne** *cortado miúdo* (...) (MFID,16,1978)
- (2) *Tudo* **criança** *viçoso*. (MFID,22,1978)
- (3) *As* **crianças** *corria disparado*. (MFID,22,1978)
- (4) (...) *a* **feira** *inteiro* (...) (MMSA,102,2000)
- (5) (...) *a* **vaga** *certo* (...) (MMSA,77,2000)
- (6) (...) *uma* **historinha** *sério* (...) (MMSA,51,2000)
- (7) *A* **perna** *bom*. (AMS,123,A)
- (8) Tá mais *custoso* *a* **vida**, tá. (MFID,16,1978)

O que evidenciam esses exemplos é que os constituintes flexionáveis (artigo, pronome e adjetivo) não funcionam positivamente no sentido da aplicação da regra de concordância de gênero. Levando em conta a realização canônica de concordância, podemos dizer que ocorreu uma realização negativa da concordância. Tomando como base o exemplo *a perna bom*, a concordância esperada seria *a perna boa*, o que não ocorreu na fala do informante. E assim foi o que observamos nos exemplos acima, isto é, a falta da aplicação da regra de

concordância de gênero. De um modo geral, a grande maioria dos SN's em análise contém um ou mais constituintes flexionáveis de gênero, sendo que um percentual entre 15% e 30% da amostra que compõe nosso corpus está caracterizado pela não realização da regra de concordância de gênero. Essa variação está relacionada à questão da faixa etária, bem como a variante extralingüística sexo do informante.

3.9. Concordância de gênero: uma abordagem sintagmática

Em quase todas as entrevistas feitas com nossos informantes, pudemos detectar várias ocorrências de variação de gênero no falar cuiabano. Elas podem ser distribuídas em dois grupos: a) vocábulos classificados no português padrão como femininos, mas flexionados no masculino e vice-versa, como em *no igreja, os função, um água*; b) variação nas relações internas ao sintagma nominal, como em *banana maduro, comida caseiro, uma coisa seguro*. O número expressivo de ocorrências está concentrado nesta segunda variação.

Dito isso, o que podemos dizer é que as mais variadas opções que se colocam para o falante podem proporcionar a realização plena do mecanismo de Concordância de Gênero, fato que ocorre quando o falante emprega o morfema flexional de gênero em todos os constituintes flexionáveis do sintagma nominal. Quando isso ocorre, podemos afirmar que houve uma realização positiva de concordância, pois a regra de concordância foi plenamente aplicada como, por exemplo: *Essa bolsa é bonita*. Em situação oposta, quando o falante não emprega o morfema flexional de gênero em todos os constituintes flexionáveis do sintagma nominal, a regra de concordância não foi plenamente aplicada. É o caso do exemplo: *Sobe no fonte luminoso*.

O valor negativo ou a falta de concordância da variável dependente podem compreender os casos de concordância parcial quanto os de ausência total de marcação do gênero, como ilustram os exemplos: *A criança miúdo* (AMS,123,A) (concordância parcial) e *O meu meninada é acostumado* (MSC,53,EFI) (ausência total de marcação do gênero).

Quanto à estrutura interna do sintagma nominal uma série de constituintes no interior do SN podem ser os favorecedores ou não no tocante à aplicação da regra de concordância de gênero. A partir dos exemplos coletados, apresentaremos algumas das mais diferentes realizações dos constituintes no Sintagma Nominal, tanto do Brasil (Cuiabá e no dialeto caipira) como de Portugal.

3.10. Nomes com e sem propriedade de flexão de gênero

Muitos são os nomes na língua portuguesa que apresentam a propriedade de flexão de gênero como, por exemplo, *pato/pato*, *porco/porca*, *gato/gata*, *rato/rata*, *sapo/sapa* etc. O que observamos nesses exemplos é que todos são nomes de temas em *-o*, que se flexionam em substantivos de tema em *-a*. Em outras palavras, temos os substantivos de gênero masculino (*termo não marcado*) e o feminino (*termo marcado*).

Lemle & Naro, em estudos realizados sobre o português do Brasil, apresentaram a teoria do *Princípio da Saliência* para explicar os aspectos do funcionamento sincrônico de uma língua. De acordo com Naro & Lemle (1976), Lemle & Naro (1977), o *princípio da saliência fônica* consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes. Em outras palavras, quanto mais fortes forem as marcas mórficas no nome núcleo, maior será a possibilidade de aplicação da

regra de concordância. Os estudos, aplicando esse princípio, foram centrados por eles no tocante à concordância de número entre os elementos do SN.

Do ponto de vista da concordância nominal, como esse princípio se comporta? Pelo que prevê o princípio, parece-nos que a concordância de gênero tende a realizar-se mais nos SN's em que o núcleo é um nome com propriedade de flexão de gênero, do que com os nomes sem propriedade de flexão e até mesmo os comuns de dois gêneros. Vejamos alguns exemplos:

- (1) *Uma **santa** tão poderosa.* (AMS,123,A)
- (2) ***Caçula** meu, a Djoana.* (AMS,123,A)
- (3) *Co **minha mão** ia comê comida.* (AMS,123,A)
- (4) *As **criança** miúdo.* (AMS,123,A)

No caso do exemplo (1) temos o nome-núcleo com a propriedade de flexão de gênero (*santo/santa*), diferentemente dos exemplos (2), (3) e (4), (*caçula, mão, criança*). Alguns estudiosos já afirmaram que a concordância tende a se realizar mais com os nomes de tema em *-a* do que com nomes de tema em *-o*. No caso da comunidade em estudo, o que verificamos é que essa afirmação não é categórica, haja vista o número significativo de ocorrências encontradas como, por exemplo, *nesse fazenda mesmo aí* (MSC,53,EFI), *eu vou fazer esse semana* (MSC,53,EFI), *meninada novo né?* (MSC,53,EFI), *o meu meninada é acostumado* (MSC,53,EFI), *toda vida enfrentei por esses gleba rapaz* (MSC,53,EFI), *esse minha mão* (AMS,123,A), *nem mão pra beber um água* (AMS,123,A), *as criança miúdo* (AMS,123,A), *fazia aquele carne cum mandioca* (AMS,123,A).

3.11. A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano

Ao nos referirmos ao falar cuiabano, iniciaremos nossa incursão a partir do dialeto caipira. No texto **O dialeto caipira**, de Amadeu Amaral, deparamo-nos com uma série de palavras que encontramos no dia-a-dia do cuiabano, bem como algumas observações acerca do gênero. O jornalista Pedro Rocha Jucá publicou, via um jornal eletrônico denominado **A Varanda Cuiabana**, um bom vocabulário que ele denominou de **Da Linguagem Cuiabana**. Nesse vocabulário encontramos uma série de palavras que constam do texto de Amadeu Amaral. Além disso, ao voltarmos no tempo, vamos encontrar também muitas dessas palavras correntes no português arcaico (de 1214 a ± 1550), conforme classificação de Leite de Vasconcelos. Apresentaremos algumas palavras que são registradas como arcaicas e que estão tanto do dialeto caipira como no falar cuiabano. Vejamos algumas: *alembrar, brocha, capão, indez, mandinga, peta, reposta, vancê, vassuncê, abancar, abelhudo, abonado, acanhado, chegar, acoitar, acuar, ajantarado, ajoujar, ajudório, alcova, alhada, alimpar, alterado* etc. Do dialeto caipira, conforme registrado por Amaral (1920), encontramos uma série de vocábulos que ainda são muito recorrentes no falar cuiabano, conforme pesquisa feita por Jucá (2005). Vejamos alguns deles: *alembrar, apear, assuntar, bruaca, cainha, catinguento, coro, cutuba, eah!, jacuba, jururu, madorna, muxiba, pacuera, pendenga, perrengue, picuá, pixé, porqueira, quiçaça, sacudido, sustância, tijuco, varanda* etc.

Além desses vocábulos ainda muito produtivos no falar cuiabano, vamos encontrar também no livro de Ada Natal Rodrigues, **O dialeto caipira na região de Piracicaba**, várias construções morfossintáticas que ainda são muito correntes em Cuiabá. Vejamos algumas: *A gente ficou assim sozinho; a irmã (...) meu (...)*

chama Francisca; a lata carregado; a panha, a panha do algodão; a regra meu; a roupa meu nenhum servia; acabemo; acubra; apilha; aproveitemo; aquele coisa estufado; avó meu; butuca grande; butucona; butuquinha; cê tá louco, mulher?; colhemo; de bruço; debulhadeira; desgostemo; diantou; dois baldinho; dor nenhum; ela bem moidinho e faz almôndega; essa lata cheio d'água; estominho; fiquemo; fizemo; garrou; gente novo; levemo; minha irmandade, tudo eles; mói; nós fala; ói; outro; panhar; panho; pertico da casa; plantemo; ponhando; ponhar; ponhava; ponhou; pr'ocê; precurava; pru morde; quarenta dia; roupa meu; sabemo; samear; seis mês; tá louco, mulher?; tarraca; tatuetê; tou...tou; trapalho; trinta ano de casado; trouxemo; tuda a planta; tuda a vida; tuda vida, tudo dia; todos dois; todos os patrão; ubra boa; um coisa assim; um coisa de couro; um coisa de ferro; um coiso esquisito; um cola; uma argola que desce assim grosso; uma coisa seguro; vendemo; vesse; viemo.

O que sabemos pela literatura corrente – Lenine C. Póvoas, Elizabeth Madureira Siqueira, Antônio Houaiss entre outros – é que a partir de um dado momento da colonização, os portugueses começaram a vir em número crescente para o Brasil. Os grupos que para cá vinham, falavam o português que tinha as características lingüísticas dos diferentes lugares e meios de procedência. Nos séculos XVI e XVII chegaram ao Brasil pessoas das mais distintas regiões de Portugal, que falavam a língua do seu tempo, com características conservadoras ou inovadoras, dependendo da região de origem. Assim, como diz Houaiss (1992:39),

essas formas assim trazidas – e aqui modificando-se –, já diferentes entre si, começaram a enfrentar-se umas com as outras, sem cor local de origem, do que resultava um meio linguageiro que não reproduzia nenhum meio linguageiro de Portugal.

Mas de acordo com Silva Neto, o predomínio de imigrantes portugueses era da região norte de Portugal: (...) são o Minho, o Douro, as duas Beiras, o Trás dos

Montes que fornecem, em todos os tempos, os colonizadores da nossa terra.
(SILVA NETO, 1963:49)

Cabe registrarmos que de acordo com Celso Cunha a língua portuguesa no Brasil se desenvolveu em condições socioculturais as mais férteis possíveis para a conservação do que para a renovação de suas formas. E justifica essa postura ao afirmar que

tendo vivido mais de trezentos anos sem contato com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, com um número exíguo de escolas, a América Lusitana foi alcançando nesse largo período algumas das etapas que levam os povos aos estados lingüísticos paralisantes. (CUNHA, 1986:202-203)

E esse panorama de conservadorismo começou a esboçar um contorno diferente a partir do século XVIII.

Cabe retomarmos ainda aqui a questão do dialeto caipira. De acordo com Amaral (1982:41 [1920]), o dialeto caipira é

um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. (...) o nosso falar caipira – bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta.

Outra questão que devemos levar em conta é o fato de que as cidades da costa, especialmente as cidades portuárias, estiveram sempre voltadas *para fora*, de costas *para dentro*, conforme disse o Frei Vicente do Salvador, um historiador brasileiro do século XVII.

Um fato que cabe registrarmos é a observação feita pelo Pe. Antônio Vieira acerca das duas línguas que vigoraram em São Paulo por muito tempo. Segundo

ele, no convívio familiar era a língua indígena que era falada; a língua portuguesa as crianças iam aprender na escola. Assim ele se expressa:

é certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas hoje umas às outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.
(VIEIRA, 1856:249)

Desse modo, podemos dizer que houve uma população bilíngüe em São Paulo devido às circunstâncias da colonização local.

No tocante às questões lingüísticas, vejamos algumas ocorrências encontradas no dialeto caipira, de acordo com os registros feitos por Amaral (1920). O ditongo **ai**, antes da palatal **x**, reduz-se à prepositiva: *baxo, baxêro, faxa, caxa, paxão*. O ditongo **ei** reduz-se a **e** quando seguido de **r**, **x** ou **j**: *isquêro, arquêre, chêro, pêxe, dêxe, quêjo, bêjo, berada*. Nos vocábulos em que é seguido de **o** ou **a**, como *ceia, cheio, veia*, também aparece, às vezes, representado por **ê**: *chêo, vêa, cêa*. Acentuado ou não, o ditongo **ou** contrai-se em **ô**: *poco, tôro, locura, rôpa*. Nos vocábulos em que esses ditongos aparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra, ôro, estôro, côro, côve, lôco, bassôra, tôca, frôxo, trôxa*, e *nunca lavoirra, oiro*, etc. Aqui não há um sincretismo como podemos encontrar em Portugal como, por exemplo, *louça / loiça, ouro / oiro* etc. Nas formas verbais em que o acento tônico recai no ditongo **ou**, este, às vezes, se contrai em **ó**: *rôba, estóre, afrôxa*. Nas palavras *bom, tom* e *som* muda-se em **ão**: *bão, tão, são*.

Sobre as consoantes, cabe fazermos algumas observações sobre as consoantes **b** e **v**, tendo em vista que em muitas regiões de Portugal, especialmente na região Norte, é comum a alternância entre as consoantes oclusiva bilabial sonora **b** e a fricativa labiodental sonora **v**. Conforme registrado por José Leite de

Vasconcellos em **Opúsculos** (1985) e por Lurdes de Castro Moutinho em **Falar do Porto com todos os bês** (2001), encontramos várias ocorrências dessa natureza em Portugal, como mostram os exemplos a seguir: *oubir* (ouvir), *bara* (vara), *biba* (viva), *binho* (vinho), *resolbeu* (resolveu), *chamaba* (chamava), *biana* (Viana), *berde* (verde), *obo* (ovo) etc.

Ocorrências dessa natureza encontramos-as também no dialeto caipira, conforme mostram os seguintes exemplos: *burbuia* / *vevúia* (borbulha), *bassôra* / *vassora* (vassoura), *berruga* / *verruca* (verruca), *biête* / *viête* (bilhete), *cabortêro* / *cavortero* (cavorteiro), *jabuticaba* / *jabuticava* (jaboticaba), *Piracicaba* / *Pricicava* (Piracicaba), *mangaba* / *mangava* (mangaba), *bespa* / *vespa* (vespa), *bagaço* / *vagaço* (bagaço), *bamo* / *vamo* (vamos), *peroba* / *perova* (peroba), *perobinha* / *perovinha* (perobinha), *piaba* / *piava* (piaba), *barruma* / *verruma* (verruma), *bespeira* / *vespeira* (vespeira), *boçoroca* / *voçoroca* (voçoroca), *carbortear* / *cavortear* (cabortear), *caborteiro* / *cavorteiro* (caborteiro) etc.

No falar cuiabano encontramos essa realização, conforme registrado por Maria Francelina I. Drummond. Ao descrever traços fonéticos do falar cuiabano, ela registrou alguns que são recorrentes tanto em Portugal como no dialeto caipira. Aponta-nos a alternância verificada entre as consoantes **b** e **v** e dá os seguintes exemplos: *gabo* / *gavo*, *pereba* / *pereva*, *jabuticaba* / *jabuticava*, *piaba* / *piava*. (DRUMMOND, 1995:70) Além desses exemplos dados por Drummond, no dia-a-dia dos cuiabanos é comum encontrarmos ainda essa alternância entre, por exemplo, *bassora* / *vassora*, *berruga* / *verruca*, *bespa* / *vespa*, *bespeira* / *vespeira*, *peroba* / *perova* etc., conforme pude atestar em conversas com pessoas da comunidade quando realizava as entrevistas para minha pesquisa.

Segundo Darcy Ribeiro (2004:383), o Brasil teve uma variante de cultura que se *cristalizou como área cultural caipira*. Essa variante espalhou-se por algumas regiões do país falando a língua portuguesa: Centro-sul do país desde São Paulo,

Espírito Santo e costa do Rio de Janeiro, até Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, estendendo-se ainda sobre áreas fronteiriças do Paraná. Ainda segundo Ribeiro (2204:383), *a antiga área de correrias dos paulistas velhos na preia de índios e na busca de ouro se transforma numa vasta região de cultura caipira (...)* Também como afirma Sérgio Buarque de Holanda (2005), essa base humana que, efetivamente, ocupou esse território brasileiro, partindo de São Paulo, era composta pela associação de brancos, mamelucos e índios.

Assim, podemos aventar a hipótese de que as variedades não-padrão de Mato Grosso têm suas origens na língua falada pelos bandeirantes (uma variedade portuguesa arcaica tardia), e mais tarde pelos integrantes das monções, além da variedade falada pelo grande número de portugueses que habitou o território mato-grossense, especialmente a região de Cuiabá, e pelos índios e africanos? De acordo com Gladstone Chaves de Melo a base da linguagem popular é o português arcaico final. Neste sentido ele diz-nos que *é a língua do século XV, qual no-la retratam os textos da época, e que, com grande probabilidade, seria falada pelos nossos descobridores e primeiros povoadores até pelo século XVII.* (MELO, 1971:97)

Conforme registrado no artigo **Estudo de entrevistas do Filologia Bandeirante**, publicado na Revista Estudos Lingüísticos (2003) por Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP), Cláudia Falcão (USP), Maria Helena de Paula (UFG), Rachel Omoto Gabriel (USP), Rita de Cássia Almeida Braga (USP), Helder Ferreira (USP) sobre alguns dados das entrevistas realizadas para o Projeto de Pesquisa Filologia Bandeirante, podemos observar alguns traços comuns do dialeto caipira circunscrito às regiões pesquisadas: Livramento – MT, Serra Negra – SP, Catalão – GO, Elói Mendes – MG, Diamantina – MG. O que circula no meio científico na opinião de muitos lingüistas e filólogos é que os falares rurais, não só de Mato Grosso, mas em todo o Brasil, tiveram sua origem no diálogo entre as

camadas mais pobres e incultas da população, conservando traços antigos, devido ao seu isolamento. Vejamos algumas das ocorrências por eles registradas.

Na região de Nossa Senhora do Livramento – MT, cidade distante 33 Km de Cuiabá, de acordo com Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, dentre as várias ocorrências, temos o emprego das africadas [tʃ] [tʃeʊgadu] *chegado* e [dʒ] [aʊdʒuda] *ajuda*, substituindo, respectivamente, as fricativas [ʃ] e [ʒ].

Na região de Serra Negra – SP, a pesquisadora Cláudia Falcão encontrou a conservação de traços lingüísticos antigos, como no caso da redução de ditongos: *feverero*, *cumpanhero*. Outros registros por ela anotados são: (redução de ditongo) *padroera*, (iotização) *trabaia*, (síncope) *tamém*.

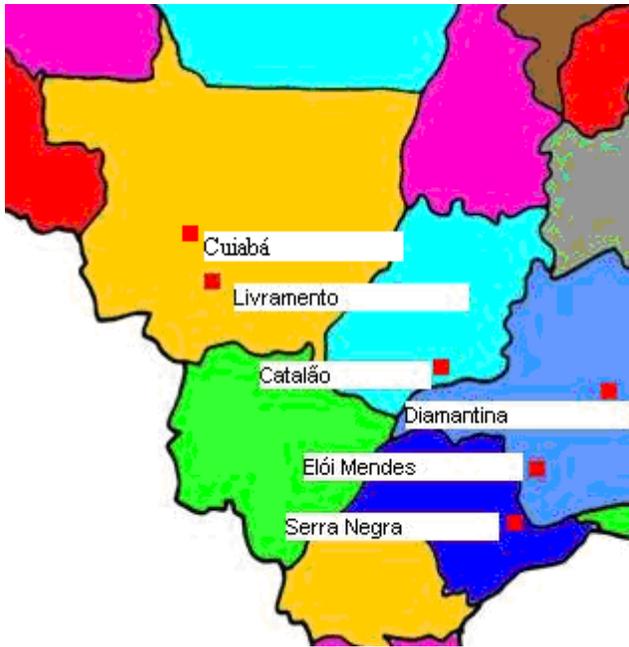
Em Catalão – GO, Maria Helena de Paula e Rachel Omoto Gabriel observaram, no nível fonológico, as seguintes ocorrências: despalatalização e conseqüente iotização: *trabaio*, *cangaia*, *faiô*; aférese: *travessa*, *gora*, *inda*, *té*; síncope: *puquê*, *tamém*; apócope: *panhá*, *creditá*, *anti* (antes); prótese: *arriúne*, *alembro*; paragoge: *felizi*, *maisi*; redução de ditongo: *ôta*, *premero*, *munto*; ditongação em: *veizi*, *quaisi*, *meisi*; metátese: *frimeza*, *preguntaro*, *pruquê*; rotacismo: *apraudido*, *pobrema*, *murtidão*, *sortá*, *carça* (calça); alçamento de vogais: *rusaro*, *disprocupá*; desnasalação: *passage*, *home*. Nesses exemplos, podemos destacar a conservação de formas empregadas no português anterior ao século XVI como *preguntaro*, *premero*, *inda*, *té*, *felizi*, *home*, bem como a ocorrência do rotacismo, encontrado em Fernão de Oliveira, Camões e até em manuscritos do século XVIII.

A pesquisadora Rita de Cássia Almeida Braga encontrou na região de Elói Mendes – MG as seguintes variações fonológicas: (iotização, redução de ditongo, harmonização, ditongação, inversão, supressão, prótese, nasalação entre outras): *impariado* / *impareiado*, *num* / *nom*, *ajuntemo*, *coresma*, *orbanu*, *causu* / *cauz*, *inxuito*, *inxutim*, *chaquaiá*, *fais*, *nói*, *bãu*, *meis*, *izésti*, *cimitéru*, *inda*, *arrudiô*,

ãssim, muntu, inzempro. Quanto às variações consonantais, as mais recorrentes foram a palatalização, o rotacismo, a assimilação, o deslocamento, como ilustram os exemplos: *chuju, Antonhu, crara, arma, riviria, andanu, correnu, drobava, tamém, Lormendi* (Elói Mendes).

Já em Diamantina – MG, Helder Ferreira encontrou uma série de fenômenos fonológicos como os coletados pelos pares integrantes do Projeto de Pesquisa Filologia Bandeirante. Os fenômenos são: consoantes africadas [tΣ] e [dZ], o rotacismo, a metátese e a iotização.

A partir dessas considerações, observemos a localização geográfica dessas cidades no mapa abaixo.



Pela localização das cidades, podemos perceber uma direção do movimento dos bandeirantes monçoeiros. Sabemos que o primeiro movimento de penetração pelo território nacional, em busca do ouro, foi feito de forma aleatória, isto é, sem roteiros fixos. O grupo responsável por esse tipo de penetração foi o dos bandeirantes. O segundo movimento foi o denominado de monções. Diferentemente das bandeiras, as monções eram expedições fluviais que seguiam

roteiros fixos. Disso resultou a formação de pequenos povoados. Tanto as bandeiras como as monções, eram compostas por luso-paulistas, que partiam de São Paulo.

Do ponto de vista lingüístico, a ocupação desses espaços (São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e parte do Paraná), foi permeada por uma língua portuguesa com características de uma língua dos séculos XV a XVII, conforme alguns estudiosos como, por exemplo, Gladstone Chaves Melo (1971) e uma língua geral que foi falada até meados do século XVIII, num contraponto com outras línguas faladas por onde essas duas línguas passaram. No caso da formação de Cuiabá bem como de outros povoados no século XVIII, o que sabemos é que, além da língua falada pelo grande número de portugueses que afluiu para as minas de Cuiabá, um dialeto originado em São Paulo, o dialeto caipira, participou também dessa expedição. Nesse sentido é que Antônio Cândido (s/d) fala de *um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia parte das Capitânicas de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso*. Corroborando essa idéia, temos também a opinião de Paquale Petrone ao dizer que a civilização caipira ao cobrir uma boa área do território brasileiro, se estendeu pelo *planalto de Franca, caminho para as minas de Goiás e de Mato Grosso*. (apud QUEIROZ, 1967:70)

Conforme já foi dito, muitos registros lingüísticos tidos e apontados como próprios do dialeto caipira, nós os reconhecemos nas cinco cidades objeto de estudo do Projeto de Pesquisa Filologia Bandeirante, bem como no vocabulário regional de Cuiabá, como já mostrado também. A maioria das ocorrências acima descritas nós não encontramos registros, por exemplo, no Rio de Janeiro e no Nordeste, conforme os estudos feitos por Nascentes (1953) e Marroquim (1934). Assim, a hipótese que podemos aventar é que a herança cultural e lingüística portuguesa, bem como caipira, permanecem em Cuiabá, pois o isolamento geográfico serviu para a preservação de sua identidade, sublimada nas raízes portuguesas e caipiras.

Na formação desse falar, bem como da língua portuguesa, outra hipótese que podemos colocar em epígrafe é que houve uma convergência de forças centrípetas e centrífugas, dando uma direção para sua configuração e estabilização. Quanto à força centrípeta essa sempre foi a responsável pela unidade da língua, pela conservação. Ao contrário, a força centrífuga, essa sempre primando pela diversidade, pela inovação. Assim, o movimento unidade-diversidade, diversidade-unidade, faz com que ocorra o abono de certas formas lingüísticas e o desabono de outras, como uma forma de fazer uma língua caminhar numa direção. A língua é variável em decorrência de sua pluralidade. Se fosse singular, seria invariável. Desse modo, podemos dizer que o falar, bem como os costumes e hábitos, deixam sempre suas marcas, numa dada região, do povo que aí se estabeleceu.

A marcação do gênero gramatical na variedade lingüística de Cuiabá está em dissonância com a marcação de gênero feita pela maioria dos falantes brasileiros. Enquanto a maioria dos brasileiros faz uma concordância canônica entre os determinantes e adjetivos com o substantivo como, por exemplo, *a porta está fechada, criança bonita*, em Cuiabá encontramos várias ocorrências sobre a variação na concordância do gênero gramatical como em *a porta está fechado, criança bonito*.

Uma questão que vale lembrarmos é sobre o que diz Rocha (1998:196): *a quase totalidade dos substantivos em português não apresenta uma marca morfológica de gênero, ou seja, a quase totalidade pertence a um gênero único (...)* Nesse sentido, vamos olhar nessa nossa análise os nomes distribuídos em duas classes: **nomes variáveis** e **nomes de gênero único**. Quanto aos nomes variáveis destacam-se os que apresentam flexão de gênero, seja no radical da palavra, como em *moço/moça, gato/gata/ pato/pata*, seja na flexão do determinante anteposto, como em *o agente/a agente, o colega/a colega, o indígena/a indígena*. Em relação

aos nomes invariáveis temos todos os nomes sem flexão, como os **sobrecomuns**, os **epíctenos** e os **heterônimos**.

A trilha lingüística a ser percorrida em Mato Grosso ainda é muito longa. Só em 2003 é que a Rachel do Valle Dettoni fez um trabalho contemplando o aspecto da concordância de gênero, com enfoque na anáfora pronominal. Ela analisou casos como: *Uai, mandioca, a senhora casca ela, lava bem lavadinho. A senhora vai co ele no ralo, se não tem caititu, rela ele no ralo, daí a senhora imprensa a massa no tipiti, (...)* (DETTONI, 2003:87); *a minha rua é muito fácil de você achar ele, porque ele, bem assim na esquina, ele tem uma obra da prefeitura, tem uns homens lá trabalhando.* (DETTONI, 2003:90) Afora esse trabalho, não temos conhecimento de outra produção científica acerca do gênero.

Em face dessa contextualização, é que recortamos como objeto de análise a variação na concordância do gênero gramatical. Para iniciarmos nossa discussão, vejamos como se portam os determinantes e dos adjetivos na questão da concordância.

Do ponto de vista da morfossintaxe, o que podemos dizer é que há ordens canônicas e não-canônicas de funcionamento das classes de palavras na sintaxe das línguas. Quando formulamos a frase *Dorme de boca aberta*, o que percebemos é que é uma frase bem construída por seguir um dos cânones gramaticais previstos na língua portuguesa: **V. + Prep. + N. + Adj.** Além dessa ordem, ocorreu também a concordância nominal: *boca aberta*. Se a frase fosse *Dorme de boca aberto*, teríamos uma expectativa quebrada, ou seja, não teríamos a concordância canônica prevista na língua portuguesa: *boca aberta*.

Se tivéssemos o SN *briga feia*, poderíamos inverter a ordem? Se invertêssemos a ordem, teríamos: *feia briga*. Com essa inversão teríamos um SN bem formado gramaticalmente. E se o SN fosse *briga feio*, o que diríamos da

inversão *feio briga*? O SN não estaria gramaticalmente bem formulado em decorrência da anteposição do adjetivo masculino.

Diante dos dois exemplos dados, o que podemos afirmar é que no falar cuiabano enunciados do tipo *briga feio, rapaziada novo, água sujo, esse charretinha, a mãe meu, fez o porcaria, a criança miúdo* entre outros tantos, ainda são recorrentes no dia-a-dia de uma boa parcela da população cuiabana. O que percebemos nesses exemplos é que não há uma concordância esperada dos determinantes e do adjetivo com o substantivo, como acontece de uma maneira geral na fala dos brasileiros. A concordância esperada é *briga feia, rapaziada nova, água suja, essa charretinha, a mãe minha, fez a porcaria, a criança miúda*. Desse modo, vem a pergunta: qual a explicação para essa falta de aplicação da regra de concordância de gênero?

Primeiramente, verificaremos quais são os principais casos de ocorrências. Quando tratamos de concordância nominal, as classes gramaticais que gravitam em torno de um nome para a devida concordância são os adjetivos e os determinantes (artigos, numerais e pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos). No caso do SN *bomba de água* se empregássemos:

- **um adjetivo**, teríamos a concordância: *bomba de água nova / nova bomba de água*;
- **um artigo**, teríamos a concordância: *a bomba de água*;
- **um numeral**, teríamos a concordância: *uma bomba de água*;
- **um pronome demonstrativo**, por exemplo, teríamos: *aquela bomba de água*;
- **um pronome possessivo**, por exemplo, teríamos: *bomba de água minha / minha bomba de água*.

Em oposição a esses exemplos, encontramos seguinte concordância em Cuiabá:

- com um **adjetivo**, temos a concordância: *bomba de água novo / bonito a bomba de água*;
- com um **artigo**, temos a concordância: *o bomba de água*;
- com um **numeral**, temos a concordância: *um bomba de água*;
- com um **pronome demonstrativo**, por exemplo, temos: *aquele bomba de água*.
- com um **pronome possessivo**, por exemplo, temos: *bomba de água meu. / meu bomba de água*.

Dessas classes de palavras, quais as que são mais recorrentes no tocante à falta de aplicação da regra de concordância de gênero? Vejamos o comportamento de cada uma, a partir dos exemplos coletados na comunidade em estudo, levando em conta sua posição em relação ao nome: *anteposto* e *posposto*.

Examinaremos em primeiro lugar os casos em que os determinantes (artigos, pronomes, numerais) e os adjetivos estão pospostos aos nomes. Num segundo momento, analisaremos os que estão antepostos. Os *corpora* são ocorrências verificadas em Cuiabá, no dialeto caipira e em Portugal.

Vamos ater-nos agora aos casos em que os determinantes (artigos, pronomes, numerais) e os adjetivos, que pospostos aos nomes, não realizam a regra canônica de concordância de gênero.

Dos exemplos coletados em Cuiabá, encontramos as ocorrências nos pronomes possessivos e nos adjetivos. Quanto aos pronomes, temos as seguintes ocorrências quando temos **Det. + N. + Pron.:**

- (1) **A caçula meu.** (AMS,F,123,A)
- (2) **A dança típica nosso** mesmo aqui (...) (FNC,M,65,EFI)
- (3) **Cadê a cozinheira nosso?** (RVD,15,2003)
- (4) **A vida é esse mesmo** (MFID,15,1978)

O que podemos dizer é que os nomes que aparecem nesses exemplos são aqueles que não apresentam a propriedade de flexão de gênero como, por exemplo, *casa, dança, vida, idade, nora, caçula*, exceção feita só ao nome *cozinheira*. Os exemplos mostram que a concordância não acontece, esteja ou não o nome acompanhado do artigo na estrutura sintática **Det. + N. + Pron.**

- (1) Igualzinho essa **maria meu**. (MMSA,95,2000)
- (2) Nossa **idade meu** e de Louro de nós dois. (MMSA,92,2000)
- (3) Mãe desse **nora meu** que é casada com Nélio. (MMSA,97,2000)
- (4) Onde é **casa seu**. (AMS,F,123,A)

No tocante à classe dos adjetivos, o que os exemplos mostram é que é uma classe muito sensível à variação do gênero. Podemos ter exemplos como: *a perna boa / a perna bom; criança miúda / criança miúdo* etc. Conforme Petter (1999:113), o adjetivo *quando posposto favorece a não-concordância*. Essa afirmação ela a exemplifica com dois exemplos: *lenha moiado* e *coisa sério*. Exemplos dessa natureza nós os encontramos em Cuiabá muito freqüentemente com o emprego de adjetivos figurando na posição de adjuntos. A ocorrência é verificada na estrutura sintática **Det. + N. + Adj.**, com ou sem determinantes.

Det. + N. + Adj.

- (1) **A criança miúdo**. (AMS,F,123,A)
- (2) **A perna bom**. (AMS,F,123,A)
- (3) Deixa **a janela aberto**. (ALS,F,44,EFI)
- (4) É, **a mandioca relado**. (RVD, 124, 2003)
- (5) Comprava o negro com **a família inteiro**. (AMS,F,123,A)
- (6) É **uma historinha sério** mesmo. (APC,51,2000)

N. + Adj.

- (1) **Gente morto.** (AMS,F,123,A)
- (2) **Estrada pequeno.** (ALS,F,44,EFI)
- (3) Deixa sua **casa sozinho.** (ALS,F,44,EFI)
- (4) Amanhece **gente morto.** (ALS,F,44,EFI)
- (5) É **pinga puro.** (EMS,M,83,EFI)
- (6) Só **rapaziada novo** (...) (MMSA,52,2000)
- (7) **Carne frito** (...) (MFID,16,1978)
- (8) **Carne assado** (...) (MFID,16,1978)
- (9) Já comi muita **carne gordo** (...) (MFID,18,1978)
- (10) Mostra muita **coisa feio.** (MFID,21,1978)
- (11) Como falam, **comida caseiro**, né. (MS,F,69,EFI)
- (12) Era umas quinze pessoas, só **rapaziada novo.** (MMSA,51,2000)
- (13) **Cidade pacato**, todo mundo se conhece . (RVD,154,2003)
- (14) Vem, banana verde, **banana maduro** (...) (RVD,154,2003)
- (15) Parecendo **casinha pré-moldado.** (RVD,173,2003)
- (16) Revirado é **carne cortado miúdo** (...) (MFID,16,1978)

Além desses dois grandes grupos de ocorrências, registramos também casos em que o adjetivo, mesmo antecedido de um advérbio, ou quando temos a estrutura de um predicativo, a falta de concordância também é verificada, como mostram os exemplos abaixo. Outro caso que é muito recorrente é a questão da anáfora pronominal como em *Comprar carne seca, cortar ela bem miúdo*. Vejamos os exemplos:

Det. + N. + Adv. + Adj.

- (1) Uma **massa** bem **amarelo.** (MS,F,69,EFI)

N. + Adv. + Adj.

(2) **Mamãe** sempre **ocupado** na cozinha. (MMSA,85,2000)

VL. + Adj.

(3) Nesse tempo eu era **casado**. (AMS,F,123,A)

Det. + N. + VL. + Adj.

(4) A **mesa** tava **alto** de vasilhas. (AMS,F,123,A)

(5) **Toda fala** de cuiabano é **errado**. (MS,F,69,EFI)

(6) **Essas coisa antigo** era difícil né. (MMSA,88,2000)

(7) **O meu meninada** é **acostumado**. (MMSA,68,2000)

(8) **A vida era mais farto** (...) (MFID,17,1978)

(9) Ele djá ficava de **cara feio**. (RVD,15,2003)

(10) Não tou **lembrado**. (MS,F,69,EFI)

N. + Pron. + Adj. (Anáfora)

(11) Comprar **carne** seca, cortar **ela** bem **miúdo**. (MS,F,69,EFI)

(12) (Carne) Aí **ela** fica **gostoso**. (MS,F,69,EFI)

O que vemos através dos exemplos acima é que a maioria das ocorrências são verificadas nos casos em que temos **N. + Adj.** e **Det. + N. + VL. + Adj.** Na concordância canônica da língua portuguesa, quando temos essas estruturas, a concordância esperada na estrutura **N. + Adj.** é, por exemplo: *cidade pacata*, *banana madura*, *casinha pré-moldada* etc., diferente do que verificamos nos exemplos (13), (14) e (15), respectivamente. Quanto à estrutura **Det. + N. + VL. + Adj.** a concordância previsível é: *a vida era mais farta*, *cara feia*, em oposição ao

que temos nos exemplos (8) e (9). Já quanto ao caso da estrutura **Det. + N. + Adj.** o que percebemos é que o emprego do determinante não altera a falta de concordância de gênero como mostram os exemplos de (1) a (6). A concordância canônica esperada nos exemplos de (1) a (3) seria: *A criança miúda; A perna boa; Deixa a janela aberta.* Independente de o adjetivo estar na posição de um termo predicativo, a falta de concordância é verificada também, como mostram os exemplos (4) a (10).

O que podemos afirmar é que em se tratando de gênero, conforme as definições que encontramos nos compêndios gramaticais, o substantivo deve flexionar-se em gênero e número. Em oposição a essa postura, temos o pensamento de Mattoso Câmara ao afirmar que a questão do aspecto flexional tem suas limitações. Enquanto a regra funciona para *lobo / loba*, deixa de fora flexões como de *mestre / mestra, autor / autora*. Neste último exemplo o que temos é a existência da marca desinencial *-a* para *mestra* e *autora* e a ausência de marca desinencial para *mestre* e *autor*. Diante dessa limitação, uma regra mais consistente foi a formulada por Mattoso Câmara ao afirmar que *o gênero de um substantivo está na flexão do artigo que o determina ou pode determinar.* (CÂMARA JR., 1972:122) Com essa regra, o que fica claro é que quando nenhuma das demais regras funciona, essa é a única que dá conta de uma explicação plausível para o gênero na língua portuguesa. Comungando dessa idéia, Cunha & Cintra (2001:188-189) afirmam que *pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo o* e que *pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo a*. Idéia semelhante tem Rocha (1998) quando diz que o gênero do substantivo é uma categoria sintática que é explicitado através de um determinante flexionado. Diante da postura desses teóricos, o que observamos no falar cuiabano, a partir dos exemplos com a estrutura sintática **N. + Adj. e Det. +**

N. + VL. + Adj. é que a regra se apresenta inconsistente. Vejamos outros casos com adjetivos.

Outros exemplos com o emprego do adjetivo são com os adjetivos empregados depois de um verbo de ligação. Quando temos esse emprego no português brasileiro, é recorrente a concordância canônica como em *a mesa estava alta de vasilhas*, *a vida era mais farta* etc. Em Cuiabá essa concordância não é verificada em um número expressivo de falantes. A concordância muito freqüente quando temos a estrutura sintática **Det. + N. + VL. + Adj.** é: *A mesa tava alto de vasilhas.* (AMS,F,123,A); *Toda fala de cuiabano é errado.* (MS,F,69,EFI); *O meu meninada é acostumado.* (MMSA,68,2000); *A vida era mais farto (...)* (MFID,17,1978); *Não tou lembrado.* (MS,F,69,EFI). Também nesses exemplos temos um rol de palavras que não apresentam a propriedade de flexão de gênero como *mesa, fala, meninada, vida* etc.

A variação na concordância do gênero gramatical é verificada também em outras estruturas do falar cuiabano como em: **Det. + N. + Adv. + Adj.** - *Uma massa bem amarelo.* (MS,F,69,EFI); **N. + Adv. + Adj.** - *Mamãe sempre ocupado na cozinha.* (MMSA,85,2000); **VL. + Adj.** - *Nesse tempo eu era casado.* (AMS,F,123,A). São muito recorrentes também os casos de anáfora pronominal como em *Comprar carne seca, cortar ela bem miúdo.* (MS,F,69,EFI); *(Carne) Ai ela fica gostoso.* (MS,F,69,EFI). O que mostram esses exemplos é que ocorrendo ou não o emprego do artigo, a concordância não é verificada.

De forma esquemática, podemos assim sintetizar a ocorrência de adjetivos e pronomes na posição pós-nominal:

Pós-nominal	
casa	bonito, meu
Substantivos (masc./fem.)	Adj. e Pron. Poss.
Concordância no masculino	

Passemos agora aos casos em que os determinantes e os adjetivos estão antepostos aos nomes, e que não apresentam a regra de concordância de gênero.

Dos exemplos coletados em Cuiabá, encontramos as ocorrências nos pronomes demonstrativos, nos artigos, nos numerais e nos adjetivos. Essas ocorrências são as que mais chamam a atenção em decorrência da excentricidade da ocorrência na língua portuguesa. Vejamos primeiro o caso dos artigos antepostos aos nomes sem a ocorrência da aplicação da regra de concordância. Encontramos casos como **Det. + Pron. + N.** - *Djá aconteceu muita coisa boa **no mia vida*** (RVD,11,2003); **Det. + Num. + N.** - (...) *que eu fui tomar o **primeiro injeção na minha vida*** (...) (RVD,170,2003) e tendo como o mais recorrente o do **Det. + N.** - *Me dê **um água***. (AMS,F,123,A).

A falta de concordância verificada na estrutura **Det. + N.** é muito produtiva na comunidade em estudo. O que se destaca nessa ocorrência é que palavras femininas estão antecedidas de um determinante masculino como em *água, coisa, espinha, sede, Lurdinha* etc. Os exemplos abaixo mostram que o arcabouço teórico construído por Mattoso Câmara, por Cunha & Cintra e por Rocha de que o gênero de um substantivo está na flexão do artigo, mais uma vez não se confirma. Os exemplos mostram o emprego do determinante masculino de forma indistinta para os nomes femininos.

Det. + N.

(1) Me dê **um água**. (AMS,F,123,A)

- (2) Fez **o porcaria**. (AMS,F,123,A)
- (3) Puxaram **o coisa**. (AMS,F,123,A)
- (4) Fica só **no espinha**. (MS,F,69,EFI)
- (5) Eu durmo lá **no sede** eu com as minha criança. (MMSA,67,2000)
- (6) **Um hora** deste com um tempinho desse. (MMSA,110,2000)
- (7) Eu cheguei **no mamãe** (...) (RVD,11,2003)
- (8) Por que mamãe **no minha** casa? (RVD,11,2003)
- (9) Lá **no Lurdinha** (...) (MMMJ,11,1985)

A segunda maior ocorrência da variação na concordância do gênero gramatical é verificada com os pronomes demonstrativos. O que vemos nos exemplos abaixo é que, enquanto no dia-a-dia da fala de qualquer falante da língua portuguesa encontramos, por exemplo, a concordância *dessa irmã, essa casa, nessa fazenda, aquela igreja*, em Cuiabá nós a temos realizada *desse irmã, esse casa, nesse fazenda, aquele igreja*.

Como ocorreu com os artigos, aqui o fenômeno se repete com o emprego de pronomes masculinos para os nomes femininos de forma indistinta na estrutura sintática **Pron. Dem. + N.**

Pron. Dem. + N.

- (1) **Desse irmã** de caridade. (AMS,F,123,A)
- (2) **Esse casa** (AMS,F,123,A)
- (3) **De lá mesmo desse casa** tá louco para ir. (MMSA,69,2000)
- (4) Ele ainda tem **esse charretinha** dele pra virar com ele. (MMSA,66,2000)
- (5) Eu vou fazer **esse semana**. (MMSA,68,2000)
- (6) Toda vida já enfrentei por **esses gleba** rapaz. (MMSA,70,2000)
- (7) Quase tudo **esses região** (...) (MMSA,65,2000)

- (8) Não é bater papu, **nesse fazenda mesmo** aí eu com esses dois guri (...)
(MMSA,66,2000)
- (9) Eu dei ele **nesse vasilhinha** para ela. (MMSA,105,2000)
- (10) Arrumaram **esse vassourinha**, remédio do mato. (MFID,23,1978)
- (11) Oiá aqui **esses criança (...)** (MMMJ,8,1985)
- (12) Não tinha **aquele igreja**. (AMS,F,123,A)
- (13) Rapa tudinho **aqueles coisa (...)** (RVD,169,2003)
- (14) As cobra, **aqueles aranha** que tem, né. (RVD,169,2003)
- (15) **Aquele** tal de **bruaca** de couro. (MS,F,69,EFI)
- (16) **Aquele porcariada** (AMS,F,123,A)

Nos seguintes exemplos com os pronomes demonstrativos, mesmo com variação da sintaxe da frase, não verificamos o emprego da regra canônica de concordância de gênero.

Pron. Dem. + VL. + Det. + N.

- (1) **Esse** que é a **vontade** que eu tinha. (AMS,F,123,A)

Pron. Dem. + Det. + VL. + Adj.

- (2) **Este um é trabalhadeira (...)** (referência a uma mulher) (MFID,20,1978)

Pron. Dem. + Num. + N.

- (3) (...) que é pai **desses duas crianças** mais **novo** meu. (RVD,169,2003)

Pron. Poss. + N.

- (4) É, quando eu vedjo que **o meus criança** tá doente. (RVD,169,2003)
- (5) No meu tempo que era **meus parentagem (...)** (MMSA,90,2000)

A terceira ocorrência verificada com relação à variação na concordância do gênero gramatical está centrada nos adjetivos.

Adj. + Det. + N.

(1) Ficava **bonito a vasilha**. (AMS,F,123,A)

(2) Tá mais **custoso a vida**, tá. (MFID,16,1978)

(3) Aí pararam, uns quatro, cinco ano ficou **parado o barragem** (...) (RVD,170,2003)

De um modo geral, na língua portuguesa se o adjetivo está anteposto ou posposto ao substantivo, a concordância sempre é feita com ele. No caso do adjetivo posposto ao substantivo temos a seguinte ocorrência na língua portuguesa: *a vasilha bonita*. No caso do adjetivo anteposto ao substantivo a ocorrência é: *bonita vasilha / bonita a vasilha*. O que verificamos no falar cuiabano é que quando o adjetivo vem anteposto ao substantivo, a concordância canônica não se verifica, como mostram os exemplos acima.

De forma esquemática, sintetizamos a ocorrência de adjetivos, pronomes e numerais na posição pré-nominal:

Pré-nominal	
Bonito, esse, dois	mesa
Artigos, pronomes, adjetivos, numerais	Substantivos (masc./fem.)
Concordância no masculino	

A partir dos exemplos acima arrolados, o que observamos é o que foi teorizado por Mattoso Câmara, por Cunha & Cintra e por Rocha no tocante ao emprego do artigo como marcador de gênero, não se confirmou nos casos analisados. Além disso, outro aspecto que sobressaiu foi que a falta de aplicação da

regra de concordância foi mais visível nos nomes sem a propriedade de flexão que são recorrentes tanto na posição pós-nominal como pré-nominal. Só a título de exemplo, listaremos aqui uma série de palavras retiradas das falas dos informantes para reforçar essa hipótese. Assim temos: *água, aranha, argola, banana, barragem, bruaca, caçula, cara, carne, casa, casinha, charretinha, cidade, cobra, coisa, coisarada, comida, companheirada, Corumbá, criação, criança, Cuiabá, comida, dança, espinha, estrada, fala, família, fazenda, feira, gente, gleba, gravação, historinha, hora, idade, igreja, injeção, janela, Lurdinha, mamãe, mandioca, mão, Maria, massa, meninada, mesa, moagento, nora, onça, parentagem, perna, pessoa, pinga, porcária, porcariada, porta, rapaziada, região, roupa, sede, semana, situação, vaga, vasilha, vasilhinha, vassourinha, vida*. Aqui estão algumas das palavras que são encontradas em praticamente todos os diálogos no cotidiano dos informantes entrevistados. Nesse rol, cabe destacarmos que os substantivos próprios (de pessoas e de cidades), os comuns-de-dois e os epícenos integram uma categoria muito produtiva quanto à falta de aplicação da regra de concordância.

Passando agora para a variação da concordância do gênero gramatical no dialeto caipira, vamos nos ater aos textos **O dialeto caipira**, de Amadeu Amaral e **O dialeto caipira na região de Piracicaba**, de Ada Natal Rodrigues. Vamos começar pelas classes gramaticais quando pospostas. As duas principais ocorrências são com os adjetivos e pronomes. Vejamos primeiramente a classe dos adjetivos.

Como ocorre no falar cuiabano, no dialeto caipira encontramos a classe dos adjetivos como muito produtiva no tocante à variação na concordância do gênero gramatical. Sobre essas ocorrências, o que podemos dizer é que os nomes que aparecem nesses exemplos, como os que aparecem no falar cuiabano, são aqueles que não apresentam a propriedade de flexão de gênero como, por exemplo, *casa*,

lata criança, criação, gente etc. Esses exemplos mostram que a concordância não ocorre, esteja o nome acompanhado ou não do artigo.

No tocante à classe dos adjetivos, o que os exemplos mostram é que é uma classe muito sensível à variação do gênero. As ocorrências verificadas nesse dialeto são semelhantes às que encontramos no falar cuiabano. Exemplos dessa natureza nós os encontramos muito freqüentemente em Cuiabá. Vejamos primeiramente os casos em que temos a estrutura **Det. + N. + Adj.**

Sobre essa ocorrência, o que podemos dizer é que os nomes que aparecem nesses exemplos são aqueles que não apresentam a propriedade de flexão de gênero como, por exemplo, *coisa, gente, lata, criança, criação*. Os exemplos abaixo mostram uma situação de ocorrência semelhante à que verificamos em Cuiabá, quando da posposição dos determinantes e adjetivos.

Det. + N. + Adj.

- (1) **É um coiso esquisito.** (ANR,202,1974)
- (2) Pedia que Jesus ajudasse e desse mais uma família pra mim, **a gente** ficou assim (1)**sozinho**, né? (ANR,201,1974)
- (3) **Essa lata cheio** d'água na cabeça (...) (ANR,203,1974)
- (4) Essa aqui assim, e **a lata carregado.** (ANR,203,1974)
- (5) Mas já não dá **uma coisa seguro** (...) (ANR,207,1974)
- (6) **As criança** távum **quéto.** (AA,1920)
- (7) **As criação** ficarum **pestiado.** (AA,1920)

A ocorrência a seguir com a estrutura sintática **N. + Adj.**, também é muito verificada no falar cuiabano. O que essa estrutura revela é que independentemente do N. estar acompanhado ou não de determinante, o adjetivo se flexiona sempre no

masculino, ocorrência verificada também no falar cuiabano, como mostram os exemplos.

N. + Adj.

- (1) Eu tenho a natureza de gente (...) **de gente novo**, né. (ANR,203,1974)
- (2) Essas **coisarada bunito**. (AA,1920)

A segunda ocorrência verificada é quando do emprego dos pronomes na posição pós-nominal. Nessa ocorrência, o pronome permanece sempre no masculino também.

Det. + N. + Pron.

- (1) **A mãe meu** vinha e dava leite de vaca e o menino não aceitava (...) (ANR,200,1974)
- (2) Se eu falar pra senhora que **a regra meu** veio, então eu minto pra senhora. (ANR,201,1974)

N. + Pron.

- (1) **Avó meu** lidava ali comigo (...) (ANR,200,1974)
- (2) No começo, ficou cinco ano sem dar **dor nenhum** (...) (ANR,201,1974)
- (3) Se a senhora falar que tem peça de **roupa meu** que tá com alguma (...) (ANR,202,1974)

De forma esquemática, podemos assim sintetizar a ocorrência do emprego de adjetivos e pronomes na posição pós-nominal no dialeto caipira:

Pós-nominal	
roupa	bonito, meu
Substantivos (masc./fem.)	Adj. e Pron. Poss.
Concordância no masculino	

Vejam os casos de anteposição. As ocorrências verificadas são com o emprego dos artigos, dos pronomes, dos adjetivos e dos numerais.

Det. + N.

- (1) É um negócio assim que tem uma junta assim, **um coisa** de couro (...) (ANR,202,1974)
- (2) **Um coisa** de ferro assim (...) (ANR,202,1974)
- (3) Pega um saco branco com **um coisa** assim (...) (ANR,207,1974)

Pron. + N. + Adj.

- (4) e aqui tem **aquela coisa estufado**. (ANR,202,1974)

Adj. + N.

- (5) Tá **louco, mulher?** (ANR,205,1974)
- (6) Cê tá **louco, mulher?** (ANR,205,1974)
- (7) Tá **louco, mulher?** (ANR,205,1974)

Num. + N.

- (8) Num lugar assim, tem **dois, três pessoa** (...) (ANR,203,1974)

Tanto no dialeto caipira como no falar cuiabano, o maior número de ocorrências em que não funciona a regra da concordância de gênero, quando da anteposição dos determinantes e dos adjetivos, é verificado com os artigos. As

demais ocorrências são com alguns casos de pronomes e adjetivos. Como no falar cuiabano, a falta da aplicação da regra de concordância acontece também com palavras sem a propriedade de flexão de gênero como *coisa, pessoa, mulher*.

Esquemáticamente é assim que visualizamos a ocorrência de adjetivos, pronomes e numerais na posição pré-nominal:

Pré-nominal	
Bonito, esse, dois	mesa
Artigos, adjetivos, pronomes, numerais	Substantivos (masc./fem.)
Concordância no masculino	

Nos quadros abaixo temos uma síntese das ocorrências quando da posposição e da anteposição ao nome dos determinantes e adjetivos. No primeiro quadro temos o registro da variação na concordância do gênero gramatical, quando os determinantes e adjetivos estão pospostos aos nomes. Nele vemos que as categorias mais sensíveis à variação na concordância do gênero gramatical foram a dos artigos e os pronomes demonstrativos, tanto no falar cuiabano como no dialeto caipira. Outra ocorrência verificada foi com a categoria dos pronomes possessivos tanto no falar cuiabano como no dialeto caipira.

Falar cuiabano	Dialeto Caipira
Adjetivo	Adjetivo
Pron. demonstrativo	Pron. demonstrativo
Pron. possessivo	Pron. possessivo

No próximo quadro, temos um resumo das ocorrências quando os determinantes e adjetivos estão antepostos. As ocorrências, tanto no falar cuiabano como dialeto caipira, são verificadas nos artigos, nos pronomes demonstrativos, nos adjetivos e alguns casos nos numerais.

Falar cuiabano	Dialeto Caipira
Artigo	Artigo
Pron. demonstrativo	Pron. demonstrativo
Adjetivo	Adjetivo
Numeral	Numeral

Quanto aos dados coletados em Portugal, os exemplos são de períodos muito variados. Constam do *corpus* exemplos desde o século XVII até o século XX. Em Portugal a ocorrência mais produtiva quanto à falta de aplicação da regra de concordância de gênero foi verificada no emprego do artigo. Assim, temos exemplos como *huma premio decuádo* (Antonio C. Vianna, 288,1783), *o oração seguinte* (Maria M. G. de Oliveira, 182,1967), *o arroba de feijão a 15/8^{as}* (Antonio Á. L. Peixoto, 1727), *o raiz* (Clarinda de A. Maia, 1975), *um certo ponte* (Maria Rosa L. D. Costa, 301,1961) etc. A segunda maior ocorrência diz respeito ao emprego dos pronomes demonstrativos. Assim, registramos exemplos como os que seguem: *aquele bruaca* (Boléo,1942), *esse madre escrivaninha* (Antonio C. Vianna, 280,1783), *aquele masseirinha* (Boléo,1942) etc. Quanto ao emprego do adjetivo, encontramos *bonito essa flora* (Boléo, 1942) e *fermosa conselho* (Garcia de Resende,48,1516). Nos textos pesquisados não logramos encontrar o emprego dos pronomes possessivos e indefinidos bem como dos numerais.

Quanto aos dados coletados em Portugal, iniciemos nossa análise pela classe dos determinantes e adjetivos pós-nominais. Pelos exemplos que conseguimos, o que pudemos observar é que os adjetivos, quando pospostos, favorecem a não-concordância. E essa ocorrência independente de o nome estar acompanhado de um determinante ou não, como mostram os exemplos abaixo. Os exemplos a seguir estão divididos em dois grupos: um grupo em que os nomes estão antecidos de

determinantes e um grupo em que os nomes estão sem determinantes. O primeiro grupo é o que tem a estrutura sintática: **Det. + N. + Adj.**

Det. + N. + Adj.

- (1) **A gente disposto** (...) (Cândida da S. C. Baptista, 189,1967)
- (2) **A moda talhado.** (Domingos Caldas Barbosa, 14,1738-1800)
- (3) **A semente voltado** para dentro (...) (Maria da C. Vilhena, 276,2000)
- (4) **As portas do céu aberto** (...) (Maria M. G. de Oliveira, 178,1966)
- (5) **Hũa lâpada todo** de cobre. (Pedro A. de Azevedo, 11,1902)
- (6) **Ua donzela coitado** (aflito, infeliz) (Rodrigues Lapa, 257,1998)
- (7) **Uma coisa pouco.** (INQ.Boléo, 1942)
- (8) **Uma pessoa** que nasceu **surdo.** (INQ.Boléo, 1942)

Quanto à classe dos adjetivos, o que os exemplos mostram é que a expectativa da concordância canônica, ou seja, de o adjetivo concordar com o substantivo em gênero, número e grau, é quebrada. Tomando os exemplos (3) e (4), a concordância esperada seria: *A semente voltada para dentro* e *As portas do céu abertas*. Mais uma vez parece que a postura teórica de que os adjetivos quando pospostos aos nomes favorece a não-concordância se confirma, como atestam os exemplos (3) e (4). Se essa postura é verdadeira, ela então entra em contradição com o que dizem as gramáticas normativas: *o adjetivo varia em gênero, número e grau*. E dizem ainda mais: *o adjetivo flexiona-se em gênero e número com o substantivo caracterizado*, como diz Cegalla (1981:102) na sua **Novíssima gramática da língua portuguesa**. Assim, vemos que há um hiato entre o que dizem as gramáticas e o que fazem os usuários da língua portuguesa. E os exemplos de Portugal, por serem de épocas as mais variadas, mostram que a questão da variação na concordância não é tão recente assim.

Nos exemplos a seguir com a estrutura **N. + Adj.**, a não realização da concordância é igualmente verificada. Quando dizemos, por exemplo, *dor + estranho*, a concordância esperada seria *dor estranha*, como uma forma de garantir mais uma vez o que preconizam as gramáticas normativas. No entanto, o que encontramos é a concordância *dor estranho*, frustrando a expectativa da concordância canônica. E seguindo essa estrutura, temos os exemplos abaixo, do segundo grupo.

N. + Adj.

- (1) **Ffolha** de prata **dourado** (Pedro A. de Azevedo, 13,1902)
- (2) **Macieiras brabo** (...) (INQ. Boléo, 1942)
- (3) **Todas cousas comprido** (M. Rodrigues Lapa, 43,1998)
- (4) Hũas **toalhas nouas ffrançaезes**. (Pedro A. de Azevedo, 23,1902)
- (5) **Dor estranho** (...) (Auto das Padeiras, 6,1638)
- (6) Vinte e hũ **chapas todo dourado**. (Pedro A. de Azevedo, 7,1902)
- (7) **Conteira dourado** e mogerom (...) (Pedro A. de Azevedo, 9,1902)

Como verificado no dialeto caipira e no falar cuiabano, aqui registramos também que as ocorrências contrariam o que disse Mattoso Câmara, Cunha & Cintra e Rocha acerca da questão do gênero. Para Câmara Jr. (1972:122), o que determina o gênero de um substantivo é a flexão do artigo. Desse modo, com o artigo não flexionando, podemos afirmar que os nomes são intrinsecamente todos não marcados. Por essa afirmação, vemos aqui retratada a realidade lingüística da variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano, no dialeto caipira bem como em Portugal. Para Bechara, todo substantivo está dotado de gênero, ou seja, o gênero é inerente ao nome. E ao fazer essa afirmação, percebemos que não fala em flexão, mas *grupos de palavras masculinas e grupos de palavras*

femininas. Para ele a flexão está nos determinantes (artigos, pronomes, adjetivos) e não no nome. O que pudemos observar também nos dados coletados em Portugal é que a ocorrência da variação na concordância do gênero gramatical é recorrente nas palavras que não apresentam a propriedade de flexão de gênero como *folha, macieira, coisa, dor* etc.

Outro grupo de ocorrências ainda quanto à posposição dos adjetivos, diz respeito ao do adjetivo na posição de *sujeito/predicativo*. Independente de o adjetivo estar nessa posição, a falta de concordância é verificada também, como mostram os exemplos (1) a (7). Normalmente a concordância esperada na língua portuguesa seria, por exemplo, *a água ser fechada, a minha cozinha está dividida, Lisboa é linda*. Retomando o que disse Petter, mais uma vez vemos que o adjetivo posposto favorece a não-concordância de gênero.

Det. + N. + VL. + Adj.

- (1) **A água ser fechado.** (INQ. Boléo, 1942)
- (2) **A cabeça do dedo fica muito grosso.** (INQ. Boléo, 1942)
- (3) **A lenha pode ficar assim um bocado grosso (...)** (INQ. Boléo, 1942)
- (4) A minha **cozinha** que está **dividido** (...) (INQ. Boléo, 1942)
- (5) Essas **folhinhas são apanhados** para o Natal (INQ. Boléo, 1942)
- (6) **Lisboa é lindo!** (INQ. Boléo, 1942)
- (7) **O meu criaturo é munta lindo!** (António Capão, 2000)

Sintetizando a questão do emprego dos determinantes, pronomes e adjetivos no posição pós-nominal, podemos visualizar o seguinte quadro englobando o falar cuiabano, o dialeto caipira e Portugal.

Falar Cuiabano	Dialeto Caipira	Portugal
Adjetivo	Adjetivo	Adjetivo
Pron. demonstrativo	Pron. demonstrativo	
Pron. possessivo	Pron. possessivo	

Vejam os agora os casos em que os determinantes e os adjetivos estão antepostos aos nomes. Os casos mais produtivos em Portugal são os da anteposição do determinante artigo. Como podemos perceber nos exemplos abaixo, as ocorrências pré-nominais coletadas são de períodos históricos distintos. Como observado em Cuiabá, aqui também o número de ocorrências é muito significativo. A frequência da variação na concordância do gênero gramatical é caracterizada por nomes que não apresentam a propriedade da flexão de gênero como *arroba*, *função*, *rocha*, *coisa*, *gripe*, *ponte*, *cor*, ocorrência esta verificada também em Cuiabá e no dialeto caipira. Assim, vejamos alguns exemplos na estrutura **Det. + N.**

Det. + N.

- (1) **Hum arroba** de feijão 25/8^as (António Á. L. Peixoto, 1727)
- (2) **O arroba** (António Á. L. Peixoto, 1727)
- (3) **O arroba** de feijão (António Á. L. Peixoto, 1727)
- (4) **O arroba** de milho a 14/8^as (António Á. L. Peixoto, 1727)
- (5) **Os função** será **completo** (Domingos Caldas Barbosa, 30,1738-1800)
- (6) **Huma premio** decuádo. (Antonio Correya Vianna, 288,1783)
- (7) **Do rocha** (...) (INQ. Boléo, 1942)
- (8) **O mesma coisa**. (INQ. Boléo, 1942)
- (9) **Dum coiso** que (...) (Cândida da S. C. Baptista, 182,1967)
- (10) **O gripe** (Maria C. A. Marques, 1968)
- (11) **O oração** seguinte (...) (Maria M. G. de Oliveira, 161,1966)
- (12) **O raiz** (Clarinda de Azevedo Maia, 1975)

- (13) **Tinha um fome!** (Clarinda de Azevedo Maia, 1975)
 (14) **Um certo ponte** e viram uma luz. (Maria Rosa L. D. Costa, 301,1961)
 (15) **Pelo cor preto.** (2003) (Fala de um instrutor de máquina de xérox).

Outra ocorrência muito recorrente é a com o emprego dos pronomes. Como observado em Cuiabá e no dialeto caipira, aqui também temos o registro de um número muito significativo de ocorrências. E o pronome mais sujeito a esse tipo de ocorrência é o pronome demonstrativo.

Pron. Dem. + N.

- (1) **Aquele cabecinha todo coalhada.** (INQ. Boléo, 1942)
 (2) **Aqueles broas** de centeio. (INQ. Boléo, 1942)
 (3) **Aqueles creançolas** ajustaram as contas (...) (José da Fonseca Lebre, 2,1924)
 (4) **Esse madre** escrivaninha (Antonio Correya Vianna, 280,1783)
 (5) **Esse trempre** pra li (...) (INQ. Boléo, 1942)
 (6) **Aquele masseirinha.** (INQ. Boléo, 1942)
 (7) **Este oração** disser (...) (Maria M. G. de Oliveira, 179,1966)
 (8) **Este** que é **abóbora** doce. (INQ. Boléo, 1942)
 (9) **Aquele buraca.** (INQ. Boléo, 1942)
 (10) **Vosso fulia** (Antonio Correya Vianna, 280,1783)
 (11) **Aquele coiso** que chama (Cândida da S. C. Baptista, 182,1967)

E por fim, outra ocorrência de anteposição é a verificada com a classe do adjetivo.

Adj. + N.

- (1) **Bonito essa flor** (INQ. Boléo, 1942)

(2) D'outro terra. (INQ. Boléo, 1942)

(3) **Fermosa conselho** (Garcia de Resende, 48,1516)

Sintetizando a realização das ocorrências pré-nominais, o quadro abaixo mostra-nos que no falar cuiabano, no dialeto caipira bem como em Portugal, as classes produtivas quanto à falta da aplicação da regra de concordância, são as mesmas.

Falar cuiabano	Dialeto Caipira	Portugal
Artigo	Artigo	Artigo
Pron. demonstrativo	Pron. demonstrativo	Pron. demonstrativo
Adjetivo	Adjetivo	Adjetivo
Numeral	Numeral	

Os dois quadros abaixo dão-nos uma configuração das ocorrências da variação da concordância de gênero no falar cuiabano, no dialeto caipira bem como em Portugal. O que o primeiro quadro nos mostra é que na ocorrência dos determinantes e dos adjetivos pospostos aos nomes, o emprego do adjetivo é verificado no falar cuiabano, no dialeto caipira e em Portugal. A ocorrência de pronomes demonstrativos e possessivos foi constatada só no falar cuiabano e no dialeto caipira. Já o caso da anteposição dos determinantes e dos adjetivos, vemos que as ocorrências são as mesmas no falar cuiabano, no dialeto caipira e em Portugal, com exceção do numeral que não logramos registrar exemplos em Portugal.

Determinantes e adjetivos pós-nominais

Falar Cuiabano	Dialeto Caipira	Portugal
Adjetivo	Adjetivo	Adjetivo
Pron. demonstrativo	Pron. demonstrativo	
Pron. possessivo	Pron. possessivo	

Determinantes e adjetivos pré-nominais

Falar cuiabano	Dialeto Caipira	Portugal
Artigo	Artigo	Artigo
Pron. demonstrativo	Pron. demonstrativo	Pron. demonstrativo
Adjetivo	Adjetivo	Adjetivo
Numeral	Numeral	

3.12. As variáveis extralingüísticas

3.12.1. A variável idade

De acordo com a sociolingüística, a idade do falante é um dos fatores que caracterizam o fenômeno lingüístico estável, envolvendo ou não o processo de mudança lingüística. Os informantes que compõem a amostra de fala analisada estão distribuídos em três faixas etárias: 21 a 40 anos, 41 a 60 anos e acima de 60 anos. Essas três faixas é uma forma de garantir a possibilidade de um estudo centrado em três gerações.

De um modo geral, a variável *faixa etária* apresenta uma oscilação na ocorrência dos dados nas três faixas etárias. Os informantes da faixa etária acima

dos 60 anos apresentam um número muito significativo da variante objeto de análise. Assim, é comum encontrarmos as seguintes ocorrências, marcadas pela falta de concordância: *amanhece gente morto; boca cheio de pão; semana passado; tudo criança viçoso; desse irmã de caridade; nesse fazenda mesmo; a paçoca ta fino* etc. Em outras palavras, o índice de produtividade do fenômeno analisado é muito significativo nessa faixa etária. É nela que observamos o maior grau de ocorrência da falta de aplicação da regra de concordância de gênero.

Os informantes dessa faixa etária tiveram a fixação do padrão de comportamento lingüístico há pelo menos 45 anos. Este tempo nos remete aos anos de 1960. É um período em que Cuiabá ainda se destacava como uma cidade pacata e com a manutenção de um quadro populacional estável. Entre as décadas de 1960 e 1970 é que um novo quadro populacional começou a ser desenhado em decorrência do processo da política de ocupação da Amazônia meridional adotada pelo governo federal. Desse modo, os informantes na faixa etária acima dos 60 anos são marcados por um momento lingüístico que já perpassou quase cinco décadas. O que vemos, então, nesse grupo é o resultado de um conservadorismo lingüístico de uma dada época de Cuiabá. Assim, marcas lingüísticas conservadas em uma cidade por várias décadas, ainda se projetam no universo lingüístico.

Em relação aos informantes da faixa etária compreendida entre 41 e 60 anos, o que podemos dizer é que encontramos ainda um conjunto expressivo da variação na concordância do gênero gramatical. O número de ocorrências é menor em relação aos informantes enquadrados na faixa etária acima dos 60 anos. O que inferimos a partir dessa menor ocorrência é fato de esse grupo ter fixado o padrão do comportamento lingüístico na década de 1970. Essa é uma década em que a cidade de Cuiabá teve sua população dobrada, ou seja, passou dos 56.000 habitantes em 1960 para os 100.000 em 1970. Desse modo, os aspectos sociais,

políticos e lingüísticos começaram a receber uma série de influências dos migrantes.

E por fim, o terceiro grupo, o dos informantes na faixa etária entre 21 e 40 anos. Nesse grupo quase não encontramos ocorrências no tocante à questão da variação na concordância do gênero gramatical. Esse é o grupo que está numa cidade marcada por uma mudança brusca no aspecto populacional. Esses informantes são fruto de uma “nova cidade”, isto é, uma cidade matizada pela miscigenação. A geração desses informantes é afetada por uma onda de migrantes do Sul, Sudeste bem como do Nordeste brasileiro. Isso fez com que os usos e costumes tomassem uma nova configuração.

3.12.2. A variável sexo

Vários estudos lingüísticos têm demonstrado que as mulheres tendem a usar as variantes ligadas a um *status* alto, mais freqüentemente que os homens. Em síntese, a fala dos homens e a das mulheres constitui duas variedades distintas. As mulheres preferem as formas lingüísticas de prestígio e são mais sensíveis a uma norma de linguagem mais do que os homens? A literatura sociolingüística tem registrado que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas socialmente. E como afirmou Louis Gauchat (1905), as mulheres fazem um maior uso das formas lingüísticas inovadoras do que os homens, ou seja, as mulheres desempenham um papel muito significativo no avanço das mudanças lingüísticas. Mas será que tais afirmações ainda são válidas? E se são válidas, quais as condições para a validação? Vejamos.

Retomando a história de Mato Grosso e, especialmente a de Cuiabá, um fato que marcou a cidade foi que no século XVIII a população masculina sempre foi superior à feminina, conforme mostrado no item 1.6.4. Esse quadro começou a ser

alterado entre os séculos XIX e XX. Só a título de exemplo, no ano de 1996, o censo do IBGE apurou uma população de 433.355 habitantes em Cuiabá, sendo 221.078 mulheres e 212.277 homens. Estes dados mostram um predomínio da população feminina sobre a masculina: 8.801 mulheres a mais, ou seja, 4,15%.

Por que essa caracterização da população? Ela tem como finalidade compreendermos a *variável sexo* na questão da variação na concordância do gênero gramatical. A literatura registra que normalmente as mulheres tendem a liderar processos de mudança lingüística. Ainda mais, quando uma forma prestigiada está para ser implementada na língua, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Quando se trata da implementação de uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens lideram o processo. De acordo com Labov (1972:301), tomando para si a carga de transmissão de normas de comportamento, dentre eles o lingüístico, a mulher se vê na contingência de apresentar-se como modelo. Para Chambers (1994), as diferenças entre a fala de homens e mulheres podem ser o resultado de uma atribuição de funções socioculturais diferentes, sobretudo quando as variáveis são estáveis e quando homens e mulheres levam vidas diferentes dentro de uma comunidade. Essa é a situação que é designada como variabilidade baseada no gênero. Isso posto, vejamos o comportamento dos nossos informantes no tocante à variável em análise.

Dos dados coletados dos 12 informantes (6 homens e 6 mulheres), bem como dos 8 informantes entrevistados por Santiago-Almeida (2000), o que observamos foi que entre as mulheres a variação na concordância de gênero gramatical é mais saliente do que entre os homens. O índice de não aplicação da regra de concordância nos informantes do sexo feminino foi o dobro do observado nos informantes do sexo masculino. Diante dessa constatação, ficou patente que em

Cuiabá as mulheres são mais conservadoras do vernáculo, ao passo que os homens são mais inovadores.

Cabe ressaltarmos que do grupo de mulheres, temos que materializar o resultado acima somente para as mulheres da faixa etária acima dos 40 anos. Quanto às mulheres da faixa etária abaixo dos 40 anos, são raras as ocorrências da falta de aplicação da regra de concordância de gênero. Em relação aos homens, o mesmo fenômeno ocorreu.

Esses resultados nos levam a fazer algumas inferências. No tocante à variável idade, o que pudemos observar é que à medida que decresce a idade dos informantes, decresce também o número de ocorrências da variante analisada. Nos informantes na faixa etária entre 21 e 40 anos, as ocorrências chegam quase a ser nulas.

No período compreendido entre 1960 e 2000 foi quando Mato Grosso recebeu o maior número de migrantes. Pela tabela abaixo, podemos acompanhar alguns períodos do crescimento populacional de Mato Grosso.

Crescimento populacional de Mato Grosso			
1872	60.417	1960	889.539
1890	92.827	1970	1.597.090
1900	118.025	1980	1.138.691
1920	246.612	1991	2.020.581
1940	432.265	2000	2.504.353
1950	522.044	2005	2.803.274

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mato_Grosso

O que verificamos nesta tabela é que pelo fato de a população do estado de Mato Grosso ter duplicado no período compreendido entre 1960 e 1970, esse fenômeno também se estendeu a Cuiabá por ser a capital e a maior cidade do estado. A sua população que era de 57.860 habitantes em 1960, passou para

533.800 em 2005. A tabela abaixo também mostra que o crescimento populacional seguiu praticamente os mesmos índices do estado, exceção feita somente na década de 1980 em que o crescimento demográfico no estado foi negativo, enquanto que na cidade de Cuiabá foi da ordem de 111%.

Crescimento populacional de Cuiabá	
1960	57.860
1970	100.865
1980	212.984
1991	402.813
1996	433.355
2000	483.346
2005	533.800

Fonte: IBGE-2005

Essas duas tabelas mostram que esse grande fluxo migratório, de certa forma fez com que ocorresse uma ebulição nos aspectos sócio-econômicos, políticos e culturais no estado bem como na capital. Esses aspectos foram colocados frente a frente com os usos e costumes não só do povo mato-grossense como também do cuiabano.

Nesse mesmo período o mundo passou por uma série de transformações tecnológicas. Isso fez com que os meios de comunicação se desenvolvessem muito rapidamente. Os meios de comunicação de massa (primeiramente o rádio, depois a televisão), e os programas de educação pública criaram as condições para que ocorresse uma difusão mais generalizada do conhecimento. Isso de certa forma proporcionou e ainda continua proporcionando as condições para um nivelamento lingüístico, tentando de certa forma marginalizar o vernáculo.

Os fatores migração, comunicação de massa e o incremento de vários programas de educação abriram as trilhas para um novo momento lingüístico em Cuiabá. Isso de certa forma explica as mudanças lingüísticas que vêm acontecendo na nessa comunidade. A alternância entre as africadas e as fricativas bem como a variação na concordância do gênero gramatical, entre outras ocorrências lingüísticas do falar cuiabano, estão passando por um processo de mudança. O indício desse processo é visível quando essas marcas são pouco ou não observadas na população mais jovem. A integração do cuiabano com os migrantes e com os mais diferentes meios de comunicação que temos hoje à disposição, faz com ele se aproxime cada vez mais da norma de prestígio. Desse modo, uma mudança sociocultural pode engendrar uma mudança lingüística, como parece ocorrer estar ocorrendo em Cuiabá.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa tese buscamos apresentar a configuração da variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano. Em se tratando da variação na concordância nominal de número, esta é notória, em grau mais ou menos recorrente, em praticamente todas as variedades do português brasileiro. Se observarmos a categorização da recorrência, podemos afirmar que ela já funciona como se fosse uma regra na variedade coloquial do português brasileiro. Já quanto à variação na concordância nominal de gênero não podemos dizer o mesmo. A ocorrência é mais localizada, isto é, ela está circunscrita a certas variedades lingüísticas brasileiras.

Sobre a questão gênero, cabe lembrarmos aqui a discussão feita por John Martin (1975). Para ele, há dois grandes grupos de substantivos em português como *menino*, *fogão* e *espírito* e como *menina*, *verdade* e *mesa*, dos quais os adjetivos e os determinantes tomam seu gênero. A partir da regra básica da língua portuguesa que diz que o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo ao qual se refere, Martin faz uma teorização acerca do gênero. Para ele em *o pé está cheio de limão*, costuma-se dizer que *cheio* é uma forma do masculino porque concorda com o substantivo *pé*, que também é masculino. Observa também que em *um sorvete seria ótimo*, é contraditório dizer que *ótimo* é uma forma do masculino, se considerarmos a possibilidade de uma outra estrutura como *uma cerveja seria ótimo*, em que, apesar de o item *cerveja* ser feminino, *ótimo* permanece invariável. E por fim, apresenta-nos um questionamento acerca do gênero do adjetivo *cheio* em frases como *está cheio de limão no pé* e *está cheio de crianças na praia*, em que *cheio* parece não realizar nenhuma concordância.

John Martin observa também que as formas femininas só ocorrem quando há, de fato, um substantivo feminino na sentença como, por exemplo, *a praia está*

cheia de crianças. Assim, as formas masculinas, por outro lado, ocorrem quando há um substantivo masculino ao qual elas se relacionam na sentença como em *o pé está cheio de limão*, bem como quando não há nenhum substantivo com o qual se relacionar como em *está cheio de crianças na praia*. Por esse raciocínio, ele mostra-nos que em português podemos ter uma variante que só aparece quando há a presença de substantivos femininos e outra que aparece em todos os outros casos.

Relembrando o que disse Mattoso Câmara, o determinante se apresenta como categórico no que diz respeito à marcação de gênero. Para ele, o gênero dos substantivos se afirma pela seleção da forma do artigo determinante. Dito textualmente, *o gênero de um substantivo está na flexão do artigo que o determina ou pode determinar*. (CÂMARA JR., 1972:122) Pela sua postura, o que vemos é que quando todos os recursos para determinar o gênero se esgotam, este é o único que de fato funciona na língua portuguesa.

Comungando da postura teórica de Mattoso Câmara estão Cunha & Cintra (2001) e Rocha (1998). Para Cunha & Cintra o critério da anteposição do artigo é o mais plausível para podermos identificar se um dado nome é do gênero masculino ou feminino. Para Rocha, se a regra da flexão não funciona para indicar o gênero de um nome, a regra da anteposição de um determinante é a que nos permitirá dizer se um nome é do gênero masculino ou feminino. Em síntese, o determinante é o marcador por excelência do gênero nos nomes em português. Há uma ocorrência muito significativa quanto ao emprego dos determinantes e adjetivos, seja na posição pré-nominal ou pós-nominal, junto aos nomes femininos quando eles não apresentam a propriedade da flexão de gênero como, por exemplo, *cidade, coisa, dança, mãe, mão, mesa, nora, onça, pessoa* etc.

Outro aspecto teórico que podemos levantar sobre o falar cuiabano é que ele pode estar circunscrito ao que chamamos *deriva da língua*. Um fato que não podemos negar é que a língua é variável. Sendo essa uma característica inerente,

uma língua não se espalha num dado espaço da mesma maneira. Estará sempre vinculada às mais diferentes variações, em decorrência dos mais diversos fatores: sociais, políticos, econômicos etc. Isso se explica porque a linguagem segue pelo tempo afora num trajeto que lhe é próprio. A essa autonomia é que Sapir (1971) denominou de *deriva*.

Sapir faz uma discussão acerca da deriva, levantando a hipótese da não fragmentação das línguas em dialetos. A partir dessa hipótese, mesmo que as línguas não se fragmentassem em dialetos, elas estariam desenvolvendo aspectos novos. Para Sapir (1971:151),

nenhuma língua pode espalhar-se por um vasto território, ou, mesmo, por uma área considerável sem manifestações de variação dialetal, pois é impossível impedir que uma grande população se segregue em grupos locais, cuja língua tende a formar uma deriva independente.

Ao falarmos sobre variação dialetal, não podemos deixar de considerar os falares regionais. Estes por sua vez estão imbricados naquela. Neste sentido é que Sapir (1971:153) diz-nos que se *a fala de uma localidade começou a ter uma deriva própria, é praticamente certo que se afastará cada vez mais das outras falas, suas congêneres*. A partir desse posicionamento teórico, podemos dizer que o falar cuiabano é um exemplo dessa ocorrência? Como já mencionado acima, os lugares em que os exemplos coletados são visíveis são Mato Grosso, São Paulo, Minas, Goiás e Paraná. Nos demais estados do Brasil, a questão da variação na concordância do gênero gramatical, até onde avançamos em nossa pesquisa, é quase nula ou são registrados poucos casos. Nesse sentido, temos os relatos de Antenor Nascentes (1953) e Mário Marroquim (1934) que mostram que as regiões por eles pesquisadas, respectivamente – Rio de Janeiro e região Nordeste –, não apresentam qualquer variação de gênero. De uma maneira genérica encontramos no

Brasil um caso ou outro como *a gente fica quieto, a pessoa está distraído*, exemplos estes observados tanto na forma coloquial como, às vezes, até na forma culta.

Voltando à questão da deriva, Sapir ao tentar conceituar deriva, primeiramente mostrou-nos que as variações individuais são fenômenos desconexos, ao passo que a deriva de uma língua tem um rumo. A partir dessa diferenciação é que ele dá uma definição de deriva. Segundo Sapir (1971:155), *a deriva de uma língua consta da seleção inconsciente, feita pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial*. E essa direção nós poderemos inferi-la a partir do passado histórico da língua. É o passado de uma língua que nos apontará que direção uma mudança tomará. Para ele, cada língua possui sua deriva própria, ou seja, cada língua tem uma determinada direção evolutiva.

Ainda falando sobre a deriva, cabe lembrarmos que, de acordo com Silva Neto, na constituição do português brasileiro há, desde o século XVI, duas derivas: *a) uma deriva bastante conservadora, que se desenvolve muito lentamente e b) uma deriva a que condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada*. (SILVA NETO, 1963:129-130) Quanto à primeira deriva, o que podemos inferir é que uma população proveniente dos mais diversos pontos de Portugal que, em contato com um meio lingüístico tão diverso como o nosso, elaborou um denominador comum sem participar das mudanças operadas de modo especial nos grandes centros. Isso fez com que o falar que não recebia influências das línguas aqui existentes, lograsse o caráter conservador. No caso da segunda deriva, o que temos é que grandes multidões tiveram que aprender, de forma imperfeita e muito rapidamente, a língua dos senhores. Por essas duas derivas, o que podemos inferir é que a língua portuguesa, em alguns lugares do país, manteve-se conservadora e, em outros, inovadora.

Pelos casos observados no falar cuiabano, no dialeto caipira e em Portugal, diante da postura de Sapir bem como a de Silva Neto, o que podemos dizer é que temos indícios de que no falar cuiabano operou uma deriva, sendo que a mais produtiva foi a *deriva conservadora*. Pelos exemplos analisados, percebemos que essa deriva ganha visibilidade no falar cuiabano quando comparadas as classes gramaticais que são as mais recorrentes na questão da variação na concordância do gênero gramatical. Quanto à posposição dos determinantes e adjetivos, o que os exemplos analisados mostraram é a ocorrência do adjetivo é mais produtiva quanto à falta de concordância, conforme afirma Petter (1999:113): o adjetivo (...) *quando posposto favorece a não-concordância*. Já quanto à anteposição, vimos que as ocorrências de falta de concordância no falar cuiabano, no dialeto caipira e em Portugal são coincidentes. As ocorrências são verificadas no artigo, no pronome demonstrativo e no adjetivo. Com relação a Portugal, a única diferença é que não registramos exemplos com o numeral, como no falar cuiabano e no dialeto caipira.

Pegando um gancho nessa questão da deriva, Naro & Scherre afirmam que a origem primeira dos fenômenos lingüísticos do Brasil veio de Portugal. Para eles as condições de *pidginização endêmicas e aprendizagem de segunda língua em fase adulta* que predominaram por toda a história do Brasil, mesmo antes da chegada dos escravos, aceleraram e exageraram as tendências iniciais durante o processo de nativização da língua portuguesa por comunidades das mais diversas bagagens culturais. Naro e Scherre (2001:47) concluem que o português moderno do Brasil

(...) é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal, indubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e da nativização desta língua pelas comunidades formadas por esses falantes e seus descendentes.

Para eles, os traços e todas as estruturas presentes no atual estágio do processo histórico de evolução estavam presentes desde o início. Essa postura teórica vem reforçar mais uma vez que uma série de aspectos lingüísticos observados em Portugal são ecoados aqui. Esse eco nós observamos quando ocorrências vistas nas mais diferentes épocas históricas de Portugal como, por exemplo, a alternância das africadas e fricativas, a questão da variação entre [ãw] e [õ] bem como a regra de concordância de gênero, são ainda detectadas. No Brasil, essas ocorrências ainda apresentam uma certa vitalidade em Cuiabá e vestígios em algumas cidades de Minas, Mato Grosso, São Paulo, Goiás e parte do Paraná. Por fim, sustentam a idéia de que os traços e todas as estruturas presentes no atual estágio do processo histórico de evolução estavam presentes desde o início.

Ainda segundo Scherre & Naro (2001:47), o que aconteceu com o Português Brasileiro foi o uma *confluência de motivações*, ou seja, (...) *o português moderno brasileiro é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal (...) e da nativização desta língua pelas comunidades formadas por esses falantes e seus descendentes*.

Para Tarallo (1996), o Português Brasileiro é o resultado da alteração do Português Europeu em contato com diferentes grupos étnicos e diferentes línguas. Mesmo depois da queda do império português em 1822, o Brasil continuou sob o domínio da tradição literária de Portugal. Desse modo, o português (a língua escrita) permaneceu muito próximo de nós. Essa particularidade, aliada à questão da rigidez da língua escrita padrão, estabeleceu uma manutenção de proximidade entre os dois dialetos. Quanto às gramáticas faladas de cada dialeto, essas tomaram rumos diversos.

Das idéias vistas acima, podemos fazer algumas inferências a partir dos exemplos vistos e analisados sobre a variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano, no dialeto caipira bem como em Portugal. Tanto

pelos exemplos do Brasil como pelos de Portugal, percebemos que não é o gatilho de uma inovação na língua portuguesa. Olhando somente os exemplos no Brasil, poderíamos afirmar que a variação na concordância do gênero gramatical poderia ser vista como a implementação de uma regra. No momento em que voltamos nosso olhar para Portugal, percebemos que as estruturas sintáticas em que ocorrem a falta de concordância em Cuiabá são as mesmas vistas em Portugal. Portanto, o que ocorre em Cuiabá não se configura como uma inovação ou a implementação de uma regra na língua portuguesa.

Sobre a questão da deriva, o que vimos é que, na opinião de Sapir (1971), a fala de uma localidade está centrada numa deriva própria. Isso posto, parece que podemos inferir que esse tipo de deriva foi o que desencadeou o processo que presenciamos em Cuiabá. Sobre essa questão, cabe um reforço a partir da postura de Silva Neto (1963). Para ele a deriva pode comportar-se com uma característica conservadora ou inovadora, como já mencionamos acima. Isso posto, o que podemos aventar é que no falar cuiabano temos a ocorrência de uma deriva conservadora, em decorrência dos exemplos aqui observados e os de Portugal. Ela parece ganhar visibilidade quando observamos os exemplos do ponto de vista lexical, fonético bem como morfossintático.

Um aspecto que sobressaiu nos exemplos analisados foi que no falar cuiabano há um uso genérico de determinantes e adjetivos masculinos na relação de concordância de gênero com um número expressivo de nomes do gênero feminino. E o que os exemplos evidenciaram é que os nomes femininos em que a concordância não se verifica, são nomes que não apresentam marcas de flexão de gênero como, por exemplo, *água, banana, caçula, cara, carne, casa, cidade, coisa, dança, mamãe, mão, mesa, nora, onça, pessoa, semana, situação, vida etc.*, bem como nomes de cidade e nomes de pessoas do sexo feminino. No rol desses exemplos encontram-se os nomes denominados *epícenos, os sobrecomuns* e os

comuns-de-dois gêneros. Essa constatação também observamos em Portugal em exemplos como *abóbora, água, arroba, cabeça, coisa, coluna, donzela, família, folha, gente, Lisboa, madre, moda, oração, pano, pessoa, raiz, rocha* etc.

Outra questão que nos inquietou sobre a variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano é que em se tratando de gênero, conforme as definições que encontramos nas gramáticas tradicionais, o substantivo deve flexionar-se em gênero. Em oposição a essa postura, temos o pensamento de Mattoso Câmara ao afirmar que a questão do aspecto flexional tem suas limitações. Enquanto a regra funciona para *lobo / loba*, deixa de fora flexões como de *mestre / mestra, autor / autora* como já mencionamos acima. Neste último exemplo o que temos é a existência da marca desinencial *-a* para *mestra* e *autora* e a ausência de marca desinencial para *mestre* e *autor*. Diante dessa limitação, outra regra mais consistente formulada por Mattoso Câmara (1972) foi a de afirmar que o gênero de um substantivo está na flexão do *artigo* que o determina ou pode determinar. Com essa regra, o que fica claro é que quando nenhuma das demais regras funciona, essa é a única que dá conta de uma explicação plausível para o gênero na língua portuguesa. Seguindo esse mesmo raciocínio estão Cunha & Cintra (2001) e Rocha (1998) que afirmam que a anteposição do artigo é que vai determinar a que gênero gramatical pertence o nome.

Sobre o que disseram Mattoso Câmara, Cunha & Cintra e Rocha, o que observamos no falar cuiabano é que a regra comungada por eles não funciona nos exemplos coletados. Os exemplos colhidos em Cuiabá mostram que uma regra por mais categórica que seja, sempre deixa emergir o seu caráter inconsistente.

Quanto ao aspecto das variáveis extralingüísticas, o que pudemos observar é que os fatores sociais também têm seu papel na produção dos fenômenos lingüísticos. No tocante à variável faixa etária, o que observamos é que quanto mais jovem o informante, menor ou quase nulo o número de ocorrências da variação na

concordância do gênero gramatical. Já com o grupo dos informantes na faixa etária acima dos 60 anos, o número de ocorrências da variação na concordância do gênero gramatical foi o mais expressivo. E à medida que decresce a idade dos informantes, decresce também o número de ocorrências. Conforme diz Palma (s/d:43), *cuiabanos de faixa etária avançada, de quarenta e cinco a oitenta anos, mostram um comportamento mais conservador.*

No tocante à variável extralingüística sexo, o que a pesquisa revelou é que entre as mulheres é maior o número da variação da concordância do gênero gramatical, ou seja, é maior o número casos da não aplicação da regra de concordância de gênero. O oposto é verificado entre os homens.

E por fim, como uma observação final, a partir de alguns autores que já fizeram alguns estudos sobre o falar cuiabano, sobre o atual estágio desse falar. Na opinião de Palma (1984) e Dettoni (2003), apenas para citar alguns estudiosos, o falar cuiabano está passando por um processo de mudança. Segundo Palma (1984), (...) *o cuiabano vem substituindo, de modo acelerado nos últimos anos, padrões de comportamento lingüístico de sua região por outros estranhos a ela.* E de acordo com Dettoni (2003), indivíduos que foram estudar fora de Cuiabá, travaram contato com variedades lingüísticas mais prestigiadas do que a sua variedade vernacular. Ao retornarem para Cuiabá, trouxeram consigo *formas lingüísticas já assimiladas e teriam contribuído para difundi-las nas suas redes de relações.* Cabe lembrarmos também que com o processo de recolonização de Mato Grosso, a entradas de usuários de diversas variedades do português foi inevitável. Assim, o que vemos é que uma força centrífuga está atuando no falar cuiabano, como uma força de implementação de outras características lingüísticas em decorrência do grande fluxo populacional que a região viveu nos últimos trinta anos e continua vivendo.

ABSTRACT

This thesis has for objective to present a discussion concerning morphosyntactic aspects of the variation in the agreement of the grammatical gender in Cuiabano speech. The paper is composed of a social-historic as well as linguistic survey of Cuiabá. In the first chapter we present a little of its history and its culture, as well as some linguistic aspects of cuiabano speech. In the second chapter we have the methodological procedures for the research accomplishment. The third chapter is constituted by the data analysis in which we can realize that the variation in the agreement of the grammatical gender, in the Portuguese language spoken in the region of Cuiabá, presents huge evidences of a conservative drift.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1907.
- ADAM, Lucien. **Les idiomes negro-aryen et maléo-aryen: essai d'hybridologie lingistique**. Paris: Maisonneuve, 1883.
- ADOLFO, Coelho. **Curso de literatura nacional para uso dos liceus: a língua portuguesa**. Porto: Magalhães e Moniz, 1887.
- ALBISETTI, César e VENTURELLI, Ângelo Jayme. **Enciclopédia bororo**. Vol. I. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962.
- ALVAR, Manuel e POTTIER, Bernard. **Morfología histórica del español**. Madrid: Gredos, 1923.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1995.
- ÂMBAR, Manuela e VASCONCELOS Manuela. **O lugar da gramática no ensino de uma língua**. Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa, v. 2, p. 666-679, 1987.
- ANDRADE FILHO, Sílvio Vieira de. **Um estudo sociolingüístico das comunidades negras do Cafundó, do antigo Caxambu e de seus arredores**. Sorocaba: Gráfica Paratodos, 2000.
- ARAUJO, Renata Klautau Malcher de. **A urbanização do Mato Grosso no século XVIII: discurso e método**. 2000. Dissertação (Doutoramento em História da Arte) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, v. 2, anexo documental.
- ARAÚJO, Ruy Magalhães de. **500 anos de língua portuguesa: brevíssimo enfoque do português do Brasil**. Revista Philologus, ano 6, nº 17.
- ARGOTE, Jerônimo Contador de. **Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina**. Lisboa: Oficina da Música, 1725.
- ARRUDA, António de. **O linguajar cuiabano e outros escritos**. Cuiabá: Gráfica Print Express, 1998.
- ASSUNÇÃO, António Teixeira de. **Alguns aspectos vivos na linguagem popular**. 1942. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Auto das padeiras**. Lisboa: Antonio Alves Impressor, 1638.
- AUTOR: (Escreveu um professor da língua portuguesa para uso de seus discípulos, na cidade do Porto). **Conferencia literária**. Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1789.
- AZEREDO, José Carlos. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- AZEVEDO, Pedro A. de (copiado por). **Um inventário do século XIV**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1902.

- BACELAR, Marília Luz Muñoz. **Cambados, palavras e coisas**. 1966, Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1966.
- BAIOCCHI, Mari Nasaré. **Kalunga: estórias e textos**. Secretaria de Estado de Educação de Goiás, 1991.
- BALMORI, Clemente Hernando. **El género gramatical y las hablas diferenciadas**. Bulletin de la Faculté des Lettres de Strasbourg, maio/jun., n. 8, p. 55-65, 1964.
- BANZA, Ana Paula e GARVÃO, Helena. **As formas verbais em documentos notariais do século XIII: alguns aspectos**. Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística, Lisboa v. 2, p. 31-37, 1997.
- BAPTISTA, Cândida da Saudade Costa. **O falar da Escusa**. 1967. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Lisboa.
- BARBOSA, Domingos Caldas. **A vingança da sigana**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1738-1800.
- BARRETO, João Franco. **Ortografia da língua portuguesa**. Lisboa: Oficina de João Costa, 1671.
- BARROS, Feliciano Galdino de. **Lendas mato-grossenses**. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2001. Coleção Publicações Avulsas do IHGMT.
- BARTENS, Angela. **A língua popular brasileira em dois romances de Jorge Amado: poder-se-á aprender algo de fontes literárias?** Biblos – Revista da Faculdade de Letras, Lisboa, v. 70, p. 449-466, 1994.
- BASTO, Cláudio. **Formas de tratamento, em português**. Revista Lusitana, v. 29, Lisboa, p. 183-22, 1931.
- BAXTER, A. **Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras**. Revista Internacional de Língua Portuguesa, 1995.14. 72-90.
- BELO, Fernando. **O léxico como veículo de identidade: um debate de idéias**. Revista Polifonia, Lisboa, n. 4, p. 195-197, 2001.
- BERNARDES, Diogo. **Várias rimas ao Bom Jesus e à Virgem Gloriosa sua Mãe e a Santos particulares**. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1770.
- BICKERTON, Derek. **The language bioprogram hypothesis**. The brain and behavioral sciences, 7, 2, p. 173-221.
- BIBLOS – Revista da Faculdade de Letras, Coimbra, v. 8, p. 641-653, 1932.
- BLUTEAU, Rafael. **Sermoens panegyricos e doutrinaes**. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1733.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. **Português europeu e português do Brasil**. _____. **O estudo dos dialectos e falares portugueses: um inquérito lingüístico**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1942.

_____. **O interesse científico da linguagem popular.** Lisboa: Tipografia da Editorial Império, 1943.

_____. **Dialetologia e história da língua portuguesa: isoglossas portuguesas.** Boletim de Filologia, v. 12, Lisboa, p. 1-44, 1951.

_____. **Unidade e variedade da língua portuguesa.** Lisboa: Universidade de Lisboa, 1955.

_____. **O estudo dos falares portugueses, antigos e modernos, e sua contribuição para história da língua.** Lisboa, Texto apresentado no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros, 1957.

_____. **Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina –ana.** Biblos, Lisboa, v. 57, p. 73-95, 1981.

_____. **A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil: problemas de colonização e povoamento.** Separata de: Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, v. 18, p. 1-56, 1983.

BOLÉO, Manuel de Paiva e SILVA, Maria Helena Santos. **O “mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental”.** Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1962.

BONILHA, José Fernando Martins. **A contribuição minhota no contexto da emigração portuguesa para o Brasil.** Separata de: Revista Bracara Augusta, Braga, v. 33, fasc. 75-76 (87-88), jan./dez. 1979.

BORGES, Júlio António. **Linguagem popular do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.** Póvoa do Varzim: Tipografia Camões, 2000.

BRAGA, Franklim Costa. **Quadrazais: etnografia e linguagem.** 1971. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Lisboa.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Monsanto: etnografia e linguagem.** Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.

CAETANO, José A. Palma. **As normas portuguesa e brasileira no ensino do português no estrangeiro.** Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa, v. 2, p. 712-717, 1987.

CALERO, Ricardo Carballo. **Gramática elemental del gallego común.** 3. ed. Vigo: s/ed. 1970.

CALIX, Rosângela. **Cordões carnavalescos de Cuiabá.** Rev. UFMT, Cuiabá, ano 4, nº 1, jan./abr. 1984.

CALLOU, Dinah Maria Isensee. **O falar de Mato Grosso (Bahia): fonêmica – aspectos da morfo-sintaxe e do léxico.** 1964. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dispersos.** 14. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

- CARDEIRA, Esperança Maria da Cruz Marreiros. **A língua portuguesa na primeira metade do século XV: elementos para uma caracterização do Português Médio.** 1999. Dissertação (Doutoramento em Lingüística Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CARENO, Mary Francisca do. **Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras.** São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1997.
- CARNEIRO, A. Lima e LIMA, F. D. Pires de. **Notas comparativas entre o vocabulário médico popular português e o vocabulário médico popular brasileiro.** Congresso do Mundo Português, Lisboa, v. 11, tomo 8, II seção, p. 331-341, 1940.
- CARRANCHO, Maria Licínia Sarrico dos Santos. **A linguagem dos pescadores de Lagos.** 1969. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CARVALHO, J. G. Herculano de. **Teoria da linguagem.** Coimbra: Coimbra Editora, 1983.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 19??.
- CASIMIRO, João Joaquim. **Methodo grammatical resumido da lingua portugueza.** Porto: Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1792.
- CASTRO, Ivo (direção). **Vidas de santos de um manuscrito alcobacense.** Lisboa: Tipografia Alcobacense, 1985, (Colecção Mística de Fr. Hilário da Lourinha, Cód. Alc. CCXVI/ANTT 2274).
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Os falares africanos na interação social do Brasil colônia.** Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBa., 1980. n. 89.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 22. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981.
- CHAMBERS, J. K. e TRUDGILL, Peter. **La dialectologia.** Madrid: Visor Libros, 1994.
- CINTRA, Ema Marta Dunck. **Possíveis influências da língua bororo no falar do povo da baixada cuiabana: o caso das africadas.** 2002. 76 p. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá.
- CINTRA, Luís F. Lindley. **Une frontière lexicale et phonétique dans lê domaine linguistique portugais.** Boletim de Filologia, Lisboa, v. 20, p. 31-39, 1962.
- _____. **Sobre o mais antigo texto não-lietrário português: a Notícia de Torto** (Leitura crítica, data, lugar de redação e comentário lingüístico). Boletim de Filologia, Lisboa, v. 31, p. 21-71, 1990.
- CINTRA, Maria Adelaide Valle (org.) **Opúsculos (José Leite de Vasconcelos), v. 6, parte 2,** Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.
- Códice 296** (Biblioteca Pública Municipal do Porto). Colecção de Documentos da segunda metade do século XVIII (Luís Pinto de Sousa Coutinho – Mato Grosso).

- Códice 464** (Biblioteca Pública Municipal do Porto). **Discurso sobre o estado actual das Minas do Brasil, dividido em duas partes. (17??)**, Parte Segunda.
- COELHO, Adolfo. **Origens do português do sul**. Lisboa: Os Serões, n. 46, abr., p. 317-324, 1909.
- COELHO, Adolfo. **Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América**. Lisboa: Casa da Sociedade de Geografia, 1881.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- CORREIA, A. A. Mendes. **O elemento português na demografia do Brasil**. Congresso do Mundo Português, Lisboa, v. 11, tomo 8, II seção, p. 243-257, 1940.
- COSTA, Maria Rosa Lilá Dias. **Murteira: uma povoação do Concelho de Loures**. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1961.
- COUTINHO, Banto Alves. **Nova palestra que teve hum velho campones por nome Trifonio com hum peralta de Lisboa por nome Belmiro**. Lisboa: Officina de Filippe da Silva e Azevedo, 1785.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- COUTO, Hildo Honório do. **Anticrioulo**. In: *Papia* 2 (1), 71-84.
- COUTO, Jorge. **A construção do Brasil: ameríndios, portugueses e africanos do início do povoamento a finais de quinhentos**. 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1997.
- CRUZ, Maria Luisa Segura da. **O falar de Odeleite**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1991.
- CUESTA, Pilar Vázquez. **O que um falante de português deve saber acerca do galego**. s/d, s/ed.
- CUNHA FILHO, Manoel S. Alves. **História de Cuiabá**. Cuiabá: Atalaia, 2003.
- CUNHA, A. Stela A. Cunha. **A variação da concordância em gênero na linguagem do Cafundó**. XLIV Seminário do Gel 1996.
- CUNHA, Celso. **Conservação e inovação no português do Brasil**. In: *O Eixo e a Roda*, v. 5, Belo Horizonte, 1986, p.199-230.
- _____. **Cancioneiros dos Trovadores do Mar**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. Lindley. **Novíssima gramática do português contemporâneo**. 2 ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1985.
- D'ALINCOURT, Luiz. **Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá**. São Paulo: s/ed., 1953.
- DANTAS FILHO, João. **Arcaísmos ainda correntes no português falado no interior do Brasil**. Congresso do Mundo Português, Lisboa, v. 11, tomo 8, II seção, 347-355, 1940.
- DELGADO, Manoel Joaquim. **A linguagem do Baixo-Alentejo**. Beja: s/ed., 1951.

- _____. **Subsídio para o cancioneiro popular do Baixo Alentejo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.
- _____. **A linguagem popular do Baixo Alentejo e o dialeto barranquenho**. Beja: Assembléia Distrital de Beja, 1983.
- DELGADO, Maria Carolina Saramaga. **O falar de Baleizão**. 1970. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Lisboa.
- DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança lingüística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**. 2003. 256 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG.
- DIETRICH, Wolf e NOLL, Volker (org.). **O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Vol. 1. Frankfurt: Iberoamericana, 2004.
- DORNAS FILHO, João. **Arcaísmos ainda correntes no português falado no interior do Brasil**. Belo Horizonte: s/ed. 1940.
- DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. **Do falar cuiabano**. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1995.
- DRUMMOND, Carlos. **Contribuição do bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1965.
- DUARTE, Inês. **A língua portuguesa e a sua variedade europeia**. In MATEUS, Maria Helena Mira (Coord.). **As línguas da Península Ibérica**. Lisboa: Colibri, 2002.
- ELIA, Sílvio. **Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- ELSON, Benjamin e PICKETT, Welma. **Introdução à morfologia e à sintaxe**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- FERREIRA, Carlota da Silveira (1988). **Remanescente de um falar crioulo brasileiro (Hélcia-Bahia)**. In: Ferreira, Carlota et alii. **Diversidade do Português do Brasil - estudos de dialetologia rural e outros**. Salvador: UFBA-PROED. pp. 21-32.
- FERREIRA, Manuela Barros. **Vestígios do romance moçarábico em Portugal**. In: **Arqueologia medieval**, Porto, n. 1, p. 217-228, 1992.
- FILHO, D'Silvas. **Prontuário Universal: erros corrigidos de português**. Lisboa, Texto Editora, 1999.
- FLORENCE, Hércules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. **Glossário etimológico arcaico das crônicas dos Portugaliae Monumenta Histórica: contribuição para o futuro “dicionário da língua portuguesa arcaica”**. 1942. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. **Crônicas breves e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra**. Lisboa: s/ed., 2000.
- FREIRE, Francisco José. **Reflexões sobre a língua portuguesa**. Lisboa: Tipografia Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1842.
- GALHOZ, Maria Aliete Dores. **Romanceiro popular português: I – Romances tradicionais**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1987.
- GIESE, Wilhelm. **Notas sobre a fala dos negros em Lisboa no princípio do século XVI**. Revista Lusitana, v. 30, Lisboa, p. 251-257, 1932.
- GLEASON JR., H. A. **Introdução à lingüística descritiva**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.
- GONÇALVES, Eduardo Brazão. **Dicionário do falar algarvio**. 2. ed. Faro: Algarve em Foco Editora, 1996.
- GONÇALVES, Gabriel (org.). **O falar do Minho**. Lisboa: Edição do Autor, 1988.
- GONÇALVES, Maria Filomena. **Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma história da ortografia portuguesa**. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.
- GONÇALVES, Miguel. **Sobre a origem do gênero**. Diacrítica, Braga, v. 10, p. 117-129, 1995.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e. **Algumas mudanças de gênero em curso no português**. Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística, v. 1, Lisboa, p. 339-352, 1998.
- _____. **A propósito do masculino genérico em português**. Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística, Braga, v. 2, p. 21-28, 1999.
- _____. **O gênero dos estrangeirismos usados na língua portuguesa**. Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística, Lisboa, p. 411-419, 2002.
- GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário geológico-geomorfológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1980.
- GUERREIRO, António Machado. **Colos: Alentejo**. 1968. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Uma poética da adição**. Campinas: DL-IEL/LABEURB, UNICAMP, 1998.
- GUIMARÃES, Rui Dias. **O falar de Barroso: o homem e a linguagem**. Lisboa, João Azevedo Editor, 2002.
- HAED, Brian F. **O “dialeto brasileiro” segundo Leite de Vasconcellos**. Actas do Encontro Regional da Associação Portuguesa de Lingüística, Miranda do Douro, p. 295-315, 1994.
- HALL JR., Robert A. **Pidgin and creole languages**. Ithaca: Cornell University Press, 1966.

- HISTÓRIA VIVA. Ano II, nº 17, ano 2005, **O tortuoso caminho das monções**. Paulo Pitaluga Costa e Silva. Pág. 90 a 96.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1976.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HOMEM, Pedro Jozé de Mello. **Poema heróico à felissimima jornada del rey D. João V**. Lisboa: Officina da Música, 1785.
- HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- _____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.
- Index das notas de vários tabeliões de Lisboa, entre os anos de 1580 a 1747**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1930-1949.
- IORDAN, Iorgu. **Introdução à lingüística românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. **Léxico regional e conservadorismo lingüístico**. Actas do XI Encontro Regional da Associação Portuguesa de Lingüística, Lisboa, v. 2, p.191-206.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. 30/08/1980.
- JUCÁ, Pedro Rocha. **Da linguagem cuiabana**. In: Varanda Cuiabana, nºs 195 a 208, Cuiabá: 2005.
- KREUTZ, Lúcio. (2000). **A educação de imigrantes no Brasil**. In LOPES, E. et alii (orgs.). 2. ed. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Oxford: Basil Blackwell, 1972.
- LAPA, Manuel Rodrigues (Edição crítica e vocabulário). **Cantigas D'Escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses**. Porto: Edições ASA, 1998.
- _____. **Estilística da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LAYTANO, Dante de. **O português dos Açores na consolidação moral e social do domínio lusitano no extremo sul do Brasil**. Congresso do Mundo Português, Lisboa, v. 10, tomo 2, 1940.
- LEÃO, Ângela Vaz Tonelli. **A formação da língua literária brasileira**. 1978.
- LEÃO, Duarte Nunes de. **Origem da língua portuguesa**. Lisboa: s/ed., 1606.
- LEITÃO, João Maria. **O falar e o cantar em Monforte da Beira**. Lisboa: Fomento Gráfico, 2001.
- LEITE, Gervásio. **Caminho das monções**. Cuiabá: Edições UFMT, 1975.
- Lenz, Rodolfo. 1928. **El papiamento**: Lengua criolla de Curazao, la gramática más sencilla. Santiago: Establecimientos Gráficos "Barcells & Co", 1928.

- LIMA, Augusto C. Pires de. **Cancioneiro popular de Vila Real**. Vila Real: Minerva Transmontana, 1989.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de. **Cantares do Minho**: cancionero popular. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1937, 1º volume.
- _____. **Cantares do Minho**. Porto: Portucalense Editora, 1942, 2º volume.
- LIMA, J. A. Pires de. **Influência dos mouros, judeus e negros na etnografia portuguesa**. Congresso do Mundo Português, Lisboa, v. 18, tomo 2º, p. 62-102, 1940.
- LIMA, José Hugo Pires de. **Valiosa colecção do arquivo dos feitos findos para o estudo da colonização do Brasil no século XVIII**: a emigração açoriana. Lisboa, s/ed. 1961.
- LIMA, José Leonildo. **Vila Bela da Santíssima Trindade**: sua fala, seus cantos. 2000. 233 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas.
- LINO NETTO, Maria Teresa de M. **A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde**. Separata de: Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, v. 1 e 2, 1949.
- LOURO, José Inês. **Origem e flexão dalguns nomes portugueses em –ão**. Boletim de Filologia, v. 13, Lisboa, p. 37-65, 1952.
- LUCCHESI, Dante & MACEDO, Alzira. **A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu**. In: Pápiá – Revista de Crioulos de base ibérica. Nº 9, 1997.
- LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. 2000. 364 fls. mimeo. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. **O negro e o garimpo em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.
- MACHADO, Elza Paxeco Machado e MACHADO, José Pedro Machado (orgs.). **Cancioneiro da Biblioteca Nacional**. Revista de Portugal, Lisboa, v. 1, s/d.
- MACHADO, José Pedro. **O vocabulário português de origem árabe**. Lisboa: Editorial Notícias, s/d.
- MADRUGA, Izabel, LOURENÇO, Machado, OLIVEIRA, Álamo e SOUSA, Coelho de. **Textos açorianos de apoio ao ensino de português no curso unificado**. Açores: Secretaria Regional da Educação e Cultura, s/d.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. **Os falares do Algarve**. Coimbra: Separata de: Revista Portuguesa de Filologia, v. 17, tomos I e II, 1975.
- _____. **Os falares do Algarve**: inovação e conservação. Separata de: Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, v. 17, tomos 1 e 2, p. 183-201, 1975.

_____. **Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla.** Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, 1977.

_____. **O tratado de Tordesilhas:** algumas observações sobre o estado da língua portuguesa em finais do século XV. *Biblos – Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, v. 70, p. 33-91, 1994.

_____. **Sociolingüística histórica e periodização lingüística:** algumas reflexões sobre a distinção entre português arcaico e português moderno. *Braga: Diacrítica*, v. 10, p. 3-30, 1995.

MARÇALO, Maria João. **A dinâmica da língua:** implicações num estudo sincrónico. *Actas do Encontro Regional da Associação Portuguesa de Lingüística*, Miranda do Douro, p. 89-93, 1994.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **A cidade de São Paulo:** povoamento e população – 1750-1850. São Paulo: Livraria Pioneira/EDUSP, 1974.

MARQUES, Maria Casimira Almeida. **O falar da Azoia.** 1968. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste:** Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Editora Nacional, 1934.

MARTIN, John W. **Gênero?** *Revista Philologus*, ano 6, n° 16. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2000, p. 65-69.

MARTINS JÚNIOR, Moisés Mendes. **Revedo e reciclando a cultura cuiabana.** Cuiabá: Albert, 2000.

MARTINS, Ana Maria. **Variação e mudança no Português.** clul.ul.pt/equipa/ana_martins03d.pdf.

MARTINS, Maria José Dias Martins. **Etnografia, linguagem e folclore de uma pequena região da Beira Baixa (Póvoa de Atalaia, Alcongosta, Tinalhas e Sobral do Campo).** 1954. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

MARTINS, Natércia Natália dos Santos. **Linguagem dos pescadores do Montijo.** 1941. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

MATA, Matusio Matoso Matos da. **Palestra que teve D. Farofia da adoração com sua visinha d. Esganiçada das Enchaquetas, no dia depois de ter vindo da romaria Des. Macário escutada à surrelfa por hum espreitador das vidas alheas, sem que veja a trave no seu olho.** Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1787.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Algumas contribuições para o estudo da fonética, morfologia, sintaxe e léxico da linguagem popular de Lisboa.** 1954. Dissertação (Doutoramento em Lingüística) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. **Gramática da língua portuguesa.** 6. ed. Lisboa: Caminho, 2004.

- MATHEWS, P. H. **Morphology**: An Introduction to the Theory of Word-structure. Cambridge: Cambridge - UP, 1974.
- MATIAS, Maria de Fátima de Rezende Fernandes. **Bilingüismo e níveis sociolingüísticos numa região luso-espanhola**. Coimbra: 1974.
- MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965.
- MELLO, Heliana Ribeiro de. **Contato lingüístico na formação do português vernáculo do Brasil**. Actas do Congresso Internacional sobre o Português, Lisboa, 1996. p. 353-369.
- MELLO, Linalda de Arruda (org.). **Sociedade, cultura e língua**. João Pessoa: Shorin, 1990.
- MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- MENDONÇA, Renato. **O português do Brasil**: origens, evolução, tendências. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- _____. **A influência africana no português do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1973.
- MONIZ, José António (Compilador). **Inventário [da] Secção XIII – Manuscritos: Coleção Pombalina**. 1849-1917.
- MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002.
- MONTENEGRO, J. Peres. **O problema do gênero das palavras**: ensaio sobre o gênero das palavras no latim e no português. Lisboa, s/ed., 1935.
- MORENO, Augusto. **O português popular**. Porto: Livraria Educação Nacional, 1931, v. 2.
- MOTA, Maria Antónia Coelho da. **Línguas em contacto e variação**. Actas do Encontro Regional da Associação Portuguesa de Lingüística, Miranda do Douro, p. 107-117, 1994.
- MOURA, Carlos Francisco. **O teatro em Mato Grosso no século XVIII**. Belém: Universidade Federal de Mato Grosso/Sudan, 1976.
- MOURA, Constança da Silva Pires. **Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe**: etnografia, linguagem e folclore. 1960. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Maria Marta P. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. In: DELTA, v. 9, n° Especial, 437-454, 1993.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**: fonética e morfologia. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

_____. **Crestomatia arcaica**: excertos de literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1971. OBRAS POÉTICAS / MARQUESA DE ALORNA (1750-1839). Lisboa: Imprensa Nacional, 1844-1851.

OLIVEIRA FILHO, A. Marques de. **Do complexo sintático para o complexo morfológico e deste para aquele**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, s/d.

OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de. **A questão dos brasileirismos**: uma proposta de sistematização. Actas do XI Encontro Regional da Associação Portuguesa de Lingüística, vol. II.

OLIVEIRA, Fernão de. **A gramática da linguagem portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1975.

OLIVEIRA, Maria Margarida Gama de. **Malhada Velha**: um lugar da serra no concelho de Penela – Estudo etnográfico, lingüístico e folclórico. 1966. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

PALMA, Branca Marília Seixal. **O falar dos pescadores de Olhão**. 1967. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. **Variação fonológica na fala de Mato Grosso**: um estudo sociolingüístico. Cuiabá: UFMT, 1984.

_____. **Valor social do falar cuiabano**. In: Revista Educação em Mato Grosso. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, p-43-45, s/d.

PAREDES, Eugenia Coelho. **Parahyso incoberto**: a percepção da mudança nas condições de vida da cidade pelos habitantes de Cuiabá. São Paulo: s/ed, 1984.

PARKVALL, M. **The Alleged Creole Past of Brazilian Vernacular Portuguese**. 1999.

PATO, Raymundo Antonio de Bulhão. **Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam**. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, tomo I, 1886 (Estas cartas foram escritas entre 1507 e 1515).

PAULINO, Maria Manuela Revés Florêncio. **Dialecto alentejano**. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística Histórica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

PEIXOTO, Maria Ermelinda. **Germil**: notas etnográficas e linguagem. 1968. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

PEREIRA, A. Gomes. **Tradições populares e linguagem de Villa Real**.

PEREIRA, Gil. **Alguns elementos estatísticos sobre a emigração portuguesa**. Separata de: Revista de Estudos Políticos e Sociais, Lisboa, v. 1, n. 4, p. 12-33, 1963.

PEREIRA, Maria Fernanda Afonso Alves. **O falar de Soajo**. 1970. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

- PEREIRA, Nuno Marques. **Compêndio narrativo do peregrino da América**. Lisboa: Oficina de Manoel Fernandes da Costa, 1728.
- PERFIL SOCIOECONÔMICO DE CUIABÁ. Vol. II. Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano. Cuiabá, 2004.0
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. **A contribuição das comunidades negras para a caracterização do português brasileiro**. XVI Anais de Seminários do GEL – 1995 – p. 543-549.
- _____. **A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo?** In ZIMMERMAN, Klaus (ed.). *Lenguas criollas de base lexical espanhola y portuguesa*. Vervuert: Bibliotheca Iberoamericana, 1999. p. 101-117.
- PIEL, Joseph M. **Miscelânea de etimologia portuguesa e galega**. Acta Universitatis Conimbrigenis, p. 352-375, 1953.
- PINTO, Adelina Angélica. **A africada tΣ em português: estudo sincrónico e diacrónico**. Boletim de Filologia, v. 26, Lisboa, p. 139-192, 1981.
- PINTO, Edgard Roquete. **Rondônia**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- PIPAROTE, Lambão Canellas. **Carta que D. Satira escreveu a Dona Sabina**. Porto: Oficina de Antonio Alves Ribeiro Guimarães, 1768.
- Portuguesa de Lingüística, Lisboa v. 1, p. 339-349, 1998.
- PÓVOAS, Lenine C. **Perspectivas demográficas e econômicas da “Grande Cuiabá”**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano LIV, Tomos CXVII-CXVII, p. 42-51, 1982.
- _____. **Cuiabanidade**. Cuiabá: s/ed., 1987.
- _____. **História geral de Mato Grosso**. v. I e II. Cuiabá: s/ed., 1995.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas**. São Paulo, separata da *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, 1967. v. XVII, 208 p.
- QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- RAIMUNDO, Jacques. **O elemento brasileiro no português**. Miscelânea Científica e Literária, Coimbra, v. 1, p. 491-524, 1934.
- RATINHO, Maria Filipe Mariano. **Monte Gordo: estudo etnográfico e lingüístico**. 1959. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- REINAS, Maria Augusta da Fonseca Monteiro. **Nave de Haver e Almedilla: etnografia, língua e folclore de duas aldeias arraianas**. 1957. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Relação fiel e verdadeira das disputas, que huma mulher casada de fresco teve com seu marido pela não querer levar a ver as Luminarias e o Fogo**. Lisboa: Oficina Patr. Francisco Luiz Ameno, 1785.

- RESENDE, Garcia de. **Cancioneiro Geral**. Lisboa: 1516 – Reprinted with the permission of The Hispanic Society of America Kraus Reprint Corporation; Nova Iorque, 1967.
- RÉVAH, I. S. **La question des substrats et superstrats dans le domaine linguistique brésilien**. Romania, 1963, 84, 433-50.
- Revista Lusitana, v. 11. n. 1-2, 1908.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- RIBEIRO, Margarida. **Estudos sobre a Aldeia da Glória**. Separata de: Revista de Portugal, Série A, Lisboa, v. 28, p. 34-50, 1963.
- _____. **Estudos sobre a Aldeia da Glória**: Salvaterra de Magos. Separata de: Revista de Guimarães, v. 73, n.ºs. 1-2, 1963.
- RIBEIRO, Onofre. **Cultura de Mato Grosso e cultura cuiabana**. 14/12/2003. (www.onofreriibeiro.com.br)
- RIBEIRO, Orlando. **A propósito de áreas lexicais no território português: algumas reflexões acerca do seu condicionamento**. Boletim de Filologia, Lisboa, v. 21, p. 177-205, 1965.
- ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. pp. 35-68.
- ROCHA LIMA. **Gramática Normativa da língua portuguesa**. 18. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1976.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- RODRIGUES, Ada Natal. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- SÁ, Joseph Barboza de. **Relaçó das povoaçoens do Cuyabá e Mato Grosso e seos princípios thé os presentes tempos**. Cuiabá: Edições UFMT, 1975.
- SABARÁ, Romeu. **A comunidade negra dos Arturos: o drama de uma campesinato negro no Brasil**. 1997. 331 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SAMPAIO, Gonçalo. **Cancioneiro minhoto**. Braga: s/ed., 1940.
- SAMPAIO, Theodoro. **A língua portuguesa no Brasil**. In: Revista de Filologia e História. Tomo I, fasc. IV. Rio de Janeiro: 1931.
- SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geographia nacional**. 3. ed. Salvador: Secção Gráfica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo & Maria Inês Pagliarini Cox (orgs.). **Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana**: traços de língua antiga preservados no Brasil. 2000. 319 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, Maria José de Moura. **Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes**. Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, v. 13, tomos 1 e 2, p. 65-253, 1964-1965.
- SANTOS, Maria Manuel Ventura e GOLÇALVES, Maria Neves L. **Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente**. Lisboa: Texto Editora, 1994.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. 1978. Dissertação (Mestrado) Departamento de Letras – PUC-RJ, Rio de Janeiro.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira e NARO, e Anthony J. **Sobre as origens estruturais do português brasileiro**: crioulização ou mudança natural? Revista PAPIA, n. 11, 2001, p.40-50, Thesaurus Editora, Universidade de Brasília – Brasília.
- SEQUEIRA, F. M. de. **O genero na grammatica expositiva**. Petrópolis: Vozes, s/d.
- SILVA NETO, Serafim da. **Falares crioulos**. Coimbra: Coimbra Editora, 1949.
- _____. **Um traço de pronúncia caipira**. Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Lisboa, v. 1, p. 292-300, 1959.
- _____. **A língua portuguesa no Brasil**. Lisboa: s/ed. 1960.
- _____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SILVA, Franklin Cassiano. Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato Grosso. In: DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. **Do falar cuiabano**. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1995.
- SILVA, Baltasar Lopes da. **Dialecto crioulo de Cabo Verde**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1957.
- SILVA, Caetano Paes da. **Relaçam e noticia da gente, que nesta segunda monção chegou ao sítio do Grão Pará, e às terra de Mato Grosso...** Lisboa: Officina de Bernardo Antonio de Oliveira, 1754.
- SILVA, Fernando Emygidio da. **Os sete passos maiores do caminho português**. Congresso do Mundo Português, Lisboa, v. 11, tomo 8, II seção, p. 256-287, 1940.
- SILVA, Jovam Vilela da. **Mistura de cores**: política de povoamento e população na capitania de Mato Grosso – século XVIII. Cuiabá: Editora UFMT, 1995.
- SILVA, Mariza Pereira da. **A dinâmica de um processo de mudança**: variação entre [ãw] e [õ] em Mato Grosso. 2005. 187 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. **Dicionário biográfico mato-grossense: período colonial – 1524/1822**. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial, 2005.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Sobre a mudança lingüística: uma revisão histórica**. Boletim de Filologia, v. 26, Lisboa, p. 83-99, 1981.
- _____. **Língua portuguesa: novas fronteiras, velhos problemas**. Revista Lusitana, Lisboa, v. 8, p. 5-21, 1987.
- _____. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 1994.
- _____. **O português arcaico: fonologia**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **A contribuição de Mato Grosso na constituição da nacionalidade brasileira**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ed. Comemorativa dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Cuiabá: Editora IHGMT, v. 58, p. 9-32, 2000.
- _____. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SOARES, Maria Almira. **Vamos ler! Textos literários portugueses do século XII ao século XVIII**. 2. ed. Lisboa: Texto Editora, 1986.
- SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. **Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulista**. 1999. Dissertação (Mestrado) Universidade de Brasília, Brasília.
- SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa: segunda metade do século XVI e século XVII**. São Paulo: Ática, 1987.
- STEINEN, Karl von den. **Entre os povos nativos do Brasil Central**. Berlim: s/ed., 1894.
- TARALLO, Fernando e ALKMIM, Tânia. **Falares crioulos: línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1987.
- TARALLO, Fernando. **Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias**. In: ROBERTS, I. & KATO,
- TAUNAY, Affonso de E. **História geral das bandeiras paulistas**. Tomo décimo. São Paulo: Editora Museu Paulista, 1949.
- TAVARES, José Augusto. **Romanceiro transmontano**. Revista Lusitana, Lisboa, v. 9, 1906.
- TAVARES, José Pereira. **Ortografia portuguesa**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- _____. **Selecta de textos arcaicos**. 2. ed. Porto: Livraria Lello e Irmão, 1940.
- TEIXEIRA, José Aparecido. **Estudos de dialetologia portuguesa: linguagem de Goiás**. São Paulo: Editora Anchieta, 1944.
- TESNIÈRE, Lucien. 1966. **Phonologie et melange de langues**. In: Hamp, E. P. et al. (orgs.) **Readings in linguistics II**. Chicago: The University of Chicago Press: 1966, 124-132.

- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis. **Lições de filologia portuguesa**. Lisboa: Dinalivros, s/d.
- VASCONCELOS, José Leite de. **Textos arcaicos**. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, s/d.
- VASCONCELLOS, José Leite de. **Textos arcaicos para uso da aula de filologia portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica, s/d.
- _____. **Curso de língua portuguesa arcaica**. Porto: Tipografia de A. F. Vasconcelos, 1893.
- _____. **Dialetos alentejanos**. Revista Lusitana, Porto, v. 4, 1895.
- _____. **Dialectos algarvios** em: Revista Lusitana, 1901, n.º IV, págs. 324 a 338.
- _____. **Gil Vicente e a linguagem popular**. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1902.
- _____. **Textos arcaicos para uso da aula de philologia portuguesa**. Revista Lusitana, Lisboa, v. 7, p. 187-214, 1902.
- _____. **A ortografia nacional**. Revista Lusitana, Lisboa, v. 14, p. 200-226, 1911.
- _____. **Opúsculos**. Vol. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- _____. **Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica**. Revista Lusitana, v. 27, Lisboa, p.5-79, 1929.
- _____. **Filologia barranquenha**: apontamentos para o seu estudo. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1955.
- _____. (Org.). **Romanceiro português**. Lisboa: s/ed. 1958, v. 1.
- _____. (Org.). **Romanceiro português**. Lisboa: s/ed. 1958, v. 2.
- _____. **Contos populares e lendas**. Acta Universitatis Conimbrigensis, 1966.
- _____. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. 3. ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.
- VEADO, Rosa Maria Assis. **Comportamento lingüístico do dialeto rural**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. **A mãe do Freud**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- VIANA, Abel. **Linguagem popular do Alto-Minho**. Viana do Castelo: Empresa Gráfica do "Notícias de Viana", 1932.
- VIANNA, A. R. Gonçalves. **Exposição da pronuncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.
- VICENTE, Gil. **Obras completas**. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Reimpressão "Fac-similada" da Edição de 1562, 1928.
- VIEIRA, Pe. Antônio. **Obras várias**. v 1. Lisboa: s/ed. 1856.
- VILHENA, Maria da Conceição. **Falares de Herrera e Cedillo**. Lisboa: Mérida, 2000.

- VILLAVA, Alvina. **Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português.** 1994. Dissertação (Doutoramento em Lingüística) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. **Elucidário das palavras, termos e frases.** Porto: Livraria Civilização, 1798.
- VOGT, Carlos & FRY, Peter. **A África no Brasil: cafundó.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português.** 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- WITTMANN, Luzia Helena e PEREIRA, Maria de Jesus. **Português europeu e português brasileiro: alguns contrastes.** X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística, Évora, p. 613-627, 1994.
- XOVE, Rosario Alvarez Xosé. **Gramática da língua galega.** Vigo: Editorial Galaxia, 2002.

ANEXOS

Anexo 1

Mapa do município de Cuiabá



Anexo 2



Planta da cidade de Cuiabá no século XIX, adaptada de MOUTINHO, 1869.

Anexo 3

Entrevista feita com a informante A. M. S., 123 anos, analfabeta.

Aaah! Cuiabá! Aqui não tinha essa gentaiaaada como tinha era raaaalo assim uma casa era como aqui outra como lá assim.... A prainha era lá enchima tinha o corgo né tinha o corgo da prainha que trevessava não era corgo grande não era corixo era pequena a prainha quando eu vi o primeiro avião eu já tinha dois fio ah meu fio nós fiquemo (*pausa*) era pintado de preto e branco né o avião quando nós vimo esse avião ah! Uns correu ah! Ele sentava n'água mais teve muito lá quando nós vimo ele chegando o povo correu entrou pra baxo da cama outro pra baxo da mesa foi aquele carrerão e vem o passarinhão a gente chamava passarinhão pensemos que era como ema né nós tinha medo deli caí e matá a djente porque a ema não mata esse é mais deferente era pintado de preto e branco que era o avião que ia com a **asa assim armado** nego aqui correu naquele **eu já casado** ainda não tinha dotô quando daí que muunnto tempo que pareceu dotô como eissas fruta num tinha quando apareceu dessa fruta **eu já era casado** a manga papai vei aqui na cidade daqui ele levô um caitchote com manga mas o povo num quiria isfriava e provava tudo quiria eu atchava bom não tinha um carrinhu carro pequeno num tinha tinha era caminhão eh! Mas matou povo! (*pausa*) Matava assim era criação era djente morreu muito aí que foi indu foi indu o bitchão mata djente e aí foi dando intendimentu. Durei sete ano qué sabê deu aqui lavá ropa e passava ferro esse aqui cabô ca minha mão minha perna cabô cumigo tudo eu facilitava tamém passa ferro meu fio lavava ropa eu lavava ropa lavava e passava ingomava ternu aí na varja grandi pra um pra otro pra mim num tinha duminhu num tinha dia santu eu trabaia pra criá fiu i criei graças a deus aí na varja grandi eu trabaiei que que eu ia fazê maridu já tinha murridu então eu tinha que trabaia e criá né o que nós tinha tinha acabado tudo num tinha mais nada nem galinha eu fiquei co'ela nem casa trabaiei fiz minha casa um

rantchinho minha casa era rantcho pois é mas dava pra nós dormi com o esforço que eu fiz tudo as fia casá deu um currimto minha perna ficou assim **esse minha mão** que é um rolete de pau nem mão pra beber **um água** ao meno num tinha aí eu andava assim estava djunto com a fia a **caçula meu** a djoana o cumpadi Jusé que é marido dela bibia fica aí cum fulia cum muieriu pra lá com beberragem ela veio aí na cidade tê criança bom ganhou uma fia (*pausa*) e djoana não deixou com a menina esse que é casado pra cá tem uma maria também eu sei dizê que ficô só eu com deus e **as criança miúdo** a cozinheira tinha (*pausa*) a vani papai o papai o que você compra carne compra mistura eu num vô pô feidjão nu fogu porque eu num sei cozinhá feidjão ele num quiria cuzinhá o feidjão porque é duro fazia **aquele carne** cum mandioca uma banana era mistura né que ele fazia que ela fazia eu comê cozinhava arroiz e fazia para ele i brincá passava u dia inteiru brincandu ele fazia comê eles comia pai dele tchegava comia saía e eu to aí imbolando tem comida aí na panela vovó come nem água eu bibia co minha mão ia comê comida que tava na panela os otro é que tirava botava na minha boca eu comia minha **mão era embolado** a perna num prestava aí esse a minha nora morava assim paredimeia mas era ruim pra mim minha nora era ruim e eu to aí durei treis dia sem comê e sem bebê água óia a minha vista caía uma coisa assim nu meus zóio assim como vaga-lume caía azul caía preto caía amarelo assim caía como assim de punhado aí quando durou treis dia à noite já estava escurecendo aí cumpadi Djosé veiu até lá (*pausa*) come aí come a Djoana ficou doente porque tinha tirado tinha ganhado nenê tava lá nu quartu dela pra lá as criança num dava comê o quê seu comê taí pode comê me dê **um água** minha fia pra mim a água taí o pote ta tcheio d'água cadê a mão pa panhá pa bebê **eu ficava quieto** o nossa senhora dá um socorro pra mim pelo amor de deus ainda num tinha pegado essa hora milagrosa no rádio pegava escutava mas eu num tinha vindo na igreja ainda aí eu fui falei santa vó rosa vós uma santa tão poderosa dá socorro pra tudo quanto é fio vós me dá um socorro pra mim ou dum djeito ou doutro eu disse que não tenho mais esperança

deu sará um doutô vem óia diz que não dá mais jeito
 otro nem me óia num dá mais djeito que vós tem todo
 djeito pra dá pra nós se eu num tivé o djeito de vós
 me curá pô eu boa se eu tivé boa mesmo eu vou na igreja
 de vós eu vou **no igreja** e fico com vós até o fim da
 vida e se num tivé tamém o djeito quero que vós me tira
 de hodje pra manhã quero amanhecê na mesa que eu num
 güento mais num tem djeito de comê num tem djeito de eu
 bebê nem **um água** quero que vós me dá um djeito pra mim
 quero que vós me tira de hoje pra manhã se não tivé
 mais djeito de vós me curá eu não tava djunto com essa
 fia essa fia tava morando na barra do bugre eu ficava
 com a otra que é **caçula meu** aí cumpadi djosé ficou
 brabo comigo (*pausa*) com a fia doente tá pedindo a
 morte deixe eu que sei tô conversando com deus, tô
 conversando com deus, bom, aí eu deitei deita durmi eu
 num durmi aí **esse minha cabeça** fazia assim parece que
 só de fome aí foi indo foi indo foi indo a dor foi
 bairchano foi aliviano foi aliviano que a dor da perna
 doía demás foi aliviando mesmo a dor do corpo do braço
 tudo foi bairchando aí nisso eu durmi durmi esse dia aí
 quando eu acordei eu sustei quando era meia-noite por
 aí assim com vani porque a cama de vani era assim minha
 rede assim a **vani tava pequeno** (*pausa*) papai ô papai aí
 quando o que que foi aí o que que aconteceu aí tem uma
 santa bem arva aí perto de vovó aí eu assustei com esse
 grito dele uma santa bem arva aí perto **do vovó** aí
 cumpade djosé correu de lá na hora eu acordei num tinha
 mais **dô de djeito nenhum** (interrupção) num tinha uma
 dor mais no meu corpo quando eu levantei o braço bom **a**
perna bom eu levantei e eu num levantava eu levantei
 fiz minhas oração pa deus cumpade djosé quedê a santa
 quedê **gente nunhum** viu só que viu eu num vi eu já tinha
 recebido o milagre eu tava boa meu fio boa graças a
 deus **a perna tava bom** o braço quantos tempo faz aí eu
 levantei rezei aí eu fui no pote panhei água bibi aí
 meu estâmego a água parecia que estava caindo numa
 ferida fui na panela tirei comê cumi duas coeirada cadê
 eu podê cumê assim eu foi comendo de bocadin bocadin
 bocadin foi até cabá de comê o comê fiz tchá de canela
 com erva-doce bibi aí eu foi bebendo esse tchá mas otro

dia quando viram eu andano do lado de fora duvido olha lá a nhana lá que num andava óia ela lá andano no terreiro óia djunto povo djunto djente lá em casa que só você vê que veio me vê que viu como que eu tava veio me vê os vizinhos tudo veio aí falo eta milagre bonito que você recebeu foi no mato foi no mato panhei quatro feitchê de lenha dos eu detchei em casa pra porque nós num tinha desse fogão daí que valci lá linha mas cumpade djosé num tinha para cozinhá aí i dos eu vendi para cumadi nega vendi dos fetche pá tê dinheiro pra eu i nu igredja aí eu desci fui lá embaixo pirrguntei pro finado macário aonde que era a casa **desse ermã de caridade** ermã de igreja aí ele me mostrô a casa aí eu foi lá eu foi lá pidi pra ele me levar **no igreja** aí eu foi amanhã nós vai na igreja que era sábado aí eu foi aí no outro dia ela veio me tchamá aí eu foi fui cum **ropa cumprido** porque minhas **ropa tuda vida foi cumprido** fui criado papai criou nós assim aí meu fio graças a deus tô agora que eu fiquei sem a vista mas tô com deus né **esse é que é a vontade** de ter um carro que deus me desse um carro meu pra mim i na igreja aí eu encostava ele aí. Na fetchadura da porta ele entrou lá em casa entrou entrou botou a mão assim queria mi inforcá nossa senhora que num deitchô me inforcá foi nossa senhora porque quando eu acordei eu cordei **co mão** dele assim disse santa vó rosa o minha santa vó quando eu falei assim ela tirô a mão e ficou assim e eu deitada assim o nossa senhora o que eu tô fazeno para esse pessoá fazê assim comigo bom (pausa) eu pedi pá santa minha nossa senhora o mar que ele tá fazeno pra mim faz ele djuntá tudo por toda parte onde ele já fez **o porcaria** aqui por cima de casa aqui dentro do terrero por tuda parte po cano d'água tudo ele já fez porcaria faz ele minha mãe sinhora porque nós tudo somos fio de vóis faz ele junta **aquele porcariada** dele vai pa casa dele faz tudo cumpanhá ele escuto eu falá aí ele mas não vai morrê ieu só disse eu num sei pidindo pra deus me limpá tirá a porcaria daqui e fazê quem fez companha companha tudo vai pa casa dele isso é que eu peço bom aí num demorô (pausa) comprô aqui fez casa pra mim aqui que é a casa antigamente tinha só o barrote o barrote daí que

ele tirô aí a fia dele doente a finada jacira ruim ruim
 ruim aí o José meu fio veio aqui aqui ta no escuro num
 tem Luiz leva la pra casa la tem Luiz a binidita só né
 ia pra la eu fiquei só cu Júnio tava cum deus e Júnio
 aí vem o dimirso eu morava aí aqui num tinha essa casa
 ainda é moacir tava trabaiando lá nu distrito vendeu
este outra casa que tinha ali nu São Sebastião ele
 vendeu ele interou co dinheiro que ele tava recebendo aí
 que fez esta casa mas a fia dele pa morrê antes de faze
esse casa ela morreu ela morreu aí antes dele morrê
 ladrão aqui tinha demaas tinha demás tudu dia parecia
djente morto morria cedo às vez em frente da casa de
 Jusé pegaram uma muié mataram a muié i robô quanto pode
 a mulher marcou que ia fazê djanta robô dinheiro tudu u
 que ela tinha tudo o que tava na casa ele robô tinha
 uma minina piquena djunto co'ela falô que é um homi é
 um homi esse brincou **co vovó** ela viu aí chego de noite
 aí chegou fia dele chegou fio djenro que acho já lá
 morto na no tchão aí (*pausa*) fizeram velório dela foi
 em frente da casa de Jusé ninguém aí viu ele inforcô a
 muié matô aonde que ela morava morava bem ali esse
 morava bem ali numa casa de taba bem ali bom assim
 cunteceu aí quando foi um dia era homi era muié tudu
 manhecia morto aí quando foi um dia morava um moço com
 a muié **essa muié que mirto mora co ele** ele largô aí
 ficô co mirto esse morava bem aí aonde é **casa seu**
 (*perguntado a uma pessoa que estava ao lado do*
entrevistador) aí que era a casa dela benfeitinha a
casa bonzinho que era o rapaz travaiva lá pra cidade
 vinha já tarde esse dia que veio ele com irmão veio
 aqui porque ele já tinha robado tudo que tinha pela
 frente ele robô tudinho tudo o que era de mais valô foi
 tudo aí moaci travaiva a noite lá po distrito benedita
 tava com a fia que tava pa morre lá casa do ermão dela
 e eu tava só co Júnio e dimirso e o binho já homi djá
 esse esqueço o nome dele mai meu fio eu tava durmindo
 notro quarto da casa aí o Júnio foi deitô acordô tava
 dimirso um nome parecido cum dinho num é ele tinha um
 nominho fino também durmia aí na cama e eu durmia
 noutro quarto assim toda vida na minha rede aí quando
 eu vi o Júnio gritô óia ladrão aqui dentro aqui dentro

num tinha água ainda tem uma **mesa grande tava assim de travessado** assim tava arto de vazia de copo prato eu sei dizê que junio avuô daqui e foi na mesa quebro vazia quebro vazia entcheu a banheira assim tava arto de caco de compo de xicra e prato aí meu deus as vazia no tchão na pedra né aí escuro que era um breu dimirso garrô a caçá caçô caçô caçô entra eu mato mata com que nem faca tinha eu vou a matá bisneto já aí ele caçô caçô caçô aí ele atchô vela e fosco aí ele riscô cendeu vela coisa aí ele garro a caçá caçô até pur baxo da cama e num tinha ninguém e o cara tava da banda de rindo o junio pulo de lá muntô assim nu meu cangote a mesa ansim (*pausa*) acude vovó o otro dia manheci eu num guentava o peso do guri i tava dimirso panha revorve venha revorve agora qual revorve nem fica num tinha que diz que ia panhá revorve mas eu ri dispos o rapaizinho o moço que passô fico quieto viu viu que passou daqui lá conversando eles dois riiiiinnndo que passo dimirso co junio que tava muntadu e largava a cabeça na mesa aqui tava tudo fofo de tanto eu batê (*risadas*) me acude vovó me acude vovó de que jeito que eu ia acudi e dimirso então dizia mãe cadê vovó vem pra cá esse aqui eu mato com a pá que nós mixia tuchinho lá no capado que matô ainda tem uma **pá** até hoje **esse** que tava com ele na mão com **esse** que ele ia matá aí o dimirso (*interrupção*) por baxo dessa ropaida co rede tudu em cima dele gritando panha revorve homi djá panha revorve. A prainha cabô né é um corguinho que é num é corgo grande não era um corgo pequeno ando por lá num vejo ma tudo tampado aí no centro aí que o corgo passava aí né num tem mais ta tudo tampado num tem mais corgo agora. A eu já tava taludinha eu alembro meu fio da guerra mais matô muita djente né a casa aí fico raaaaala de bala ficô só barro que ficô muntuado para bêra da casa assim ali na prainha num tinha **aquele igreja** num sei se ainda tem igreja senhô du rosáriu ansim no arto aí meu fiu a igreja acabô de bala a coberta de igreja era parede tudo cascô cabô ficô morro de cavaco da parede assim no tchão aí é que tornaram rumá otro tonaru rumá a igreja de novo num sei se ainda tem **esse igreja** aí (*trecho não compreendido*) você

tchegava aí andava pedaço você num enxergava uma casa que tinha gente ficô rala o teiado cabô cabô tudo num durô nada e a (*fala interrompida*). Ah meu fio foi feio sofria **eu já tava taludo** papai era escravo ah meu fiu mas o ele era escrava da mãezinha dele porque criou ele porque mãe de meu pai num cheguei de cunhecê morreu (*trecho não compreendido*) a coisa dele que criou ele mas criô como fio ele num gostava que ela mesma **a sinhara** que era mãezinha de papai **esse** num teve nenhum num tinha fio fio **dele** era só fio de escravo (*pausa*) papai ela que criô desde piquininho desde treis dia de nascido ele agradava a todo mundo **esse era boa** mas os otro matava à-toa à-toa (*pausa*) corrente no pescoço enforcava à-toa à-toa ia no campo campιά num achava a reis ou o cavalo **aquele coisa** que ele foi campιά já matava ele era assim mas quando veio uns pessoá num sei daonde naquele **eu tava pequeno** você num alembra bem não aí quando tchegô esse pessoá bem aaarrro a meuié e o home bem arvo que gritou forraria (alforria) ahh mas eles choravam co a mão na cabeça pidia pra (*trecho não compreendido*) mas num teve jeito forrô mesmo não não não eu vim para forrá tudo forro tudo forrô tudo papai minha vozinha forrou ela com a obrigação de forra tudo que é meu eu vô forrá tudo mas você (*trecho não compreendido*) eu criei como fio vocês todo é mais ele forrou todinho papai forrô e fico co'ela papai num largava dela nem nem que ele me forra mãezinha me forra mais eu num vô deixá ela saí eu não vô fica longe dela porque ela já esta véinha ela já véia ela num güenta mais trabaiá num güenta mais fazê nada i ela é minha mamã ele que é minha mãezinha minha mãe morreu ela que me criô desde pequeno e eu num vô largar dimão dela morreu no poder de papai mas ela era muito boa quando ela sabia nutícia ás veis chegava era rapaz era muié tudu que tchegava falava que o pai dele tava campeado a reis tava no campo (*trecho não compreendido*) falava pra ele não não não eu vô lá num tem pirigo meu fio são biniditu mi ajuda era um são biniditu que ela tinha desse tamanho assim esse são biniditu eu num sei num sei pra quem ficô co'ele num sei quem qui ficô eu sei dizê que quando papai tava vivo eu tinha depois que o

pai morreu aí ia tava andando de porretinho mais ia
 (pausa) com são biniditu o são biniditu levava ela ia
 tchegava lá comprava o negru ele esperava até às veis
 chegava num atchava (pausa) é você escapô é aqui veio
 à busca de oceis comprava ela comprava o negro a **famia**
inteiro botava um panela tudo preto ele carregava tudu
 tchegava dizia aí martin que era papai dá um djeito aí
 esses povo comeu lá pô mato dá um djeito pra eles dá
 mantimento da **um carne** banha arruma aí às veis papai
 falava carne num tem papai pegava um boi aí mata
 reparte pr'ele assim aí papai ia no campo pegava porque
 nós tinha bastante gado o gado parece que era dela que
 ela deu pô papai e nesse tempo meu fio era bom era bom
 e ruim ela ruim pos nego mas dipois que veio o pessoá
 que forrô tudu foi festa pu tuda parte você escutava
 sarva pu tuda parte (*trecho não compreendido*) de
 festancha de são biniditu esse era bom daí que ficô
 tudo que num tinha escravo cabô. Tinha panelão de
 cumida por tuda parte matava boi matava porco galinha
 só vê tinha festa boa mesmo tinha bolo fazia bolo de
 arroiz socava arroz num tinha máquina tudu na mão de
 pilão socava o arroiz botava n'água tirava fubá pa fazê
 o bolo era bom era. Cantavam de noite aquele povão
 fazia roda rodeando cantano levantava mastro é bonito
 tinha siriri cantava tocava a moda na viola cantano o
 brinquedo tudu dançava de roda aquele muiriu tudu em
 roda eu num dançava porque **eu tava pequeno** mas alembro
 de tudu era bunito que era as festa lá era boa uns
 chorava esses que ficô sem o negro esses tchorava que
 só vê paixonô morreu de patchão mode o negro ficou
 sozinho pindindo pa ela que ela num sabia fazê nem comê
 os nego que fazia eu disse agora você fala ansim mas as
 marvadeza que vivia os coitado (pausa) ninguém num
 nasceu sabeno meu fio tudo nasceu e depois que aprendeu
 assim vai você não aprendeu a fazê o comê então come
 cru i num deitchô mesmo forrô memo tudu. Naquele tempo
 que eu vi prato de barro prato de barro que tinha
 disparado tinha tidjela de tudu tamanhu botava (*trecho*
não compreendido) de barro fazia tudu essas coisa
 queimava o barro ficava bunito a vazia bem queimada que
 ficava é prato é panela fazia tidjela fazia pote de

barro. Era carne na festa era carne feidjão arroiz tinha mandioca na carne arrumava carne com mandioca ás veiz sem mandioca **carne seco carne ensopado** de tudu fazia. Bibida argum que gostava de bebê fazia mesmo o café era bolo **quem que é esse** (*fazendo uma pergunta para uma mulher que chegou na hora da entrevista*) ah o castigo era demás nesse tempo **eu tava pequeno** eu vi pegava meu fio a criança mãe tá co fio no seio mamano putchava jogava no tatcho de sabão par interá sabão mãe até rolava no tchão você também vai você também qué assim djogava a coitadinha num tatcho pra interá sabão aí teve um nego esse morava mais perto de nós saía da **casa aieio** mamãe falava joga você também no tatcho a mãezinha de papai chorou quando viu notícia que matou a menina mas essa famia esse daí morreu ele tinha fio dele tudo grande djá né um brancão num sei que ele randjô o pai da criança tchegô cadê nenê o que que foi acabô nossa fia sinhara djogô nossa fia no tatcho de sabão matô nossa fia tchoramo você vai tamém no tatcho minha fia morreu aí no tatcho taí no tatcho ela num deixô tirá aí o tatcho ferveno é minha fia cabô né eu tenho fio pra virá sabão você também tem assim como eu tenho ele também tem até maior bom ele foi redeiô redeiô o mundo do tatchão sentô baxô a cara daí ele saiu para lá num sei que que arrandjô um fio dele já homi djá veio passá pur perto do tacho num tinha nem djeito dele caí não sei como foi dentro do tachão o sabão até cubriu as costa dele ele caiu de bruçu ficou só daqui ansim a perna dele ficou daqui ansim (*trecho não compreendido*) aí ai meu fio djente acude acude eu sei dizê que quando eu putcharam o coiso que djuntô gente lá foi pa tirá o rapaz o pai do rapaz caiu tamém dentro do tatcho ele falô para interá sabão o marido dela caiu de cara no sabão lá foi o fio lá foi o marido ela paixonô ficô triste triste gritano tchorava aí num dimorô ele morreu ela morreu tamém quando ouviu falar papai ficô brabo comigo pra num i lá você sabe criança é bicho danado né (*trecho não compreendido*) tinha dois já grande aí a muié ficou triste triste num levô dia morreu mais o fio dele morreu no tatcho de sabão no tatcho de sabão aí bom ficô otro durou teeemmpo mesmo

isso durô tempo também veio morrê no tatcho de sabão
 nós tchamava ele bagre branco ele tinha tia zabé tia
 luzia e tinha maximiana tudo fia dele tinha uns fio
 tamém homi esse morava aqui nu bairro panela morava
 perto do não to bem alembrada aí ele mudô para serra
 acima na serra acima matô a maximiana matô a dita que
 é a muié dele mato um fio dele daí ele ficô doido doido
 a tia zabé **zabé** pediu po **marido dele** busca ele e de lá
 trotche o pai dele mas aonde tá quando eles truxeram
 ela para perto de nós eu alembro porque **eu era casado**
 aí esse ele era soberbo do mundo fia dele fazia café
 ele tinha duas neta moça fazia de tudo bem feito mãe
 deles mandava levá pu avô (*pausa*) um dia tia zabé fez
 café e mandô po pai o café quente que tava ele pegô a
 xícra foi pá queimou a neta tudu assim queimo ela de um
 lado da cara dela tudu tchorano já tava moçinha já aí
 falô pa mãe dele que joga o café quente moiô tudu ela a
 água saiu da chaleira nessa hora a aí tia zabé disse
 fica queto num dimorô e ela fazeno bolo de arroz ela
 fez uma pá assim arto de bolo deu bolo pra todo (*trecho*
não compreendido) e fez o tchicolate pa tomá co bolo aí
 esse ela que levô levô um bule assim tcheio do
 tchicolate e um prato arto de bolo levô po pai aqui
 papai ficô bem queto este aqui é tchicolate po papai
 tomá co bolo passô a mão no prato de bolo que avuô lá
 quebro prato o bolo tudo isparramô aí moacir que era
 djenro dele moacir é um bom homi que é garrô o bule de
 tchá abuzinô lá aí ficaram quieto não falaram nada e lá
 tinha a cozinha era cumu esse quarto longe da casa
 moacir saiu pra roça tudus homi saiu mas era longe nós
 morava longe um ao outro aí tia zabé tinha era um
 tatcho de bom tamanho ansim tava embatcho do fogão
tacuru fazeno sabão também lá precisava fazê senão lá
 no barreiro se você num fazê em casa num tinha venda ou
 era aqui na cidade ou na tchapada agora é mais muié que
 precisa né fazia nosso em casa aí o tacho tava lá que
 tinha o girau enchima o girau enchima o fogão embatcho
 embatcho tinha fogão que fazia comida era de tacuru
 fazia comida o tatcho também tava tcheio de (*trecho não*
compreendido) e o pá de bolo ele boto lá em cima já
 tinha feito armoço tirô um prato de armoço levô pa

papai o pai djogô fora aí **ela ficou quieto** ainda quebrô o prato **ela ficô quieto** ela fez com coisa que ela num viu aí ele um quarto no meio outro quarto assim (*pausa*) tava fiano fiano algodão ela co as duas fia só fiano aí quando ela viu fez ansim paaaa (*trecho não compreendido*) ea o pai dele pisô no tacaru o tacuru parece que vergô co'ele e de ele veio dentro do tatcho o girau em cima ele queria panhá bolo né porque ele ficô sem comê dava coisa pr'ele ele djogava fora aí ele foi tira caiu meu fio caiu no tacuru o tacuru rodô co'ele ansim foi dentro do tatcho e aí tia zabé disse ai papai a casa dele nosso era mais perto era como daqui lá no primeiro nós morava longe um ao otro criação né aí ele tchegô lá né mi tchamô seu zé taí disse num tá tá na roça o misericórdia papai morreu papai caiu dentro do tatcho onde eu tava fazeno sabão caiu dentro do tatcho aí eu falei é agora fui lá lutei pa tirá ele cadê pesado demás aí esse tava dentro do tatcho foi de carrera co tchico lá sempre que deus adjudô que eu achei o (*trecho não compreendido*) tinha tchegado nessa hora da roça e finado antônio bento antônio é irmão quando tirô ele tava caino dentro do tatcho tudu tudu ele era barbudão né fico tudo no sabão aí tiraram aí pôs ele num coro ficô feio moço ficô feio aí tiraram ele daí rumaram ele lá na sala aí que tchamô um (*trecho não compreendido*) vistiram roupa nela mas vistiram no osso num tinha nem como lavá mais aí rumaram ele e condo foi otro dia bem cedo cedo memo botô ele na rede e levaram ele po cemitério o cemitério lá é londje de lá pa vim aí no rio das pedra do outro lado do rio das pedra que era o cemitério aí que foi interrá ele enterraram ele co a rede e tudu e o sabão a tia zabé agora meu sabão não é pa comê mesmo ficô pedaço de carne dele a barba tudo ficou lá dentro do sabão a fia dele apurô o sabão.

Anexo 4

Informante: M. S. C. – 53 anos – Natural de Cuiabá

Entrevistas cedidas por Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, constantes da sua tese intitulada **Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil**, São Paulo, USP, 2000. p. 64-70.

... assim que tá sendo ... aqui porque povo aqui nós aqui por exemplo somos um povo tudo humilde não mexe não vai porque senão né... eu por exemplo não... eu não quero porque ... não é que eu to com mas gente vive independente deli porque se não adianta você falar se depende dele não ajuda mesmo ... né? aqui *dessa turma aqui* que eles fala aqui é um nereu... esse cara aí trabalhou aqui... o que ele fez três cohab... ele asfaltou tudo fez tudo a rua foi serviço dele... pois é

é isso aí... fogo na roupa é eu trabalho numa fazenda... a lá eu trabalho de né... limpeza fazeção bateção de pastu fazeção de cerca né... *isso é que é meu serviço lá...* não sei agora né se vai para o meu serviço bateção.. tá perto de terminar... resta **cem hectares** para mim fazer só... fiz **umas trezentas e poucas**... só eu com *esses dois guri meu*... eles trabalha muito rapaz... *essa semana* nós saímos de lá sexta sábado... amanhã é que é pra me encontrar com o gerente na agência porque o cara viajeia muito... o dono da fazenda né ele anda demais ele mexe com *aquele negócio* de.... terraplanagem *esses* negócio... **esses região**... longe pra fora... né... mas é bom pra pagar eu não tem o que queixar dele tem sido bom né nós recebe por quinzena chego a quinzena não sei amanhã se vai passar né... eu falei para o gerente lá se vocês não me derem dinheiro amanhã se não vim dinheiro mesmo no serviço eu não vou não é que não vou to precisando pagar *meus* negócio... né pra gente movimentar aí ele falou não amanhã nós o senhor me espera lá *na* agência lá... eu vou de manhã *no* ônibus da sete e não encontra se o homem não vim eu vou telefonar *na* casa deli aí se ele já chegou da viagem... e liberar o *dinheiro* eu vou lá pegar... mas é *uma fazenda boa* rapaz... se não sair não trabalha aqui se não sair não... seo gonsalo aí mesmo... bom ele ainda **esse charretinha** dele par vira com ele... e eu não tem né eu tem é que... é ele vai fazer *seu frete* sai aí compra *uma banana* o que achar compra vende ele vai se virando... eu tem que segurar doutro jeito... prefeitura? Deus que me perdoe falar não compensa... ganha *um salário* e assim mesmo de *um salário* vai dois três mês pra receber eu não é bater papu **nesse fazenda mesmo** aí eu com *esses dois guri meu* nós ganha cinco salário por quinzena *essa semana mesmo* agora amanhã é pra me dar quatrocentos e sessenta real... né... agora eu só não sei se hora que terminar *esse* serviço que eu to fazendo vai parar porque homem ta feio no troco... tá feio é o seguinte... que lá ele mexe com criame de boi pra ... né? compra... cria pra

vender né... e ta ruim de vender não quer vender... não é que não quer vender o preço não compensa... né?... se ele não tem pra paga na hora **tudu aquela quinzena** pelo menos um vale pra... pra fazer *uma compra* ele te dar ele não deixa você sem dinheiro... importante é esse eu não venho em casa sai daqui mas é vem quase só fim de semana porque não compensa o negro ta andando né?... pega um serviço é pra mim fazer mesmo... tem a tem tudo... eu durmo lá **no sede** eu com *as minha criança*... tem *um barraco* lá que nós faz *nossa comida* lá... nós trabalha mesmo... *essa semana essa quinzena* mesmo eu tirei... tirei trinta e seis... quase trinta e nove... hectare é serviço rapaz... virgem maria... o serviço dele é o seguinte tá barato... se ele tivesse pagando uns vinte real por hectare tava tomando porre no dinheiro tava abonado aí guardado... mas tá pouco... mas se você não ganha pouco nem o pouco... porque outra região vai ver o cara fala pra você não eu te pago trinta cinqüenta por hectare mas aí você vai faz... pra receber é um né cadê? quer dizer não compensa... tá me pagando doze mas nós faz quatro cinco hectare por dia... importante é esse é teve diária de eu com esse menino meu tirar... tirar uma base de trinta e cinco quarenta real cada um... importante é esse como agora mesmo eu vou fazer **esse semana** segunda-feira terça-feira que eu vou pra lá vou pegar cem hectare pra mim fazer lá... nós já baseemos pra nós arrancar **essa cem hectare** com quinze dia... e tira mesmo... não tem tempo ruim não... só que ele... **meninada novo** né? serviço braçal... ele para me passar ele ainda tá precisa... **o meu meninada** é **acostumado** nasceu e criou nesse serviço... esse por exemplo que é policial? menino aí trabalhou entrou na polícia mas toda vida ele trabalha junto comigo estudando... negro bom no trampo pra caramba... agora ele só tá engordando não faz nada serviçinho e ele de saúde... era negro bom de... diz vamos fazer ele não tem tempo ruim assim esmo o outro... eu não trabalho com turma eu trabalho de minha parte é o seguinte... aqui mesmo tem bastante que quer ir comigo o homem como falou pra mim que não quer que eu levo tudo por causa de dinheiro né e depois você

leva o amigo não é que a gente não quer que não dar pra você levar porque você leva... chega na quinzena o homem dar uma folhada aí não tem dinheiro ao você fica com apurado né? porque aí o você tem você a minha parte... eu sei me virar que eu tenho na onde eu compro no mercado eu tem quem me fornece... aí não tem dinheiro como é que eu vou fazer com amigo? né... eu não quero isso... aí tem um esmo que quer de lá mesmo **desse casa** tá louco pra ir e é bom amigo menino bom de serviço já trabalhou muito tempo comigo... toda vida meu serviço é esse... toda vida enfrentei por **esses gleba** rapaz... deus a livre mas agora esse pra mim nada né... agora não tem mas... mas já enfrentei que... aí não dá nada esse é pura bobagem... trabalhei que nem um louco... ganhei dinheiro como naquela época ganhei muito dinheiro mas não recebi não adiantou nada... vou lutando assim mesmo□tão gravando aquele moreno que tá com aquela bolsinha... não sei se você viu? ele é bom pra cantar cururu... eu falei pra ele que dia de minha festa é pra ele trazer uma dupla aqui... pra nós gravar... vamos embora... é deve... vamos ver nonde que estão... deve ser no gonsa ou então no seo dito eles tão tocando mesmo... vamos tomar o café daí nós vai lá... lá espiar turma que ta cantando cururu.

Informante: A. G. S. – 66 anos – Natural de Cuiabá

Vou falar que... bebida pra... gente moagento... tem muito que é desse naipe... fica com a... uma moagem sem graceira se a gente tá numa reunião por isso que eu falo fazer uma reunião... era assim... para pra tirar uma fotografia ou para filmar pra mim passar aí na tevê né eu não achava que não devia uma hora assim um dia que não tivesse essas moagento transitando... nessas parte não... só que as criança deveria afastar um pouco... pra depois eles saía ficava mais as criança... eu achava e porque saía só os grande assim no filmamento...

Informante: G. G. C. – 53 anos – Natural de Cuiabá

...o velho era dureza... ele foi numa festa e chegou lá tava um rapaz e uma **moça sentado**... namorando né... tavam conversando lá... aí ele deu uma volta assim deu uma olhada a moça com **as perna jogado** uma por cima da outra e varou a barra naquele tempo usava combinação que fala varou a barra da combinação era de algodoim... e ele viu... aí ele falou vou fazer uma toada agora e cantar de ponto pra essa menina... e fez a toada e cantou eu tô gostando do modo daquela moça ela é bonita e anda bem preparada veste vestido de seda faz coque no cabelo e vai sentar perto do seu bem pra conversar ela via conversando vai ficando distraída você sabe que na festa tem **gente reparador** um já viu já contou pra outro e eu não vi mais tão falando combinação dela é de algodoim eu tô gostando do modo daquela moça ela é bonita e anda bem preparada veste vestido de seda faz coque no cabelo e vai sentar perto do seu bem pra conversar ela vai conversando vai ficando distraída você sabe que na festa tem **gente reparador** um já contou pra outro e eu não vi mas tão falando combinação dela é de algodoim quando ele acabou de cantar a moça levantou e falou para o namorado você me dá licença que eu vou ali e volto... mas não voltou até hoje... e aí um dia ele chegou na casa de uma comadre dele... chegou na casa de uma comadre dele... aí ele foi falou olha comadre tudo no mundo a gente vê mas não pode fala nada... porque se não se trata a gente de mexeriqueiro... aí falou a compadre é assim mesmo o povo fala muito e coisa e tal né... aí nessa hora uma filha da comadre falou pra outra falou a o que você quer? você é **bonita** mas tá **mal falado**... aí a comadre dele que é de meu pai... virou e falou assim ô criança vocês tão falando bobagem perto do papagaio... que era o meu pai né... aí ele falo a eu nem escuiteri né... eu nem escuiteri... né... eu nem escuiteri... né... aí bom ele foi falou assim ele foi falou assim falou... eu não escuiteri comadre... e nessa hora ele pegou e saiu...

pegou e saiu pra embora... chegou na estrada... fez a toada... aí fez a toada e cantou lá em casa eu tô criando um filho de papagaio zombeteiro já tá falando bem tudo que ensina ele aprende o que ele ouve ele fala e eu vi ele falar aquela **moça é bonita mas já tá mal falado** já perdeu seu merecimento ai meu papagaio ei meu rico louro não fala da vida alheia lá casa eu tô criando um casal de papagaio lá casa eu tô criando um casal de papagaio tudo o que ele ouve ele fala lá casa eu tô criando um filho de papagaio zombeteiro já tá falando bem tudo que ensina ele aprende o que ele ouve ele fala e eu vi ele falar aquela **moça é bonita mas já tá mal falado** já perdeu seu merecimento ai meu papagaio ei meu rico louro não fala da vida alheia quando ele fez a toada e cantou... a comadre falou eu não falei pra vocês criança que não falasse bobagem perto do papagaio?... ave maria o velho era dureza... a esse também é deu meu pai... essa fala assim ai gente tô gostando de meu amor tem me dado um bom parecer eu tinha tratado com ela que ia domingo passear ela mandou falar pra mim que fosse segunda feira esse dia papai não tá **mamãe sempre ocupado** lá na cozinha então venha cedo que nós tem tempo pra conversar dou prazer pra quem merece para quem vá comentando gente tô gostando de meu amor tem me dado um bom parecer eu tinha tratado com ela que ia domingo passear ela mandou falar pra mim que fosse segunda feira esse dia papai não tá **mamãe sempre ocupado** na cozinha então venha cedo que nós tem tempo pra conversar.

Anexo 5

Entrevista da informante M. B. F., constante no livro **O dialeto caipira na região de Piracicaba**, de Ada Natal Rodrigues, São Paulo, Editora Ática, 1974.

D - Como é seu nome inteiro?

L - O meu nome é Maria Benedita... O primeiro nome, né, o nome do pai, né? A senhora quer que eu ponha o nome do pai, né? É Maria Benedita de Freitas.

D - Tem algum apelido?

L - Tratam de Benedita. Só de Dita. Eu nasci no Barreiro Rico, ali na Fazenda do Barreiro Rico.

D - E seu pai?

L - Joaquim.... onde que ele nasceu? Ele nasceu aqui na Serra Torta mesmo de Ibitiruna, por aqui, eu não sei bem certeza. A minha mãe nasceu na Graminha. Tudo perto. Só que a minha mãe nasceu do outro lado do rio, na Graminha, perto de São Pedro, essas água, ali.

D - A senhora é casada há quanto tempo?

L - 30 anos.

D - Que beleza!

L - Graças a Deus.

D - Quando nasceu seu primeiro filho?

L - Quanto de idade que eu tinha? Eu tava com dezesseis anos.

D - Não vingou e menino?

L - Não vingou, ele nasceu esperto bonito, um menino gordo mas que foi até os dois anos. Quando tava com dois anos ele garrou ficar inchado o pezinho dele e cresceu o estominho dele e ele foi ficando amarelinho. Nós levava ele no médico, levava ele em benzedeira, a senhora sabe, não é? E dava o remedinho pr'ele e dava outro, mas não diantou nada. A senhora sabe quando ele completou dois anos e meio, ele morreu. Fiquei sozinha. Fiquei grávida de outro de seis mês. Daí esse nasceu. Quando ele nasceu o primeiro mês... dia vinte e três de abril, outro nasceu 21 de agosto. Ele nasceu, durou quarenta dia.

D - A senhora sabe de que de ele morreu?

L - O menininho meu? Não sei, porque eu quero dizer pra senhora, eu fiquei muito inchada, fui ficando com aquela fraqueza, aquela coisa... fui ficando amarela, não comia não bebia mais nada assim, só água que eu tomava. Tomava só água. Café eu não podia tomar. Comida eu não podia comer. Daí uma vizinha ensinou pra mim tomar ovo, né. Ovo de galinha tudo dia, esquentar e tomava ele e aquilo fui ficando mais assim, mas não

sarei. Inchada, **a roupa meu** nenhum servia, precisava partir os vestido assim. E fiquei inchada, quando foi pra mim ficar doente, porque ali a minha avó morava perto, porque nesse tempo a gente não procurava a cidade, a Santa Casa, essas coisas, né? E não procurava, era chato pr'um remedinho ali, eu tinha medo de ir na Santa Casa. Fiquei lá em casa mesmo. Fiquei três dias lá. Do primeiro eu fui feliz. Adoecei de noite, quando de tarde, chegou oito horas, fiquei boa. Do primeiro. E do segundo, quando... fiquei ruim um dia inteiro, um sábado, dia inteiro, quando foi domingo, às oito horas da noite é que eu fui ficar doente. Na cama ali, naquela aflição. Suando, suando frio. O cabelo meu podia pegar e torcer, eu amarela que nem uma cidra, toda hora bebendo água e vendo que eu ia morrer. **Avó meu** lidava ali comigo, lidava, na casa tava já ajeitando tudo, né? Aí, quando foi oito hora ele... o menino nasceu, porque ela tirou, sabe. Eu falei pr'ela: - Pode fazer o serviço de médico.

Ela, muito sabida, ela... sabia, ela fez o trabalho e trouxe o menino, um menino gordo, bonito. Chamava José, José Clemente. O primeiro chamava José Benedito. Bem moreninho que nem o pai. O outro era um pouquinho mais claro. Mas bonito que era o menino, a senhora tinha que ver, parecia um santo o menino de bonito. Tudos dois, a coisa mais linda. A senhora sabe que eu daí não comia e fui ficando aquela fraqueza na cama, sabe, a mulher de dante, ela fazia um caldinho, que nem ela pega o frango e faz aquela sopa, nós fala caldo. Nós não falava sopa, falava caldo de frango. Caipira, né? A senhora sabe como é que é? Pnhava ali uma tigela e levava lá pra mim comer. A senhora sabe que eu fui ficando com uma fraqueza, aquela fraqueza, cada vez mais, mais ruim. Deu uma febre ne mim e sumiu o leite. Eu dava... vinha aquela mulher tratar da minha filha, **a mãe meu** vinha e dava leite de vaca e o menino não aceitava, vomitava, dava garapa, o menino vomitava, dava leite de peito, ele gostava, ele chorava, procurava, procurava assim com a boca, que nem fosse uma criança grande. Foi indo, foi indo, quando foi quarenta di... tava mesmo no fim já, o menino tava ruim, meu pai chegou e falou:

- Tira minha filha, pra cá, que eu quero dar uma olhada nela, ver o que ela tem. Daí... Eu usava esteira. A senhora sabe? Esteira de taboa. Pnhava assim na casa.

- Traga minha filha. Aí trouxeram eu carregada. Eu tava tomando remédio de farmacêutico, daquele Celso ali. Meu marido ia buscar remédio pra mim, mais tomava, em vez de ficar mais boa, cada vez vai ficando pior, né. Pnhou eu ali e falou:

- Nossa, minha filha vai morrer. Vamos levar minha filha na cidade. Meu Deus do céu, minha filha vai morrer. Daí arrumaram um carrinho, pegaram eu, levemo na cidade, fomo aproveitar examinar eu e levar o menininho de remédio também. Aproveitemo batizar ele naquele dia. Daí o doutor Serra, esse doutor daí de Piracicaba, a senhora conhece ele? Levou lá e ele falou assim:

- Nossa, porque não esperou ela morrer primeiro pra trazer. Ela está pesando cinco quilo. Falou pro meu marido, né. Aí a minha tia respondeu:

- Mais não é falta de tratar, tá tratando mais é que o remédio não é acertado, porque remédio ela tem tomado, do farmacêutico, do seu Celso.

Daí, ele pegou e fez exame e falou assim:

- Eu vou dar remédio pra ela, mas garantir eu não vou garantir. Que ela vai sarar, eu não vou. Daí, pegou, deu o remédio pra mim e eu vim:

- Pode dar o que ela quiser. Comer banana, comer... chupar laranja e eu vim. Com aquela canseira, levava água pra mim, se não pnhava água assim na minha boca eu perdia o fôlego. E o menininho também já com aquela canseirinha.

- E tira esse menino, faça uma caridade de tirar esse menino grande, falou pra minha tia, e trata desse inocente, desse anjo. Esse é um anjo, um inocentinho. Falou assim. E aí a minha tia trouxe.

- Ah, vamos levar direito é pra minha casa, compadre. Não tem nada de mais ir na sua casa. Pegaram minha cama e levaram lá e ela ficou tratando do meu filho, fazendo injeção, você sabe que eu sarei, mas quando foi uns dois dia que nós viemo, que nós foi fazer exame no médico, no doutor Serra, menininho meu morreu. Daí

fiquei sem nenhum. Morreu o primeiro, morreu o segundo, fiquei sozinha. Não fiquei mais grávida. Daquele tempo, eu vou contar pra senhora, eu tava com dezenove anos. Moça. A regra não veio mais. Não, senhora. Se eu falar pra senhora que **a regra meu** veio, então eu minto pra senhora. No começo, ficou cinco ano sem dar **dor nenhum**, a mesma coisa de ser uma criança que tava crescendo. Depois garrou a atacar a... dar muita dor no meu estômago... aquela falta de ar, aquela coisa ruim. Eu deitava assim. Eu fiquei sete ano dormindo de bruço. Pra mim poder melhorar eu levantava, não tinha o que tomar, a senhora sabe: gente pobre, gente lamba, aqui é difícil, fazia uma água quente, deixava a água no fogo, na chaleira, levantava, bebia dois golpe de água e voltava a deitar. E pedia a Deus:

- Senhor Jesus, tenha compaixão de mim. Faça eu sarar. Falo: eu sou criança ainda, será que eu vou ficar assim. Pedia que Jesus ajudasse e desse mais uma família pra mim, **a gente** ficou assim **sozinho**, né? Eu pedi que Deus desse mais uma família, mas não vinha mais nada. Pedia a Deus, todo dia... Senhor Jesus que abençoasse, que eu sarasse, que Deus desse a maior família pra mim. Que fizesse que eu conseguia a regra e remédio em cima de remédio com o mesmo médico, tratando. Ele falava:

- Não, quando madurar... a gente não compreende quando o médico fala uma coisa. A gente as vez não? Quando eu madurar, sabemo lá o que é isso que ele falou pra mim. Daí veio, falou pra mim. Quando madurar, precisa... A senhora vê, já estou com quarenta e cinco anos, né Marlene? E nunca mais veio. Se a senhora falar que tem peça de **roupa meu** que tá com alguma... Nunca, nunca mais veio. Daí, com a graça de Deus, a senhora sabe que eu sarei daquela falta. .. daquela coisa. Acabou tudo em nada. Não tenho dor de cabeça. Agora, de uns tempos para cá veio a... atacar a vista, a senhora sabe como é, eu enxergo bem, garrou a criar, a criar uma coisa assim, né?

D - A senhora foi ver o que é?

L - Fui ver. Fui no oculista. Ele deu remédio, falou que não é nada, porque enxergar eu enxergo bem, enfio

agulha, tiro bicho, tenho uma vista... Só que de vez em quando dói, a senhora sabe como que é? Não sei se é da mesma, da idade ou do incômodo que já prejudicou, né.

D - É mais deste olho, do lado de cá?

L - Dói mais este aqui. Mas enxergar, eu enxergo. Tem dia que dói, tem dia que não dói. É um **coiso esquisito**. E trabalhar... quando eu dei de melhorar eu já fui matar formiga com fole. A senhora sabe o que é fole? É um negócio assim que tem uma junta assim, **um coisa** de couro, a gente bate ele assim e tem uma caldeira em baixo, sabe como é? **Um coisa** de ferro assim, grosso assim e aqui um cano e aqui tem **aquele coisa estufado**. A senhora bate assim, então acende o fole assim e sai aquela fumaça pra matar formiga que corta algodão. Põe naquele olheiro, bate assim, a formiga arrebenta lá dentro com a fumaçinha.

D - A fumaça não faz mal pra senhora?

L - Não sei. No dia de poder andar dessa criança, que eu falo pra senhora, isso era em agosto, né, eu fiquei uns dois mês na cama. Levantei e já fui olhar formiga. Eu andava um pedacinho como daqui ali, eu sentava e eu chorava. Tuda vida sou inclinada a trabalhar, a ajudar ele, ele não tem quem ajude, a gente quer bem, a gente quer ajudar... poder. Daí eu ia lá. A senhora sabe que de quatro are, de quatro alqueire, eu dava conta. Sabe que nunca parei de trabalhar. Tou, ... tou com **trinta ano de casado**, quando eu era solteira eu trabalhava também, mas casei nova, com quinze ano, né. Tuda vida eu ajudo ele, tudo ano. Só quando mesmo quando eu caí. Depois, com a graça de Deus, fui tomando remédio fui tomando injeção, fui tomando tanta coisa, a senhora sabe que, com a graça de Deus, Deus me...

D - A senhora nunca mais ficou doente?

L - Não. É difícil eu ficar doente. Jesus me abençoou eu, e, de uma forma especial, né. Com a graça de Deus, agradeço ao Senhor Jesus do céu, porque eu tenho saúde, dona. Eu deito na cama, eu durmo. Como bem. E se eu for preciso sair correndo, correr. . . Olha, aquela lata ali é pesada, né? Eu fui lá em baixo e eu trouxe ela e dois baldinho na mão. **Essa lata cheio** d'água na cabeça e essa na mão, essa aqui assim, e **a lata carregado**. De

lá de baixo. Eu falo pras criança que eu tenho a natureza de gente... de **gente novo**, né. O que a senhora acha? Por a idade, não tenho dor de perna. Só eu sou muito nervosa. Tem hora que qualquer coisa dá... não sei. Garra querer encolher o nervo, não sei, acho que é da idade, né, assim. Mas as vez dá dor mas... dor passageira.

D - Mas também com tanta dificuldade.

L - Eu chorava, dona. Contar pra senhora que eu chorava, viu? Eu chorava e não aconteceu nada porque eu tenho muita fé em Deus. Ele queria até encrencar, às vez perdia até a idéia, eu não deixava. Eu apaziguava: tenha fé em Deus. Ele fez isso pra nós, mas Deus dando vida e saúde pra nós, nos ganha otro. Nós vai.... se Deus o livre ele mata você, ou você mata ele o que que nos vai fazer? Fica perdido, né. O que que eu vou fazer? Ficar padecendo. A corda sempre rebenta pro mais fraco. Não é mesmo? O pobre é que sai perdendo, com a razão que tem. Quem pode dar razão justa é só Deus. Ele é justo. Mas não é mesmo? Porque não vou dizer que todos os patrão seja ruim, mas tem patrão ruim, que nem esse homem, né, não vou falar tudo. Não é verdade? E é verdade, porque eu falar pra senhora, tudo al a senhora tem que ver. A senhora tinha que ver a semana passada pra ver a lavoura nossa, eu levava a senhora ver porque era pertico da casa. Que fartura, viu! Colhemo bem. Deu... oitocentos e trinta e quatro arroba o algodão.

D - E só os dois?

L - Só nós dois. Só pra apanhar é que nós trouxemo a turma. Trabalhou uma semana a turma, né Marlene? Só somando. Turma de trinta, de quarenta pessoa. Nós que pagava e chegou no fim, dona, ele não pagou. A parte que era de a meia, sabe como é a metade, esta metade aqui é nossa, então ele carecia, com a metade, comparação, cem arroba, cem arroba dele, cem nossa, então ele precisa pagar metade da panha pra nós, não é verdade? E ele não pagou. Então vai sair tudo do nosso bolso? E a pensão? Eu fazia arroz, eu fazia feijão, eu fazia sopa, comprava carne de vaca, matava frango, fazia de tudo, enchia a mesa, né? O tratorista ficou caro. Ele falou:

- Pode fazer tudo que depois eu pago pr'ocê, Dita. Pois ele chamou meu marido assim e acertou a conta e falou assim - Que fica por multa. Daí eu falei: vamos sair, vamos embora. Nós é assim, com a graça de Deus, quando nós vai assim, num lugar assim, tem **dois, três pessoa** que já quer nós, agora já teve gente que já chamou nós, é assim. Tudo os patrão quer que nós vai trabalhar com eles, porque conhece, né. E eles... aqui nós vai indo bem, embora que não dê muito futuro, mas ao menos, nós tá com a idéia sossegado, não é mesmo? Temo contente aqui, graças a Deus, ao menos não tá a gente com medo, chega assim, tem medo de brigar, tem medo de fazer, já vai ficando nervoso, né. O que eu fiquei ali foi que eu fiquei nervosa, garrou a atacar. Mas eu tenho bem saúde, graças a Deus. Por isso que eu digo tenho sorte, até, não é mesmo?

D - A senhora sabe fazer sabão?

L - Não faço, compro. Dá muito trabalho. Eu não sei fazer sabão feito em casa, não. E dá muito trabalho, não.

D - Dona Maria Martins faz ainda.

L - Aquela mulher faz as coisa, não é? Aquela mulher boa. Ela veio aqui passear, aqui na minha casa. São tudo bom essa vizinhança aqui, né? Tudo eles veio passear aqui, essa gente da... Tudo as vizinhança aí vem. Graças a Deus, em tudo lugar que eu moro, tudo quer bem eu. A senhora não viu eu chegar aí? A mulher já veio trazer feijão, leite pra mim. Já cozido, né. A senhora sabe que eu cheguei da casa do patrão. Ela foi e trouxe pra mim. Tudo lugar que eu moro, tudo mundo me quer bem. Quando eu saio as... fica chorando, dona.

D - Tem veado? Caça muito por aqui?

L - Caça. Tem gente que caça mas de veado galheiro não tem mais. Tem esses veado que é sem chifre, esses veado mocho, né. Tem o Zé Sabino que caça bastante, que tá na nossa lavoura ali no Renato Sabino, eles vinham sempre caçar, passava a nossa lavoura sempre tava matando veado. Por aqui também.

D - Como é que prepara carne de veado?

L - Eu, eu pego **ela** e ponho na mesa e... tiro... corto bem **cortadinho** do tipo de bife e daí ponho sal, ponho

limão e... alho, pimenta-do-reino, ponho na vinha d'alho, né, daí pra a gente fazer o bife. Fez almôndega, pra fazer almôndega a senhora bate ela bem, mói **ela bem moidinho** e faz almôndega.

D - A senhora gosta de carne de veado?

L - Eu gosto.

D - É mais gostosa do que carne de boi?

L - É igual. O mesmo gosto. Ela, a carne, do jeito que a senhora quiser é gostosa, assim como se a senhora tá comendo carne de boi.

D - É muito gordurosa?

L - Não é, é que nem carne de boi. Ela tem aquela gordura firme, a senhora sabe.

D - Aproveita a gordura?

L - Aproveita, querendo aproveitar, pode aproveitar, é gostosa. Pode temperar panela, né. A gente deixa ali, derrete, tem o mesmo gosto de gordura de carne de boi.

D - A senhora cria porco?

L - Agora não temo criado mais. O ano passado não criamos muito. Não deu muito bem, porque houve trapalho. Nós tinha uma porca, tinha cinco leitões nessa altura que era a coisa mais linda e tudo tava enxertada. E daí a porca engordou, foi criar, morreu tudo os leitões. Daí nós vendemo ela por trezentos conto, a porca e ficamos com as leitões. A leitão conforme ia criando ia morrendo os leitões. Vendemo, pra quem nós vendemo mesmo, ela criava e morria. Eu não sei o que é que deu nos porquinhos. Nascia bonzinho daí ju... quem sabe é alguma doença, mas tinha saúde. Se a senhora vesse era aquela leitão gorda, bonita assim que dava gosto de ver. Desses porcos raça Nilo. E daí nós desgostamos com aquilo e acabamos com ela. Terminou. Daí agora espera de novo, colhendo milho novo dá pra panhar algum pra engordar. Nós sempre não gasta assim só óleo, sempre compra pedaço de tocinho assim, pica, mistura pra lá. Comer só óleo também enfraquece a gente, né dona, a gente que trabalha na roça diz que afina a tripa, né. Diz que é perigoso pra não ficar rendido.

D - A senhora conhece esta vaca (gravura)?

L - É uma vaca boa, holandesa, a holandesa é vaca conhecida, é vaca entroncada, gorda, né. Boa de leite. Tem a **ubra boa**, é conhecida, né, vaca de raça.

D - A senhora tem medo de coruja?

L - A Marlene, quando era pequena, ela falava assim pra mim, a coruja fazia, dava risada, né, fazia ah, ah! Ah! Ela falava assim:

Tá **louco, mulher**? Cê tá **louco, mulher**? Mãe do céu você se acubra eu que a mulher vem vindo aí. Ela chorava. Ela dá risada que nem gente. A senhora tá de noite e escuta, ela dá aquela risada. Assobia. E dá risada, né. Aí mesmo perto, quando chega de noite ela dá risada: Tá **louco, mulher**?

D - Você ainda tem medo, Marlene?

L - Agora assim mesmo quando ela escuta ela fala: O que é isso, mãe? Eu falo: isso é coruja e começa a falar mulher.

D - Caça muito tatu?

L - Caça. Outro dia mesmo eu vinha vindo da roça e o cachorro latia, e eu escutei e eu peguei e descii a cesta do chão e corri lá e o cachorrinho pegava o tatu já. Daí eu peguei o tatu e peguei ele pelo rabo, trouxe ele vivo até no ribeirão. No ribeirão taquei o pau na cabeça dele, matei. Tatu amarelo. E bão. A carne branca. O tatuetê é de casco preto, a carne é branca e o tatu amarelo, a carne é vermelha que nem carne de porco. Depois eu vou buscar a cuinha dele pra senhora ver.

D - Tem abelha por aqui?

L - Às vez a gente acha um pau com aqueles favo grande. Não tiro porque ela morde a gente, acha assim aqueles favo naquele oco de pau que eles fala que tá amarelado.

D - Como eles fazem pra tirar?

L - Ele fazem fumaça de pano, ele fazem fumaça assim de pano velho, essas coisa né, e muito põe a máscara no rosto e daí ele tiram o mel dela.

D - Elas saem?

L - Sai. Elas morde pouco mais não morde muito, **algum deles**. Eu não chego nem que pague mil conto pra mim tirar um negócio desses aí, viu. É duro. Uma ferrada

dói mais que uma injeção, viu. E demora. Aquilo fica vermelho e vai estufando a pele, não?

D - Que mosquito tem aqui?

L - Mutuca. Ih, tem cada mutuca aí que tratam de mutuca cavalo, viu, porque ela morde cavalo. Uma butucona grande assim, ela vê e tarraca na gente. Sabe que é pior do que se eu tornar injeção, viu. Às vez vem subindo, lenha assim, as vez faço feixe, ponho na cabeça e venho, às vez ela dá aquela mordida na perna a gente precisa bater senão derruba o feixe de tanto que ela morde duro. Dá ferrada dura.

D - Vira ferida?

L - Não vira. Só aquela dor assim. Só que ela morde muito duro. E tem da butuca grande e da butuquinha. Cobra na nossa roça foi matado também. Eu matei três cobra, três cascavel.

D - A senhora não tem medo?

L - Eu tenho, mas quando eu vejo ela assim eu não deixo embora, eu pego um pau e mato. Ponha água, menina, na chaleira. Muda a caçarolinha pra trás, tira o bule pra trás, pega com cuidado que essa água vira nocê, não vira, bem? Hoje mesmo a senhora sabe o que aconteceu? Eu deixei o colchão arrumado pru morde a chuva, o sapo tava em cima numa cama ali. Tava. A Marlene pegou um punhado de sal e largou na casca dele. O bicho sai louco pro terreiro.

D - Com sal ele sai?

L - Claro. Se ponhar sal com limão ele morre na hora. Estira a pele. Também se mijar pra cima se for nos olho da gente fica cego. Perigoso esse bicho aí. Tem muito, sempre.

D - Como é o chicote?

L - O chicote tem **uma argola** que desce assim **grosso**, né, e daí em baixo tem tala comprida. Esse é o chicote.

D - E depois de maio?

L - Falar bem certo pra senhora eu não sei contar os mês certo.

D - E quando é Natal?

L - Dezembro.

D - E depois?

L - Novembro, né. Eu não sei contar os mês. O que é certo é certo. Tem gente que não sabe as coisa e eles não quer, eu já falo logo. Porque a senhora vê, eu não tive escola. Falar, vou falar, bem certo pra senhora eu não sei falar escolhido o mês. O mês eu não... Mas tem as **minha irmandade, tudo eles** conhece, mas eu não sei, a idéia não dá de saber falar o nome dos mês. Não entra, tuda a vida. Do filho eu falei. Eu março quando é marcado o mês de alguma coisa, né. Mas contar assim... Ói, principia do mês de janeiro e vai... minha idéia, nunca.

D - Se a senhora me pergunta qual o mês pra plantar algodão eu não sei.

L - Não sabe. O mês certo de semente algodão é outubro. O mês melhor que tem. Porque carrega mais o algodão, passou de outubro já dá algodão, mas já não dá **uma coisa seguro**, porque é tempo da chuvarada, já pegou a carga, mas daqui pra diante as vez dá chuva e às vez não dá. Então por isso que é bom, agora o tempo já tá... desse tempo é preciso principiar a panha do algodão. A gente... nós fizemo nossa lavoura de tardio que é agora que tá começando a abrir algodão. Mas tem gente que já colheu, já tá colhendo, meu cunhado mesmo já colheu acho uma... por pouco umas duas mil arroba de algodão. Ele mora... A senhora ainda vai chegar na nossa casa, ainda uma. É pro lado de baixo da estrada de... na conserva ali. Sabe a estrada, quando a senhora vinha vindo, uma fazenda, uma bitolinha do... Ele chama João Tomé, é conhecido. **A irmã... meu...** chama Francisca, é uma baixinha, gorda. Ela tem o cabelo preto, tem o cabelo por aqui assim, ela é gordinha, baixinha.

D - Quando ele vai colher?

L - Ele vai começar... hoje o caminhão tinha que buscar uma viagem de algodão. Amanhã vai começar outra vez.

D - E aqui?

L - O nosso vai começar acho que daqui um mês. A panha... tem algodão mais novo, um mês, que vai abrir, que vai levar... pra ele começar a abrir as maçã. E o mais velho acho que daqui uns quinze dia já dá pra começar a catar a panha.

D - A senhora vai também?

L - Ó, tudo nós. Vai com cola, marra **um cola...** Cola que nós fala pega um saco branco com **um coisa** assim, né, a bola de algodão cai e amarra ele na cintura e enche aquela maçã branca, sabe? Enche aquele fardo...

D - Quanto a senhora apanha num dia?

L - Eu panho acho que umas três arroba.

D - E os homens apanham mais?

L - Apanha mais sempre. Nós, eu com ele, com marido meu, umas cinco arroba acho que nós apanha.

D - A senhora leva pra onde?

L - Nós leva no fardo. Leva no fardo, despeja, apilha bem, que nós fala acalcar o fardo bem - depois vai ponhando, depois que tá bem cheinho pra boca, pega um barbante e costura, bem costurado, e vai fazendo aquela pilha, aquela... pilha grande, que nem saco de açúcar, a senhora sabe, saco no armazém né? E depois...

D - Tem um lugar pra guardar?

L - Tem. Aí não tem. Sempre, aí vai ponhando debaixo duma árvore até o caminhão vim pegar. E é assim que nós faz. Aí vem o caminhão, quando tem duzentas... seja...a quantia que seja, o caminhão vem e pega e... Se quer, pesa na lavoura mesmo, senão vai pesar na... em Campinas, aí na Piracicaba mesmo. Quem sempre compra nosso algodão é o Alfredo Cesarino. Ele já manda fardo pra nós, aí na estrada nós vai lá, pega com carrinho, traz na lavoura e arruma bastante gente, se tem gente por aqui, senão vai buscar turma da cidade. E apanha... e daí vai vender. Leva na cidade, leva pra Campinas. Milho também, quando tem bastante, vende com palha, né, se quer vender com palha se não quer, daí vem o caminhão... a debulhadeira debulha na roça e... debulhado, é assim. Nós não... sempre que recolhe, vende com palha, senão guarda pra ir tratando de galinha, porco, animal..

D - E arroz a senhora plantou?

L - Plantemo. Num vai dar, porque nós plantemo um saco quase de semente, de sessenta quilo e sobrou uns cinco quilo de semente, mais ou menos, e perdemo **tuda a planta**. Deu uma seca na tia... ficou mais de mês a

semente na planta e daí perdemo tudo. Vai dar muito pouco.

D - Nem pro gasto vai dar?

L - Nem pro gasto este ano. O ano passado nós colhemo pro gasto. Mas esse ano num vai dar.

D - E sobra pra vender?

L - Nilo. Sempre o que nós colhe sempre é pro gasto.

D - Quanto a senhora gasta?

L - Nós gasta, acho que uns dez sacos de arroz, de sessenta quilo.

Anexo 6

Falas extraídas do livro **Do falar cuiabano**, de Maria Francelina Ibrahim Drummond, Cuiabá, Grupo Gazeta, 1995.

- "Faz o melado. O melado, quer dizer, põe ali no tacho e aí vai trabalhando ele, tirando a espuma até no ponto dele apurar, fica melado. Aí desce ele e põe numa vasilha grande pra esfriar. E aí ele coalha. Depois põe ele num bangué. Bangué couro grande, dos tempos velho. Punha o açúcarado no bangué e ficava ali uns dois dias até cortar, depois de sair do cocho. Daí dois dias, põe o barro por cima, faz tijuco, barro molhado. Bota em cima. Ele vaza o potó do açucareiro. Vai secando e vai ficando açúcar. Já é o açúcar. Desce o melado, fica o açúcarado ali. Passou uns oito dias, pode tirar o barro, já tá o açúcarado ali. É açúcar alvo. O outro açúcar é na máquina, este aqui é de barro. Eu já fez.

O potó que vai sair do açúcarando vai por baixo. É, fura o bangué antes. Por aqui fazia, agora não tem mais ninguém que luta com isso. Aqui já teve muito; lá em Bonsucesso, Conceição, Maravilha..."

- "**A vida é esse mesmo**, de lutar com poucas rês, boi de engenho, tirava leite. E o leite vendia pra cidade, que a cidade, neste tempo, não era aqui. Era lá na Cruz Preta. Era isso que nós lutava com ele nas água. Na seca, era a moagem, fazer rapadura, vender. E as outras coisas, a gente luta sempre naquele regime."

- "Peixe tinha mais. Muito peixe. Demais de peixe. Tinha rede de arrastar. Pegava muito peixe, dava pra fazer fartura, de fazer azeite. Pra comer, pra alumear a casa. Que hoje não tem mais isto. Acabou."

- "Trabalho acabou. É falta de braço. Noutro tempo, o trabalhador ganhava um cruzeiro. Hoje, quanto tá valendo? Cinqüenta cruzeiros uma tarefa. E não acha por menos. A parte mais fácil, do mastigo, tá sumindo. E não acha por menos. E, no mais, nós vamo acompanhando o ritmo que vem vindo agora. A evolução dos tempo."

- "O povo trabalhava mais. Tem que escassear tudo: ninguém quer trabalhar hoje. O sujeito carpe o dia, quando chega a tarde, quer o dinheiro. Não esperou, nem plantou nem roçou, nem quer fazer cova pra dar o produto. Naquele tempo, trabalhava uma semana, dava pra esperar uma semana. Hoje não. Já quer na hora, às vezes, antes do dia. Agora, como que pode? Antes de vencer o dia, já quer o dinheiro. Agora!"

- "Cuiabá não estava como está hoje. Era bem pequeno. As rua era outro traço. O Coxipó diz que era mato."

- "Várzea Grande era pasto de gado. Era rodeio de gado. Gado que vinha do Pantanal. Os boiadeiros quartelava ali, pra atravessar o gado pra ir pro matador. Tinha o encosto do gado. Aí veio o pessoal do Paraguai que ficou aí pastoreando o gado. Na Ponte Nova, era a travessia do gado. Atravessava tudo n'água. A boiada descia n'água. O que morreu, morreu; o que atravessava, atravessava. Pra chegar no matador em Cuiabá, no Terceiro, onde acabou a cidade agora (Em 1974 uma enchente destruiu esse bairro). Eu sube que aí tinha umas casas de capim. Era aquartelamento de gado. É. Vieram depois duma guerra que teve no Paraguai. Quando acabaram lá."

- "Os peixe sobrava. Pegava muito e dava pra outros pessoais. Tinha sobra. Dava pra fazer gordura e comer. Descia por canoa. Chegava no Porto, vendia por cambada a seiscentos réis. Pela época d'agora, só um curimatá tá valendo quinze cruzeiros. Aqui eu já alcancei. O redeiro pegava os peixe e jogava pra fora. Fazer monte, pra fazer gordura."

- "O leite quanto tá valendo? Quatro e quinhentos o pacote. Agora nem não falo do leite puxado da vaca."

- "Nós temos que acompanhar o ritmo do povo que vem vindo."

- "Acho a vida bom porque justamente estou acompanhando o ritmo dos novo. Tem que acompanhar o ritmo dos novo."

- "Tinha monte de banana. Dava pra fazer morro de banana. Enchia esta varanda. Chegava no Porto, vendia. Num valia nada. Sete cruzeiros uma canoada, uma baixa de banana. Arroz plantava muito, feijão, muito, mandioca. Mandioca era fartura aqui."

- "O povo era demais de contente - e trabalhava mais mesmo. Hoje tem mais povo mas quase a metade, tudo vadiando."

- "Nós que vivemos naquela época, achava a vida alegre. Agora, hoje, tá tudo alegre também. Já tá neste ritmo novo. Tá mais **custoso a vida**, tá. Mas é desse jeito."

- "**Arnica** desinflama. Cozinha **ele** com sal e água e toma **ele**."

- "Índio diz que tinha muito. Falaram que diz que tinha."

- "A devoção é São João. Convidava o povo. E esta festa passava um, dois dias e acabava. Vinha um boi ou dois, capado, galinhada bastante aqui pra comer naquele dia de festança. Tinha cururu. É uma roda de homem, cada um com viola, outro com ganzá. Tocando certo na zoadá. Fazia reza. Descia pro rio. Procissão de gente, tudo com vela acesa, dançando cururu. Ali a meia-noite mais ou menos, descia lá. Chegava lá, pegava a imagem do santo e benzia na água. Viva São João! Viva São

João! Subia todo mundo rezando, não era como cantador mais, era rezando. Tomava chá com bolo. Noutro dia, era almoço aquela mesada pro povo todo. **Carne frito, carne assado**, revirado. Revirado é **carne cortado miúdo** e mexe com farinha. Fica ótimo!"

- "Depois veio vindo o baile. Aquela brincadeira (Referência ao cururu) atrapalhou porque virou baile. Algumas casas ainda faz cururu."

- "Era tudo revoltosos. É um pessoal que vieram lá de São Paulo. Vinha assaltando o povo. Vinha pra tomar, roubar banco da cidade. Arrumou a força daqui pra esperar eles. Esta Coluna Preste subiu, arrodando o mundo inteiro. Aonde eles achava fraqueza, eles roubava, matava, tomava mulher de um, dava pro outro, e assim ia indo aquela força do homem disposto pra matar gente. E, foi indo, acabou. Porque bateram em cima deles. Daqui saíram pra São Luis e foram embora. Extraviou tudo. Eu cheguei a ver."

- "Nunca foi no médico. Antes curava com folharada do mato. Hoje, tá com dor, já tomar injeção. Porque é mais fácil."

- "Nadei muito. Hoje não atravesso mais porque não agüento. Nasci e criei aqui."

- "Carnaval já teve. Logo que principiou, um parente matou o outro aqui no lugar. Aí nós afastamos. Não era lícito, dá briga. Jogo de dinheiro, jogo de azar trouxe ambição, trouxe morte."

- "Minha vida foi lutar contra a lavoura, lutar com o boi, com carro. E fazia desta."

- "O pessoal de fora inventarem o baile. E este baile é negócio mais novo que aqui não tinha."

- "Garité é quase imitação de barco."

- "Batelão é canoa maior pra pegar peixe."

- "Duas enchente. Uma em 905 e outra 906. Esta última, de setenta e quatro, passou todas. Matou que matou. Ficou os resultado. Os pé de cana não morreu."

- "Diz que come gente. Já vi o lombo dele. Agora não sabe a cara dele. Ninguém num sabe como é. Diz que pega. Diz, porque eu mesmo não vi. O que a gente não vê diretamente, não pode. Já subindo aquela onda. Era igual o batelão, virado assim. Minhocão é bicho d'água. O vizinho falou que ouviu aquele barulhão."

- "O que ela tá falando tá certo. Tá gravado. Pode contar."

- "O mundo é grande pra nós tudo. Cada um recorda na cabeça o que vem. O que pode falar pro outro; o sujeito pega, fica com ele ali. Pode contar."

- "É um cavalo d'água. Penso que tem mesmo porque, uma ocasião, eu descii aqui e, lá do outro lado do rio, tem barrancão. Tava um cavalo preto do lado de lá. Como que aquele cavalo parou lá? Só negócio do outro mundo. A gente não sabe."

- "Tinha que nascer e ficar pra toda vida. Este ainda num teve. Quem foi, num voltou. Quem morreu, já foi, num volta mais. Diz que tem espírita que chama. Pode ser que volta, eu num vi. Eu teve pai, teve mãe. Foi e num voltou."

- "Eu mesmo dizer que sou alegre num posso. Que sou positivo, num posso saber. Fico contando com as pessoas pra dizer 'fulano é alegre, é positivo'. Eu mesmo num posso."

- "Confio nos outro. E vou confiando. Porque justamente a gente, num sendo muito satisfeito com o povo, num tem amizade com ninguém. Eu nem num tenho

este dom de, chegar uma pessoa que eu conheço ou num conheço, e escoar com ele.”

- “Pode ser **uma pessoa** que chega, a gente carinha **ele**, agrada **ele**. Outros num tem este dom. Eu já penso que todo mundo é amigo, deve ser. Se o senhor deu comigo, eu também dou com o senhor. Se o senhor quer dar assistência comigo, estou pronto pra receber.”

- “Em antes, era diferente, tudo outra coisa. **A vida era mais farto**, todo mundo trabalhava e ajudava os outros. Num tinha divisão, ninguém com mais, ninguém com menos. Hoje tá tudo mudado. Nem num sei o que é. Acho que o dinheiro. A terra é a mesma, os homem também. Só pode ser. Ah, dona! trabalhei muito. Atravessava o rio a nado, ia e voltava. Nós plantava cana, fazia garapa, açúcar de barro, enchia aqui de caixão de rapadura. Peixe era demais, ninguém num vendia. A praia ficava assim de montão de peixe. E a gente enjoava de comer peixe, trocava por carne. Já comi muita **carne gordo**, maria-isabel, arroz cozido com charqueado, peixe com mandioca, já comeu? E fazia as festas de não acabar mais. Festa de enfiada. Eu tava moço e era forte. Nós festejava, festejava. E esta **casa foi feito** no muchirum, todo mundo ajudava, tava pronto num instante. Hoje não, a coisa mudou. Era mais forte, num tinha os vício de hoje. Deitava cedo, saía cedo pro trabalho. Lutei com gado, fiz leitação e eu estive boiadirando muito. Agora o lema da vida é outro. Não, num estou cansado, estou aqui por gosto. E tinha a luta do gado, a luta da pinga, tinha alembique. Eu foi muito em Poconé trazer gado. Viajei muito, quer dizer, por estas terras. Aqui era uma família só. Meu pai comprou, adquiriu isto, plantou cana, nós num comprava nada de fora, tudo daqui. Arroz de pilão, mandioca, feijão, horta beira do rio, lá perto dos corixo, cana rapadura, peixe, boi e leite. Só o sal de fora. Sapato fazia aqui mesmo, de enfrentar cerrado, fazia. Lá na Passagem da Conceição.”

- "São Gonçalo protege as dor do corpo. Quem dança, dança, tá livre de doença da perna e nos braço."

- "Temo de lembrar do tempo antigo da roça. Voltar a plantar milho, maxixe, arroz. Maquinação num dá certo não, dona."

- "Todo mundo plantava. Limpava seu bananal, seu canavial. Mas depois que entrou o garimpo, mudou tudo. Aí povo abriu olho e viu que era dinheiro. Uma vaca? Que que valia uma vaca? O garimpo veio dar preço, dar valor. Correu sangue como água do rio Cuiabá, mas deu valor. Ouro. Diamante. Tinha muito ouro aqui. Lavras e lavras de ouro. Cheguei de ver gente enchendo picuá de ouro e diamante. Ah! minha dona! Aqui tinha capangueiro e capangueiro. Capangueiro que tinha dinheiro, e todo mundo só vendia pra ele. Diamante pra Norte América. Pra ser garimpeiro, depende de sorte."

- "Lembro um dia, o primeiro carro na cidade. Tava ali na Rua de Baixo. Chegou um pessoal olhando assim. Falando assim pra outro: 'Espia a rodinha dele. Passou, olha ali'. Admirou de ver o carro. Depois que veio o carro, mais atrás, vejo o oroplano. Quando chegou o oroplano, veio gente rezando que o mundo ia acabar. Ninguém num conhecia o que era isso. Só sentava no Campo Velho. Daí é que veio o avião de canoa, de sentar n'água. Não alcancei os bonde, só alcancei os trilho. Alcancei as formalidade dele."

- "A vida parecia que era melhor, mas não tinha os transporte. Tinha a liberdade de fartura. Era bom porque tinha de um tudo."

- "Fazia os pano em casa. Era o tempo que vestia camisola, aquele camisão. Assim que era a roupa nossa. O metro de riscado era oitocento. Mas oitocento era dinheiro que nem cabeça de sapo. Ave Maria! Quem andava de terno branco, era grande, era turuna. Cheguei de ver metros de pano, de genovesa. É igual aquela cobra coral. Trabalho com comércio desde mil ano. Era a

libra. Pesado com um varão. Botava o peso numa ponta e objeto noutra. Arroz era plantado num prato. 'Plantei um prato, plantei dois pratos.' Uns já dizia assim: 'Plantei um salamim'. Salamim é litro. Hoje nem num fala mais litro como outra hora. Hoje é um quilo, uma quarta, meia quarta. O dinheiro era dinheiro preto. Cobre preto. Cinquinho; um vintém é quatro réis. Uma pataca é quatrocento réis. Alcancei muito esta conta."

- "Ah! dona. Tinha demais de fartura. A senhora ia no Porto, e comprava a cambada de pacu a quatrocento réis. Hoje se não tiver cinquenta conto não come um pacu. Curimatá jogava fora. Grandeza põe gente pra trás. Jaú também."

- "Na época do jejum, o peixe apanha preço. Curimatá e jaú era isca, ninguém num comia."

- "Minha vida é peixe. Sempre foi comprar e vender peixe."

- "Qual o dia que o governo importava de botar rede? Nunca num houve desta coisa. Até pra pescar tem de pagar imposto. A coisa tá feia. Atrapalhou tudo. Outra hora, peixe não acabava. Hoje, agora, nem num sobe no córrego."

- "O povo quer criar peixe como cria gado. Faz tanque."

- "A facilidade hoje tá nas mãos dos que pode. Os pequeno tão fechado. O governo fez sacrifício de vida pra nós. Ninguém nem num pode ter seu pedaço de terra. Com tanto mato, tão criando o quê? Sapo? O governo devia de dar este mato pro povo. E o que tá acabando com nós também é esta plantação de capim. Nós vamo comer capim? Sem ter produção de cereal, quero ver quem vai comer capim."

- "Hoje bebo café. Outra hora, era só guaraná."

- "São Bom Jesus foi achado na Prainha. Puseram ele na Igreja de São Gonçalo. Quando assustaram, ele tava no lugar onde acharam. Aí fizeram uma igrejinha ali e ficou. Até fazer esta Igreja Matriz de hoje."

- "Outra hora, a palavra dum homem era um documento. Agora não. Agora! Qualquer coisinha, precisa passar o papel, no cartório. Mas hoje nem o papel num tá valendo. Hoje é branco no preto. Outra hora não. Uma palavra, a senhora acreditava; tinha mais sinceridade."

- "Quando chegamo na aldeia dos Tapaiúna, eles vieram flechar para matar nós. Aí Rondon, montado a cavalo, trancou língua com o comandante dos índio, e saiu tudo pro mato. Índio podia matar nós; mas índio ninguém num podia matar. Se fizesse qualquer coisa contra índio, Rondon mandava formar quadrado aí e tocava castigo. Algum que abusava com índio, ele castigava. Cheguei de ver muito. Ele falava a língua de todos os índios, era o patrono deles. Eu ficava quieto Perto dele."

- "Nosso Brasil tá numa situação ruim. O bonzão, o entendedor, o conhecedor do princípio que rege aqui, já morreu, já acabou. Tá tudo revirado nosso Brasil. O único que segurou tá ali. G.V., meu grande amigo. Mandou uma fotografia pra este grande amigo aqui."

- "Cuiabá era uma aldeia de bugre. Tinha chuvas enorme."

- "Sou de setenta e um. Fiz cento e sete anos, entrei nos cento e oito. Quando a princesa Isabel deu a liberdade pros escravos, aqui teve festa. Fui na passeata dos escravos."

- "Nós andava misturado com bugre aqui. Com Bororo, Kaiabi, Baikari, tudo. A inspetoria dos índio era lá na Mandioca. O Rondon era o chefe deles. Neste tempo, era

aspirante do exército. Era meu tio. Trabalhei com ele na Comissão. Mamã falou: 'Rondon, ele é muito criança pra andar no mato, no sertão'. Ele disse: 'Ele não é filho de homem? Eu quero fazer ele ficar homem. Vai ficar comigo, na minha barraca. Pode ficar sem assusto, não tem perigo nenhum'. Dez anos trabalhei com ele. A linha do Capim Branco, que ia pro Amazonas. Adoeci. Ele mandou me trazer aqui pra Cuiabá. Os índio obedecia muito ele. Conheci todas aldeia de bugre. Kaiabi, Pareci, Nambikwara."

- "Eu trabalhava no Ministério da Agricultura. Lá tinha uma charrete pra serviço. O diretor botou eu à disposição de Getúlio Vargas pra onde ele quisesse ir, eu ir também. Quando foi embora, falou pra família dele sobre meu estado aqui. Que ele queria mandar uma fotografia pra este grande amigo que ele tinha aqui, pra ficar de lembrança. Filha dele e o genro vejo aqui. Parou o carro, e a moça disse: 'O Sr. informa onde mora sr. X?' 'Sou eu'. 'E o senhor?' 'Por quê?' 'Aqui tem uma incumbência a mando de Getúlio. Mandou entregar pro senhor de mão própria'. Aqui tinha uma mesa, ela botou o retrato em cima. Tava lacrado. Tirou tudo e disse: 'Tá aqui. Entregado de mão própria'."

- "Um dia, manifestou vontade de pescar. Arrumei anzol, isca, tudo. Levei ele na charrete lá no Totó Vieira. Lá fomos pescar. Joguei o anzol e entreguei a vara pra ele. Não demorou - xi! Pulou. Era um pacu. Ele ficou ganjento porque pescou um pacu. Arranjei o anzol de novo. Não demorou. Neste tempo, tava subindo pacu aqui. Peixaiada: pacu. curimbatá, piraputanga. Era tempo de subir peixe. Então, joguei o anzol, ele pegou outro. Tirei o bruto do pacu, amarelão! O homem ficou que só! 'Vamos embora'. Embarcamos na charrete. Ele tava assistindo na residência do governador, o interventor Júlio Müller."

- "Quem não deve a Deus, não paga ao diabo."

- "Guerra avisada não mata aleijado."

- "Este vinho é fraco, moça bebe."

- "Eu, se for pra dar, eu dou. Por isso que Deus me abençoa."

- "Tudo que eu puder eu como. Este é meu proveito."

- "Hoje tem muita invasão de terra aqui na cidade. Ninguém num é mais dono de nada. De primeiro, quem tinha seu pedacinho, tinha mesmo. Agora! Deu no rádio: mal-empregação é falta de competência. **Este um é trabalhadeira**, outro nem num tem nada e inveja tudo. Deu no rádio, tá gravado aí."

- "Criança d'agora nem num brinca. Num sabe brincar. Num tem ninguém capaz de criar. De primeiro, dava só uma olhadura pra ele, e criança compreendia tudo. Tinha obrigação bem cedo. Agora! Nem num tive tempo de brincar. Brincadeira só domingo. Jogação de bola, soltação de papagaio, matar peixe, tomar banho. Hoje se pai exigir, filho atenta. Criançada d'agora tem brincadeira diferente doutro tempo. Nem professora num tá agüentando executar as criançadas. É época. O povo tá crescendo sem domínio. Televisão, criança nem num deve tá freqüentando tudo. Tem coisa boa e ruim. Mostra muita **coisa feio**. Acho que criançada num devia ver televisão. Tem muita coisa na televisão que criança num pode ser ciente disso. Senão, aí ele vai pegar aquele ritmo."

- "O mundo ensina mais do que os próprios parente. O mundo é pai criador. O mundo endireita qualquer pessoa. Deve os pais, as mães pegar as criança desde que eles ficam ladino e executar. Num deve preocupar idéia com criança, senão, acaba ficando louco. Variado. O governo é que tem de endireitar tudo. Devia proibir estes filmes, novela. Proibir direto. Assim como proíbe outras coisa, deve proibir certas coisas que as criançada num pode ver. Por que num proíbe as coisas que tem importância?"

- "Remédio meu é do mato. Ou gordura de pacu. Cozinha três, quatro cabeça, sem sal. E apura aquela gordura pra botar no café. Pra despregar catarro. Nem num tem ambiente pra bronquite, resfriado, com gordura de pacu. Ou chá de guaraná. Ferve folha de laranjeira e uma colher de guaraná. Aí toma ele frio. É bom pra febre."

- "Tomo café de sem-vergonha; café é quente, e guaraná é fresco. Por aqui, é pouco remédio de mato. Tá tudo revirado."

- "Tocava lavoura grande no sitio, perto de Cuiabá. E um pouco de garimpo. Marido meu trabalhou oito ano no garimpo. Garimpo a gente quebra cascalho. Se tem jeito de córrego, puxa um rego d'água ali em cima do cascalho. Vai tombando água, água vem vindo. Três pe-neira. Na grossa, é difícil parar pedra. A do meio também. Na refina, encontra pedra de quatro grãos, de cinco, de oito. E aí por diante. É o chibiu. Fiquei tocando garimpo. Escorreguei e destronquei os rim. Tive dois parto. Um tirado a ferro."

- "Sicuri. Faz muito na minha terra. Não é de buriti. É dum cipó comprido, mas fácil. A gente tece muito. Rala a mandioca e vai enchendo o sicuri até as boca. Depois a senhora pendura um peso, pode carregar bem no peso, e pendura na parede. Na hora que parar de pingar água, já tá bom. Aí é só tirar a massa e deixar no sol secando. É invento de índio. Vendo muito aqui. Sempre vendo."

- "Quem que mata, quem que manda matar neste mundo de meu Deus? Meu filho foi tem dois mês, dona Menina, e não voltou ainda. Meus olho já secou tudo, nem num choro mais. Fico olhando pela porta, de noite, quando as criançada está dormindo, e eu nem num consigo dormir. Penso que ele tá voltando e me chama da porta. Quem que mata, quem que manda matar? O garoto sumiu agora, os dois rapaz que foi junto está negando o que

falaram. É uma fazenda lá no rio Roosevelt, um mundão de água. Dona Menina, meu filho tá morto, a camisa dele voltou faltando manga, toda manchada de sangue. Diz que foi afogado, que tava num barco e ele num soube nadar. Não assuntei na hora, mandei as roupas pra minha filha em Acorizal. Tem jeito sim, se tiver precisão, a gente manda buscar a camisa. Como pode, a senhora medite, fico apurada só de pensar. Ficou aí o filhinho; se não fosse nós, o neto morria. Sem pai sem mãe. Quem que mata nestas lonjura? O gato falou que era perto e vinha dinheiro. Depois a gente soube que passavam fome, tava tudo preso. Uma carteira de cigarro o gato vendia por quinze cruzeiros. O que voltou fugido disse que o patrão chamava todo mundo de 'meu filho' e agora que o gato num volta pra pagar eles, está contando outra coisa. 'Num dá comida pra estes filho da puta', e escondi uma lata de sardinha debaixo da roupa suja e dei pra ele."

- "Criança já tava grande. Chegou uma velhinha: 'Como vai a **criança?**' '**Ah! tá desenganado**'. 'Larga de bobagem. Manda comprar um vidro de óleo de rícino e a senhora dá banho nele da cintura pra baixo, põe um pouquinho de sal na banheira e um pouquinho de pinga. Dá um banho bem esperto, rebuça ele e dá uma colher desse purgante pra ele'. Quando acordou madrugada: 'Mãe, quero pão'. 'Meu Deus! a criança vai morrer!' Comecei a chorar. Aí minha cunhada viu: 'Que que foi?' 'A criança tava ruim, agora tá pedindo pão'. 'Larga de bobagem, ele tá melhor'. Fez chá de canela violento, deu pra ele. Manheceu bonzinho. 'Num sai com ele agora, é cedo', a dona falou. 'Deixa o sol esquentar'. Esquentou, nós fomo. No consultório (porque tinha ido ao médico antes, passado receita), dr. Carlos: 'Que que é isso menino?' Abriu a porta, tava lá um cachorrinho desses de enfeite, ele falou: 'Mamã, olha o cachorrinho'. O doutor: 'Que que é isso, menino? Pois se dei ocê por morto e tá falando?' Perguntou pra mim: 'Que que deu?' 'Nada, doutor, o remédio que o senhor passou'. A dona falou: 'Não conta não, porque esse daí mata e num conhece o que é.'"

- **"Tudo criança viçoso.** Se bate uma gripe, acaba na água. Num tem esse negócio de médico, não senhora. Num procura médico. **Doença neles é assim. Passageiro."**

- "Tinha quadra de jogar canoa de peixe no cerrado. E deu ouro de fazer penca de banana de ouro. Dizem, não cheguei de ver."

- "O boi à serra era assim. Arrumava aquele pano e punha o chifre no pau e recolhia aí duas pessoa dentro, tocando a viola. Quando sala, ia o violeiro na frente tocando. Andava arrodando tudo."

- "Cabeça de apá é brincadeira. Põe o apá na cabeça, veste um vestido assim por cima dele e fica aquele cabeção grande assim. No meio do povo, já no fim da festa e é aquela carreada. **As crianças corria disparado."**

- "Bico de ema. Arrumava aquele bico grande e sala como que ia bicar as criançada."

- "Na dança de São Gonçalo, o povo fica todo em fila. Faz um altar. A fila da frente é dos tocador. Viola, carcaxá e o povo canta e sapateia. Batendo e cantando certo no tom. Viva meu São Gonçalo, oi, torna a revivar!"

- "Carcaxá faz de gomo grande de taquara. Torneia ele tudo. Passa o ferrinho."

- "Viola-de-cocho. Corta pau no mato. O meu é de pinho. É a viola-de-cocho. Tripa de ouriça, de bode. Corta o pau, lavra ele dos dois lados e faz esse bojo. Assenta o molde aí. A tampa é postiça. Oca ele com formão. A tampa é de raiz de figueira, tem de ser. Cola. Isto é pestana e as cravelha. Esta madeira aqui é timbuva."

- "Aquartelemos na Várzea Grande e foi uma força aquartelar em Joaquim Martim. A lancha pegou nós. Largou em Santo Antônio. Viajemos até Barreirinho. Voltemo. Nós que era uma turma de rapaz alegre que num obedecia, viemo embora. Arribemo de lá. Nós era revoltoso. Fiquemos por aqui. O negócio lá continuou. Acabou aquela briga, quem ganhou, ganhou."

- "O cururu era influído porque o povo, naquele tempo, gostava. Tudo era festa. Os doce era muito. Curtia laranja, curtia limão, lima de umbigo e fazia furrundu. Guaraná eu tomo madrugada e meio-dia. Desde criança. Num parei mais, é laxante, é fresco."

- "Eu conto um caso que a senhora nem num acredita. Aí na perna. Eu foi puxar cavalo. Se contar, a senhora vai pensar: 'Quando sucedeu isso?' Taí o sinal. Cavalo puxou disparado. Rodei. Pau pegou aqui, cortou. Ia indo atrás dum boi, aí sucedeu isso comigo. Arrumaram **esse vassourinha**, remédio do mato. Pôs, vê, gente que a gente até carregou, hoje tá velho que nem num agüenta mais nada. E a gente tá vivo, né?"

- "Esperei um par de tempo, mas a força do caju é em outubro."

- "Ovelho agora é benzedor. Não diz que espanta diabo nem que faz curas; não diz nada. Cose, recose, conserta espinhela caída, destempero, tira quebranto, põe coisas no lugar. Só não conseguiu ainda, com suas rezas e cachimbadas fortes, olhar parado, negro, sumido, só não atinou na cura da inchação dos pés. Isto remonta á frialdade que apanhou nos quarenta anos de nado. Agora parece um bruxo, alma assombrada, estorvo envolvido em baforadas. O dia todo entra e sai de casa. Ou melhor, da sala. E diz que sala é sala porque ali ninguém pára. Quem entra, sai. A calça rota, blusa sem cor, chapéu esgarçado. Os dedos dobraram de volume, estão viscosos."

- "Dá câimbra, nhanhá. Quá! A vida é dura. Atravessei o rio a nado quarenta anos. Carregava carga, carregava até gente duma banda pra outra, isto tudo. Agora tô doente, as pernas inchou, nem num posso mais. Teve luta lá onde servi quartel. Já andei mundo, voltei pra cá. Luta feia, dona, luta braba. Matou mulher, matou homem, matou tudo. E depois da luta. acabou tudo que foi conseqüência do mundo."

- "No caminho da cidade, havia um lugar denominado "Bate Bruaca". Conta-se que assombração aparecia, "assombrando o povo que passava lá". Ouviam o barulho de uma grande bruaca sacudindo, como se estivesse cheia de pedras. "Ninguém num via nada. Só ouvia a zoadá e corria todo mundo. Era temeroso passar ali."

- "A outro lugar chamavam "Figueirinha". Havia, no local, uma figueira grande, copada, enorme e nele, um minador, que é uma vertente, donde saía uma chorra d'água. Parava todo pessoal ali, pra beber e refrescar."

- "Casca de ovo, furado nas extremidades, fincada na roseira, é bom espantar mau-olhado, olho virado, coisas."

- "Contam de outro lugar, chamado "Lava-Pés". O motivo do nome não era religioso como se poderia supor. Dizem ter existido ali um riacho muito limpo, e as pessoas iam a pé para a cidade. Atravessavam aquela água, lavando-se os pés para chegarem calçadas a seu destino. O velho que nos deu a explicação referiu-se ao riacho como "cabeça de vereda"."

- "Chico-manso é uma planta ótima. Serve pra alvejar o açúcar e era muito usado nos tempos do açúcar de barro. Hoje, também, no tacho de melado. Descasca ele e põe o talo pra ferver junto com a calda pra alvejar. Aí vai levantando fervura, vai levantando, e a sujeira ajuntando em cima do caldo. Aí tira ele com

escumadeira grande, feito de lata furada com prego e amarrada num pau comprido.”

- “Contam do cavalo marinho, que é o maior de todos. Preto, rabudo, relincha dentro do rio e “recolhe uns tempo. Depois volta”. Surge nas noites de lua cheia e “dá de ver ele todinho”.”

Anexo 7

Transcrição de um texto que consta na tese de doutorado de Romeu Sabará, denominada **A comunidade negra dos Arturos: o drama de um campesinato negro no Brasil**, defendida na USP em 1997.

Os Arturos formam uma comunidade remanescente de quilombo localizada em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. Os membros do grupo ainda preservam rituais herdados dos escravos. A tradição transmitida verbalmente continua vigente entre os Arturos.

Chegô na porta uma dona, 77 anos, vive pratano a sua roça com toda peleja, com todo sofrimento. Ela é viúva com 25 ano de viúva. Ela 12 fii, todos 12 criado e todos os 12 vive na luta. Antonce ela pranta sua roça dizendo:

“Ô meus fii, vô prantá essa roça prus meus fii capiná.”
 Todos ês tão impregado, todos ês luta e todos ês tem obrigações. Antonce reuniu vovó qui era viúva:

- Mãe! A sinhora é uma viúva, quedê a sua roça?

- Meus fii! Minha roça ta morreno no mato. Juão-do-Mato vai passá na minha roça.

- Ai: Mamãe, purque sua roça vai passá no mato? A sinhora tem 25 fii e sua roça vai morrê no mato? Purque qui morre no mato? Num morre di jeitu ninhum!

Antonce riuniu os 20 neto, 23 neto e 20 fio. Juntô as nora, juntô os fio e fia e disse: Vamo capiná a roça da véia?

- Vamo!

Antonce riuniu todo:

- O meu patrão!

- Oi!

- O sinhô me sorta mais cedo?

Ele falô:

- Eu tenho que capiná a roça da minha mãe, purque a roça da minha mãe no mato num pode ficá. Istá chegano o Natali, ela istá chorano, sentada numa cadera, pensano:

- Oia minha roça, meus fii.

- Mamãe, sua roça vai sê capinada.

Antonce um chegô dez hora, o otro chegô mei-dia, o otro chegô duas hora.

Falô:

- O que chegô 2 hora puxa mais a inxada.

- Antonce chegô o coitado do Sô Juaquim Quadro, qui é o mais véi da turma e é o responsave nesta turma com a sinhora dona Carmela.

- Eu? Eu sô o mais novo da turma - retrucou ele.

- Fulano ocê pega na berada. Juão pega no mei. Moriço pega outra berada. Maro, pega na berada purque ocê cunhece o sirviço. Ocê manda a turma toda. Minino de 7 ano, de 6 ano, todos, cada um com sua inxada na mão. Vamo capina a roça da minha mãe, minha avó, que é a premera mãe qui eu tem, a sigunda é minha mãe materna. E acima da minha mãe materna considero a minha vó como mãe também.

Antonce ela chegô, sô Juaqui falô:

- Qui qui eu faço, Dona Carmela?

- Sô Juaquim qui é meu cumpadre e istá no lugá de ajudá eu oiá com seu chicutinho para ques qui tivé brincano, ocê chega pra diante.

Antonce ele pois o chapéu na cabeça e põe um saco Mauá (marca de cimento embalado em papel grosso) nas costas porque era chuva, estava caindo.

E foi c'um chicutinho. Chegô lá trocô:

- Fulano vai para qui. Sicrano vai para li.

Jusé vai para li. Tiãozim vai para qui.

Moriço, Preto, João, Gonçalo, Marinêis e todos minino qui tão aqui. O Bui pega com ocois nesse serviço, vai pra berada. O Jusé, qui é o mais véi, qui toma conta da turma das criança, fica no mei. Balanceia prum lado, pro otro, pra um num trabiá mais do que otro.

Antonce esse trabaiaro. Cando foi cinco hora da tarde, a roça de quatro arqueire de mii e treis litro de feijão estava capinada. A dona ficô toda alegre. Falô:

- O gente, Minino Jesus que agúa os passos desses fii.

Minino Jesus qui toma conta desse fii, qui dá mais força e corage e saúde e tranqüilidade pru meus fii. Será qui eu vô coiê minha roça?

Antonce virô o sô Joaquim Quadro: Cói! Porque qui num cói? Cói porque prantô, capinô.

Anexo 8

Texto da dança do Congo apresentada na festa do Congo de Vila da Bela da Santíssima Trindade, extraído da dissertação de mestrado denominada de **Vila Bela da Santíssima Trindade**: sua fala, seus cantos, de José Leonildo Lima, defendida em 2000, na Unicamp.

Rei - *Olá, olá, olá, Secretário do meu real Estado! Vale a minha andesa! Vale minha Nossa Senhora! Onde está esse Secretário que não congia meus gritos e meu chamado, hoje, nesse dia? Olá, olá, olá, Secretário da minha real coroa.*

Secretário - Rei Senhor, perdoai-me que não ouvi o vosso grito, nem chamado, hoje, nesse dia!

Rei - Que foi Secretário? Tava dormindo ou tava acordado?

Secretário - Rei senhor! Eu num tava dormindo nem acordado, eu tava era sarapantado de ver essa buía ematinada entrar no seu reinado adentro sem respeito a vossa coroa.

Rei - É contra o meu reino, Secretário? Então vai-me congiar que gente são essas. Se for gente de festa, grita festa, mas em festa, se for gente de guerra comanda guerra, mas em guerra. Vavuro!

Secretário - Rei, senhor! Para mim são gente de festa e não de guerra.

Rei - Secretário de Guerra! Vai me congiar que mucamba é essa. Se for gente de festa grita festa, mas em festa, se for gente de guerra comanda guerra, mas em guerra. Vavuro!

Secretário - Rei Senhor, são os pretinhos de Guiné, coroados de pena e metido de galacete, metido de arma contra o Rei da Monarca.

Rei - Secretário de Guerra! Vai me congiar que mucamba é essa. Se for gente de festa grita festa, mas em festa, se for gente de guerra comanda guerra, mas em guerra. Vavuro!

Secretário - Bem que são gente atrevida, ante que me faça romão na terra do seu inimigo. Onde está que eu não mato océis tudo.

Secretário - Rei Senhor, aí chegou o Embaixador mumbique de Mombaça, que traz carta e mucamba, que manda seu Rei morrer de Bamba.

Rei - Príncipe, meu filho!

Príncipe - O que foi, meu pai?

Rei - Vai me buscar esse fidalgo belo. Traz aqui na minha presença como manda minha real coroa. Vavuro!

Embaixador - Aqui trago uma mucamba, pelo que eu mesmo Embaixador que mando em guerra. Bem sabeis que nessa casa festeja o glorioso Benedito Santo. Bem que são convocados e a dança vence guerra.

Rei - Alevanta, Embaixador! O que vi, logo verás!

Embaixador - Eu também ofereço o meu Estado.

Rei - Podereis entrar que os meus portais são francos lavrados de ouro e prata, assim como manda minha real coroa! Vavuro!

Embaixador - Sim, Senhor inganaiá.

Rei - Secretário de Guerra, vai me congiar que mucambas são essas.

Secretário - Oh! Meu irmão Rei do Congo, vos remeto essa mucamba pelo meu Embaixador que manda em guerra, que tu prometeste tua filha Princesa Dona Ana Maria de Gouveia. Se não mandarás, faço guerra até vencê-lo.

Rei - Pois Embaixador, por causa dessa atrevida mucamba, ficarás preso dentro do meu reino até segunda ordem. Escambanhe!

Soldados cantam -

Chegou, chegou, chegou matimgombê

Ei sarangangá.

Secretário - Rei Senhor! Os campos estão tomados, nesse momento, dos teimosos mumbungues que não posso vencê-los.

Rei - Está com medo Secretário? Então deixa que eu...

Príncipe - Abrandai a tua fúria para a sua defesa e abaixo o seu Estado. Deixe que eu mesmo vou ver estes teimosos mumbungues. Que o Pedro mais o Cazu e o Muntuê, na ponta da minha canfanha, trarei a cabeça deles todos.

Rei - Toma essa minha zimbreve que tem balas e fundanga e tem vencido muita batalha. Vavuro!

Soldados cantam -

Chegou, chegou, chegou matingombê

Ei sarangangá.

Ei sarangangá.

Secretário - Valei-me meu São Benedito! Dante era sangue de branco, hoje é sangue de preto. Valei-me para vencer essa batalha real: lá confraco! lá confraco! lá confraco...

Rei - Vai me trazer estes teimosos mumbungues. Todos aqui na minha presença, como manda a minha real coroa.

Soldados cantam -

Viva São Benedito

Lá do céu a glória

Por aquele menino

Que nos deu

A glória por aquele menino que nos deu

A glória.

Rei - *Bizauras minhas e filhas, a mim está parecendo coisa que eu vi na mata das jurubevas. Passarinhos estrangeiros cantando com tão grande voz. Oh! Que vozes tão sutil. Oh! Que vozes tão sonora! Secretário de Guerra, quem são eles?*

Secretário - *É o Cazu, Pedro Jique, José Moti e João do Gri-gri.*

Rei - *Oh! Que nem que me lambesouro! Sai tua amada tesouro. Dente de onça pintada, catinga de embirá. Junta tudo isso, faz uma mesinha bem aprovada, traz aqui na minha real presença, assim como manda minha real coroa. Vavuro! Secretário de Guerra, farei Capitão-ajudante virar temor da ilha de meu valor. Casará com a minha filha, Princesa Dona Ana Maria de Gouveia, e ganharás a chave dourada do meu peito, assim como manda minha real coroa. Vavuro!*

Rei - *Cara de umbanda quinani, nariz de muqueta.*

Soldado - *A mim, sinhô Rei.*

Rei - *Tomará esse bastão que faz você de capitão.*

Soldado - *Senhor, enganaiá!*

Soldados cantam -

Sai, sai o engomê sai

Saia do caminho

Sai engomerê.

Anexo 9

Lista de exemplos coletados em Portugal.

- A cabeça** do dedo fica muito **grosso**. (INQ. Boléo, 1942)
 A minha **cozinha** que está **dividido**... (INQ. Boléo, 1942)
Umas **lajas**. (INQ. Boléo, 1942)
Uma pinguinha d'água. (INQ. Boléo, 1942)
 Detonas **as pingas** (pingos). (INQ. Boléo, 1942)
 Um **pano branca**. (INQ. Boléo, 1942)
 Para **a água** ser **fechado**. (INQ. Boléo, 1942)
Cabeça muito **granda** (INQ. Boléo, 1942)
 Faz uma cruz a **direitcho**. (INQ. Boléo, 1942)
Lisboa é lindo! (INQ. Boléo, 1942)
 Essas **folhinhas são apanhados** para o Natal (INQ. Boléo, 1942)
A lenha pode ficar assim um **bocado grosso**... (INQ. Boléo, 1942)
 Uma **pessoa** que nasceu **surdo**. (INQ. Boléo, 1942)
 Tem umas **bolinhas todo**. (INQ. Boléo, 1942)
 São **macieiras brabo**... (INQ. Boléo, 1942)
Esta pinga (pingo) **d'água**. (INQ. Boléo, 1942)
 A **família** do Antônio Velho era honesta, mas não eram **ricos**. (INQ. Boléo, 1942)
 Na varanda de Pilatos, **uma coluna atado**. (INQ. Boléo, 1942)
 Já não me habituava com **outro traje**. (INQ. Boléo, 1942)
 É uma **coisa pouco**. (INQ. Boléo, 1942)
 Apanhar **muita tomate**. (INQ. Boléo, 1942)
 Coze-se com **uma pinguinha d'água**. (INQ. Boléo, 1942)
 Uma **saia muita grande**. (INQ. Boléo, 1942)
 Assim **muita grosso**. (INQ. Boléo, 1942)
 São **muita boas**... (INQ. Boléo, 1942)
A moda talhado (Domingos Caldas Barbosa, 1738-1800, 14)
 A gente nobre espiava, a fome com **dor estranho**... (Auto das Padeiras, 1638, 6)

Vinte e hũ **chapas todo dourado**. (Pedro A. de Azevedo, 1902, 7)

Outro stoque co hũa chapa e **conreira dourado** e mogerom... (Pedro A. de Azevedo, 1902, 9)

E hũa **lãpada todo** de cobre. (Pedro A. de Azevedo, 1902, 11)

Co **ffolha** de prata **dourado** (Pedro A. de Azevedo, 1902, 13)

No altar de Santa Maria hũas **toalhas nouas ffrançaes**. (Pedro A. de Azevedo, 1902, 23)

Vinha a **gente disposto**... (Cândida da S. C. Baptista, 1967, 189)

... e se faz a meda com **a semente voltado** para dentro... (Maria da C. Vilhena, 2000, 276)

As portas do céu **aberto**, **as** do inferno nunca **as bria**... (Maria M. G. de Oliveira, 1966, 178)

O senhor faz **muita bem**, eu faço isso **muita mal**.

De **todas cousas comprido** e apost' e ben talhado, (M. Rodrigues Lapa, 1998, 43)

Ua donzela coitado (aflito, infeliz) (Rodrigues Lapa, 1998, 257)

O meu criaturo é munta lindo! (António Capão, 2000)

É muito **bonito essa flor** (INQ. Boléo, 1942)

D'outro **terra**. (INQ. Boléo, 1942)

Era assim **do rocha**... (INQ. Boléo, 1942)

A água ia por ali por **aquele buraca**. (INQ. Boléo, 1942)

Torciam **o verga**. (INQ. Boléo, 1942)

Dá assim **uns cabecitas**. (INQ. Boléo, 1942)

Aquele masseirinha. (INQ. Boléo, 1942)

É como fazer **aqueles broas** de centeio. (INQ. Boléo, 1942)

Eu tiro **esse trempe** pra li... (INQ. Boléo, 1942)

Tenho as batatas dentro **dum coisa**... (INQ. Boléo, 1942)

Este que é **abóbora** doce. (INQ. Boléo, 1942)

O jugo é **o mesma coisa**. (INQ. Boléo, 1942)

Mas é **o mesma coisa**. (INQ. Boléo, 1942)

Fica **aquele cabecinha todo coalhada**. (INQ. Boléo, 1942)

Oya vosso **os função** será **completo** (Domingos Caldas Barbosa, 1738-1800, 30)

o acidez (Clarinda de Azevedo Maia, 1975)

- o fome** (tinha um fome!) (Clarinda de Azevedo Maia, 1975)
- o raiz** (Clarinda de Azevedo Maia, 1975)
- o ponte** (a ponte) (Maria de Fátima R. F. Matias, 1974)
- a fantasma** (o fantasma) (Maria de Fátima R. F. Matias, 1974)
- a sistema** (o sistema) (Maria de Fátima R. F. Matias, 1974)
- Fermosa conselho** (Garcia de Resende, 1516, 48)
- O oração** (Maria C. A. Marques, 1968)
- O gripe** (Maria C. A. Marques, 1968)
- ... suposto que poucos vendia o milho **o @** ... (António Á. L. Peixoto, 1727)
- o @** de feijão a 15/8^{as}. (António Á. L. Peixoto, 1727)
- hum @** de feijão 25/8^{as} e 22 o mais baratto; (António Á. L. Peixoto, 1727)
- o @** de milho a 14/8^{as}, o de menos preço 12. (António Á. L. Peixoto, 1727)
- ...andando chegaro a **um certo ponte** e viram uma luz. (Maria Rosa L. D. Costa, 1961, 301)
- ... metiam aquilo para dentro **dum coiso** que... (Cândida da S. C. Baptista, 1967, 182)
- Metiam aquilo **num coiso** (Cândida da S. C. Baptista, 1967, 182)
- ...até que espreme **aquele coiso** que chama a gente o soro... (Cândida da S. C. Baptista, 1967, 182)
- Uma vez descansaram ao pé **dum nascente**. (Maria da C. Vilhena, 2000, 293)
- Reza-se prumêiro **o oração** seguinte... (Maria M. G. de Oliveira, 1966, 161)
- Quem **este oração** disser ... (Maria M. G. de Oliveira, 1966, 179)
- Vamos começar **pelo cor preto**. (Fala de um instrutor de máquina de xérox).
- Aqueles creançolas** ajustaram as contas... (José da Fonseca Lebre, 1924, 2)
- ... canta cus **vosso fulia** (Antonio Correya Vianna, 1783, 280)
- ... **esse madre** escrivaninha (Antonio Correya Vianna, 1783, 280)

... **huma premio** decuádo. (Antonio Correya Vianna, 1783, 288)

Dona justiça he a prenda rica, de **valor precioza** que pretendo por esposa. (Pedro Salgado, Biblioteca da Ajuda, 2)

Anexo 10

Corpus:

Informante:

Idade:

Escolaridade:

Inquiridor:

01 – O que o(a) senhor(a) você sabe sobre a fundação de Cuiabá?

02 – Quais são as festas tradicionais da cidade?

03 – Qual é a que mais se destaca?

04 – O(a) senhor(a) você poderia contar como é essa festa?

05 – Qual é o santo padroeiro da cidade?

06 – O(a) senhor(a) você sabe por quê?

- 07 – O(a) senhor(a) você quais são as danças típicas da cidade?
- 08 – O(a) senhor(a) você sabe a origem das danças do Cururu e Siriri?
- 09 – Qual o seu passatempo preferido?
- 10 – O(a) senhor(a) você conhece algum causo ou lenda da região?
- 11 – Qual(is) a(s) comida(s) típica(s) da região?
- 12 – O(a) senhor(a) você sabe como se prepara (citar uma comida) essa comida?
- 13 – O(a) senhor(a) você conhece algumas palavras e/ou expressões que são muito usadas aqui na região no dia-a-dia das pessoas? O(a) senhor(a) você poderia dizer algumas?
- 14 – O(a) senhor(a) você sabe o nome de alguma bebida(s) típica(s) da região?
- 15 – O(a) senhor(a) você sabe como se prepara (citar o nome de uma)?
- 16 – O(a) senhor(a) você tem conhecimento sobre um fato histórico que marcou a história de Cuiabá?
- 17 – O(a) senhor(a) você conhece algum(ns) costume(s) que seja(m) típico(s) de Cuiabá?
- 18 – O(a) senhor(a) você sabe qual é a base econômica do município?
- 19 – O(a) senhor(a) você poderia contar algum fato que aconteceu com o(a) senhor(a) você ou com outra pessoa e que o(a) impressionou muito?
- 20 – O(a) senhor(a) você gosta da vida da cidade (sítio)?
- 21 – O que o(a) senhor(a) você faz quando não está trabalhando?
- 22 – O que o(a) senhor(a) você acha que está fazendo mais falta aqui na cidade (sítio)?
- 23 – O(a) senhor(a) você tem vontade de morar na cidade (sítio)? Por quê?